

Evandro de Assis

**INFLUÊNCIAS NO JORNALISMO PARTICIPATIVO:  
Um estudo local sobre decisões tomadas pelo público**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo.

Orientador:  
Prof. Dr. Rogério Christofolletti

Florianópolis  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Assis, Evandro de  
Influências no jornalismo participativo : Um  
estudo local sobre decisões tomadas pelo público /  
Evandro de Assis ; orientador, Rogério  
Christofoletti, 2017.  
246 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Participativo. 3.  
Gatekeeping. 4. Noticiabilidade. I. Christofoletti,  
Rogério. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.  
III. Título.

Evandro de Assis

**INFLUÊNCIAS NO JORNALISMO PARTICIPATIVO:  
UM ESTUDO LOCAL SOBRE DECISÕES TOMADAS PELO  
PÚBLICO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Jornalismo e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 5 de julho de 2017

---

Prof.<sup>a</sup> Raquel Ritter Longhi, Dr.<sup>a</sup>  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Rogério Christofolletti, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Carlos Augusto Locatelli, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Mauro César Silveira, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Marcelo Ruschel Träsel, Dr.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Videoconferência)

---

Prof. Carlos Albano Volkmer de Castilho, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina (Videoconferência)

## **AGRADECIMENTOS**

A Fernanda Ribas de Oliveira, Mauro César Silveira e Rogério Christofolletti, pela paciência e parceria nesses dois anos de jornada, e aos oito cidadãos blumenauenses que doaram seu tempo a esta pesquisa.



## RESUMO

Esta pesquisa explora a dinâmica da participação dos usuários em ambientes de jornalismo participativo. No contexto das transformações características da cultura digital e do jornalismo pós-industrial, pretende-se aprofundar estudos sobre as implicações do envolvimento de indivíduos não profissionais na tomada de decisões editoriais. A partir de aportes das teorias do *gatekeeping* e do modelo teórico-metodológico da hierarquia das influências (SHOEMAKER e REESE, 2013), o objetivo é compreender o que influencia as escolhas feitas por cidadãos em três estágios da produção de notícias: acesso/observação, seleção/filtro e processamento/edição (DOMINGO et al, 2008). O estudo envolveu revisão de literatura acadêmica sobre jornalismo participativo e decisões editoriais, pesquisa exploratória em plataformas e publicações abertas à interferência de usuários e a realização de grupo focal.

Foram reunidos cidadãos que haviam vivenciado anteriormente um ambiente de jornalismo participativo denominado Coletivo Blumenau, na cidade de Blumenau (SC), e/ou demonstrado interesse pelo compartilhamento e discussão de informações jornalísticas em redes sociais digitais. Os indivíduos debateram assuntos locais de interesse público e fizeram escolhas editoriais, emulando práticas de ambientes jornalísticos caracterizados pela abertura à intervenção de usuários no conteúdo produzido.

Os resultados permitem concluir que *gatekeepers* sem formação técnica agem sob influências que podem ser enquadradas nas mesmas categorias identificadas em estudos sobre o jornalismo profissional, entre as quais o histórico individual, valores de notícia compartilhados socialmente, limitações oferecidas por rotinas e organizações, intervenções de forças externas, como fontes de informação, além de paradigmas ideológicos que permeiam o convívio social. Porém, como há mais sujeitos envolvidos nas decisões, um emaranhado de interações produz espécie de *gatekeeping* em rede, quadro ainda mais complexo para análise e compreensão.

**Palavras-chave:** Jornalismo participativo. Jornalismo colaborativo. Conteúdo gerado pelo usuário; *Gatekeeping*. Noticiabilidade.





## ABSTRACT

This research explores the dynamics of user behavior in participatory journalism projects. It aims to deepen studies about implications of non-professional individuals involvement in editorial decisions within the context of transformation that defines digital culture and post industrial journalism.

Based in contributions from gatekeeping theories and the hierarchy of influences model (SHOEMAKER e REESE, 2013), the main goal is to comprehend which social forces influence the decisions made by citizens in three stages of news production: access/observation, selection/filter and processing/editing (DOMINGO et al, 2008). This work involves academic literature review concerning fields of participatory journalism and editorial decision making, exploratory research in platforms and media projects opened to user interference and a focus group.

The focus group brought together people who have had involved in a participatory journalism project known as Coletivo Blumenau, in the city of Blumenau (SC), and/or have had shown interest in sharing and discussing journalistic content within digital social media. Individuals discussed local topics of public interest and made editorial choices emulating participatory journalism practices.

The results allow us to conclude that non-professional gatekeepers act under influences that can be framed in the same categories identified in studies about professional journalism. For instance, individual background, news values socially shared, routines, organizations, external social forces, in addition to ideological paradigms that permeate social life. However, as there are more individuals making decisions, a series of interactions produces a networked gatekeeping, something even more complex to analyze and understand.

**Keywords:** Participatory journalism. Collaborative journalism. User generated content. Gatekeeping. Newsworthiness.



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Influências em cada estágio da produção jornalística .....60



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tela principal da plataforma <i>Public Insight Network</i> .....	62
Figura 2 – Tela principal do website da plataforma <i>Hearken</i> .....	63
Figura 3 – Tela do grupo Coletivo Blumenau no <i>Facebook</i> .....	65
Figura 4 – Imagem dos participantes reunidos dentro da sala.....	81
Figura 5 – Exemplo de reportagem feita a partir de <i>Hearken</i> .....	82
Figura 6 – Organização da sala em que ocorreu o grupo focal .....	86



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	17
2	JORNALISMO PARTICIPATIVO .....	25
2.1	Participação para fortalecer a democracia .....	28
2.2	Tecnologias para fortalecer a participação.....	34
2.3	Um encontro de conceitos complementares.....	39
3	DECISÕES EDITORIAIS .....	45
3.1	A teoria do <i>gatekeeping</i> .....	46
3.1.1	Valores de notícia .....	51
3.1.2	<i>Gatekeeping</i> na era digital .....	54
3.2	Estágios de produção jornalística.....	58
3.2.1	A participação nos diferentes estágios de produção .....	61
3.2.1.1	Acesso/observação.....	61
3.2.1.2	Seleção/filtro .....	65
3.2.1.3	Processamento/edição.....	68
3.2.1.4	Distribuição.....	69
3.4.1.5	Intepretação.....	71
4	UM GRUPO FOCAL JORNALÍSTICO .....	75
4.1	Vantagens e desvantagens do grupo focal .....	77
4.1.1	Recrutamento e organização da reunião .....	79
4.1.2	Decisões .....	83
4.2	Transcrição e análise dos dados.....	84
4.3	Influências ao nível do indivíduo.....	87
4.3.1	Acesso/observação.....	88
4.3.1.1	Histórico pessoal.....	88
4.3.1.2	Valores de notícia .....	91
4.3.2	Seleção/filtro.....	95
4.3.2.1	Histórico pessoal.....	95

4.3.3	Processamento/edição.....	103
4.3.3.1	Histórico pessoal .....	103
4.3.4	Considerações sobre influências individuais .....	106
4.4	Influências das rotinas e da organização .....	106
4.4.1	Organização e rotinas no grupo focal .....	107
4.4.2	Acesso/observação .....	108
4.4.3	Seleção/filtro.....	111
4.4.4	Processamento/edição.....	115
4.4.5	Considerações sobre influências de rotinas e organização ....	120
4.5	Influências das instituições sociais .....	120
4.5.1	Observação .....	121
4.5.1.1	Audiência.....	121
4.5.2	Seleção/filtro.....	122
4.5.2.1	Fontes .....	122
4.5.2.2	Pressões institucionais .....	124
4.5.3	Produção/edição .....	125
4.5.3.1	Audiência.....	125
4.5.3.2	Fontes .....	126
4.5.3.3	Forças institucionais .....	129
4.5.4	Considerações sobre influências das instituições sociais.....	130
4.6	Influências dos sistemas sociais.....	131
4.6.1	Acesso/observação .....	132
4.6.2	Seleção/filtro.....	133
4.6.3	Processamento/edição.....	136
4.6.4	Considerações sobre influências dos sistemas sociais .....	139
4.7	Visão geral dos resultados .....	140
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
	REFERÊNCIAS.....	149
	APÊNDICES.....	157



## 1 INTRODUÇÃO

O que acontece quando os usuários do jornalismo têm a liberdade de interferir no conteúdo das notícias? Múltiplas abordagens orbitam esta questão abrangente sobre um fenômeno característico das transformações observadas no ecossistema de mídia do século XXI. O jornalismo participativo (colaborativo, cidadão, *open source* ou ainda conteúdo gerado pelo usuário, a depender da escolha conceitual) tanto já inspirou projeções utópicas sobre uma horizontalidade total das comunicações nas sociedades democráticas quanto despertou reações de desprezo ao seu potencial transformador. Hoje, mais de uma década após Dan Gillmor (2005) ter admitido que um jornalista sabe menos do que o seu público reunido, a participação de não profissionais nas atividades jornalísticas é parte integrante do panorama profissional e constitui campo de pesquisas relevante. Porém, entre o extremo de abraçar a participação do público como boia de salvação para um jornalismo em crise e, de outro lado, descartar as possibilidades de inovação que e de sua aplicação, inúmeras perguntas ainda demandam atenção de profissionais e acadêmicos.

Num primeiro momento, influenciadas pela expansão da cultura digital, dos movimentos de software livre e de código aberto e pelo conceito de jornalismo público (ou cívico), análises apontaram tendência à horizontalidade total e à desprofissionalização. Repórteres-cidadãos exerceriam funções para as quais já não seriam mais necessários intermediários especializados, democratizando o debate público. Obras como as de Bowman e Willis (2003) e Gillmor (2005) sublinham a relevância da transformação em curso, precedendo e, reconheça-se, também influenciando certos exageros quanto à aplicação de conceitos e ferramentas participativos.

Ao fim daquela década o clima na academia e no mercado era diferente, havia a sensação de que o jornalismo participativo não passara de *wishful thinking*. O relatório sobre o mercado dos Estados Unidos *The State of The News Media* (PEW RESEARCH CENTER, 2008, tradução minha) apontava que “as perspectivas para conteúdo gerado pelo usuário, que se imaginou possivelmente centrais para a próxima era do jornalismo, agora aparecem mais limitadas”.

Seis anos mais tarde, *The State of The News Media* mudava o tom, reconhecendo as redes sociais digitais como espaço para o desenvolvimento do jornalismo em parceria com os cidadãos, porém, admitindo dificuldades em manter a atividade profissional relevante num ecossistema de mídia que desvaloriza a moeda da visibilidade,

ofertada pelos veículos jornalísticos aos usuários em troca do conteúdo gerado por eles. Ainda mais dramática é a transferência do poder de distribuição — e com ele as receitas de publicidade — para empresas de tecnologia como *Google, Apple e Facebook*.

*Participatory Journalism* (SINGER et al, 2011), um dos mais profundos e abrangentes de uma série de estudos empíricos produzidos nos últimos 10 anos, demonstra que a abordagem nas redações não vem acompanhando as mudanças do ecossistema. Jornalistas e organizações seguem considerando acessória a participação dos usuários e manifestam pouco interesse em renovar práticas, normas e valores para potencializar sua aplicação (DEUZE, 2006).

Queira a indústria jornalística ou não, gigantes da tecnologia ascendem como atores de mídia — absorvendo audiência, receita e até parte da função social desempenhada por jornalistas (BELL, 2016). Se profissionais e empresas jornalísticas tradicionais não envolvem os cidadãos na produção de conhecimento sobre a atualidade, outros atores tomam seu lugar na tarefa.

A reflexão aqui proposta situa-se dentro de quadro teórico delimitado pelas transformações culturais, econômicas, políticas e tecnológicas ocorridas dentro do período histórico que Castells (1999) denomina Era da Informação; considera as ponderações de Deuze (2006) sobre o papel ativo dos indivíduos no arranjo de uma cultura digital; e reconhece as diferenças estruturais do jornalismo pós-industrial (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013) em relação ao modelo industrial. Explora potencialidades oferecidas pelo avanço de ferramentas tecnológicas que derrubam muros até então existentes em torno do portão informacional guardado por jornalistas, ao mesmo tempo em que problematiza a ausência de padrões técnicos e tecnológicos para se lidar com o volume de informações advindas do público.

Da cultura digital nascem ideias que projetam tecnologias para o jornalismo atual, e são essas tecnologias que ajudarão a desenhar o contexto sócio-cultural dos próximos estágios de desenvolvimento da atividade. Deuze (2006) e Castells (1999) indicam que comportamentos próprios da cultura digital (ou da sociedade em rede, na definição do sociólogo espanhol) têm raízes profundas e anteriores às tecnologias digitais. A maior participação dos cidadãos nos conteúdos jornalísticos, por exemplo, tem influência do discurso libertário das décadas de 1960 e 1970 e da cultura do faça você mesmo, disseminada pelo movimento punk – ideias que contaminaram diversos aspectos da sociedade, e não só a comunicação.

Porém, para se avançar na reflexão é preciso reconhecer que o jornalismo participativo possui raízes tão profundas quanto o próprio jornalismo em si. Jornais britânicos e norte-americanos dos séculos XVII e XVIII reservavam espaços em branco para que os leitores comentassem as notícias e reenviassem o conteúdo na forma de carta aos editores. (SINGER et al, 2011).

Atualmente, interferências de usuários no jornalismo renovam práticas cotidianas em cada uma das fases de produção comunicativa (DOMINGO et al, 2008), desde a observação da realidade, passando por seleção/filtro, processamento/edição, distribuição e interpretação. Não sem enfrentar resistências advindas da cultura e da ideologia profissionais. Jornalistas tendem a moldar, na forma e no conteúdo, as colaborações do público para adequá-las a crenças e métodos pré-existentes (DEUZE e WITSCHGE, 2015; SINGER et al, 2011; HARRISON, 2010; LEE, 2016; LEWIS; 2012).

Diante deste contexto, a presente pesquisa afasta-se das redações originadas no ecossistema industrial, como as de jornal, televisão e rádio, em busca de experiências jornalísticas novas, nativas digitais e relativamente afastadas de fatores organizacionais e culturais do setor. Uma vez que as iniciativas de jornalismo participativo desenvolvidas dentro de redações costumam fechar ao público os processos decisórios mais importantes (SINGER et al, 2011), é mais provável que dinâmicas inovadoras de participação ocorram desvinculadas dos ambientes jornalísticos tradicionais.

O intuito é inserir o presente trabalho no esforço de compreensão dos limites e potencialidades do jornalismo participativo no instante histórico em que se suavizam demarcações entre profissionais e amadores, entre empresas de mídia e de tecnologia, entre jornalismo e entretenimento. No recorte aqui proposto, a curiosidade inicial sobre “o que acontece” quando não profissionais têm liberdade para interferir no conteúdo é direcionada para os sujeitos da questão: como se comportam os usuários quando podem tomar decisões editoriais? O que eles decidem e, principalmente, como decidem? Quem ou o quê influencia essas decisões?

A delimitação do objeto combina reflexões que remontam à carreira do autor como jornalista profissional e às duas especializações que cursou com novas questões surgidas no âmbito do programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Da vivência em redações, principalmente os três anos como editor-chefe do Jornal de Santa Catarina, advêm inquietações de quem observou de frente a face do “bode” de que falam Stencel, Adair e

Kamalakanthan (2014) — obrigações do ambiente industrial cujas exigências consomem tempo e energia necessários para se desbravar potencialidades do mundo digital.

Quem atua profissionalmente numa redação jornalística nesta segunda década do século XXI está imerso em más notícias econômicas, cortes e demissões, enquanto sofre a pressão direta e crescente do público por um jornalismo mais transparente, detalhista e preciso. Resultado: sobrecarga de trabalho, acúmulo de funções e exigências técnicas e comportamentais cada vez mais intensas. Diante de tantas adversidades impostas pela transformação estrutural das comunicações, jornalistas têm de encontrar tempo, motivação e energia para reconfigurar as relações com o público. Não faltam oportunidades advindas dos avanços nas Tecnologias da Informação e Comunicação, porém, elas esbarram no trabalho diário de “alimentar o bode” gordo e glutão representado por rotinas e produtos antigos que coexistem com demandas renovadas do jornalismo pós-industrial.

O autor deparou com o “bode” faminto quando, entre 2012 e 2015, no cargo de editor-chefe, tentou aplicar na redação projeto desenvolvido como trabalho de conclusão de curso na Especialização em Jornalismo – Ênfase em Direção Editorial, concluída em 2013 na ESPM-SP. Pretendia cadastrar e treinar leitores-fontes cuja interação com a redação era frequente e produtiva. Uma ação estruturada previamente na academia e de certa maneira simples de executar foi parar no estômago do “bode”, exemplo simplório dentre tantas inovações natimortas presenciadas.

Em fevereiro de 2016, foi decisivo o envolvimento do pesquisador na experiência em jornalismo participativo denominada Coletivo Blumenau, que cobriu uma crise no transporte coletivo da cidade catarinense com a ajuda de centenas de leitores-colaboradores. Desenvolvida apenas com o auxílio das ferramentas oferecidas pela rede social digital *Facebook*, virou embrião de uma *startup* jornalística destinada a estimular, organizar e ampliar conversas entre jornalistas e usuários (ASSIS, 2016).

Nos primeiros testes empíricos com o Coletivo Blumenau, ficou nítido que boatos, informações desconstruídas, tentativas de uso político da comunidade e irrelevâncias embaralhavam as conversas, exigindo mais atenção, energia e tempo que os profissionais envolvidos podiam dedicar e aumentando o risco de erros. Ainda que a totalidade de contribuições fosse jornalisticamente útil, conforme crescia o número de colaboradores mais inviável se tornava análise e seleção das informações. Nem o Facebook oferecia soluções tecnológicas para

facilitar a curadoria, nem os profissionais envolvidos com o Coletivo Blumenau dispunham de ferramentas técnicas para lidar com as diferentes decisões tomadas pelos usuários.

A vivência no Coletivo Blumenau despertou interesse do autor por projetos que avancem em métodos e tecnologias digitais específicas para o desenvolvimento do jornalismo participativo, o que deu origem a uma pesquisa exploratória inicial. Uma das gratas descobertas desse período foi a ferramenta *Hearken*<sup>1</sup>, produzida nos Estados Unidos. Por meio dela jornalistas interagem com os usuários desde a primeira fase de produção noticiosa – o acesso à realidade –, cenário que se mantém ao longo do canal informativo. A análise exploratória de *Hearken* inspirou o desenvolvimento metodológico da pesquisa, que simula, por meio de um grupo focal, práticas em três estágios da produção de notícias: acesso/observação, seleção/filtro e processamento/edição. O objetivo é descobrir que forças influenciam as decisões tomadas pelos usuários num ambiente aberto à participação.

A formulação metodológica parte de aportes da teoria do *gatekeeping*, de longa tradição em estudos sobre o jornalismo, que analisa o caminho percorrido por uma informação até ser entregue na forma de notícia. Os trabalhos de Pamela Shoemaker (SHOEMAKER e COHEN, 2006; SHOEMAKER e VOS, 2008, 2011; SHOEMAKER et al, 2010) remontam ao psicólogo alemão Kurt Lewin, que desenvolveu uma teoria para explicar mecanismos que estimulam ou limitam mudanças sociais em determinadas comunidades. Para além das metáforas do portão e do jornalista-porteiro (*gatekeeper*) presentes no célebre trabalho de White (1993), tais estudos compreendem o complexo sistema de canais, portas e forças que fazem as notícias serem como são. Sob uma perspectiva construtivista-interacionista (TRAQUINA, 2012), entendem o jornalismo como uma construção social e seu resultado, como um produto social.

Em lugar do determinismo encontrado nos estudos pioneiros, ou mesmo nas correntes estruturalistas que dão grande peso à influência de forças poderosas sobre o conteúdo, os autores desenvolvem uma teoria do *gatekeeping* que “descreve o processo pelo qual os eventos são cobertos pelos veículos de comunicação em massa, explica-o considerando conceitos em cinco níveis de análise” (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 14). Os cinco níveis foram tomados emprestados do

<sup>1</sup> [www.wearehearken.com](http://www.wearehearken.com)

modelo teórico denominado “hierarquia de influências”, elaborado por Shoemaker e Reese (2013) e que procura clarear abordagens de pesquisadores sobre diferentes aspectos da produção comunicativa.

No ambiente de mídia desta segunda década dos anos 2000, “o poder e a influência dos editores sobre a pauta das notícias são inversamente proporcionais ao número de canais noticiosos disponíveis” (BRUNS, 2011, p. 121). Como no ecossistema pós-industrial o número de canais não para de crescer, autores como Bruns (2004) e Vu (2013) têm acusado a obsolescência da teoria do *gatekeeping* e provocado debates sobre a produção de conteúdo jornalístico num ambiente ainda mais complexo do que aquele analisado pelos pesquisadores do século XX.

À diferença de Shoemaker e Vos (2011), e ainda de Lee, Lewis e Powers (2012), cuja abordagem posiciona a participação externa no seio das influências sociais/institucionais, o modelo ora apresentado analisa as ações do usuário também como indivíduo tomador de decisão, ou *gatekeeper*. Essa decisão conceitual reconhece a emergência dos cidadãos nas diversas fases de produção das notícias, inclusive naquela que Singer (et al, 2011) e colegas percebem como a menos aberta à intervenção externa: a de seleção/filtro das informações com potencial para se tornar notícias.

Ao posicionar o usuário no centro da análise, esta dissertação pretende avançar na investigação sobre o jornalismo participativo privilegiando os novos produtores, que por fim também são os principais interessados no produto final. Não significa excluir os jornalistas, mas reconhecer que as influências externas ao seu trabalho assumem maior complexidade e relevância.

Desta forma, a pergunta que guia a pesquisa está sintetizada assim: Quais forças exercem influência sobre as decisões dos usuários em ambientes de jornalismo participativo? Uma questão específica que daí emerge tem relação com os critérios adotados pelos indivíduos nos processos de escolha. Estariam os usuários também sob a influência de valores de notícia, construções cognitivas compartilhadas socialmente que orientam decisões ao longo do canal informativo? Frequentemente associados ao jornalismo profissional, tais valores estão também presentes no jornalismo praticado por amadores?

Para dar conta de questões tão complexas, o presente trabalho cruza os estágios de produção jornalística do esquema proposto por Domingo et al (2008, p. 331) com as cinco categorias de influências que agem sobre as decisões dos comunicadores conforme Shoemaker e Reese (2013). O problema desta pesquisa está delimitado nos estágios

de acesso/observação, seleção/filtro e redação/edição. O estudo propõe-se a compreender quais níveis de forças influenciam as atividades dos usuários nessas três fases produtivas.

Como aqui se trata de um objeto relativamente novo e o pesquisador propositalmente busca ambientes que fujam ao jornalismo industrial, a escolha da metodologia teve de adequar-se a estas demandas. Priest (2011) preocupa-se com a atualização do ferramental metodológico usado em pesquisas sobre meios de comunicação de massa para servir a questões relativas ao novo ecossistema de mídia. Para a autora, a maioria das estratégias e ferramentas tem fundamentos que servem para aplicação nas novas mídias.

É o caso do grupo focal, procedimento que já demonstrou flexibilidade em cenários distintos. Aplicado nas ciências sociais pela primeira vez por Robert Merton, na década de 1940, é ferramenta amplamente utilizada em pesquisas de *marketing* (COSTA, 2008; BLOOR et al, 2001). Tornou-se também importante ferramenta para pesquisadores sociais interessados em investigar princípios normativos, regras e motivações dentro de um grupo específico.

Os procedimentos do grupo focal podem configurar uma entrevista simultânea com vários participantes (COSTA, 2008), assim como propor dinâmicas e tarefas adaptáveis ao problema em questão. Flexibilidade oportuna para o tipo de estudo aqui proposto. Morgan e Krueger (1993) consideram o grupo focal útil para extrair informações de grupos sociais que historicamente tiveram poucas condições de se expressar e influenciar decisões – situação que imediatamente remete à audiência do jornalismo nos meios de massa industriais.

Como procedimento metodológico no contexto desta pesquisa, o grupo focal serve para se observar o comportamento de usuários de mídia que já experimentaram ambientes de jornalismo participativo e/ou demonstram interesse pelo compartilhamento e discussão de informações jornalísticas em redes sociais digitais. Os indivíduos participantes foram selecionados a partir do grupo Coletivo Blumenau no *Facebook*, tendo preferência indivíduos que demonstraram comportamento ativo no grupo, postando imagens e comentários. O pesquisador também recrutou participantes fora dos limites do grupo com o intuito de proporcionar ao grupo focal maior heterogeneidade.

Reunidos, os participantes foram convidados a propor questões que, na opinião deles, deveriam fundamentar reportagens jornalísticas (estágio de acesso/observação). Em seguida, debateram e selecionaram duas dentre 15 questões apresentadas (seleção/filtro). Por último, divididos em dois grupos de quatro, emularam práticas de

processamento/edição, como selecionar fontes, angulação e avaliar riscos éticos e jurídicos envolvidos nos temas levantados. A partir das categorias de influências organizadas por Shoemaker e Reese (2013) foram identificados e analisados vestígios que ajudam a esclarecer sob quais influências os usuários atuaram.

O trabalho que segue está organizado da seguinte maneira: o Capítulo 2 posiciona o problema dentro das teorias mais recentes sobre a participação no jornalismo. Expõe duas vertentes dominantes de abordagem ao longo dos últimos 20 anos e indica aproximações conceituais que ajudam a construir um entendimento atual do que é jornalismo participativo.

O Capítulo 3 avança sobre conceitos e modelos teórico-metodológicos adotados na abordagem de decisões editoriais tomadas por não profissionais. Têm maior importância os conceitos de *gatekeeping* e valores de notícia, o esquema de hierarquia de influências (SHOEMAKER e REESE, 2013) e a organização proposta por Domingo et al (2008) para delimitar diferentes estágios de produção das notícias. Em seguida, são apresentados exemplos de estratégias participativas observadas durante pesquisa exploratória, inserindo-os no contexto das diferentes fases produtivas.

O quarto capítulo apresenta em detalhes os procedimentos metodológicos para em seguida mergulhar na análise dos dados colhidos. Transcrições de diálogos registrados durante o grupo focal apoiam apresentação e interpretação dos resultados.

Por último, o capítulo de considerações finais enfatiza os resultados considerados mais relevantes, discute limites e potencialidades da participação no jornalismo contemporâneo e sugere postura agregadora por parte de profissionais na relação com os novos tomadores de decisão.



## 2 JORNALISMO PARTICIPATIVO

Fenômenos caracterizados pela participação do público na construção social do jornalismo tornaram-se objeto frequente de pesquisas acadêmicas nas últimas três décadas. Um esforço que persegue avanços surgidos em meio à transformação do ecossistema de mídia (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013) e à ascensão dos indivíduos que constituem a audiência à categoria de usuários produtores de informação (JENKINS, 2008; BRUNS, 2004). Jornalismo participativo é, portanto, conceito em construção. Qualquer empreendimento na tentativa de desenvolvê-lo, aprofundá-lo, questioná-lo, precisa retomar uma trajetória marcada pelo encontro de ideias dispersas e muitas vezes manifestadas sem enquadramentos teóricos claros. Este primeiro capítulo dedica-se a esmiuçar a construção do conceito e clarear escolhas teóricas do autor na abordagem do problema apresentado.

É possível identificar na literatura ao menos duas correntes acadêmicas que fomentam a reflexão sobre fenômenos jornalísticos participativos. A primeira desdobra-se do pensamento que relaciona a abertura do jornalismo a melhorias no ambiente democrático, enquanto a segunda sublinha práticas sociais impulsionadas por avanços tecnológicos da era digital. Podem ser classificadas nessas tendências conceituais diferentes denominações para o jornalismo praticado em parceria com o usuário (público, cívico, cidadão, conversacional, *grassroots*, *open source* etc). Em retrospecto, também é possível identificar um princípio de consenso, um cruzamento de ideias que converge para a concepção de “jornalismo participativo”. Neste cardápio conceitual, nem sempre denominações empregadas como sinônimos são equivalentes (HOLANDA et al, 2008). O inverso também é verdadeiro: frequentemente ideias apresentadas como distintas descrevem os processos e fenômenos idênticos. Por isso faz-se necessário clarear caminhos antes de prosseguir com a abordagem do objeto.

Há registros de participação direta no jornalismo desde o fim do século XVII e durante o século XVIII. Jornais britânicos e norte-americanos estimulavam o leitor a redigir no papel comentários e até as suas próprias notícias. Impressos em quatro páginas, eles reservavam espaço em branco na terceira página para que o leitor escrevesse o que bem entendesse. A quarta e última vinha totalmente em branco, assim o jornal podia ser dobrado e endereçado como carta aos editores ou a quem o leitor desejasse compartilhar observações (SINGER et al, 2011).

Com a massificação das mídias impressas e a profissionalização do jornalismo, os espaços em branco foram preenchidos por mais conteúdos, com menor abertura para participação externa. Sobrou aos leitores, ao longo do século XX, o espaço de cartas e artigos destinado a manifestações não profissionais, mas cuja seleção e edição permaneciam sob o controle de um editor.

Ana Alacovska (2016) percebeu semelhanças entre a participação de amadores na produção de guias de viagem impressos no século XIX e os atuais serviços digitais de informações para viajantes, como *Lonely Planet*. No Brasil, há muitas décadas existem programas radiofônicos que transformam ouvintes em locutores ocasionais com o apoio de linhas telefônicas. Os meios digitais, portanto, potencializaram práticas já existentes, ainda que não fossem regra, no ecossistema industrial do jornalismo.

A reflexão aprofundou-se com a disseminação das redes sociais digitais, plataformas que suavizaram limites temporais e espaciais, transformando a correspondência dos jornalistas com “as pessoas antes conhecidas como audiência” (ROSEN, 2006). Mais horizontal e fluida, ela agora funciona à semelhança de uma conversa, com os indivíduos alternando-se constantemente entre os papéis de leitor, fonte e jornalista. Para autores como Domingo et al (2008), esse modelo guarda semelhanças com a maneira como indivíduos e grupos tratavam informações sobre a realidade nos séculos anteriores à imprensa industrial. A comunicação sobre assuntos de interesse coletivo dependia de interações diretas, sem mediação.

Quando um indivíduo presenciava um evento, prosseguem os autores, contava a outros indivíduos o que testemunhara. Dali o relato se multiplicava, muitas vezes em versões contraditórias, dentro dos grupos sociais que os indivíduos em questão habitavam. Raramente diferentes grupos de indivíduos interagiam sobre os mesmos temas, devido à ausência de pontos de contato entre essas redes.

Contudo, a maioria da informação necessária para o funcionamento e sobrevivência de cada rede social estava contida na própria rede. Estes mesmos princípios de comunicação pública “não mediada” estão conosco hoje, não apenas em pequenas comunidades, mas também em muitos contextos cotidianos que não dependem majoritariamente da mídia de massa como meio

de transporte de informação. (DOMINGO et al, 2008, p. 328, tradução minha<sup>2</sup>)

Ou seja, os autores enxergam princípios comunicativos básicos no comportamento de indivíduos e grupos de indivíduos do passado e de hoje. Seguindo esse raciocínio, parte da comunicação que durante o século XX ficou a cargo de instituições como a imprensa hoje pode ser desempenhada por indivíduos graças às tecnologias emergentes que expandiram o alcance das conexões entre as diferentes redes sociais. Perspectiva semelhante à de Min (2015), para quem o jornalismo sempre foi constituído, em primeiro lugar, de conversas entre indivíduos.

Apesar de considerarem o funcionamento da mídia de massa, vertical, rígido e unidirecional, como objeto estranho à comunicação dialógica, esta mais “natural”, esses autores não excluem instituições e profissionais das possibilidades de expansão das redes digitais de troca de informações. Na verdade, discutem maneiras de inserir os jornalistas nas conversas, intenção que ronda as duas principais tendências de estudos que originam o jornalismo participativo.

A primeira corrente de pesquisas sobre participação de cidadãos na construção social do jornalismo privilegia o debate deontológico em torno da razão de existir do jornalismo. Denominações como “jornalismo cívico” e “jornalismo público” resgatam a tradição de pensamento que considera a atividade vital para a saúde democrática das sociedades. Nesta concepção, quando mais cidadãos encontram condições técnicas de expressar-se publicamente por meio do jornalismo, mais plural e democrática se torna aquela sociedade. Coerente com o pensamento moderno, o jornalismo público surge como ferramenta para promover choques de argumentos racionais, promovendo a deliberação e aproximando coletivos de indivíduos da verdade.

Outro ramo de estudos enfatiza o impacto das tecnologias digitais no comportamento dos cidadãos e no surgimento de novos arranjos

<sup>2</sup> Texto original, em inglês: “However, most of the necessary information for the functioning and survival of each social network was contained in the network itself. These same communication principles of “unmediated” public communication are with us today, not only within small communities but also in many everyday contexts that do not primarily rely on mass media as a means of transporting information.

comunicacionais. No jornalismo *open source*, ou de código aberto, ganham destaque práticas e ferramentas que caracterizam ambientes de produção livre de conhecimento, cuja existência tem origem em transformações sociais que vêm ocorrendo desde meados do século XX.

Mais recentemente, essas duas principais tendências de pensamento sobre a abertura do jornalismo ao público vêm alimentando reflexões que aglutinam implicações deontológicas, tecnológicas, profissionais e ao produto final: o conteúdo. Destas discussões, em que as obras de Bowman e Willis (2003) e Gillmor (2005) exercem referência, surgem conceitos mais amplos como “jornalismo cidadão” e “jornalismo participativo”.

O presente capítulo percorre a breve história que encadeou essa teia conceitual, reúne ideias que sugerem certos consensos e propõe um caminho conceitual para abordar a questão central da pesquisa.

## **2.1 Participação para fortalecer a democracia**

Entre o fim dos anos 1980 e início da década de 1990, editores de pequenos jornais dos Estados Unidos experimentaram mudar a abordagem da cobertura de eleições. Ao invés de dedicar páginas e mais páginas às intrigas entre candidatos e à corrida pelos cargos em disputa em si, decidiram tentar influenciar os conteúdos do debate eleitoral a partir de questões que interessavam o público de acordo com sondagens. “A noção de ‘cobrir a campanha’ foi efetivamente substituída por um novo princípio: fazer a campanha ‘cobrir’ o que importava aos cidadãos” (ROSEN, 1994, p. 374, tradução minha<sup>3</sup>). Até 1995, mais de 200 projetos do tipo foram empreendidos naquele país (COLEMAN, 1997).

Esse movimento passou a ser acompanhado com atenção por pesquisadores, a exemplo do próprio Jay Rosen, que se tornou um entusiasta do chamado jornalismo público, também chamado de cívico. Para aferir o que o público gostaria de ver debatido durante os processos eleitorais, jornais e universidades organizaram debates, produziram pesquisas qualitativas e quantitativas. Assumir essa postura significava “participar” não só da comunidade mas também das causas da

<sup>3</sup> Texto original, em inglês: “The notion of ‘covering the campaign’ was effectively replaced by a new principle: making the campaign ‘cover’ what mattered to citizens”.

comunidade, o que punha em xeque valores como objetividade e distanciamento.

A imprensa imagina-se separada de todos os outros atores políticos. Garantir as separações, assim, é a tarefa tradicional da ética jornalística. Jornalismo público recomenda uma tarefa diferente: garantir os vínculos, especialmente os importantes vínculos entre o jornalista e os cidadãos. Uma maneira de definir jornalismo público é chamá-lo de a arte não desenvolvida de conectar-se à comunidade em que os jornalistas trabalham – incluindo a comunidade política. (ROSEN, 1994, p. 381, tradução minha<sup>4</sup>)

Nesse caso, os jornalistas teriam de deixar de lado a doutrina da objetividade, que, para críticos dela a exemplo de Glasser (1984), significa não assumir responsabilidades sobre o conteúdo jornalístico e sobre os problemas do público. Na visão do autor, um jornalista condicionado à objetividade tende a reforçar o *status quo*.

As razões de mudança de foco identificadas à época pelos representantes do mercado jornalístico continuam atuais: piora dos indicadores de leitura e receita publicitária, incerteza sobre como o avanço tecnológico afetaria o papel social dos jornalistas e dos veículos, arranhões na credibilidade da indústria, letargia e conservadorismo das redações, entre outros. Do lado acadêmico, experiências identificadas com o jornalismo público eram analisadas como possível materialização de premissas de autores que receitavam maior participação dos cidadãos no debate público através da argumentação racional, o que aprimoraria o ambiente democrático. Traquina (2015) aborda ambas as motivações, a econômica e a deontológica:

O jornalismo cívico tem sido desvalorizado como um truque de marketing cujo único intuito é o de

<sup>4</sup> Texto original, em inglês: “The press imagines itself as separate from all other political actors. Getting the separations right is thus the traditional task of journalism ethics. Public journalism recommends a different task: getting the connections right, especially the all-important connection between the journalist and the citizenry. One way of defining public journalism is to call it the undeveloped art of attachment to the community in which journalists work – including the political community”.

parar a hemorragia de tiragens em queda constante, ou como uma campanha hábil de relações públicas, cuja principal preocupação é a de melhorar a imagem duma instituição em descrédito. As questões levantadas pelo movimento são demasiado sérias para merecerem uma condenação tão insultuosa, mas é legítimo perguntar se os objetivos do movimento são realistas. (TRAQUINA, 2015, p. 302).

Coleman (1997) estende as raízes do jornalismo público até o início do século passado, quando John Dewey, em resposta a Walter Lipmann, para quem os destinos da sociedade deveriam ser guiados pelas ideias de especialistas comprovadamente capazes, defendeu o envolvimento de mais cidadãos nas conversas públicas como estratégia de fortalecimento da democracia. “O ponto de Dewey é que indivíduos são incompletos sem uma comunidade e isso nos compromete a uma dívida social a ser paga por nossos esforços para promover o bem comum” (1997, p. 63, tradução minha<sup>5</sup>). O autor acreditava na capacidade de cooperação de comunidades na solução de problemas comuns, e na comunicação como ferramenta para engajar os cidadãos: “A necessidade essencial, em outras palavras, é o aperfeiçoamento dos métodos e condições de debate, discussão e persuasão. Esse é o problema do público” (DEWEY, 1927, apud COLEMAN, 1997, p. 63, tradução minha<sup>6</sup>).

Herdeiro dessa concepção sobre o papel do envolvimento cidadão nos debates públicos, James Carey interpreta a visão de Dewey sobre as mídias de massa como um desejo de que pudessem transformar toda a sociedade em uma grande comunidade participativa, o que não ocorreu de fato. Para Glasser (1984), a baixa participação pública de pessoas sem distinção política, econômica ou social, sem poderes e privilégios, transforma o debate em dominação, e o jornalismo obcecado por objetividade que caracterizou o século XX a reforça.

<sup>5</sup> Texto original, em inglês: “Dewey’s point is that individuals are incomplete without a community and this commits us to a social debt to be repaid through our efforts to advance the common good”.

<sup>6</sup> Texto original, em inglês: “The essential need, in other words, is the improvement of the methods and conditions of debate, discussion and persuasion. That is the problem of the public”.

Na década de 1990, Coleman (1997) alertava que as ideias de John Dewey periodicamente ressurgem como solução para os problemas do jornalismo, mas que nunca se realizam. Em seu trabalho, a autora analisava o desenvolvimento do jornalismo público e percebia o risco de que a história se repetisse. Em retrospecto, a preocupação estava correta. Apesar do volume de iniciativas e do esforço intelectual reformador, o jornalismo público insistiu na centralidade dos jornalistas e das empresas jornalísticas. Na maioria desses projetos cívicos, profissionais e especialistas seguiram determinando e filtrando a agenda noticiosa dos cidadãos. A imprensa, na maioria das oportunidades, centralizava e conduzia os debates, e a abertura manifestada através de pesquisas de opinião, grupos focais e reuniões públicas, entre outras iniciativas, era muitas vezes artificial. Com a ascensão da internet ao longo dos anos 1990, tal modelo rapidamente demonstrou ser insuficiente (BOWMAN e WILLIS, 2003; MIN, 2015). Numa perspectiva brasileira, Santos (2007) entende que o jornalismo público proporcionou intensidade de participação inferior à que o jornalismo participativo pôde alcançar.

Tecnologias digitais, como salas de bate-papo, websites, weblogs e, mais tarde, redes sociais digitais, podcasts etc., concederam à audiência muito mais poder do que os projetos cívicos propunham conceder-lhes. Ou seja, as interações sociais cresceram, sim, exponencialmente, de maneira inimaginável à época de Dewey, mas não da maneira que a imprensa industrial planejava.

De fato, hoje mais indivíduos podem fazer parte da conversa jornalística com o auxílio dos meios digitais, realizando, ao menos em parte, aspiração de Carey (1987, apud LEWIS, 2012, p. 850, tradução minha<sup>7</sup>), para quem o público “começará a despertar quando for abordado como um parceiro de diálogo e encorajado a aderir à conversa em lugar de sentar passivamente como espectador de uma discussão conduzida por jornalistas e especialistas”.

Trabalhos recentes destacam o aspecto conversacional do jornalismo como definidor da atividade, antes da objetividade, da busca pela verdade, da fiscalização dos poderosos ou do dever de informar as pessoas para que tomem decisões livremente. “[...] a alma do jornalismo é, e talvez sempre tenha sido, o diálogo e o engajamento cidadão, ao

<sup>7</sup> Texto original, em inglês: “will begin to awaken when they are addressed as conversational partners and are encouraged to join the talk rather than sit passively as spectators before a discussion conducted by journalists and experts”.

invés de distribuição de informação e a busca pela verdade” (MIN, 2015, p. 2, tradução minha<sup>8</sup>). Marchionni (2013) fala em “jornalismo conversacional” enfatizando que o público deve perceber os profissionais como indivíduos participantes de uma rede, humanos e sociáveis.

Enquanto alguns autores enaltecem o aspecto plural e democrático do jornalismo praticado em parceria com os cidadãos, céticos como Keen (2007) percebem os conteúdos gerados pelos usuários como meras reações superficiais ao material publicado por profissionais. Para o autor, o culto ao amador representa ameaça aos filtros que ajudaram a construir os pilares da cultura ocidental, entre eles a imprensa moderna.

Outras críticas salientam motivações econômicas por trás do discurso de abertura e liberdade, seja pela exploração do trabalho alheio, seja pelo interesse comercial de vender à publicidade uma audiência mais engajada (PRIMO e TRÄSEL, 2006). Karlsson, Clerwall e Nord (2017), analisando o panorama sueco, identificam entre usuários percepções negativas sobre o envolvimento de cidadãos sem formação profissional nas decisões jornalísticas. Conforme os resultados obtidos, os entrevistados tendem a ver mais problemas do que benefícios na abertura à intervenção externa.

Pellegrini-Ripamonti (2010, p. 272, tradução minha) considera ilusão crer “[...] que qualquer pessoa pode fazer jornalismo, sem nenhuma formação profissional, e que é possível uma horizontalidade total, à semelhança de um grande diálogo em que todos informam e se informam”. O norte do trabalho desta autora chilena diferencia contribuições do público que servem ao jornalismo daquelas sem relação com o interesse público. Sua crítica à abertura total do jornalismo reside no predominante caráter prosaico das conversas geradas pelo público: “O jornalismo cidadão se aproxima mais da comunicação pessoal através de conversas espontâneas que da narração de histórias reais representada pelo jornalismo profissional.” (PELLEGRINI-RIPAMONTI (2010, p. 273, tradução minha<sup>9</sup>).

<sup>8</sup> Texto original, em inglês: “the soul of journalism is, and perhaps always has been, conversation and citizen engagement, rather than information delivery and truth seeking”.

<sup>9</sup> Texto original, em espanhol: “El periodismo ciudadano se aproxima más a la comunicación personal a través de conversaciones espontáneas que a la narración de historias reales representada por el periodismo profesional”.



Afinal, toda e qualquer conversa tem potencial jornalístico? Uma vez derrubados os filtros que garantiam aos jornalistas o privilégio de pautar os debates públicos, da oficialidade dos parlamentos à informalidade dos cafezinhos e bares das cidades, qualquer tema passa a ser de interesse coletivo? Haveria o risco de se reduzir o jornalismo a conversas de interesse restrito, amenidades e sensacionalismo (PELLEGRINI-RIPAMONTI, 2010; HARRISON, 2010).

[...] Se conteúdo desta natureza levar ao declínio da cobertura de política e economia e interpretação jornalística, então parece haver um consequente declínio no conhecimento público, cujas consequências podem ser a diminuição da qualidade do debate civil e a limitação do engajamento (HARRISON, 2010, p. 255, tradução minha).

À luz do pensamento moderno, somente diálogos embasados por argumentos racionais potencializam avanços na vida em sociedade, tarefa que demanda homens e mulheres intelectualmente preparados. Alguns dos autores que resgatam a conversa como elemento caracterizador do jornalismo e das sociedades democráticas no século XXI, entretanto, ampliam o entendimento sobre que espécie de diálogo pode ser produtiva.

[...] diálogo, no jornalismo cidadão, não é necessariamente um discurso fundamentado. Ele pode até mesmo não ser público, mas privado. Uma conversa livre e cotidiana, às vezes do tipo opinativa e fofoqueira, outras vezes séria e franca. Pode ocorrer em sites de redes sociais ou em bebedouros nos locais de trabalho (MIN, 2015, p. 5).

Ekdale et al (2015) sugerem que a predominância de temas leves e cotidianos nas conversas entre jornalistas e público têm maior relação com atitudes dos jornalistas, que superprotegem a cobertura “séria”, de política e economia, por exemplo, limitando as ações do público. Seria, portanto, uma manifestação da ideologia profissional dos jornalistas.

Outro aspecto a ser levado em conta é que, embora a formação de comunidades e a ascensão da cultura digital projetem cidadãos socialmente conectados, muitas vezes interesses individuais movem a

participação (DEUZE, 2006). Se o tema abordado na conversa jornalística for pouco ou nada relacionado com os interesses mais diretos do indivíduo, a tendência é a inércia. “O que é extraordinário sobre a cultura digital — diferente da cultura impressa, visual ou da informação — é que ela fomenta comunidades e ao mesmo pode ser abastecida por isolamento”. (DEUZE, 2006, p. 71, tradução minha<sup>10</sup>)

Dados colhidos por Träsel (2008) em duas plataformas de jornalismo participativo (*WikiNews* e *Kuro5hin*) sugerem que um número relativamente fixo de colaboradores intervém em verbetes e notícias produzidos a muitas mãos. Porém, quem contribui com informações em um determinado texto tende a retornar à página para acompanhar a continuação da conversa e contribuir novamente. Tal comportamento, nas redes sociais digitais, é estimulado por notificações que convidam o usuário a retornar a debates em que ele tenha se envolvido — e que provavelmente tenha interesse direto ou indireto.

Em Assis (2016), outra experiência empírica, o Coletivo Blumenau<sup>11</sup>, demonstra que o jornalismo participativo se alimenta dos interesses individuais para construir diálogos relevantes para um coletivo de indivíduos. Sendo assim, fenômenos do jornalismo participativo podem não alcançar o objetivo de transformar sociedades em grandes comunidades, mas abrem espaço para a ação de muito mais atores.

## 2.2 Tecnologias para fortalecer a participação

Uma segunda corrente de pensamento sobre a participação de usuários no jornalismo alimenta-se de transformações sociais ocorridas desde os anos 1960 que influenciaram o desenvolvimento e o uso de tecnologias com potencial de conceder maior liberdade de ação ao indivíduo (CASTELLS, 1999; DEUZE, 2006; JENKINS, 2008). Assim, a digitalização tem o DNA de movimentos culturais como o *hippie* e o *punk*, e de emancipação, como o feminista e estudantil. Misturam-se a “cultura da liberdade” e o “faça você mesmo” na evolução das

<sup>10</sup> Texto original, em inglês: “What is amazing about a digital culture – rather than a print, visual, or information culture –, is that it fosters community while at the same time can be fueled by isolation”.

<sup>11</sup> [www.facebook.com/groups/176549896043079](http://www.facebook.com/groups/176549896043079)

tecnologias digitais, terreno fértil para a “cultura *hacker*” e sua ética baseada em colaboração (HIMANEN, 2001; MOURA, 2002).

Para Castells (1999), vivemos uma Revolução Informacional. Tão disruptiva quanto foi a Revolução Industrial, mas com particularidade decisiva: enquanto as invenções mais impactantes da era industrial, como a máquina a vapor, aceleravam a produção de bens físicos, as tecnologias digitais fomentam a produção de conhecimento, que por sua vez pode dar origem a outras tecnologias, num círculo virtuoso de expansão. Ou seja, o ambiente de abundância informacional arquitetava-se na multiplicação. “A idéia de crescimento econômico passa a estar associada diretamente à ampliação da base de conhecimento, num processo que não enfrenta as limitações da economia baseada em bens físicos, não renováveis” (CASTILHO, 2009, p. 39).

Ao assegurar que “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos”, Castells integra duas instâncias até então separadas pelo modelo industrial de produção: criadores e público podem ser, agora, a mesma pessoa, ao invés de estarem isolados por leis de proteção à propriedade intelectual e consequente verticalização da fruição dos bens de consumo. (BRAMBILLA, 2005, p. 2).

Visão consonante tem Deuze (2006), que descreve a emergência de uma “cultura digital” na sociedade em rede, que se expressa por meio de mídias e aparelhos tão imbricados nas nossas vidas que já nem damos conta de sua existência. Isso não quer dizer que todo mundo expressa a cultura digital, nem que esta supera uma outra, anterior e inferior. De acordo com o autor, práticas e comportamentos de um número crescente de indivíduos em suas relações com as tecnologias e mídias digitais podem ser observados em um conjunto de valores, práticas e expectativas, resumido nos conceitos de participação, mediação e bricolagem.

Passamos a ser agentes ativos no processo de construção de sentido (participação), adotamos e ao mesmo tempo modificamos as formas consensuais de se compreender a realidade (mediação), entre elas o jornalismo, e conscientemente passamos a montar nossas particulares versões da realidade (bricolagem).

Nos trabalhos de pesquisadores que buscam compreender o impacto das tecnologias digitais na comunicação e, mais

especificamente, no jornalismo, também aparecem trabalhos de autores que inspiraram o campo na virada do século, como Pierre Lévy, Howard Reinghold, Nicholas Negroponte e Pekka Himanen. Este último discute mudanças nas motivações de indivíduos em suas relações com outros indivíduos, com instituições e, principalmente, com o trabalho.

A ética *hacker* é apresentada em contraposição à ética protestante, de Max Weber. Enquanto a última valoriza o trabalho como modo de vida, a primeira o encara como paixão, aquilo em que o indivíduo se dedica de corpo e alma para divertir-se ao mesmo tempo em que realiza algo. Hackers, para Himanen (2001), defendem a liberdade de informação e a circulação de conhecimento acima de interesses econômicos e políticos.

Moura (2002) observa a coexistência de mecanismos de cooperação e controle na evolução das tecnologias digitais e dos usos que indivíduos e grupos fazem delas. Conforme a autora, essa dualidade está presente já na criação da internet, quando o aparato militar norte-americano, no contexto da Guerra Fria, procurava desenvolver uma rede de comunicação à prova de ataques soviéticos, de maneira a ter controle sobre a segurança das informações internas. Porém, na equipe responsável pelo desenvolvimento da rede estavam também acadêmicos, interessados em usar a tecnologia de rede para compartilhar dados entre universidades. Isaacson narra em detalhes essa história.

O resultado desse compartilhamento entre colegas foi uma rede que facilitou o compartilhamento entre colegas. E não por mera casualidade. A internet foi construída na crença de que o poder deveria ser distribuído, em vez de centralizado, e de que quaisquer ditames autoritários deveriam ser burlados. (ISAACSON, 2014).

Na revisão temporal apresentada por Moura, *hackers* ocuparam posições estratégicas em décadas seguintes, como estudantes e pesquisadores de centros acadêmicos influentes, como o *Massachusetts Institute of Technology* – MIT, militaram como engenheiros e ativistas na região conhecida como Vale do Silício, na Califórnia, e como analistas e desenvolvedores em projetos disruptivos em diversos países. Representaram uma força importante a favor da abertura e da cooperação. Do lado contrário sempre estiveram presentes o poder regulador do Estado e interesses privados.

Isaacson (2014) narra algumas das inovações mais impactantes da era digital e enxerga a convivência entre dois modelos de desenvolvimento: o da cooperação, em que a busca pelo lucro é menos importante do que o benefício a ser gerado pelo projeto; e o do controle, em que empresas desenvolvem um produto ou processo inovador internamente e só permitem acesso a ele mediante pagamento. Neste segundo modelo o nome *Microsoft* surge como principal exemplo.

Quanto ao primeiro, ele está representado nos movimentos de *software* livre e de código aberto, ambos inseridos no contexto de questionamento às formas tradicionais de organização social e de enfrentamento aos limites impostos pelas leis de proteção à autoria. Embora existam diferenças entre as duas terminologias, que inclusive geraram intensos debates entre comunidades de desenvolvedores, em síntese trata-se de uma abordagem à produção de programas de computador que concede maior liberdade ao usuário (RAYMOND, 1998).

Desenvolvedores de softwares de código aberto – o sistema operacional Linux é o mais conhecido exemplo – enxergam seus usuários como codesenvolvedores, compartilham avanços com frequência e assumem que uma comunidade de pessoas interessadas num projeto comum é mais eficaz do que uma equipe de colaboradores trabalhando pelo salário mensal. Esse modo de operação exige dose extra de humildade dos envolvidos, como resumido na observação de Raymond (1998, p. 7): “A melhor coisa depois de ter boas idéias é reconhecer boas idéias dos seus usuários. Às vezes, a última é melhor”.

Para Raymond, softwares de código aberto são produzidos à maneira de um “bazar”, em que o diálogo entre iguais ocorre mediante a liberação para uso comum das ferramentas necessárias para a produção (o código fonte). Seria o oposto ao método de trabalho da indústria de *software* tradicional, que protege o código como bem mais precioso e o desenvolve entre quatro paredes, com uma equipe específica dedicada ao trabalho. Aqui, o usuário é apenas consumidor de ferramentas prontas. Raymond chamou este modelo de “catedral”. Recapitulando: *Microsoft* é catedral, *Linux* é bazar.

Na adaptação dos conceitos ao jornalismo, o modo de produção em catedral descreve as organizações tradicionais, que produzem notícias protegidas pelas paredes das redações, sem compartilhar os processos com o mundo externo, apenas o produto final. Para tornar possível o modelo bazar, os diversos atores que interagem na produção de notícias, profissionais ou não, devem ter acesso às ferramentas e condições necessárias para a tarefa. Brambilla (2005) enfatiza que a

liberdade oferecida ao usuário diz respeito ao processo, e não ao produto final, que pode continuar tendo valor de comercialização. Mas esse produto deixa de ter fim em si mesmo, e pode representar um ponto de partida para novas discussões, a depender das vontades da comunidade de pessoas que interagem com seu conteúdo.

Usuários, nesse ambiente de cooperação, agem como os codesenvolvedores de *software* livre. Aderem a um projeto (ou reportagem) que faz sentido não somente ao mercado, mas a eles próprios. Por isso dedicam-se a auxiliar a produção de informações sobre o assunto específico, muitas vezes voluntariamente, aplicando ao jornalismo traços da ética *hacker* (HIMANEN, 2001). Assim, a notícia no jornalismo *open source*, ou de código aberto, é livre para:

ser apropriada, lida, distribuída e referenciada para qualquer propósito;  
 ser aperfeiçoada ou comentada de acordo com visões particulares que possam enriquecer os relatos (e para isso o acesso a ferramentas de publicação é fundamental);  
 ser produzida de modo irrestrito por diferentes pessoas, com diferentes objetivos, de modo que possa auxiliar a compreensão de um fato pela sociedade; (BRAMBILLA, 2005, p. 11)

Christofoletti preocupa-se com as implicações éticas da adaptação do jornalismo ao modelo bazar, já que, em comparação com *softwares*, ele:

[...] afeta terceiros, incide em reputações de organizações e pessoais, e também contribui para a formação do entendimento da realidade e das ideias, conceitos e juízos que a compõem. Quer dizer: é maior a escala de ação, e potenciais riscos e prejuízos. (2014, p. 276)

*Open Source Journalism*, ou jornalismo de código aberto, é termo bastante adotado por pesquisadores brasileiros. Também podem ser encontradas variações como jornalismo de publicação aberta e jornalismo de pauta aberta, opções que dizem respeito a preferências de tradução e que não modificam o significado conceitual (HOLANDA et al, 2008). Não à toa, conforme o autor, os trabalhos nacionais valorizam

as relações entre os diferentes atores comunicativos do que o conteúdo final.

O que o jornalismo *open source* vem provocar é uma instabilidade em um modelo restritivo, instabilidade esta que começa pela integração de dois pólos até então opostos do processo comunicacional midiático: o jornalista e o leitor/ouvinte/espectador. (BRAMBILLA, 2005, p. 9)

A década seguinte demonstraria que, a exemplo do que se observa na produção de softwares, o modelo bazar não substituiria por completo o modelo tradicional, mas ofereceria novas possibilidades que podem coexistir.

### **2.3 Um encontro de conceitos complementares**

Entre 2003 e 2004, duas obras de títulos semelhantes e produzidas quase em simultâneo marcam uma nova fase nos estudos acadêmicos sobre conteúdos jornalísticos gerados pelo usuário<sup>12</sup>. *We Media*, de Bowman e Willis (2003) e *We, The Media*, de Dan Gillmor (2005), assimilam a transformação acelerada pela digitalização e pela internet para traçar rota de pensamento que seria percorrida por grande parte dos estudos posteriores sobre jornalismo participativo. Ambos os livros discutem jornalismo e internet numa época em que *weblogs* eram o grande elemento disruptivo: sujeitos sem formação específica em comunicação publicavam conteúdos e disputavam a atenção do público com os jornais a um custo baixíssimo. O ecossistema informativo descentralizava-se, mas ainda não tínhamos *Twitter*, *Facebook* e *YouTube*, por exemplo, e o Google chegara ao mercado havia menos de cinco anos.

Por outro lado, àquela época o chamado jornalismo público ou cívico contava mais de uma década de experiências no mercado e

<sup>12</sup> Conteúdo gerado pelo usuário (CGU) é outra denominação adotada para fenômenos participativos no jornalismo com origem na engenharia de software. Sua aplicação, mais facilmente encontrada no mercado do que na academia, tem sentido prático e não carrega as implicações políticas das discussões sobre liberdade de expressão presentes nos movimentos de software livre e de código aberto.

análises de observadores e acadêmicos. Da mesma maneira, o debate sobre modelos de produção de software esquentava e se alastrava para outros aspectos da sociedade, inclusive a produção de informações sobre a realidade. Ambos os trabalhos alimentam-se dessas duas discussões.

A década passada marca um passo importante nos estudos sobre jornalismo participativo. Avanços tecnológicos, o agravamento da crise econômica da imprensa tradicional, e conexões entre as duas principais correntes de pesquisa conduziram ao reconhecimento de que o envolvimento de não profissionais nos processos de produção da notícia eram mais do que uma tendência.

Não é mais questão de se indivíduos sem educação formal ou licença profissional vão publicar sua própria produção e influenciar a esfera midiática, mas de quanto e como. (TRÄSEL, 2008, p. 79)

Gillmor (2005) admitiu que os leitores detinham mais informações do que qualquer jornalista jamais conseguiria reunir sozinho, e provocou os profissionais da imprensa tradicional a abrir suas práticas para ter acesso à inteligência coletiva. Jornalista especializado em tecnologia, acompanhava de perto debates sobre *software livre* e de código aberto. O autor foi um dos primeiros a perceber nos *weblogs* potencial para questionar o modelo de produção em catedral vigente nas redações industriais. Ele analisou o problema da perspectiva do jornalista que é, e pensou em alternativas para desenvolver a profissão com o auxílio das ferramentas digitais e dos novos comportamentos dos indivíduos que se relacionam com as notícias.

Dan Gillmor preferiu o termo “jornalismo cidadão” (*citizen journalism*) ou *grassroots*, no sentido de pessoas comuns formando comunidades à parte de instituições formais. Seu enquadramento da questão apresenta as diversas portas informativas abertas aos amadores (correio eletrônico, listas de discussão, fóruns, blogs etc.), mas reconhece que o desenvolvimento tecnológico ofereceria um problema novo logo à frente:

À medida que as tecnologias de criação e distribuição se forem tornando mais potentes e de dimensões mais reduzidas, e, em última análise, se tornarem parte da matéria de que a vida é feita, passaremos a dispor de um número muito maior de dados. E vamos precisar de ferramentas — e de



seres humanos — para nos ajudar a dar-lhes um sentido. (GILLMOR, 2005, p. 163).

O termo “jornalismo cidadão” expressa a visão de que os integrantes de uma comunidade, e não jornalistas profissionais, têm condições de se tornar os principais criadores de conteúdo noticioso (MIN, 2015), mas isso não significa necessariamente a aniquilação do trabalho jornalístico remunerado. O que Gillmor (2005) quer enfatizar é a transformação das relações entre profissionais e público durante a produção de notícias. Até aqui elas se davam aos moldes de uma palestra, enquanto no jornalismo cidadão os contatos se estabelecem na forma de conversas.

Bowman e Willis (2003) também exercem papel importante na integração conceitual. Sua definição de jornalismo participativo é a que mais se aproximou de um consenso entre autores da década seguinte. Para os autores, jornalismo participativo é:

O ato de um cidadão, ou grupo de cidadãos, exercendo um papel ativo no processo de coleta, reporte, análise e disseminação de notícias e informação. O objetivo desta participação é fornecer informação independente, confiável, precisa, ampla e relevante que uma democracia necessita. (BOWMAN e WILLIS, 2003, p. 9, tradução minha)

Os autores abrangem transformações nas práticas, normas, valores e conteúdo que evidenciam um jornalismo renovado. Estão presentes nesta formulação características atribuídas aos modelos *open source* e público. Ela evidencia o fenômeno independentemente da ação e da vontade de profissionais, como um movimento de baixo para cima, sem controle ou organização central. Em sua obra, Bowman e Willis discutem possibilidades para o jornalismo profissional neste ecossistema de colaboração, mas textualmente põem em dúvida essa necessidade.

Mas o jornalismo participativo não demonstra evidência da necessidade de um “jornalista” classicamente treinado para ser mediador ou facilitador. Inúmeros *weblogs*, fóruns e comunidades *online* parecem funcionar efetivamente sem um. (BOWMANN; WILLIS, 2003, p. 9).

Caracteriza o ecossistema pós-industrial a coexistência de meios jornalísticos pouco semelhantes entre si (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013), algo que também pode ser observado nas estratégias de participação existentes e em desenvolvimento. Modelos participativos encontram guarida em redações tradicionais de jornal, rádio e televisão (DOMINGO et al, 2008; HARRISON, 2010; SINGER et al, 2011), em plataformas digitais específicas com ou sem repórteres e editores envolvidos (MOURA, 2002; TRÄSEL, 2008; ASSIS, 2016), ou ainda em comunidades de indivíduos (online e offline) sem qualquer remuneração que preenchem o vácuo deixado pela crise da imprensa, especialmente em âmbito local.

*Participatory Journalism* (SINGER et al, 2011) fomenta a abrangente definição de Bowman e Willis, aprofundando-a em contexto internacional. Obra de oito pesquisadores que se debruçaram sobre experiências de veículos de mídia tradicionais em 10 países, o livro apresenta resultados de entrevistas com 67 jornalistas de duas dezenas de publicações. Para essa pesquisa de fôlego, jornalismo participativo é, concordando com Bowman e Willis (2003), o ato de um cidadão ou grupo de pessoas assumindo protagonismo na produção de informação jornalística, mas sua aplicação pode se dar tanto em iniciativas profissionais, a exemplo das empresas abordadas pelo trabalho, como em comunidades de informação sem editores ou repórteres. Produzida a partir de estudos realizados ao fim da primeira década dos anos 2000, os autores puderam observar e contemplar em sua análise fenômenos mais complexos que os *weblogs*.

No contexto desta dissertação, a preferência pelo termo Jornalismo Participativo leva em conta sua flexibilidade para abordar diversas manifestações do fenômeno, com ou sem a participação de profissionais. Esse aspecto é importante para se descrever, analisar e compreender novas experiências na área, que têm mais diferenças do que semelhanças entre si e não apontam para soluções generalizantes, supostas tábuas de salvação para o jornalismo. Como observam Deuze e Witschge (2015), no ecossistema pós-industrial há “jornalisms” a serem compreendidos que apresentam ideologia ocupacional, cultura profissional, rotinas e organizações distintas daquelas historicamente apresentadas como “fenômeno consensual”. Neste cenário, se cada distinção apresentada por uma experiência participativa merecer uma nova divisão conceitual, desarticula-se um fenômeno que, como demonstra a literatura recente, apresenta contornos gerais.

O usuário pode agir como um cidadão engajado em uma causa e mesmo assim produzir informações de interesse público, em outras sua participação pode ser menos voluntária ou consciente de seus efeitos. Em alguns momentos funciona como uma rede organizada e horizontal destinada a apurar informações e encontrar erros, como num *software* de código aberto. Em outras ocasiões o jornalista centraliza a conversa e enriquece seu trabalho com o resultado dela, a exemplo do que fez o repórter do *Washington Post* David Fahrenthold numa investigação sobre supostas doações feitas pelo então candidato à presidência dos Estados Unidos Donald Trump a instituições filantrópicas. Com o apoio de pessoas que o seguem no *Twitter*, Fahrenthold conseguiu demonstrar que parte das alegadas bondades de Trump não chegaram ao destino informado (BILTON, 2016). Também se encaixam nessa categoria modelos como o do *OhMyNews!*, que media a publicação de colaborações externas, e de *Hearken*, que organiza ideias e informações advindas dos leitores de websites locais.

De qualquer maneira, importa compreender que, uma vez derrubados os portões guardados pelos jornalistas na era industrial, “a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 46).

Outro aspecto que favorece o conceito de jornalismo participativo é o fato de que revisões abrangentes da literatura no Brasil (HOLANDA et al, 2008) e no exterior (SINGER et al, 2011) adotaram o termo. Como o presente trabalho recorta o objeto ao nível do comportamento do usuário, faz-se necessário um enquadramento mais geral que permita compreender o fenômeno como um todo. Assim, a pesquisa aqui apresentada busca dialogar com os demais autores do campo e contribuir com a evolução das reflexões sobre o jornalismo participativo.

Assim, este trabalho entende que o Jornalismo Participativo é definido pela relação dialógica entre indivíduos com ou sem formação profissional, demarcada por valores e normas que resultam de negociações entre cultura digital e *ethos* jornalístico, dando origem a práticas específicas de produção e distribuição de informações. Esta definição reconhece o diálogo como o núcleo para onde convergem *ethos*, práticas e o resultado do jornalismo participativo.



### 3 DECISÕES EDITORIAIS

Uma parte importante do trabalho de um jornalista profissional consiste em fazer escolhas dentre diversas possibilidades. Assuntos, abordagens, fontes, dados, palavras, ideias, pontos de vista. Tudo na rotina de produção do conteúdo jornalístico obriga os envolvidos a avaliar múltiplas alternativas e, dentre estas, assumir uma como a mais adequada. Nesse percurso, sempre que uma preferência é manifestada abandonam-se naturalmente as demais opções disponíveis. Indecisão, para o jornalista, na maioria das vezes, é estágio temporário, preparação para um destino inevitável.

Ao longo das cinco fases de produção midiática descritas no esquema engendrado por Domingo et al (2008), profissionais da área são impelidos a tomar decisões:

- a) Na observação, captam a complexa realidade sob limitações sensoriais humanas e concedem a certos acontecimentos a condição de notícia em potencial, descartando inúmeros outros.
- b) Depois, selecionam aqueles assuntos que de fato entrarão no canal produtivo e, dentre estes, quais merecerão maior investimento de tempo e de recursos.
- c) No processamento e edição, escolhem ângulos de abordagem, elencam fontes de informação, pinçam o que julgam necessário à compreensão do tema e prepara um produto midiático a partir das linguagens consideradas mais adequadas.
- d) Ao distribuir a notícia, optam por certos canais – e no século XXI as opções de canais à disposição do jornalismo são cada vez mais numerosas.
- e) Por fim, mediam a interpretação da notícia junto ao público, destacando certas vozes, conseqüentemente ignorando outras.

Uma vez que o ato de decidir percorre a rotina produtiva do início ao fim, muitos jornalistas o enxergam como cerne da profissão e apegam-se a essa responsabilidade de maneira a interdita-la a certos agentes externos (SINGER et al, 2011). Ou seja, se o fardo, ou a dádiva, a depender do ponto de vista, de escolher os define como grupo profissional, ninguém mais deveria fazê-lo.

Porém faz ou influencia o resultado das escolhas jornalísticas, no mínimo. Como construção social que o é, o jornalismo está imerso em influências estranhas ao ideal de buscar a verdade a qualquer custo. Rotinas, organizações, instituições sociais e o sistema de crenças

compartilhado pela sociedade em questão, além da subjetividade do indivíduo jornalista, podem ajudar a moldar o produto jornalístico que, portanto, também é social (SHOEMAKER e REESE, 2013).

Nesta segunda década do século XXI, as decisões jornalísticas passam por um profundo e contínuo, ainda que lento processo de desinterdição. Há mais indivíduos em condições de influenciar e até diretamente fazer escolhas, inclusive aqueles que compõem o que se convencionou chamar de público. Nesse contexto de transformação, há novas questões sobre escolhas jornalísticas que merecem atenção. Como cidadãos sem treinamento específico exercem a faculdade de decidir sobre conteúdos jornalísticos? Que critérios adotam? Que influências agem sobre as decisões deles? Este capítulo dedica-se a aprofundar essas questões.

### 3.1 A teoria do *gatekeeping*

Dentre as mais longevas e conhecidas teorias do jornalismo, o *gatekeeping* ajuda a descrever e explicar os processos de construção dos conteúdos jornalísticos. A curiosidade dos pesquisadores que o adotam invariavelmente parte da questão-síntese dos estudos em jornalismo: por que as notícias são como são (TRAQUINA, 2012)? Tentativas de respondê-la, ainda que o termo *gatekeeping* tenha sido aplicado neste contexto somente a partir do século XX, podem ser encontradas desde 1690, quando Tobias Peucer publicou a tese considerada pioneira em pesquisas sobre jornalismo. Há mais de 300 anos, portanto, observava ele que a matéria dos periódicos:

[...] são as coisas singulares, fatos realizados ou por Deus através da natureza, ou pelos anjos, ou pelos homens na sociedade civil ou na Igreja. Pois bem, como estes fatos são quase infinitos, cabe estabelecer uma seleção de modo que seja dado preferência aos axiommemóneuta, ou seja, àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos.” (PEUCER, 2004, p. 20).

Peucer admirava-se que fatos assim “têm sido mais abundantes que nunca neste século” (século XVII), constatação que, hoje senso comum, desafia a capacidade humana de cognição. Isso justifica a necessidade de “mediadores que transformam bilhões de eventos em um subgrupo gerenciável de mensagens midiáticas”. (SHOEMAKER e

VOS, 2011, p. 11). Mas como os mediadores (neste caso, jornalistas) separam o que deve ser de conhecimento público daquilo que, sem tratamento jornalístico, pode esvair-se pelo ralo da fugacidade? Em que condições e sob quais influências ocorre a construção social do conteúdo a ser compartilhado em público?

Na primeira metade do século XX, sob os efeitos transformadores da industrialização da imprensa e da ascensão do rádio, questões como essas ocuparam os primeiros acadêmicos dedicados a teorizar os meios de comunicação de massa modernos. David Manning White, em 1950, foi o primeiro a adaptar ao mundo da comunicação ideias delineadas pelo alemão Kurt Lewin, com quem havia estudado. Lewin procurava explicar mecanismos que estimulam ou dificultam mudanças sociais em determinadas comunidades. No trabalho em que detalhou sua teoria do *gatekeeping*, o autor analisa fatores que interferem nos hábitos de alimentação das pessoas (LEWIN, 1947, apud SHOEMAKER e VOS, 2011).

A comida, conforme Lewin, chega aos seres humanos por meio de “canais”. O supermercado, por exemplo, é um canal. Assim como a horta ou o pomar no quintal de casa. Na entrada e no caminho percorrido em cada canal há portões, que podem abrir ou fechar a depender da influência de forças sociais que agem sobre eles. Por exemplo, se no supermercado o preço da carne bovina sobe demais, há uma força negativa sobre o consumo e menos pessoas abastecerão as geladeiras com o produto. A mesma força econômica, por outro lado, pode influenciar positivamente a decisão de se comprar carne de frango, mais em conta para o consumidor. Quem decide se o portão abre ou fecha são os *gatekeepers*, que podem ser indivíduos ou normas estabelecidas (LEWIN, 1947, apud SHOEMAKER e VOS, 2011).

O próprio Lewin sugeriu que o modelo servia “não apenas para canais de comida mas também para a viagem de um item de notícias através de certos canais de comunicação em um grupo [...]” (LEWIN, 1951, apud SHOEMAKER e VOS, 2008, tradução minha).

White seguiu as indicações do colega e aplicou, não a teoria, mas uma parte da ideia relacionada ao *gatekeeping* de Lewin. Em *O Gatekeeper* (1993), o autor analisou as decisões tomadas por um jornalista cuja função era selecionar quais despachos das agências de notícias seriam incluídos na edição diária de um impresso local dos Estados Unidos. Na adaptação de White, o acesso ao canal por onde passa a informação até se tornar uma notícia publicada em papel é controlado pelo Sr. Gates, o *gatekeeper*. A clássica pesquisa centraliza a análise na figura do indivíduo jornalista, e não por acaso conclui que as

decisões editoriais são determinadas por preferências subjetivas manifestadas pelo senhor Gates.

Ao concentrar-se numa única etapa (ou portão) da produção jornalística, a seleção, e desconsiderar outras forças sociais, para além do indivíduo, que exercem valência positiva ou negativa em torno do canal informativo, o autor pouco avançou sobre o modelo de Kurt Lewin. Para Traquina (2012, p. 153), o *gatekeeping* “privilegia apenas uma abordagem microssociológica, ao nível do indivíduo, ignorando por completo quaisquer fatores macrossociológicos, ou mesmo, microssociológicos como a organização jornalística”. Não à toa o trabalho de White ajudou a reforçar dentre os profissionais o discurso de que as decisões editoriais em uma redação são majoritariamente intuitivas (VU, 2013).

Shoemaker e Vos (2011) consideram que White tomou emprestada a “metáfora” do *gatekeeping*, sem considerar o arcabouço teórico do modelo, simplificando-o ao nível binário da seleção: publique-se ou descarte-se. Impulsionado pela alegoria de fácil compreensão, o trabalho do norte-americano teve o mérito de provocar debates e novas pesquisas, tanto que seis décadas depois é reconhecido como um estudo clássico do jornalismo. Por outro lado, a metáfora do *gatekeeping* tornou-se mais forte que a teoria no imaginário profissional e até acadêmico. A imagem de um burocrata a carimbar informações sobre acontecimentos dando-lhes status de notícia, enquanto despeja outros na lata do lixo, ajudou a definir a atividade na segunda metade do século XX.

Breed (1993) deslocaria a análise do indivíduo para a organização jornalística, sustentando que as normas e políticas internas das empresas de comunicação determinam a atuação do profissional. O *gatekeeper*, neste caso, seria mero executor de ordens e manuais organizacionais. Em comum, tanto White (1993) quanto Breed implicitamente reconhecem que as ações do jornalista ou dos *publishers* de jornais podem “distorcer” a realidade – perspectiva contraditória à visão dominante entre profissionais e acadêmicos da época, para quem o jornalismo espelharia os acontecimentos tais quais ocorriam no mundo físico. Só isso já é suficiente para destacar o caráter inovador desses estudos pioneiros, ainda que só bem mais tarde tais proposições viessem a receber devida atenção.

Trabalhos subsequentes aprofundaram a trilha aberta por White (1993) na teoria do *gatekeeping* de Kurt Lewin, mas pouco acrescentaram ao modelo em termos teóricos. Estudos como os de Gieber (1956, apud TRAQUINA, 2012) e McNelly (1959, apud



SHOEMAKER e VOS, 2008) direcionaram atenção para influências advindas das rotinas organizacionais – horários de fechamento, por exemplo – e dos demais trabalhadores de uma redação, como editores e correspondentes. O senhor Gates não seria tão poderoso quanto se imaginava, afinal. As conclusões de White, entretanto, ainda encontrariam eco no trabalho de Paul Sneider (1966, apud SHOEMAKER e VOS, 2011), que repetiu o estudo com o senhor Gates original e chegou a resultados semelhantes no nível do indivíduo.

Entretanto, ressalva feita a eventuais tentativas de aprofundamento conceitual que possam escapar à história do campo acadêmico, “esses primeiros estudos largamente negligenciaram laços não apenas com a teoria dos campos de Lewin, mas também com teorias em geral” (SHOEMAKER e VOS, 2008, p. 78, tradução minha).

O trabalho de Pamela Shoemaker retrocede à linha proposta por Kurt Lewin, influenciados pela profusão de pesquisas sobre o fazer jornalístico desenvolvidas nos Estados Unidos principalmente a partir dos anos 1970. Nesta aplicação mais recente do *gatekeeping*, reaparece a perspectiva teórica original, incluindo a ideia de que normativas culturais, ou forças sociais, agem sobre as decisões que endossam ou limitam mudanças sociais. Para além da metáfora do portão e do jornalista-porteiro, tais estudos compreendem o complexo sistema de canais, portas e influências que fazem as notícias serem como são. Sob uma perspectiva construtivista-interacionista (TRAQUINA, 2012), entendem o jornalismo como uma construção social e seu resultado, um produto social.

Desse ponto de vista, *gatekeeping* não é um processo randômico, mas operações em série que se estendem por canais extensos e complexos, cujos portões são guardados por indivíduos, grupos, normas, instituições e sistemas sociais capazes de exercer influência sobre as decisões. Em lugar do determinismo encontrado nos estudos pioneiros, ou mesmo nas correntes estruturalistas que dão grande peso à influência de forças poderosas sobre o conteúdo jornalístico (TRAQUINA, 2012), os autores desenvolvem uma teoria do *gatekeeping* que:

[...] descreve o processo pelo qual os eventos são cobertos pelos veículos de comunicação em massa, explica-o considerando conceitos em cinco níveis de análise e mostra como é difícil prever qualquer coisa que envolva pessoas. (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 14)

Os cinco níveis de análise foram utilizados a partir do modelo teórico denominado “hierarquia de influências”, que procura clarear abordagens de pesquisadores sobre diferentes aspectos da produção comunicativa. Os autores partem de ideias propostas por Gans e Gitlin (1979; 1980, apud SHOEMAKER e REESE, 2013), organizando análises sobre o conteúdo jornalístico nos seguintes níveis:

- a) Nível individual: os trabalhadores da mídia, sua história pessoal, crenças, preferências e intenções.
- b) Nível das rotinas: processos organizacionais inerentes à profissão ou à organização midiática.
- c) Nível das organizações: influências advindas dos *publishers* e das empresas jornalísticas de modo geral.
- d) Nível das instituições sociais: interesses de grupos externos à mídia que influenciam a construção do conteúdo, entre eles as fontes e a audiência.
- e) Nível dos sistemas sociais: cultura e ideologia, aquilo que um grupo maior de indivíduos compartilha e que a mídia acaba por reforçar.

A aplicação deste quadro teórico implica na rejeição ao entendimento, ainda presente nos dias de hoje, de que as notícias “espelham” a realidade, e que portanto o trabalho de quem as produz é descrevê-la com exatidão. Mesmo que fosse possível isolar a produção de conteúdo de influências contidas nas cinco camadas de análise propostas, não haveria meios de reproduzir eventos cuja existência só se dá por meio dos sentidos humanos. Em outras palavras, o jornalismo é uma construção social complexa que resulta em um produto social que impacta a realidade percebida por indivíduos e grupos.

No contexto das tecnologias digitais, em que as limitações tempo-espaciais suavizam-se de modo a permitir que praticamente tudo seja publicado, a metáfora do guardião do portão informacional perde força. Não por acaso autores deste século, como Axel Bruns (2004, 2008, 2011), procuram substituir ou reconfigurar a ideia de *gatekeeping*, uma vez que tal simplicidade seria insuficiente para descrever os processos comunicacionais atuais.

Porém, a teoria, para além da metáfora do *gatekeeping*, segue sendo útil para explicar a construção de conteúdos jornalísticos na era da informação digital. Os diversos estudos conduzidos por Shoemaker e colegas (SHOEMAKER e COHEN, 2006; SHOEMAKER e VOS, 2008, 2011; SHOEMAKER et al, 2010; SHOEMAKER e REESE, 2013) demonstram que o modelo pode ajudar o pesquisador a compreender como e por que determinadas informações sobre acontecimentos

tornam-se conteúdos jornalísticos. E, tão importante quanto, por que diversas outras informações e acontecimentos ficam pelo caminho ainda que a capacidade técnica de transmissão e armazenamento de mensagens via internet seja quase infinita.

Como toda proposição teórica simplifica a realidade e inevitavelmente define limites para sua compreensão, certos fenômenos do atual ambiente jornalístico escapam à formulação teórica do *gatekeeping*. Nesta condição estão alguns dos aspectos ligados ao jornalismo participativo.

### 3.1.1 Valores de notícia

Acontecimentos adquirem o potencial de notícia quando reconhecidos por decisões jornalísticas, ou seja, para acessarem o canal de construção social do jornalismo precisam superar esse portão inicial. Para Traquina, os jornalistas têm o poder de dar a última palavra sobre o que deve ser avaliado como possível notícia e o que pode ser ignorado (TRAQUINA, 2012). Afirmação que implicitamente reconhece a existência de outras “palavras” no processo decisório, ainda que supostamente menos influentes.

Gislene Silva enfatiza que estudos sobre noticiabilidade (conceito expresso pela autora em sentido consonante com a noção de *gatekeeping* apresentada aqui) devem levar em conta “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia [...]” (SILVA, 2005, p. 96). Para Wolf (1999), o produto informativo resulta de “uma série de negociações, pragmaticamente orientadas, que têm por objecto o que é publicado, e o modo como é publicado [...]” (WOLF, 1999, p. 193).

Assim, quando aqui se aborda o tema dos valores de notícia, parte-se da premissa de que estes representam apenas um dentre vários componentes da noticiabilidade, para Silva e Wolf, ou apenas um dentre vários portões controlados por *gatekeepers*, na proposição de Shoemaker e Vos (2011) – no sentido de demarcar claramente esse caminho, acompanhamos a edição brasileira da obra, que traduz *news values* como “valores de notícia”, ao invés de “valores-notícia”, expressão desgastada pelo uso indiscriminado.

Valores de notícia são formações cognitivas que exercem influência sobre todas as fases da construção jornalística, atributos dados aos acontecimentos que podem facilitar ou dificultar sua passagem pelos portões dos canais informativos. Tais qualidades não são naturais, no sentido de que estão acopladas indivisivelmente aos

fatos, sem intervenção humana. A subjetividade dos sujeitos envolvidos na percepção e avaliação dos eventos está imbricada nos valores de notícia (SILVA, 2005; SHOEMAKER e VOS, 2011).

Para Gans (1979, apud, Wolf, 197), eles servem a uma operação processual e frenética, simplificando o raciocínio dos jornalistas, facilitando e acelerando a tomada de decisões, mas também flexibilizando-se para dar conta “à infinita variedade de acontecimentos disponíveis”. Nesta concepção, compartilhada por Elliot (1979, apud Wolf), valores de notícia são regras práticas, funcionais, cuja existência se justifica pela natureza dinâmica e veloz da atividade.

Há muitas listas de valores de notícia na literatura sobre *gatekeeping* e critérios de noticiabilidade. Parte deriva da necessidade de normatizar a prática, parte busca compreender o processo decisório, desnaturalizar as decisões dos *gatekeepers* e, enfim, explicar por que as notícias são como são.

Para uma visão geral do que diversos autores propuseram neste campo, é oportuno o trabalho de SILVA (2005), que organiza num quadro elucidativo a história dos estudos sobre os atributos dos acontecimentos. Em seguida, sistematiza um elenco de critérios na tentativa de contemplar a evolução das pesquisas na área.

O trabalho de Pamela Shoemaker traz abordagem que merece discussão. A autora propõe o que chama de “teoria biocultural” para explicar os atributos dados aos acontecimentos. Conforme seu pensamento, as reações humanas diante de diferentes tipos de eventos pode ser explicada, em parte, por “adaptações bem-sucedidas”, numa perspectiva declaradamente darwinista, ocorridas ao longo da evolução da espécie. O fator cultural, por sua vez, reconhece que a biologia proporciona às pessoas a capacidade de ver o mundo, mas é a cultura que determina como o mundo lhes parece (SHOEMAKER et al, 2010).

Começemos pela ideia mais controversa, com o traço positivista de procurar explicações biológicas para comportamentos. Os seres humanos seriam “programados” de maneira inata a monitorar conflitos, controvérsias e ameaças a seu estilo de vida. Dotados da habilidade de detectar riscos (e, da mesma maneira, também vantagens à sobrevivência), nossos ancestrais tiveram maiores chances de escapar a um ataque de tigre ou encontrar uma fonte de água. Assim, os humanos modernos prestam atenção a tudo que se desvia das condições cotidianas.

São três as classificações de desvios propostas por Shoemaker na teoria biocultural:

- a) Desvio estatístico: o esquisito, incomum, os desastres e realizações que são percebidos como fora da curva de normalidade.
- b) Desvio normativo: as leis e suas violações, o conflito e a controvérsia dentro dos sistemas legais.
- c) Desvio de mudança social: guerras, terrorismo, revoluções e tumultos que possam provocar mudanças sociais bruscas.

Outra parte da teoria, a que se refere à cultura, atribui nossa preferência por certos aspectos da realidade aos sentidos que os grupos humanos dão aos acontecimentos e às coisas. A significância social, conforme o modelo proposto, organiza-se em quatro categorias de valores:

- a) Significância política: os poderes e as relações internacionais.
- b) Significância econômica: negócios, moeda e comércio.
- c) Significância cultural: religião, moralidade, valores, artes e o papel das pessoas na sociedade.
- d) Significância do bem-estar público: saúde, segurança e qualidade de vida.

É curioso, mas também significativo, notar que as categorias propostas pela teoria biocultural de Pamela Shoemaker estão quase todas expressamente representadas no texto pioneiro de Tobias Peucer, de 1690.

Peucer (2004) discorre sobre “prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente” (desvio estatístico). As “novas leis, os julgamentos” (desvio normativo). “Os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas” (desvio de mudança social). As “diferentes formas dos impérios, as mudanças, os movimentos” e “os cargos políticos, os dignatários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino” (significância política), “os temas eclesiásticos e literários [...], os escritos mais notáveis dos sábios e doutos, as disputas literárias, as obras novas dos homens eruditos” (significância cultural) (PEUCER, 2004, p. 20-21). Sobram significância econômica, que acompanha a imprensa comercial desde o seu nascimento em meio ao mercantilismo e a significância do bem-estar público.

Tomemos o texto de Peucer como vestígio arqueológico do que se podia considerar “notícia” há 300 anos. Longe de invocar reflexões datadas para sustentar formulações teóricas contemporâneas, em contexto absolutamente diverso, esta menção a elas serve apenas para

sublinhar como, apesar da variedade de critérios identificados e organizados por autores deste campo (SILVA, 2005) e da alegada dinâmica desses critérios no percurso do tempo (WOLF, 1999), parece haver relativa estabilidade nas categorias de valores que dão a um acontecimento a condição de se tornar notícia.

Os valores de notícia, no entanto, não são suficientes para desvendar as razões que transformam acontecimento em notícia. Formam apenas um dentre muitos fatores que influenciarão como será a cobertura jornalística, então não se pode esperar que os julgamentos cognitivos sobre noticiabilidade estejam exatamente refletidos no artefato social das notícias. Valores de notícia são uma construção mental, um pensamento, enquanto o produto jornalístico é uma materialização, uma coisa (SHOEMAKER e VOS, 2008; SILVA, 2005).

O verbo "orientar" parece adequado para se descrever a força exercida pelos valores de notícia ao longo do canal jornalístico. Quando uma informação, empurrada pelos seus valores de notícia, supera a seleção dos acontecimentos que poderão receber tratamento jornalístico, carrega consigo aqueles valores nas demais fases de produção informativa. Eles exercerão também influência sobre a abertura dos portões subsequentes, ainda que outras forças sociais possam confrontá-los.

Portanto, embora os valores de notícia sejam de fato apenas uma parte do processo construtivo, por influenciarem decisivamente as primeiras decisões editoriais e permanecerem ativas ao longo de todo o canal, merecem análise cuidadosa. Sua influência sobre a construção noticiosa percorre toda a sucessão de portões, em níveis individuais e sociais, reforçando ou chocando-se contra outros tipos de forças. Os valores de notícia orientam a construção social do jornalismo, mas não a determinam.

### **3.1.2 *Gatekeeping* na era digital**

No ecossistema de mídia da segunda década do século XXI, as pessoas que trabalham dentro de uma redação jornalística produzem e publicam apenas uma fração do conteúdo em circulação (SINGER, 2014). Com a facilidade de se registrar, processar e disseminar conteúdo via aplicativos e aparelhos ágeis e móveis, o ecossistema jornalístico expande-se, borrando linhas que separam profissionais de amadores, instituições de grupos informais e notícias de entretenimento. Empresas, entidades e governos comunicam-se diretamente com o público, sem a

intermediação de jornalistas. Grupos de interesse e movimentos sociais mobilizam-se online e conquistam visibilidade sem depender de *gatekeepers* (JENKINS, 2008). Nem sempre os temas precisam ser pauta jornalística para ocupar as conversas dos cidadãos. Qualquer pessoa com acesso à tecnologia e habilidade mínima para se comunicar tem condições de fotografar um acontecimento e mediá-lo para que chegue a um número maior de pessoas. Via redes sociais, o público escolhe em quem confiar, o que consumir e compartilhar (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013).

Dados públicos armazenados em servidores digitais e leis que garantem acesso a eles permitem que cidadãos alcancem dados sem que reportagens jornalísticas tenham de desvelá-los. Marcas mantidas por gigantes da comunicação de massa passam a conviver com empresas novatas, nativas digitais, e com projetos e indivíduos sem fins lucrativos, um ecossistema que Anderson, Bell e Shirky denominam “pós-industrial” (2013). Para Traquina (2012, p. 212), todos esses “são fatores que apontam para a debilitação do controle político do jornalismo e para a existência dum campo jornalístico que é cada vez mais uma arena de disputa entre todos os membros da sociedade”.

Em síntese, “o poder e a influência dos editores sobre a pauta das notícias são inversamente proporcionais ao número de canais noticiosos disponíveis” (BRUNS, 2011, p. 121). Como no ecossistema pós-industrial o número de canais não para de crescer, autores como Bruns (2004) e Vu (2013) têm acusado a obsolescência da teoria do *gatekeeping* e provocado debates sobre a produção de conteúdo jornalístico num ambiente ainda mais complexo do que aquele analisado pelos pesquisadores do século XX. Para Vu (2013, p. 3, tradução minha<sup>13</sup>), “o modelo de hierarquia das influências foi criado no ambiente de mídia tradicional, com jornalistas estando notavelmente distantes da audiência”.

A hierarquia que separava profissionais de amadores suaviza-se (SINGER et al, 2011), com efeitos significativos nos processos e produtos jornalísticos. Shoemaker e Vos (2011) reconhecem a ascensão da audiência ao revisar o modelo teórico do *gatekeeping*. Para dar conta de explicar alguns dos processos que contam com a participação direta da audiência, os autores propuseram um novo “canal”, além de fontes e

<sup>13</sup> Texto original, em inglês: “the hierarchy-of-influences model was created in the traditional media environment with journalists being notably distant from their audience”.

jornalistas. Entretanto, descrevem o canal adicional como acessório à mídia de massa. Os usuários são vistos como *gatekeepers* secundários, que podem tomar decisões sobre o conteúdo produzido e entregue pronto pela mídia (compartilhar, recomendar, curtir).

Shoemaker e Vos (2011) admitem a maior autonomia da audiência para enviar feedbacks aos jornalistas e chegam a descrever a produção de notícias como um fenômeno em círculo, ao invés de linear. Mas não avançam em atividades mais complexas do público na produção de conteúdo. De certa forma, tais limitações coincidem com o ambiente midiático de 2008-2009, período em que a obra original foi finalizada, quando o jornalismo participativo era associado majoritariamente a *blogs* e a interação jornalística por meio de redes sociais digitais, como *Facebook* e *Twitter*, engatinhava. A teoria do *gatekeeping* revisada é, portanto, mais inclusiva em se tratando de participação da audiência, mas ainda “retém e reforça o papel primário e poderoso da mídia de massa no fluxo de informação” (LEE, LEWIS e POWERS, 2012, tradução minha<sup>14</sup>).

O que Shoemaker e Vos chamam de *gatekeeping* secundário ou *gatekeeping* da audiência parece fazer sentido na abordagem de Singer (2014), que analisa especificamente as decisões dos usuários quanto ao compartilhamento de conteúdos noticiosos produzidos por jornalistas. A participação dos usuários restringe-se ao portão em que eles recomendam ou não o conteúdo produzido por profissionais, operação considerada menos racional e estruturada do que aquelas exercidas no interior das redações. Ou seja, nessas situações os usuários podem até agir como *gatekeepers*, mas apenas se entendido no âmbito superficial da metáfora de White (1993).

Essa nova ‘visibilidade gerada pelo usuário’ não é a mesma coisa que o esforço concentrado de um repórter para apurar novidades; nem é normalmente realizada com a mesma racionalidade de uma decisão de um editor sobre o que deve sair na primeira página. (SINGER, 2014, p. 57, tradução minha<sup>15</sup>).

<sup>14</sup> Texto original, em inglês: “retains and reinforces the primary and powerful role of mass media in the flow of information”.

<sup>15</sup> Texto original, em inglês: “This new ‘user-generated visibility’ is not the same as a reporter’s concentrated effort to gather fresh information; nor is it



Como analisar, porém, a atividade de um cidadão que propõe temas para debate, apura informações contidas em bancos de dados públicos, associa-se a outros cidadãos para comparar o que sabe, indica fontes para jornalistas, registra acontecimentos em imagem e relata o que presenciou, entre tantas outras possibilidades observáveis no jornalismo participativo? Em alguns momentos, as ações do público se assemelham àquelas comuns ao canal das fontes; em outros, enquadram-se no canal dos jornalistas. Nesses novos processos de mídia, os cidadãos tomam decisões diretas sobre o conteúdo, o que configura mais do que uma “força” sobre a abertura ou não do portão noticioso. No jornalismo participativo, a audiência, por vezes, tem condições de controlar os seus próprios portões.

Bruns (2004, 2008, 2011) é mais taxativo sobre os problemas da teoria do *gatekeeping* e sugere trocá-la pelo que chama de *gatemwatching*. Para o autor, uma vez que no ecossistema atual os jornalistas compartilham com usuários a primazia da notícia, a metáfora do portão fortemente controlado perde validade. O acesso ao canal informativo passaria a depender de monitores (*watchers*), não necessariamente profissionais, que pinçam dentre um fluxo crescente de informações aquilo que deve ser realçado. A necessidade de se direcionar as audiências de notícias para aquilo que se considera mais relevante ou importante ainda existe, mas:

[...] esta necessidade pode ser atendida atualmente não pela exclusão de todas aquelas matérias noticiosas que caírem abaixo de um determinado nível de importância estabelecido pelo editor, como se pratica através de *gatekeeping*, mas simplesmente pelo destaque especial dado àquelas matérias consideradas mais importantes (BRUNS, 2011, p. 123)

O trabalho de Bruns tem o mérito de lançar luz sobre mudanças importantes nos processos de construção do jornalismo. Difícil discordar da constatação de que as notícias deixam de ser um produto estático destinado ao consumo passivo para se tornarem recurso dinâmico, em evolução e expansão permanente, que pode ser codesenvolvido por

---

typically undertaken with the same amount of thought as an editor’s decision about what to place on the front page.

jornalistas e usuários. Porém, o autor troca uma metáfora por outra sem aprofundar as implicações teóricas de sua escolha.

Bruns parece endossar visões deterministas sobre o conteúdo noticioso, enfocando o poder que o indivíduo, profissional ou não, tem sobre a decisão de abrir ou não o portão noticioso. Os demais níveis de influência pouco aparecem em sua crítica ao *gatekeeping*. Por sua vez, seu modelo de *gatewatching* descreve atividades que jornalistas e usuários executam no ambiente *online*, mas as influências que agem sobre as decisões dos supostos vigilantes ficam à margem da análise.

### 3.2 Estágios de produção jornalística

O modelo de hierarquia das influências tem demonstrado, ao longo dos últimos 20 anos, a oportunidade de estruturar categorias de análise para encadear esforços de pesquisa acerca dos processos de construção do conteúdo jornalístico. Tal organização permite que cada pesquisador enfatize com mais clareza suas questões e procure respostas específicas ao mesmo tempo em que reconhece a trama de forças sociais que orbita os processos jornalísticos.

Com o mesmo objetivo, Domingo et al (2008) sistematizaram a construção social da notícia em fases demarcadas, fornecendo um mapa aos pesquisadores que procuram compreender alterações nos processos jornalísticos ocasionados pelos fenômenos participativos. Diferente do modelo de hierarquia das influências, que não possui uma ordem estabelecida, mesmo que cronológica, os estágios de produção estão encadeados sequencialmente uns aos outros.

Os autores desenvolvem o esquema a partir de reflexões sobre a comunicação pré-mídia de massa, quando informações novas sobre a realidade eram percebidas, encadeadas, transmitidas e debatidas de indivíduo para indivíduo e entre redes de indivíduos. Apesar dos limites evidentes do ambiente de comunicação que predominou até o século XIX, afirmam os autores, “a maior parte da informação necessária para o funcionamento e sobrevivência de cada rede social estava contida na rede em si” (DOMINGO et al, 2008, p. 328, tradução minha<sup>16</sup>).

Os elementos essenciais daquele antigo modelo de troca de informações prosseguem válidos, argumentam os pesquisadores. Seriam

<sup>16</sup> Texto original, em inglês: “most of the necessary information for the functioning and survival of each social network was contained in the network itself”.

estágios de produção de informações que, com ou sem a presença de instituições, auxiliam comunidades a manter coesão informativa e social. Sem dúvida há espaço para se discutir a superficialidade do modelo e a generalização temporal proposta, mas em se tratando especificamente dos estudos sobre jornalismo participativo, a organização conceitual dos processos jornalísticos proposta pelos autores é bastante útil como abordagem metodológica:

- a) Acesso/observação: quando os eventos são presenciados ou registrados por alguém e se tornam mensagens, em texto, áudio ou imagens.
- b) Seleção/filtro: fase em que as mensagens são escolhidas para receber tratamento jornalístico.
- c) Processamento/edição: a criação do conteúdo, incluindo apuração, redação e edição.
- d) Distribuição: quando um produto midiático é disseminado e oferecido para consumo.
- e) Interpretação: momento em que outros indivíduos interpretam, comentam e debatem a história.

Em Domingo et al (2008), este modelo serve para analisar as oportunidades de participação oferecidas por publicações online ocidentais em cada um dos cinco estágios, enquanto em Singer et al (2011) a mesma formulação apoia discussão sobre interferências externas e internas que atrapalham ou potencializam intervenções do público nas diferentes fases de produção do conteúdo em publicações tradicionais. Esses dois trabalhos sugerem que pesquisas sobre a evolução do jornalismo participativo devem atentar para fatores que restringem ou estimulam a participação dos usuários, direção que remete imediatamente à hierarquia das influências (SHOEMAKER e REESE, 2013).

Não existem respostas fáceis para questões sobre qual fator ou combinação de fatores está comandando o processo, ou se um novo modelo participativo vai se estabelecer. Mas é óbvio que o seu desenvolvimento não depende apenas de uma diferenciação interna do jornalismo: a emergência das formas de participação é influenciada por vários fatores externos, como tecnologia, economia e estruturas culturais e sociais. (DOMINGO et al, 2008, p. 331, tradução minha)

Seguindo a direção indicada pelos autores, este trabalho propõe o cruzamento das categorias de influências com os cinco estágios de produção informativa, conforme o Quadro 1. Esse modelo teórico-metodológico avança em relação à sugestão de Domingo (et al, 2008), em razão da maior profundidade e abrangência oferecida pelos diferentes níveis de influências, e proporciona maior objetividade na formulação de questões e escolha de estratégias metodológicas para se estudar as relações do usuário no jornalismo participativo.

Quadro 1 – Influências em cada estágio da produção jornalística

	Indivíduo	Rotinas	Organizações	Instituições sociais	Sistemas
Observação					
Seleção					
Edição					
Distribuição					
Interpretação					

Fonte: elaborado pelo autor

Por exemplo, se uma pesquisa parte da curiosidade do pesquisador sobre as decisões dos usuários quanto a compartilhar ou não conteúdos jornalísticos via redes sociais, as preocupações do trabalho estarão posicionadas na linha da distribuição. Porém, há de se perguntar quais colunas de influências cruzam com as atividades dos usuários, conforme proposto no Quadro 1. No nível do indivíduo, por exemplo, pode-se pensar os atributos demográficos, étnicos, econômicos, sociais, identitários etc que podem interferir nas preferências manifestadas. No quadrante das rotinas, é possível investigar como práticas e cultura profissional dos jornalistas se relacionam com as novas abordagens advindas do público, ou ainda observar de que maneira os produtos midiáticos são organizados tecnologicamente de maneira a influenciar positiva ou negativamente as ações dos indivíduos. Os interesses e regras originadas nos interesses das empresas que fornecem ambientes propícios para o jornalismo participativo poderiam ser objeto de análise no quadro das instituições sociais. Enquanto ideologia e cultura presentes em determinada sociedade podem ser analisadas sob o ponto de vista do usuário que toma a decisão de compartilhar um conteúdo.

À diferença de Shoemaker e Vos (2011) e Lee, Lewis e Powers (2012), cuja abordagem classifica a participação dos usuários no seio das influências externas sociais/institucionais, o modelo ora apresentado

analisa as ações do usuário como indivíduo tomador de decisão, ou *gatekeeper*. Sua aplicação passa a fazer sentido, portanto, quando o usuário tem liberdade e condições para interferir e fazer escolhas. Essa adaptação conceitual reconhece a emergência dos cidadãos nas diversas fases de produção das notícias, inclusive naquela que Singer et al (2011) percebem como a menos aberta à intervenção externa: a de seleção/filtro das informações com potencial para se tornar notícias.

### **3.2.1 A participação nos diferentes estágios de produção**

Para clarear o caminho metodológico adotado no presente estudo, a seguir apresentamos pesquisas acadêmicas e experiências empíricas observadas no campo do jornalismo participativo, organizando-as dentro dos estágios de produção. Cada fenômeno suscita problemas diversos que podem ser atacados a partir da hierarquia de influências. Aqui, também ajudam a compor o ecossistema de mídia em que a pesquisa se desenrola.

#### **3.2.1.1 Acesso/observação**

Tão logo os usuários começaram a fazer uso de ferramentas como câmeras digitais, weblogs e redes sociais da internet para produzir e distribuir conteúdo, o jornalismo tradicional procurou apropriar-se dessa produção. Movimento que foi acompanhado por numerosos estudos no Brasil (para uma visão geral da trajetória nacional de pesquisas, ver HOLANDA et al, 2008) e no exterior. Bom ponto de partida para um percurso internacional sobre o assunto é a obra de Singer et al (2011), que inclui contribuições de pesquisadores de diversos países, cujos textos apontam para trabalhos anteriores.

Com o apoio de usuários espalhados territorialmente, jornalistas e meios têm à disposição capilaridade impossível de ser alcançada somente com o envolvimento de profissionais. Fotografias, vídeos e relatos de quem presenciou um acontecimento formam mensagens com potencial de se tornarem notícias. Na prática, fontes de informação testemunhais obtêm condições técnicas de registrar acontecimentos com maior frequência e qualidade, enquanto os jornalistas passam a estimular essa atuação com o objetivo de apropriar-se dos registros resultantes dela.

Em Singer et al (2011), a postura dos jornalistas e meios frente à participação do usuário é descrita de duas maneiras: parte das publicações e profissionais prefere relegar o material captado ao que os

autores chamam de *playground*, ou seja, os registros captados por agentes externos compõem uma área específica do conteúdo, demarcada em relação à produção de profissionais. Outra parcela de veículos jornalísticos integra essas contribuições ao noticiário tendo seus autores como fontes de informação. Aprofundaremos essas duas abordagens na próxima seção.

Publicações têm lançado mão de tecnologia para ampliar as possibilidades informativas desta força capilarizada de observação dos acontecimentos. A *Public Insight Network (PIN)*, desenvolvida pela *American Public Media* — rede pública de comunicação dos Estados Unidos —, permite que jornalistas freelancers e redações tradicionais contatem mais de 228 mil pessoas cadastradas voluntariamente como potenciais fontes de reportagens (Figura 1). O cidadão fornece ao sistema informações que possam auxiliar jornalistas a identificá-lo como alguém capaz de contribuir para uma reportagem.

Figura 1 – Tela principal da plataforma *Public Insight Network*

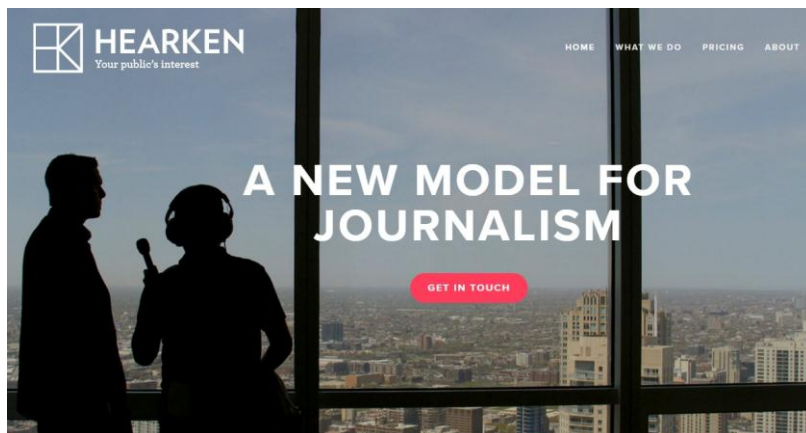
The screenshot shows the Public Insight Network (PIN) homepage. At the top, there is a red navigation bar with the text 'Public Insight Network' and 'AMERICAN PUBLIC MEDIA'. Navigation links include 'About', 'For Journalists', 'For Sources', and 'Get Support'. A search bar is located on the right side of the header. The main content area has a dark grey background. On the left, there is a graphic with a question mark icon, an arrow pointing to two people icons, and another arrow pointing to a 'NEWS' icon. To the right of this graphic, it says '228,650 sources informing journalists in 58 newsrooms'. Below this, there are two buttons: 'Join as a Journalist' (blue) and 'Join as a Source' (green). A section titled 'What we're asking, what you're saying' features three question cards. The first card asks about President Trump's budget plan, the second asks about Memorial Day staycations, and the third asks about gas leaks. Each card includes a brief description and an 'Add your insight' button.

Fonte: [www.publicinsightnetwork.org/](http://www.publicinsightnetwork.org/)

Também nos Estados Unidos, a empresa *Hearken* (Figura 2) fornece a veículos locais, como emissoras de rádio, uma plataforma para administrar contribuições do público. A ferramenta convida a população a apresentar questões que podem se tornar reportagens, outro exemplo

de envolvimento das comunidades na identificação do que deve se tornar notícia.

Figura 2 – Tela principal do website da plataforma *Hearken*



Fonte: [www.werehearken.com](http://www.werehearken.com)

Redes sociais digitais ampliam o ecossistema jornalístico oferecendo aos usuários a possibilidade de publicar informações, como registros de acontecimentos, sem intermediários. Com isso, uma importante moeda de troca adotada por publicações tradicionais em experimentos de jornalismo participativo, a visibilidade, perde valor. Por exemplo, se um cidadão usa o *smartphone* para registrar em vídeo um incêndio, por que enviaria o material para o *playground* (SINGER et al, 2011) de um jornal tradicional se pode fazê-lo diretamente em seu perfil no *Facebook*, no *Twitter* ou no *YouTube*? Ou, por que aguardaria a validação de um editor profissional?

Ao invés de jornalismo cidadão, estamos vendo o crescimento das mídias sociais, um espaço onde as pessoas tendem a agir como cidadãos, e não jornalistas, o que quer dizer que elas compartilham notícias, manifestam opiniões e

agem como testemunhas ocasionais. (ROSENSTIEL, 2015, p. 7, tradução minha<sup>17</sup>)

Experiências jornalísticas apoiadas em redes sociais digitais, como o Coletivo Blumenau (ASSIS, 2016), sugerem possibilidades de conexão entre cidadãos interessados em compartilhar testemunhos e jornalistas à procura de informações. No exemplo específico, habitantes do município de Blumenau (SC) contribuíram para uma cobertura coletiva, coordenada por jornalistas, sobre uma crise no transporte coletivo local.

Fotografias, vídeos e relatos em texto eram compartilhados por cidadãos, incentivados e mediados por três jornalistas, entre eles o autor desta pesquisa. Ao fim do primeiro dia já eram 240 cidadãos cadastrados, e mais de 100 imagens compartilhadas. Três dias mais tarde, quase 700 pessoas observavam os acontecimentos. Terminado o primeiro mês de atividade, o grupo reunia 2 mil colaboradores.

O Coletivo Blumenau ganhou destaque na imprensa local e em publicações nacionais especializadas, como o Observatório da Imprensa<sup>18</sup>, o que alavancou o número de usuários, mas também atraiu quem desejava explorá-lo para fins comerciais e político-eleitorais. Surgiram também *trolls*, como são chamados os vândalos digitais. Devido ao volume diário, inviabilizaram-se os controles manuais e tarefas complexas como selecionar e hierarquizar as informações deixaram de ser feitas regularmente.

A experiência teve grande relevância na trajetória desta pesquisa. Seus resultados, em parte frustrantes, devido à dificuldade de seleção das informações acessadas e compartilhadas pelo público, fomentaram dúvidas e inquietações que resultaram no estudo ora apresentado. Não por acaso práticas do Coletivo Blumenau inspiram os caminhos teórico-metodológicos escolhidos pelo autor.

Algumas das dificuldades enfrentadas durante aquela cobertura participativa poderiam ser amenizadas, ou até solucionadas, por

<sup>17</sup> Texto original, em inglês: “Rather than citizen journalism, we have seen the rise of social media instead, a space where people tend to act like citizens rather than journalists, which is to say they share news, voice opinions and act as occasional witnesses”.

<sup>18</sup> <http://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/coletivo-de-jornalistas-em-blumenau-fiscaliza-sistema-de-transportes>



tecnologias e métodos pensados especificamente para o jornalismo participativo. Conforme revelou a pesquisa exploratória, já existem algumas possibilidades neste sentido.

Figura 3 – Tela do grupo Coletivo Blumenau no *Facebook*

The screenshot shows the Facebook interface for the 'Coletivo Blumenau' group. At the top, there is a search bar and navigation tabs for 'Página', 'Mensagens', 'Notificações' (with a red '25' badge), 'Informações', and 'Ferramentas de publicação'. Below the navigation is a post by 'Coletivo Blumenau' (@coletivoblumenau). The post includes a colorful logo and a photograph of a white bus at a bus stop at night, with a child standing on the sidewalk. The text of the post reads: 'O inspirado registro de Rui Fontoura no Terminal da Proeb nem precisa de legenda. Mas faz lembrar que amanhã começam as aulas na rede municipal de Blumenau. Lá no grupo Coletivo Blumenau estamos organizando uma cobertura colaborativa. Vamos participar?'. The post has 1,768 likes and a 'Promover publicação' button.

Fonte: [www.facebook.com/groups/176549896043079](http://www.facebook.com/groups/176549896043079)

### 3.2.1.2 Seleção/filtro

*Hearken* também possibilita aos usuários selecionar quais, dentre as dezenas de questões apresentadas, devem ser prioritariamente respondidas com o auxílio do jornalismo. Profissionais organizam uma lista de perguntas endereçadas pelo público, admitindo a escassez de recursos para apurar todas as respostas, e promovem uma votação transparente. Os temas mais votados viram pauta jornalística e, após

atravessar os demais estágios de produção, são entregues na forma de reportagens. Aqui, o público é quem decide diretamente quando o portão informativo será aberto ou fechado.

Plataforma tecnológica que recebeu grande atenção de pesquisadores na década passada (MOURA, 2002; NOGUEIRA, 2002; BOWMAN e WILLIS, 2003; GILLMOR, 2005), *Slashdot* estabelece uma complexa rede de moderadores responsáveis por filtrar quais conteúdos enviados por usuários devem ser destacados no website, especializado em notícias e debates sobre tecnologia. Moderadores designados periodicamente pelo software devem avaliar os conteúdos publicados pelos demais usuários. Para além deles, meta-moderadores dentre os mais experientes usuários devem averiguar o trabalho dos moderadores. A descentralização do filtro informativo interessou pesquisadores, assim como o fato de que cada usuário carrega consigo um histórico de suas ações traduzido num *karma*, uma reputação no interior da comunidade.

No fundo, trata-se de um trabalho crítico em nada muito distinto do efectuado nos órgãos de comunicação convencionais por editores ou directores, ou, noutro plano, pela crítica e pelos opinion makers; salvo num traço bem distintivo: aqui quem faz o trabalho de edição são os também leitores. (NOGUEIRA, 2002, p. 8).

Em *Kuro5shin*, abordado por Träsel (2008), o sistema de votação também é descentralizado, permitindo que o usuário ajude a decidir, por exemplo, quais publicações devem aparecer na capa do website. Apesar de terem sido percebidas como indicadores de uma tendência à horizontalização das decisões editoriais no jornalismo, experimentos do tipo não contaminaram as redações jornalísticas nos anos seguintes, que seguem, de maneira geral, interditando o estágio da seleção a intervenções diretas do público (DOMINGO et al, 2008; HARRISON, 2010).

Profissionais de jornais impressos, emissoras de rádio, canais de televisão e portais noticiosos na web tendem a reagir de forma defensiva à participação externa. Mesmo quando elaboram estratégias de abertura à audiência, procuram normatizar os formatos de intervenção para fazê-los coincidir com padrões jornalísticos pré-estabelecidos. Estudos que abordam a tensão entre jornalismo e participação identificam uma lenta

negociação em torno da cultura e do ethos profissional, disputa que tende à imobilização.

Para Anderson, Bell e Shirky (2013), instituições jornalísticas e os processos inerentes à produção de notícias na era industrial são os principais obstáculos a mudanças importantes. Ryfe (2009) sugere que a dificuldade de mudar está atrelada à cultura e à identidade profissional dos jornalistas. Iniciativas no sentido de modificar práticas de apuração, edição e distribuição reconhecidas como legítimas pela classe, e que forjam o sentido de unidade profissional, são vistas como nocivas ao “bom jornalismo”, aquele que só os jornalistas seriam capazes de produzir. Na fase de seleção ocorre o ápice desses choques.

Lewis (2012) reflete sobre a tensão evidente partindo da sociologia das profissões. A convivência da cultura profissional com a cultura digital (DEUZE, 2006) opõe, de um lado, o controle exercido através de conhecimentos, práticas, valores e normas sedimentados por mais de um século e legitimados pela sociedade industrial; de outro, a lógica de desinstitucionalização, descontrole e engajamento do público característica da era digital.

Cultura e identidade profissional manifestam-se nos manuais e guias editoriais, mais preocupados em alertar para os riscos de abrir o jornalismo ao público do que apontar oportunidades nas novas relações com as pessoas (LEE, 2016). Retroalimentam-se de tarefas cíclicas e burocráticas do jornalismo organizado para atender à lógica industrial, resumidas na expressão tanto divertida quanto trágica “precisamos alimentar o bode”, dita por um editor em entrevista a Stencel, Adair e Kamalakanthan (2014). Comprometidos com o estômago do tal bode – páginas ou minutos de programação a preencher, horários a cumprir e demandas mantidas “porque sempre foi feito assim” –, repórteres e editores ignoram facilidades digitais que se apresentam dia após dia.

Práticas, valores e normas que compõem a cultura profissional dos jornalistas também influenciam que tipo de participação pode ser considerada válida (HARRISON, 2010), geralmente adaptando as ferramentas tecnológicas novas para confirmar a práxis pré-existente. Ekdale et al (2015) usam a teoria da difusão de inovações para enquadrar o problema e concluem que jornalistas estão mais dispostos a adotar mudanças tecnológicas do que reconfigurar as relações com o público e revisar fundamentos da profissão. Na mesma direção teórica, mas articulando-a com aportes da teoria do ator-rede, Micó, Masip e Domingo (2013) indicam que diferenças entre os corpos diretivos das empresas de comunicação e os trabalhadores das redações, reforçadas

pela comunicação falha entre os dois grupos, estimulam o conservadorismo.

Exceções à predominância da cultura profissional existem, mas elas geralmente estão associadas, no contexto da mídia tradicional, ao que Singer et al (2011) chamaram de estratégia do *playground*, quando uma publicação reconhecida, como o francês *Le Monde*, delimita o conteúdo gerado pelos usuários em áreas editoriais específicas, ou mesmo em títulos distintos afiliados à marca principal. No *playground* jornalístico a pressão sobre a credibilidade das publicações e dos profissionais é aliviada, uma vez clareada a noção de que no espaço destinado à participação dos usuários nem todas as regras que orientam rotinas profissionais são observadas. Não por acaso existe pouca ou nenhuma moderação editorial, o que na prática muitas vezes configura verdadeiro abandono. Conforme o estudo, o distanciamento dos jornalistas tende a obscurecer os conteúdos produzidos por não profissionais, desestimulando a participação com o passar do tempo.

Uma segunda estratégia adotada pelas publicações pesquisadas (SINGER et al, 2011) é tratar como fontes jornalísticas os usuários que geram conteúdo. Neste caso, equipes editoriais lançam mão de diferentes métodos de filtragem para encontrar, em meio a uma avalanche de intervenções, informações úteis ao trabalho dos jornalistas — e que se encaixem em pré-requisitos culturais da profissão.

Por outro lado, iniciativas relativamente afastadas de redações tradicionais como as citadas neste capítulo permitem crer em maior flexibilidade no futuro. Deuze (2006), em alinhamento com o conceito de remediação de Bolter e Grusin (2000), propõe reflexão sobre o que parecem ser sinais de negociação entre cultura jornalística industrial e cultura digital. Para o autor, a influência de uma remedia a outra, do mesmo modo que uma mídia nova remedia a pré-existente, e vice-versa. Jornais tradicionais se esforçam para parecer transparentes, abertos à fiscalização e às intervenções do público.

### **3.2.1.3 Processamento/edição**

O envolvimento de cidadãos não jornalistas no estágio de apuração das informações, seleção de fontes, redação e edição ocorre em diversas configurações, com maior ou menor controle dos jornalistas sobre o conteúdo que resulta do esforço. É mais fácil observar momentos de abertura neste estágio, porém, em iniciativas desvinculadas de redações tradicionais.

Brambilla (2005, 2006) aprofundou-se sobre o modelo do sul-coreano *OhMyNews*, que permitia a colaboradores produzir conteúdos do início ao fim, abrindo-lhes os três primeiros estágios de produção informativa. Na fase de edição, porém, profissionais do website revisam o material e decidem se deve ou não ser publicado.

O modelo foi adaptado a publicações espalhadas pelo mundo, como no website hiperlocal norte-americano *The Rapidian*<sup>19</sup>, que oferece uma espécie de mentoria editorial aos novos usuários até que possam publicar livremente, sem filtros; e ainda o brasileiro especializado em esportes *Torcedores.com*<sup>20</sup>, que propõe remuneração aos colaboradores que reúnem grandes volumes de audiência em torno de seus conteúdos. Na América Latina ainda há o exemplo da chilena “rede de diários cidadãos” *MiVoz*<sup>21</sup>, que concede a “correspondentes cidadãos” o direito de publicar conteúdos em seus 18 websites afiliados.

*Slashdot*, *Kuro5hin* e *Wikinews*, entre outros, até pela distância de publicações jornalísticas tradicionais, delegam mais funções desta fase aos usuários, permitindo que construam o conteúdo como bem entenderem. Somente após a fase de distribuição é que editores (ou moderadores) passarão a avaliar sua produção. Mais recentemente, a plataforma *Hearken* lançou nova funcionalidade, relacionada à fase de processamento/edição, chamada *open notebook*. Com ela, jornalistas podem compartilhar com o público informações durante a produção de reportagens, passo a passo, conforme a apuração avança.

### 3.2.1.4 Distribuição

Na análise de Domingo et al (2008) sobre 16 publicações online, os pesquisadores encontram websites jornalísticos pouco abertos à participação dos usuários na distribuição dos conteúdos, quadro que, quase 10 anos depois, observações empíricas revelam diferente. Mais do que permitir, jornalistas e veículos estimulam e criam condições para que os usuários compartilhem conteúdos prontos via email e redes sociais digitais (SINGER, 2014). Praticamente todo website jornalístico destaca botões para compartilhamento dos conteúdos na esperança de que os leitores ajudem a ampliar seu alcance.

<sup>19</sup> *The Rapidian* é um website sobre a região de Grand Rapids, Michigan (EUA). Para mais informações acesse [www.therapidian.org](http://www.therapidian.org).

<sup>20</sup> [www.torcedores.com](http://www.torcedores.com)

<sup>21</sup> [www.mivoz.cl](http://www.mivoz.cl)

Isso também pode ser verificado em plataformas como *Hearken*, que estimula os usuários a espalhar conteúdos e convidar mais pessoas a participar das dinâmicas participativas. Há também ações de distribuição que ocorrem à margem dos autores do conteúdo via redes sociais digitais. Em alguns casos, esta fase pode surgir mesclada com a próxima, de interpretação das notícias.

Neste estágio da produção de notícias a influência transformadora de redes sociais digitais como *Twitter*, *Facebook*, *YouTube* e *Instagram*, faz-se ainda mais presente. São empresas de tecnologia que reúnem indivíduos em plataformas que desprezam intermediários e privilegiam trocas horizontais, descoordenadas e descentralizadas. Embora rejeitem publicamente tal status, funcionam como plataformas de distribuição de notícias – 51% de 50 mil pessoas entrevistadas pelo Reuters Institute for the Study of Journalism (2016) afirmaram procurar conteúdo jornalístico nas redes sociais digitais, sendo que 12% as têm como principal fonte para conteúdos atuais sobre a realidade. Os brasileiros aparecem entre os que mais usam (72%) esse tipo de canal informativo – 18% como o mais frequente.

Os usuários do Brasil também estão entre os que mais interagem com notícias na internet: 90% dos entrevistados no país disseram ter, na semana anterior, curtido, compartilhado ou comentado conteúdo jornalístico em plataformas que vão do email a redes sociais digitais. Numa classificação de comportamento dos usuários frente às notícias, a maior parte dos brasileiros foi enquadrada na categoria de “participantes pró-ativos” (60%). A média entre os países pesquisados é de 31% de pró-ativos, ou seja, quase um terço dos usuários.

Redes sociais digitais não se apresentam como empresas de mídia, muito menos de jornalismo. Entretanto, ainda que conteúdos atuais sobre a realidade formem apenas uma pequena parte do seu universo, essas empresas estão reunindo poder político, social e econômico comparável à ascensão imprensa nos séculos XIX e XX. Tudo isso sem produzir conteúdo, confirmando que “o deslocamento de poder da criação para a distribuição é uma das mais dominantes e inequívocas distinções da era digital” (ROSENSTIEL, 2015, p. 9, tradução minha<sup>22</sup>).

<sup>22</sup> Texto original, em inglês: “the power shift toward distribution rather than creation is one of the most dominant and unmistakable distinctions of the digital age”.

Emily Bell (2016) descreve como *Google*, *Facebook* e outras empresas do Vale do Silício assumiram a distribuição de conteúdos, e também as estratégias de fazer dinheiro com o resultado dessa tarefa.

Mídias sociais não estão apenas engolindo o jornalismo, estão engolindo tudo. Campanhas políticas, sistemas bancários, histórias pessoais, indústria do lazer, comércio varejista, e até governo e segurança. O telefone no bolso é nosso portal para o mundo (BELL, 2016).

Não por acaso são frequentes os debates em torno do papel midiático de redes sociais digitais, plataformas tecnológicas que entregam notícias sem reconhecer a responsabilidade inerente a quem seleciona conteúdos — mesmo que por meio de algoritmos.

### 3.4.1.5 Interpretação

Há exemplos de abertura da fase interpretativa das notícias que datam de muito antes dos meios digitais se popularizarem, como jornais britânicos e norte-americanos dos séculos XVII e XVIII que deixavam espaços em branco para que os leitores comentassem as notícias e devolvessem o papel na forma de carta à redação (SINGER et al, 2011). Cartas e artigos publicados em páginas de opinião de impressos mundo afora são a forma mais comum de abertura ao longo do século XX.

Os meios digitais potencializaram as conversas em torno de um conteúdo jornalístico tornado público. Mais pessoas participam com menores limitações de tempo e de espaço. Os usuários podem interpretar o conteúdo jornalístico em caixas de comentários e fóruns instalados nos websites, mas também compartilhar em redes sociais digitais o hiperlink que leva ao conteúdo, adicionando novos elementos à discussão (CASTILHO, 2009). Neste caso, a publicação que originou o conteúdo pode ficar totalmente alheia à interpretação, que passa a se desenrolar em espaços sem controle profissional.

Outro componente que vem merecendo atenção de pesquisadores é a influência das métricas de audiência no comportamento de jornalistas e publicações. Nas redações desta segunda década do século XXI, jornalistas têm acesso a um volume inédito de dados sobre comportamentos da audiência. É possível saber em tempo real, por exemplo, o número de usuários que estão visualizando uma notícia, quais tipos de histórias, formatos e mídias as pessoas preferem, quais

temas geram mais comentários e reações do público etc. (VU, 2013). Munidas de informações detalhadas, equipes editoriais passam a estabelecer relação diferente com o público, o que pode afetar as decisões tomadas em todos os estágios de produção jornalística.

Welbers et al (2015), por exemplo, apontam contradições entre discurso e prática de jornalistas holandeses. No estudo sobre cinco jornais daquele país, os pesquisadores identificaram que resultados expressivos de audiência coincidem com coberturas jornalísticas que se estendem. Ou seja, os temas que rendem cliques permanecem por mais tempo no noticiário e ganham profundidade. Porém, quando questionados sobre a influência das métricas no trabalho de seleção das notícias, os editores das cinco publicações em geral a diminuem ou rejeitam. Para Welbers e seus colegas, as métricas estimulam os jornalistas a tomar decisões que colidem com as inclinações normativas da profissão. “Os jornalistas sempre foram influenciados pelos interesses da audiência, é claro - eles criam um produto que precisa de um mercado para sobreviver - mas essa influência nunca foi tão direta, explícita e imediata como é agora” (SINGER, 2014, p. 67, tradução minha)<sup>23</sup>.

Outros trabalhos sugerem, ainda que com limitações metodológicas admitidas pelos próprios autores, uma relação de causa e efeito entre métricas de audiência (cliques) e decisões editoriais em sites jornalísticos. Lee, Lewis e Powers (2012) cruzam dados de links mais clicados pelos usuários com a distribuição de conteúdos nas capas dos portais, e concluem que as escolhas da audiência influenciam as de quem edita capas.

Anderson (2011) adotou a análise etnográfica para averiguar as visões que os jornalistas de 60 redações dos Estados Unidos têm sobre a audiência, e como estas visões impactam as práticas profissionais. O autor conclui que os profissionais estão cedendo sua autonomia profissional às métricas, e que esse processo é mais visível em equipes responsáveis por publicações nativas digitais. Em todos esses estudos, a fase de interpretação não finaliza o processo de construção do

<sup>23</sup> Texto original, em inglês: “Journalists have always been influenced by audience interests, of course - they create a product that needs a market to survive - but that influence has never been as direct, explicit and immediate as it is now”.



jornalismo. Pelo contrário, torna-o mais imprevisível, complexo e menos linear.

Se assumirmos a digitalização como um caminho sem volta (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013), teremos um quadro de crescente reconfiguração das práticas de produção jornalística, desde a seleção dos temas a serem abordados até as decisões tomadas após a repercussão das reportagens junto ao público. Tecnologias novas, como métricas de audiência, proporcionam oportunidades para que o público interfira com maior frequência no trabalho dos jornalistas, direta ou indiretamente.



## 4 UM GRUPO FOCAL JORNALÍSTICO

Em busca de respostas para o problema central ora apresentado – Quais forças sociais exercem influência sobre as decisões dos usuários em ambientes de jornalismo participativo? –, os cinco estágios da produção jornalística (DOMINGO et al, 2008, p. 331) foram cruzados com as cinco categorias de influências que agem sobre as decisões editoriais, conforme Shoemaker e Reese (2013). Esse modelo teórico-metodológico, conforme discutido no capítulo anterior, proporciona maior objetividade na formulação de questões e escolha de estratégias metodológicas para se estudar o jornalismo participativo.

O objeto desta pesquisa está delimitado nos estágios de acesso/observação, seleção/filtro e processamento/edição. O estudo propõe-se a desvendar quais categorias de forças influenciam as atividades dos usuários nessas três fases produtivas, aquelas tradicionalmente menos acessíveis ao público.

Foi preciso transpor território cinzento para determinar um objeto empírico cujas características permitissem a observação dos fenômenos que interessam ao pesquisador. Esforço que incluiu uma pesquisa exploratória, ao longo do segundo semestre de 2016, em publicações e plataformas tecnológicas.

A procura inicial derivou de trabalhos acadêmicos sobre o jornalismo participativo em mídias digitais, a exemplo de Brambilla (2005, 2006), Moura (2002), Castilho (2009, 2015), Träsel (2008), Domingo (et al, 2008), Singer (et al, 2011), entre outros. Também recorreu a *weblogs* especializados em jornalismo digital e a buscas no serviço da *Google*. Em seguida dedicou-se a explorar, por meio da navegação na *web*, as possibilidades oferecidas pelos projetos encontrados. Muitas das iniciativas empíricas em jornalismo participativo exploradas nesta fase da pesquisa estão descritas ao longo desta dissertação.

Através das leituras e da exploração preliminar, um primeiro recorte feito pelo autor privilegiou projetos identificados com a cultura digital e com o ecossistema pós-industrial, desviando a pesquisa de redações tradicionais. Tal decisão se deu por dois motivos principais: em primeiro lugar, as experiências relatadas em diversos trabalhos – entre os quais Singer et al (2011) e Domingo et al (2008) destacam-se pela abrangência – demonstram grande resistência dos jornalistas e das organizações jornalísticas a intervenções dos usuários. O próprio autor desta pesquisa, em sua experiência de 16 anos como repórter e editor de jornal e rádio, observou tais dificuldades. Um segundo motivo é o

número relevante de pesquisas cujas abordagens avançam sobre as relações entre jornalistas, fontes e leitores no contexto de transformação das mídias de massa. Por identificar maior potencial de descoberta nos novos “jornalimos” que surgem dos meios digitais (DEUZE E WITSCHGE, 2015), o foco passou a ser o jornalismo participativo relativamente afastado da mídia industrial. “Relativamente afastado” porque seria impreciso considerar que uma experiência jornalística pudesse nascer totalmente desvinculada da construção histórica que é o jornalismo.

Porém, a exemplo do que Anderson (2011) observou, ambientes de trabalho cujas práticas desenvolvem-se livres de instituições fincadas na cultura industrial, 100% dedicadas às mídias digitais, tendem a oferecer condições especiais para observação.

No momento da escolha de um objeto empírico que possibilitasse a análise do comportamento de usuários durante a tomada de decisões editoriais, o pesquisador deteve-se sobre iniciativas jornalísticas que abrem um maior número de estágios da produção à participação. No contexto desta pesquisa, interessam aquelas decisões mais complexas tomadas pelo público, que superem escolhas consideradas mais superficiais, como dar ou não visibilidade a um conteúdo (SINGER, 2014) na fase de distribuição, ou comentar uma reportagem pronta durante a interpretação. O problema é que tal abertura não pôde ser facilmente observada, especialmente no ecossistema de mídia brasileiro.

Ao fim da busca preliminar, as plataformas norte-americanas *Hearken* e *Public Insight Network*, ambas já descritas no presente trabalho, surgiam como opções preferenciais, por permitirem a observação de comportamentos dos usuários nas fases de acesso/observação, seleção/filtro e processamento/edição; e por atuarem com certo nível de afastamento das redações tradicionais. Entretanto, diante da ausência de potenciais objetos empíricos desenvolvidos no Brasil com as características desejadas e das dificuldades impostas pela distância de eventuais objetos empíricos estrangeiros, uma possibilidade metodológica não mapeada até então despontou como via preferencial rumo aos objetivos traçados: a realização de grupo focal com usuários de jornalismo participativo.

Como se verá a seguir, tal estratégia realça as interações entre indivíduos num ambiente relativamente controlado, oferecendo diversas vantagens, assim como algumas desvantagens. Nesta dissertação, ela revelou-se capaz de provocar reflexões sobre potencialidades do objeto para além das representações disponíveis no mercado atual.

#### 4.1 Vantagens e desvantagens do grupo focal

Trata-se nesta dissertação de problema relativamente novo, cujas manifestações observáveis estão a milhares de quilômetros de distância, inseridas em comunidades desconhecidas do pesquisador. Nessas condições, as dificuldades inerentes à coleta e, principalmente, à análise dos dados, na avaliação deste pesquisador e de seu orientador, poderiam levar a resultados pouco relevantes.

Dilema posto, surgiu a ideia de retornar à estaca zero e adotar o grupo de *Facebook* Coletivo Blumenau – também já descrito neste trabalho –, como um objeto empírico em que fosse possível observar usuários propondo temas de discussão a partir da realidade acessada e produzindo/editando conteúdos sob a mediação de jornalistas. Essa opção, porém, oferecia outro óbice: o nível de atividade do grupo havia diminuído sensivelmente desde meados de 2016, e tentativas dos idealizadores de reanimá-lo revelaram-se infrutíferas.

Na banca de qualificação, em dezembro, quando essa trajetória cheia de percalços foi discutida, surgiu a ideia de observar comportamentos de usuários do Coletivo Blumenau num ambiente artificial: uma reunião que conduzisse indivíduos a tomadas de decisão editorial que emulassem o jornalismo participativo. Um grupo focal, ferramenta que já demonstrou eficácia em contextos acadêmicos e mercadológicos (COSTA, 2008; BLOOR et al, 2001).

Os procedimentos do grupo focal podem configurar uma entrevista coletiva (COSTA, 2008), em que mais de um indivíduo responde a questões do pesquisador, mas também podem ser mais complexos, com o desenvolvimento de atividades e tarefas específicas adaptáveis ao problema em questão. Morgan (1997) destaca que o grupo focal, ao reunir diversas pessoas num mesmo local e data pré-determinados, permite ao pesquisador observar um grande número de interações sobre um tópico específico num período determinado de tempo, diferentemente da observação participativa, por exemplo, que demanda maiores períodos de observação em locais diversos.

Porém, há a desvantagem de que “grupos focais são, em certo sentido, contextos sociais não naturais” (MORGAN, 1997, p. 8), portanto, os dados coletados estarão restritos às interações possíveis de serem observadas em grupos de discussão criados e geridos de acordo com o planejado pela pesquisa. O autor alerta que se o pesquisador estiver interessado em interações que superem o nível das discussões entre indivíduos, outros métodos de observação podem ser mais adequados.

Esta pesquisa adota o grupo focal com o objetivo de observar discussões, mas também a tomada de decisões por parte dos usuários. Quanto às decisões, além dos diálogos com e entre os usuários, são objeto de atenção as atitudes, admitindo-se a limitação de que, neste caso, elas ocorrem dentro de situações “artificiais”. Como se demonstrará a seguir, a experiência com o grupo focal nesta pesquisa confirma algumas fronteiras de observação, notadamente nas influências ao jornalismo nos níveis organizacional e institucional. Por outro lado, realça sua utilidade para estudo das inter-relações entre os usuários, oferecendo rico material para análise e discussão.

Priest (2011) defende a atualização do ferramental metodológico usado em pesquisas sobre meios de comunicação de massa para servir a questões relativas ao novo ecossistema de mídia. Conforme a autora, a maioria das estratégias e ferramentas adotadas para se estudar jornais, emissoras de televisão e de rádio, dentre outras mídias do ecossistema industrial, tem fundamentos que servem para aplicação nas novas mídias. Acreditamos ser esse o caso do grupo focal.

Morgan e Krueger (1993) consideram o grupo focal útil para extrair informações de grupos sociais que historicamente tiveram poucas condições de expressar-se e influenciar decisões. Situação em que se enquadravam os leitores de jornal, revistas e as audiências de rádio e televisão ao longo das últimas décadas.

Como estratégia metodológica adaptada às necessidades do problema tratado nesta pesquisa, o grupo focal serve ao pesquisador para observar comportamentos de usuários de mídia que já experimentaram ambientes de jornalismo participativo e/ou demonstram interesse pelo compartilhamento e discussão de informações jornalísticas. O recorte no universo de indivíduos a serem pesquisados baseia-se na necessidade de observar comportamentos de sujeitos capazes de decidir acerca de conteúdos sobre a realidade. Isso implica em descartar, já de princípio, pessoas sem acesso à internet (via computador, *tablet* ou *smartphone*) ou redes sociais. Ou ainda pessoas que detêm acesso a essas tecnologias, mas que não demonstram interesse/habilidade de exercer papel ativo e fazer escolhas sobre o conteúdo.

Por envolver seres humanos, o projeto desta pesquisa, incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), recebendo parecer favorável.

### 4.1.1 Recrutamento e organização da reunião

Para selecionar os indivíduos participantes, partiu-se da experiência empírica denominada Coletivo Blumenau, descrita no capítulo introdutório desta dissertação. Primeiro, o pesquisador identificou usuários frequentes do grupo de *Facebook* em que as atividades do Coletivo Blumenau se desenrolavam. Pessoas que apareciam constantemente na *timeline* do grupo porque postavam fotografias, vídeos e relatos textuais. Porém, percebeu-se que dentre os usuários mais assíduos havia grande predominância de homens jovens, entre 25 e 40 anos.

Diante disso, optou-se por recrutar uma parcela dos participantes fora dos limites do grupo Coletivo Blumenau, na tentativa de garantir maior diversidade de gênero e de faixa etária, assim como de ocupação profissional. O pesquisador procurou sujeitos na rede social digital *Facebook*, a partir do seu próprio perfil, e também a partir de indicações solicitadas a terceiros. Neste caso, o critério para seleção de indivíduos foi a frequência de atividade nas redes sociais digitais através de postagens, comentários e participação em debates.

Os critérios estabelecidos levaram em conta alertas de teóricos que se dedicam a estudar grupos focais. Embora certa heterogeneidade seja desejável para se aumentar a segurança e a utilidade dos dados obtidos, é preciso garantir que existam pontos em comum entre os participantes para que ocorram interações ricas. Do contrário, pode-se limitar o diálogo entre os indivíduos e até reprimir expressões daqueles mais tímidos (MORGAN e KRUEGER, 1993; COSTA, 2008). No grupo focal realizado, alguns dos participantes já se conheciam anteriormente, algo de certa maneira previsto, dado o tamanho da cidade de Blumenau e o fato de que parte dos indivíduos compartilhou o espaço *online* do Coletivo Blumenau. No entanto, a proximidade entre os presentes ajudou a estabelecer conversas rapidamente, de forma natural, e aparentemente não significou ameaça ou prejuízo aos resultados obtidos.

Bloor et al (2001) recomendam atenção quanto ao número de participantes necessários a um grupo focal produtivo. Reuniões com menos de seis participantes podem gerar poucas interações, enquanto em encontros de 12, 15 pessoas nem todo mundo consegue se expressar no tempo disponível. Como a dinâmica elaborada previa que os participantes teriam de executar tarefas e dividir-se em dois subgrupos, oito sujeitos pareceu um número adequado – combinando com

orientação neste sentido de Morgan (1997), autor referência em se tratando do uso de grupos focais nas ciências sociais.

No processo de escolha dos participantes do grupo focal, uma vez localizado indivíduo que se enquadrasse nos critérios descritos anteriormente, o pesquisador fazia uma primeira abordagem, sempre via serviço de mensagens do *Facebook*. Ao todo, 17 pessoas foram contatadas em abril de 2017. Após breve explicação, o pesquisador solicitava ao interlocutor um endereço de *email* para onde enviava mensagem formalizando o convite. Apesar de leves variações entre as diferentes mensagens disparadas, a correspondência informava que se tratava de um convite para participação em uma pesquisa sobre jornalismo participativo, que o estudo partia da experiência do Coletivo Blumenau (essa parte era excluída nos casos em que o destinatário não era um participante do grupo) e que haveria uma reunião com cerca de oito pessoas, todas “interessadas em discutir Blumenau e a circulação de informações sobre a cidade”.

A mensagem informava que o pesquisador, na reunião presencial necessária ao desenvolvimento da pesquisa, proporia atividades simples a serem desenvolvidas pelos participantes. Também fazia referência a documento anexo, uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice A). Por fim, informava data, horário e local, e esclarecia que o pesquisador custearia despesas com estacionamento e serviria um lanche aos presentes. Das 17 pessoas contatadas, 10 confirmaram a intenção de participar (cinco homens e cinco mulheres), mas uma das mulheres já no dia seguinte ao convite informou que não teria condições de estar presente. Uma segunda convidada do sexo feminino desistiu de comparecer no dia anterior à realização do grupo focal, também alegando problemas de agenda.

Portanto, no dia 27 de abril de 2017, às 19 horas, sete convidados compareceram à empresa Fábrica de Negócios, um *coworking* que loca salas de reuniões, situada à Rua Antônio da Veiga, bairro Victor Konder, em Blumenau (SC). A localização da empresa facilita o acesso, seja de carro, ônibus ou a pé. Fica em frente à Universidade Regional de Blumenau, ao lado de um grande supermercado, e com estacionamento anexo. Um participante chegou cerca de 15 minutos atrasado, quando a reunião estava em sua fase introdutória, conforme o roteiro previamente estabelecido (ver Apêndice B).

O interior do ambiente locado se assemelha a uma sala de aula. Possui cadeiras, mesas, projetor, ar-condicionado e sonorização. Duas mesas foram unidas de maneira a formar uma mesa maior, com oito cadeiras dispostas ao seu redor (Figura 4). Há duas janelas, uma ao



fundo e outra numa das laterais, que dão para o estacionamento. Como a reunião ocorreu após o horário comercial, não havia movimento de pessoas e veículos que pudesse ser visível do interior da sala, o que beneficiou a concentração de todos. Sobre a mesa, havia apenas folhas de papel A4 em branco e canetas azuis. Por solicitação do cinegrafista Rafael Baron Borges, contratado para registrar em áudio e vídeo o encontro, os presentes desligaram os telefones celulares. Isso porque os aparelhos provocavam interferência na captação do microfone, instalado em um pedestal posicionado ao lado da mesa. Um dos participantes apenas afastou o *smartphone* do microfone, porque estava aguardando uma mensagem importante.

Figura 4 – Imagem dos participantes reunidos dentro da sala



Fonte: *frame* do vídeo produzido por Rafael Baron Borges. Rostos foram borrados para preservar identidades.

Conforme o roteiro previamente estabelecido (Apêndice B), após breve apresentação de cada um dos presentes, o pesquisador promoveu uma espécie de aquecimento, conversando com os indivíduos sobre o Coletivo Blumenau, sobre redes sociais e, depois, apresentando em linhas gerais o exemplo da rádio norte-americana WBEZ Chicago, que adotou a plataforma de jornalismo participativo *Hearken* para convidar o público a apresentar sugestões de reportagens por meio de perguntas (*Hearken* está descrita em mais detalhes nos capítulos 2 e 3). Neste

momento, o pesquisador fez uso de um projetor em que mostrou três reportagens originadas de perguntas da audiência da emissora norte-americana (Figuras 5). O intuito da projeção, além de familiarizar e nivelar os participantes na temática do jornalismo participativo, foi introduzir as atividades que seriam propostas a seguir, de maneira a fomentar a participação imediata de todos.

Figura 5 – Exemplo de reportagem feita a partir de *Hearken*

The image shows a screenshot of a news article on the WBEZ 91.5 Chicago website. At the top, there is a navigation bar with 'DONATE' and 'CONNECT' buttons, and the station's logo 'WBEZ 91.5 CHICAGO'. Below the logo, it says 'LIVE ON AIR' and 'Worldview'. The article is titled 'First Responder: Why Do Fire Trucks Often Arrive Before Ambulances For Medical Emergencies?' and is by Monica Eng, dated April 2, 2017. There are two red buttons: 'PLAY 13 MIN' and '+ ADD TO QUEUE'. The main image is a sketch of a paramedic attending to a person on the ground next to a fire truck and an ambulance. The sketch is signed 'Katherine Nagasawa/WBEZ'.

Fonte: *website* da emissora WBEZ Chicago - <https://goo.gl/Xac6ca>

No roteiro planejado, as atividades procuram emular situações em que o público tem condições de intervir no conteúdo jornalístico. Publicações que usam a plataforma *Hearken*, a exemplo da rádio WBEZ Chicago, inspiraram tarefas propostas, mas também experiências observadas no Coletivo Blumenau e em outras iniciativas de jornalismo

participativo com as quais o pesquisador teve contato durante pesquisa exploratória feita ao longo do percurso da pesquisa.

A partir dos aportes de Domingo et al (2008), buscou-se oferecer aos participantes situações que se enquadrassem nos estágios de acesso/observação, seleção/filtro e processamento/edição do jornalismo. Ou seja, além de manifestar opiniões e debater com outros participantes, cada indivíduo precisava realizar tarefas – em essência, tomar decisões. Com essa organização, o pesquisador pretendia observar comportamentos dos usuários em diferentes momentos do fazer jornalismo participativo, procurando assim identificar influências que possam agir sobre as escolhas dos indivíduos.

#### **4.1.2 Decisões**

Na primeira tarefa formulada pelo pesquisador, cada participante recebeu uma folha A4 com duas perguntas redigidas em caneta azul em letras de forma:

- a) O que você quer saber sobre Blumenau?
- b) Por que essa pergunta merece uma reportagem?

Após cerca de 15 minutos, cada presente foi convidado a ler as respostas em voz alta e defender seus pontos de vista. Durante a leitura os demais indivíduos puderam fazer comentários livremente, gerando um princípio de debate sobre os temas apresentados. Essa atividade emulou práticas de jornalismo participativo da fase de observação/acesso (DOMINGO, et al, 2008), em que indivíduos observam a realidade e têm acesso aos eventos que podem se tornar notícia.

Na segunda tarefa, os oito participantes debateram as 15 perguntas diferentes apresentadas e tiveram de escolher, dentre elas, apenas duas que continuariam tendo condições de se tornar reportagens. Ao manifestar escolhas e confrontar argumentos, os indivíduos selecionaram e filtraram as informações reunidas na fase de observação.

A seguir, os oito convidados dividiram-se em dois grupos de quatro, tendo ciência de que cada pergunta selecionada na fase anterior ficaria a cargo de um dos grupos na tarefa seguinte. Os próprios participantes definiram os critérios de divisão, e mais tarde foram convidados a explicar tais critérios.

Na terceira atividade proposta durante o grupo focal, emularam-se práticas comuns às fases de processamento/edição do jornalismo participativo. Cada grupo de quatro indivíduos recebeu uma folha A4 com cinco questões:

- a) Como conseguir informações para responder à pergunta escolhida?
- b) Quais pessoas devem ser entrevistadas? Por quê?
- c) Quais documentos devem ser consultados?
- d) Que cuidados devem ser tomados para garantir qualidade às informações?
- e) Acrescentem quaisquer observações que julguem importantes.

Tratam-se de questões rotineiras para jornalistas profissionais, mas que no jornalismo participativo passam a desafiar também usuários sem preparo específico. Após cerca de 20 minutos, cada grupo recebeu outra folha A4. Este segundo conjunto de questões provocava escolhas comuns à fase de edição dos conteúdos jornalísticos.

- A. Como deve ser narrada a resposta? Que informações devem vir primeiro? Se possível, imaginem como seria o título.
- B. Quais recursos de mídia vocês usariam? Texto? Foto? Áudio? Vídeo? Ilustrações? Gráficos? Mapas? Tabelas? Outro?
- C. Esta reportagem envolve risco ou dilema ético? Prejudica alguém? Pode gerar processo?

Cerca de 20 minutos depois, cada grupo apresentou suas conclusões. Por fim, o pesquisador perguntou a todos se eles sentiam-se capazes de produzir as reportagens que propuseram. Em torno de 21h20min, o pesquisador agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a sessão de grupo focal.

## 4.2 Transcrição e análise dos dados

Do material coletado pelo cinegrafista, um total de 2h05min46seg em vídeo foi entregue ao pesquisador num arquivo 1,18 gigabyte em formato .MP4. Durante a sessão, foi necessário interromper a gravação algumas vezes, porque a câmera registrava até 20 minutos de vídeo ininterruptos. O processo de interrupção durava poucos segundos e, na maioria das vezes, ocorreu nos intervalos entre uma atividade e outra. Não houve prejuízo sério ao trabalho de transcrição e posterior análise dos dados.

A reunião de grupo focal foi transcrita na forma de texto num formulário que inclui a descrição dos registros em áudio, mas também registros visuais, como expressões corporais (Apêndice C). Uma estudante de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (Furb), ex-aluna do pesquisador, auxiliou no trabalho de degravação. A maior

dificuldade foi transcrever os diálogos da fase em que os participantes se dividiram em dois grupos. Como muitas pessoas falam ao mesmo tempo, algumas manifestações estão incompreensíveis ou indiscerníveis. Essa dificuldade foi percebida já durante a realização da sessão de grupo focal. Por isso, o pesquisador procurou observar mais atentamente o trabalho do grupo que estava mais distante da câmera, inclusive produzindo anotações que mais tarde auxiliariam a transcrição.

Em observância ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos, os participantes têm suas identidades preservadas na transcrição e análise dos dados. Os cinco homens que compareceram são identificados pela letra “M” seguida de um numeral, enquanto as três mulheres pela letra “F”, também acompanhada de um número. Apenas para fins de padronização, o pesquisador é chamado P. Na Figura 6 estão representadas as posições de cada participante no interior do recinto. Os oito indivíduos que participaram da sessão de grupo focal são:

F1: 19 anos, professora de inglês.

F2: 25 anos, estudante de jornalismo.

F3: 36 anos, bióloga e empresária.

M1: 23 anos, técnico de informática e estudante de administração.

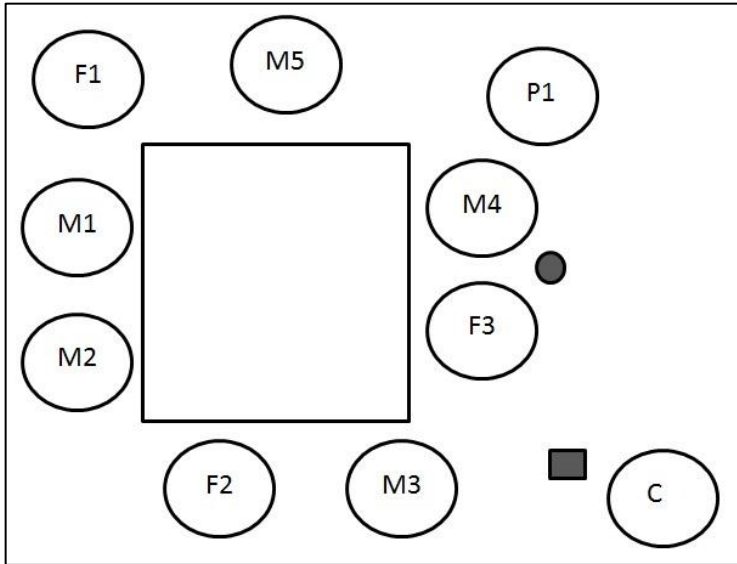
M2: 47 anos, dono de uma microempresa na área de informática e transporte.

M3: 36 anos, advogado trabalhista.

M4: 42 anos, arquiteto.

M5: 46 anos, analista de sistemas.

Figura 6 – Organização da sala em que ocorreu o grupo focal



Fonte: elaborado pelo autor. Legenda: o pequeno retângulo escuro representa a posição da câmera, enquanto o pequeno círculo escuro simboliza o microfone. C identifica o cinegrafista.

Os dados colhidos e transcritos foram analisados à luz do cruzamento entre os estágios de produção jornalística (DOMINGO et al, 2008, p. 331) e as cinco categorias de influências que agem sobre as decisões dos comunicadores (SHOEMAKER e REESE, 2013). Até onde o autor pôde avançar na revisão de literatura, a combinação teórico-metodológica proposta representa um passo novo em estudos sobre jornalismo participativo, algo ainda não experimentado.

O modelo proporciona categorias objetivas para se verificar as motivações dos usuários na tomada de decisões editoriais. No âmbito de cada estágio de produção jornalística, posicionado como categoria de análise, pergunta-se: que influências podem ser observadas nas discussões e ações dos participantes? No interior das categorias surgem os textos das conversas com e entre os indivíduos participantes, cujo conteúdo aponta para as categorias de influências, assim como manifestações não verbais, embora estas sejam abordadas com menor ênfase pelo pesquisador. Esta organização guia a análise que segue.

### 4.3 Influências ao nível do indivíduo

A escolha do grupo focal como estratégia metodológica acabou por privilegiar a coleta de dados ao nível de análise do indivíduo. Numa situação controlada e desnaturalizada, os principais indícios a serem analisados são justamente as expressões individuais, ainda que inseridas no contexto do grupo. Por exemplo, é mais fácil perceber na fala de um sujeito específico como vivências profissionais afetam suas decisões do que perseguir implicações culturais e ideológicas contidas nos sistemas sociais. Rotinas, organização e instituições sociais são analisadas levando-se em conta que, no grupo focal, vários desses elementos são artificiais, próprios da estratégia de pesquisa científica invocada.

Ao nível do indivíduo, o foco do esquema de hierarquia das influências são os criadores do conteúdo midiático (SHOEMAKER e REESE, 2013). Ora, se analisamos aqui comportamentos de usuários de mídia na condição de *gatekeepers*, é neste nível de influências que devemos procurar compreender sua atuação. Os autores admitem que a erosão dos limites entre profissionais e amadores torna mais difícil a análise de jornalistas como categoria profissional, mas posicionam a audiência ao nível das influências advindas de instituições sociais, o que decorre da natureza da abordagem, tendo o jornalista como núcleo para onde convergem todas as relações – e influências.

No presente trabalho, admite-se que em algumas expressões dos diferentes “jornalisms” (DEUZE e WITSCHGE, 2015) há mais criadores de conteúdo midiático, além de repórteres e editores. Para analisar como esses criadores tomam decisões, e que forças sociais agem sobre elas, é preciso posicioná-los como indivíduos no esquema da hierarquia de influências. Por outro lado, em algumas ocasiões a postura dos usuários se assemelha com a de uma fonte de informação – variação que desafia tentativas de categorização, como veremos ao longo deste capítulo.

Ao nível do indivíduo, além da profissão podem ser considerados, conforme o modelo de hierarquia de influências, fatores demográficos, de classe social, valores e crenças pessoais, o papel exercido dentro do contexto organizacional da produção de mídia, entre outras características. Como já relatado, o recorte no universo de pessoas selecionadas para participar do grupo focal privilegiou cidadãos com vivência em redes sociais ou na experiência de jornalismo participativo denominada Coletivo Blumenau. Decisão que favoreceu a presença de jovens e adultos, entre 19 e 47 anos, com acesso a

tecnologias como computador, smartphone e internet, e habitantes da cidade de Blumenau (SC).

### **4.3.1 Acesso/observação**

No estágio produtivo de observação da realidade, os participantes tiveram de responder à questão: “O que você quer saber sobre Blumenau”? As respostas a esta pergunta oferecem material para avaliar de que maneira os cidadãos acessam a realidade e que características enxergam num assunto com potencial noticioso. De acordo com o roteiro proposto, tratava-se de uma tarefa individual, em que os participantes deveriam agir sozinhos. Em parte, esse plano não se cumpriu, porque enquanto refletiam e escreviam as “sugestões de pauta”, os convidados faziam comentários em voz alta e travavam diálogos curtos. Isto não necessariamente prejudica a observação das manifestações individuais, uma vez que um isolamento total de influências outras seria impossível também em condições reais de atuação, seja de profissionais ou amadores.

#### **4.3.1.1 Histórico pessoal**

Em algumas das questões apresentadas nesta primeira tarefa é possível observar preferências dos participantes originadas a partir de vivências e experiências cotidianas, a exemplo do que sugerem Deuze (2006) e Assis (2016). Os cidadãos participantes do grupo focal, na fase de observação da realidade, consideraram pertinentes para debate público temas acessados por eles na vida diária, aquilo que faz parte da rotina e, em muitos casos, situações que se interpõem no percurso das situações rotineiras. Em síntese, aquilo que atrapalha ou que contraria objetivos e necessidades atuais do indivíduo.

Alguns dos convidados propuseram temas para discussão relacionados a sua atividade profissional. M3, advogado e representante da classe em um observatório social de contas públicas municipais, trouxe questão acerca da quantidade, considerada por ele exagerada, de contratos emergenciais estabelecidos pelo poder público municipal. M3 diz que “isso tá na minha cabeça, enfim, tá na cabeça do cara, trabalhando em cima disso”.

Está explícito no comentário o desejo de compreender uma situação supostamente obscura, exatamente no sentido em que atua a instituição onde se insere o advogado.



Tempo	Quem	Áudio
42'14''	M3	Pergunta: por que a administração pública de Blumenau demora tanto para lançar editais de licitação e fica contratando serviço de maneira emergencial, com serviço precário. E aí... É que isso tá na minha cabeça, enfim, tá na cabeça do cara, trabalhando em cima disso, então... E aí por que o lixo de Blumenau é levado para fora da cidade, sendo que há tecnologia de seleção, aproveitamento e geração de energia até a partir do lixo, inclusive a gente tem um depósito de matéria prima, de captação de energia... E aí, por que é interessante a reportagem? Por que é de interesse público, né, e o segundo ponto é a questão ambiental, inovação, tecnologia e economia, né... É isso.

F3, bióloga, apresentou sugestão de pauta sobre a gestão das 11 unidades de conservação ambiental mantidas pelo município de Blumenau. Suas falas, nesta fase da dinâmica proposta, estão repletas de conexões entre danos ambientais e problemas sociais sérios enfrentados pelas populações urbanas. A partir de 18' de gravação (ver Apêndice C), F3 discorre por três minutos e meio sobre como uma boa gestão de unidades de conservação pode evitar a disseminação de doenças e desastres naturais. Na análise que a bióloga faz dos assuntos em pauta, tais problemas se originam na falta de cuidado com o meio ambiente local.

Tempo	Quem	Áudio
19'35''	F3	É, e aí a gente tem outras perguntas, né, essa questão de segurança, né, coloquei assim: como ilhas de biodiversidade são áreas de permeabilidade hídrica, né, então elas auxiliam nas enxurradas, regulam a temperatura e outras questões de saúde pública. Tô trabalhando numa área que foi o epicentro da febre amarela e nos últimos 15 anos, ninguém fala isso, mas Ladainha ((Minas Gerais)) destruiu quase 50% das florestas e a culpa é do macaco, entendeu?
20'02''	M4	Foi no desastre da Samarco? Foi culpa disso?
20'06''	F3	Não só, gente, tô falando de um desastre do uso do solo nos últimos 20 anos. Assim, não que o da Samarco tenha dado problema ali, a gente ... Ladainha tá a 200 quilômetros em linha reta da... do, do... lá de... do rio, né? Bem, então, por que mereceria? Por causa dessa

		questão, assim, do quanto essas unidades de conservação, eu falo das unidades de conservação, mas falando do ponto de vista de planejamento, a gente tem outras áreas, que são áreas verdes e merecem nossa atenção e que estão perdendo áreas para a impermeabilização desse solo, né? Que você tira daqui um problema, mas tá jogando pra onde o problema?
--	--	--

Para além da profissão, surgiram também questões relativas a temas acessados em experiências cotidianas no contato com a cidade, como quando M2 apresenta pergunta sobre possíveis riscos da proliferação de capivaras no meio urbano Blumenauense. O participante informou que trabalha em uma área frequentada por esses animais.

Tempo	Quem	Áudio
28'05''	M2	Eu vou emendar a tua agora. As capivaras, né? Se existe controle ambiental desses bichos, porque... Não sei, eu acho que isso talvez traga doença, porque não tem predador, e se alastra...

Mais diante, M1 relata que perde muito tempo no trânsito de Blumenau nos trajetos de ida e volta para o trabalho. Sua sugestão de reportagem, na forma de pergunta, conforme a normatização estabelecida pelo grupo focal roteirizado, está ligada ao que o indivíduo considera solução para reduzir seu tempo de deslocamento:

Tempo	Quem	Áudio
30'11''	M1	Agora já emendo até na pergunta do M2. Quanto tempo leva pra construir uma ponte no Centro? Porque... vamos lá, hoje os problemas de mobilidade que a gente tá tendo na cidade, tá uma coisa terrível, então...Principalmente, eu agora tô trabalhando no Bom Retiro, é... Pra sair da Fortaleza, pra ir pro Bom Retiro ali, tu tem que atravessar a cidade toda. Tem que atravessar o Centro, levar, passar na ponte, ali na Adolfo Konder, levar uma boa sorte pra alguém te dar um espacinho pra conseguir cruzar ali na 15 pra entrar pra 7, senão tu tem que dar a volta lá na prefeitura. Hoje se tivesse uma ponte ida e volta ali em cima pela, é... No trajeto proposto pelo Napoleão, deixando bem claro que pelo menos esse parece um trajeto viável, não que a outra não seja, já ajudaria.

F1 trouxe problemática semelhante, partindo dos minutos perdidos em congestionamentos do trânsito urbano, mas não chegou a sugerir solução, a exemplo do que fez M1.

Tempo	Quem	Áudio
35'30''	F1	Ok, a minha pergunta meio que mais ou menos vem de lá pra cá ((aponta da direção de M1 e M2)) é... quão difícil é organizar o trânsito e por que isso nunca se resolve?

Situações vividas estão presentes nas falas, parte da história pessoal de cada indivíduo, elemento constitutivo da realidade observada. Na tarefa proposta, elas objetivam-se em indagações curtas com potencial para despertar respostas na forma de conteúdos jornalísticos.

#### 4.3.1.2 Valores de notícia

Na fase de observação da realidade, também surgem nas escolhas dos participantes certos critérios que os indivíduos adotam para coletar, dentre diversas situações cotidianas, aquelas que merecem ser tratadas como possíveis pautas jornalísticas. Como se viu, valores de notícia são construções cognitivas construídas socialmente que apresentam relativa estabilidade ao longo do tempo. No campo jornalístico, eles funcionam como um manual auxiliar do *gatekeeper* e não por acaso podem também ser posicionados ao nível de influência das rotinas.

Nesta análise, porém, a influência dos valores de notícia está posicionada ao nível do indivíduo porque os participantes não fazem parte da categoria profissional dos jornalistas. Os valores aplicados, portanto, não estão apresentados em cartilhas, como uma rotina a ser seguida. Em tese, os usuários avaliam as potenciais notícias sob critérios formados à parte dos estudos sobre jornalismo, embora não se possa excluir a influência da cultura e das práticas jornalísticas para além das fronteiras da profissão.

Nas decisões dos indivíduos presentes ao grupo focal, certos tipos de valores apareceram com maior ênfase. M5 apresentou a seguinte questão: “Como se dá o processo de planejamento urbano dentro do poder público municipal de Blumenau”? Na defesa que o analista de sistemas faz da possível pauta, surgem expressões como “caixa preta” e “transparência”.

Tempo	Quem	Áudio
17'03"	M5	Como é que acontece? Qual a estrutura que tem lá dentro, como são demandadas as mudanças de plano diretor... Quando tu vê no jornal eles anunciando: agora terreno tal vai mudar o zoneamento, não sei o quê... Qual a estrutura da secretaria, corpo técnico, né... e esse tipo de... assim, as entranhas dessa caixa preta que a gente não conhece. De vez em quando eles inventam uma audiência pública pra dar uma máscara de transparência lá pro negócio.

Outra pergunta, esta partida de M4, envereda pela mesma classe de valores de notícia. O participante propõe que seja investigada a influência de lojas maçônicas nas decisões tomadas pelo poder público de Blumenau “para que fique claro o grau de influência de uma entidade privada, exclusiva e secreta na condução dos interesses públicos e nas decisões de políticas públicas da prefeitura e outras instituições públicas locais, incluindo planejamento e questão ambiental”. Uma segunda questão apresentada por M4 apresenta componentes de curiosidade histórica, mas ao final ele também a direciona para os labirintos do poder local.

Tempo	Quem	Áudio
21'18"	M4	Eu posso, posso... Eu fiz duas, acho que têm relação. Vamos lá: minha primeira pergunta é qual o grau de influência real e poder de manipulação da maçonaria em Blumenau e por que não aceita mulheres? Por que essa pergunta merece uma reportagem: para que fique claro o grau de influência de uma entidade privada, exclusiva e secreta na condução dos interesses públicos e nas decisões de políticas públicas da prefeitura e outras instituições públicas locais, incluindo planejamento e questão ambiental. Então essa é a primeira pergunta, eu acho que tem a ver com, tem desdobramentos e tem conflitos aí que precisariam ser esclarecidos. E a segunda pergunta, fiz duas, né: quanto influente e abrangente foi o nazismo em Blumenau, na década de 1930 e quais seus principais atores, ações e princípios, na época, né? E o porquê: para compreensão histórica e quanto aqueles momentos influenciaram na formação dos grupos de poder dos dias atuais.

O interesse dos participantes em desvendar jogos de poder sublinha o funcionamento das instituições públicas e mecanismos de influência sobre suas decisões. Os cidadãos querem saber como leis, decretos e políticas públicas são formuladas e em que medida os agentes públicos estão preocupados com a qualidade de vida da população quando lidam com temas a exemplo de meio ambiente, mobilidade urbana e acesso à cidade. Estão presentes nessas escolhas feitas pelos participantes elementos de significância política e significância do bem estar público, conforme a teoria biocultural dos valores de notícia (SHOEMAKER et al, 2010; SHOEMAKER e REESE, 2013). Há também uma busca por desvios normativos. O que se pretende saber é se algo ilegal, irregular ou imoral ocorre nas relações de entes privados com agentes públicos, situações que contrariam o que se espera da administração pública.

Na mesma direção segue a questão apresentada por M3, que por ser advogado parece inclinado a discutir como se constrói o regramento municipal. Surgem novamente o desvio normativo, na estranheza do proponente em relação a comportamento recorrente da administração pública – no que concerne aos contratos emergenciais mantidos com fornecedores – a significância política e a significância do bem estar público.

M2 e M1 oferecem questões semelhantes entre si, em torno do projeto de construção de uma ponte no Centro de Blumenau. As sugestões pretendem esclarecer – e encerrar – polêmica paroquial que já dura 15 anos sobre qual deve ser o local exato da futura travessia sobre o rio Itajaí-Açu. Decisão tomada por administradores públicos, mas sob a influência de forças sociais mais difíceis de definir.

Tempo	Quem	Áudio
28'54''	M2	No caso da ponte, né, como saber se o local da tal ponte, essa ponte ela tá em local correto né...

O desvio estatístico, que aparece com frequência nas decisões de jornalistas em diferentes contextos sociais (SHOEMAKER et al, 2010), no grupo focal realizado pode ser identificado, mas de maneira menos recorrente. Por exemplo, M2 menciona a possibilidade de uma capivara entrar dentro de uma piscina doméstica, situação que o participante imagina a partir da onipresença destes animais perto de rios e ribeirões da cidade, inclusive próximo ao local em que ele trabalha diariamente. M1 questiona: “o que aconteceu que o transporte coletivo perdeu de 120

mil passageiros para 80 mil passageiros”? Numa população crescente, normal seria o número de passageiros aumentar.

Aparecem ainda influências contidas no que a teoria biocultural enquadra como “desvios de mudança social”, situações capazes de provocar convulsões e mudanças bruscas. Elas surgem entremeadas pela significância de bem estar público, por exemplo, quando F3 cita a febre amarela e desastres naturais (Blumenau historicamente sofre com inundações e deslizamentos de terra), e ainda na preocupação manifestada por M1 com o risco de a cidade ficar paralisada na hipótese de um problema grave na maior estação de tratamento de água do município.

Tempo	Quem	Áudio
34'24"	M1	Pois é, então isso daí daria uma boa questão pra se avaliar também, por que hoje, por exemplo... Depende tudo da ETA 2, faltar água na ETA 2 metade da cidade tá parada.

A significância cultural permeia debates nos estágios produtivos subsequentes, despertados por uma questão trazida por F2 que aparentemente não gerou grande interesse inicial.

Tempo	Quem	Áudio
25'14"	F2	Eu fiz uma pergunta que talvez ligue, um pouco, brevemente com a questão no nazismo, mas são perguntas bem simples que foi o que eu consegui pensar agora, que é por que nos orgulhamos tanto da nossa origem alemã, acho que tem alguma relação... E as outras duas são mais bobinhas: por que o blumenauense tem uma cultura de abandonar animais na rua e por que Blumenau tem tantas casas e prédios históricos, com arquitetura diferenciada, abandonados?

A estudante de jornalismo, descendente de imigrantes alemães, pretende compreender de onde vem o orgulho étnico manifestado frequentemente pela comunidade local. F2 propõe discutir ainda o que chama de “cultura de abandonar animais de rua”, comportamento recorrente que também comporia o modo de ser do blumenauense, além do mau estado do patrimônio histórico e arquitetônico. Componentes identitários que ajudam a definir a maneira como o próprio cidadão local

se enxerga. Tais aspectos também podem ser analisados sob o prisma dos sistemas sociais, que serão retomados adiante.

### 4.3.2 Seleção/filtro

Como a dinâmica da primeira tarefa proposta aos participantes do grupo focal acabou por permitir apartes e interações, já na fase de observação, pôde-se perceber choques entre diferentes interesses individuais que podem ter influenciado, ou antecipado, decisões na fase seguinte, a de seleção, quando as vontades de diferentes indivíduos se cruzaram efetivamente.

#### 4.3.2.1 Histórico pessoal

Algumas dessas intervenções demonstram comportamentos dos usuários para fazer valer os seus pontos de vista sobre os dos outros, situações em que o comportamento situa-se no limite entre a categoria de indivíduos criadores de conteúdo e a de fontes de informação. Na pergunta sobre o suposto perigo que capivaras ofereceriam a populações urbanas, ocorre o seguinte diálogo:

Tempo	Quem	Áudio
28'17"	M4	Nós temos uma bióloga aqui.
	M2	Pois é, até queria fazer uma pergunta pra ela, porque isso acaba se proliferando de uma forma desordenada... Não? Vai tomar banho na nossa piscina, lá... O bichinho.
28'30"	F3	Faz uma cerca, ela não vem.
	M2	Não sei, é uma preocupação, porque onde eu trabalho agora vem muita capivara, então tem fezes, tem aquela coisa toda, assim... É... Eu sempre ouvi falar que a capivara traz carrapato, que mata o sapo, que daí gera um ciclo, né... Essa cultura, né? Enfim, é uma dúvida que eu sempre tive, né?
28'50"	F3	Boa pergunta, boa pergunta pra ser respondida...

F3 diminui a gravidade da situação apontada com preocupação por M2. E, ao considerar a sugestão uma “boa pergunta”, fala rindo, em tom de quem considera importante esclarecer o assunto para que os temores de M2 sejam extintos e as capivaras, deixadas em paz. Enquanto M2 apresenta um temor originado no contato cotidiano com

capivaras ao redor dos rios e ribeirões de Blumenau, algo que de fato faz parte da experiência dos habitantes locais no contato com a cidade, a bióloga F3 demonstra estar preocupada com o bem estar dos animais.

Na questão trazida por M1 sobre a construção de uma ponte no Centro de Blumenau, já relatada neste capítulo, a oposição parte de M4, arquiteto e urbanista, mas se alastra entre outros participantes, como M2 (empresário do setor de tecnologia que atende o setor de transporte coletivo), M3 (advogado que informou já ter atuado no setor de transporte coletivo) e F3, bióloga cujas falas privilegiam modais de transporte ambientalmente menos danosos. Durante o desenrolar da conversa, M1 retoma o drama pessoal de perder várias horas no deslocamento de casa ao trabalho e vice-versa e enfatiza que uma ponte poderia ajudá-lo, mas não sensibiliza os interlocutores. Ao mencionar a possibilidade de uma ponte no Distrito do Garcia, área ambientalmente sensível que historicamente sofre com enxurradas e deslizamentos de terra, M1 é novamente interpelado por M4, apoiado por F3, M3 e M2.

Tempo	Quem	Áudio
31'09''	M4	Cara, é um equivoco em todos os sentidos essa ponte.
	M1	Pois é, ou fazer uma ponte um pouquinho mais pro lado, porque assim, hoje pra tu vir da Fortaleza pro Bom Retiro, por exemplo, é um parto e assim, determinado horário por ali, 7 horas da manhã, 7 e 20, eu chego a levar 35 minutos só pra fazer um trajeto curto que eu levo em 5/7...
31'29''	M4	Vai de bike, cara.
	M2	É, vai de bike.
	M1	Ah tá, com o meu peso...
	M3	Vai perder peso.
	F3	É, vai perder peso.
31'41''	M1	Um segundo problema seria em relação ao corredor Norte, por que é que o corredor Norte não tá saindo do papel? Tem outro plano de mobilidade lá pra região da Itoupava Central...
	M3	Tá pra sair...
31'57''	M1	Por que assim, não só pelo corredor, mas assim, porque hoje pra ir pro, são dois lugares que hoje tu não vai, Itoupava Central e Garcia... Isso até era uma pergunta bastante interessante também: por que é que não tem outra ponte no Garcia, mas aí não vem ao caso agora. É um outro...
	F3	Aonde ponte no Garcia?



32'11"	M4	Mas cara, só pra tu.. tu...se tu tá com o colesterol alto, assim, o médico não vai mandar implantar mais veias pra não ter mais colesterol... Então a questão chave é essa: enquanto continuar o modelo do carro e todo mundo fizer só o planejamento única e exclusivamente baseado no carro, não tem solução. É só enxugar gelo, não adianta, cara, eu estudo isso há 15 anos. Então assim, não que não tenha que fazer ponte, não tô dizendo isso, mas é que tem que mudar o modelo, senão...
--------	----	--

A partir desta última fala, em que o arquiteto M4 posiciona-se como alguém que estuda mobilidade urbana há 15 anos e recorre ao didatismo de uma analogia para defender seu ponto de vista, M1 passa a desviar do assunto “trânsito”. Mais adiante, apesar do tema acabar selecionado pelo grupo para ser tratado em maior profundidade, no momento em que os indivíduos se dividem em duas equipes ele prefere integrar aquela que não falará de mobilidade urbana.

Na fase de seleção/filtro, também intensificam-se pontos de contato entre diferentes maneiras de se compreender e interpretar a realidade acessada. Neste momento, a construção social do jornalismo se dá em conversas fluidas, cujos caminhos tortuosos se mostram imprevisíveis e complexos de se analisar. Variados temas cruzam-se e usuários procuram pontos de concordância para obter consenso e, talvez, aceitação dentro do grupo.

Inicialmente, os participantes buscam conectar os diferentes temas apresentados dentro do contexto do planejamento urbano municipal, onde estariam contempladas questões como preservação ambiental, tratamento de água e mobilidade urbana. Assim, a escolha abarcaria intencionalidades de mais indivíduos, evitando-se choques na tomada de decisão.

Tempo	Quem	Áudio
33'29"	M1	É, hoje uma outra questão que eu levantei aqui, como diz o outro, a cabeça começa a pensar e vêm algumas perguntinhas. Hoje, por exemplo, Blumenau se detém refém de uma estação de tratamento onde atende 70% da cidade. Estação de tratamento de água, tá? A ETA 2, O que é que falta talvez pra cidade começar a pensar, entra em planejamento também, pra construir uma nova estação ou melhorar essa captação, que daí entra

		também no que o M4 falou, hoje eu só vou botando veia, vou implantando nova tubulação, só que falta água.
34'09''	M3	Daí entra na questão dela.
	M1	É, entra na questão dela. Por que falta água?
	M3	Daí entra na questão dela.
	F3	E daí eu digo que falta um plano de conservação e restauração de Mata Atlântica e o pagamento dos serviços ambientais. Começa a ter...
	M3	A cidade é toda irrigada por água suja.
	M1	Pois é, então isso daí daria uma boa questão pra se avaliar também, por que hoje, por exemplo... Depende tudo da ETA 2, faltar água na ETA 2 metade da cidade tá parada.
34'41''	M4	É a mesma coisa do modelo do carro, a tendência em planejamento urbano é sem falar em planejamento urbano e ambiental e regional, que dizer, qualquer coisa que vai no sentido de falar só no urbano agora já é ... Morto, se tu não falar em ambiental, mas não só como eles fazem fetiche, falar desde a concepção... E eles continuam fazendo isso, cara, o pouco que fazem, né?

Provocada pelo mediador, F1 então apresenta sua pergunta, também sobre mobilidade urbana. Durante quase 20 minutos seguidos a conversa se dá em torno de relatos de experiências pessoais nos diferentes modais de transporte, informações históricas resgatadas sobre a gestão do transporte público e decisões tomadas pela prefeitura de Blumenau. No encaminhamento para uma decisão, M4 oferece conhecimento técnico e ideias pré-estabelecidas do que deve ser uma política de transporte eficiente para conduzir a escolha e a angulação da abordagem sobre o assunto.

Tempo	Quem	Áudio
53'27''	M4	É, mas daí eu gosto mais da pergunta dela, que é a coisa que tem a ver com a questão ((inaudível)) que é essa questão do modelo. Que é a questão do trânsito e da modalidade, né?
53'35''	F3	Eu gostaria... só faz a tua pergunta de novo. O que há de errado, como é que é?
	F1	Quão difícil é organizar o trânsito e por que isso nunca se resolve?
53'47''	F3	Eu acho que o que há de errado no planejamento

		urbano de Blumenau que prejudica a mobilidade, a conservação de áreas verdes, mas tem que anotar porque são muitas perguntas.
54'00''	M3	A pergunta dela gera uma resposta... Ah, nós temos que ter um planejamento urbano melhor e aí começa...

Além de encampar um tema que é de seu interesse, inclusive abandonando a defesa do que ele próprio apresentou – a influência da maçonaria nas decisões municipais –, M4 preocupa-se em fazer representado o seu ponto de vista sobre qual modelo de mobilidade urbana é mais adequado para Blumenau. Para sustentar sua argumentação, o arquiteto inclusive critica abordagens anteriores publicadas pelo Jornal de Santa Catarina, o “Santa”. F3 reforça os posicionamentos dele. M4 então questiona: “como formular uma pergunta de uma forma que provoca essa discussão desse novo modelo”? F3 responde: “A pergunta tem que ser boa para direcionar a resposta”.

Tempo	Quem	Áudio
	M4	Não, mas é verdade, mas como formular uma pergunta de uma forma que provoca essa discussão desse novo modelo?
54'27''	F3	É. A pergunta tem que ser boa pra direcionar a resposta, a pergunta tem que ser certa.
	M3	Repete tua pergunta, vai lá.
54'36''	F1	Eu escrevi um minitextinho ali, fazendo as minhas considerações do porquê que eu ia perguntar isso. E o que eu escrevi foi: quando eu parei pra pensar no que eu gostaria de saber, primeiramente eu pensei em um problema da cidade, em algo que deveria ser resolvido com muita urgência e o que me veio à causa foi o trânsito, porque hoje eu acabei me atrasando, até mandei mensagem pra ele ((P)), eu estava no trânsito e para chegar aqui eu levei, tipo, 25 minutos.
55'03''	M3	Mas aí você faz a tua pergunta...
	F1	Daí eu falei assim: então, a minha pergunta principal é: se a gente tem... Aí já vai a questão também de ser uma cidade tradicional, o dia a dia do cidadão, a loucura da cidade... Quão difícil é organizar o trânsito, esse trânsito, e por que isso nunca se resolve? Por que esse problema não se resolve?
	M3	Porque talvez falte um plano, um planejamento urbano decente.

	M4	Há futuro para a cidade mantendo o atual modelo do carro?
--	----	---

M5 explica sua pergunta, no meio do debate sobre planejamento urbano, realçando os valores de notícia relacionados a desvio normativo e significância política. Ele busca diferenciar o ponto de partida de sua questão das queixas generalizadas sobre o resultado da falta de planejamento no caos do trânsito. M5 pretende discutir aquilo que poderia ser a origem dos problemas. A explanação gera então um debate acalorado.

Tempo	Quem	Áudio
55'43''	M5	A minha pergunta é mais no sentido do jo... De quem influencia, como as coisas acontecem lá dentro desse jogo de poder aí do planejamento urbano. As entranhas lá ((inaudível)).
56'01''	M5	O que o sindicato dos construtores faz, o que o ((inaudível)) faz...
	M3	Faz com que interesses individuais acabem justamente impactando no coletivo.
	M5	É, a gente não tem uma resposta, isso é uma coisa complicada, né?
	M3	Sim, mas a pergunta dela, como resposta, talvez, seria justamente responder a tua pergunta.
	M5	É que todas essas perguntas elas tão relacionadas, elas são a sequencia desse processo, né, influencia diretamente. Nas áreas de conservação, no planejamento do... Do tráfego, né, zoneamento da construção, essas coisas aí.
	F3	Na arquitetura histórica, né, então hoje a gente... Ontem o moço falou que foi ver o pôr do sol lá no Museu da Água e ele falou assim: “ah, no centro histórico...”. Na hora, assim, eu tava lá e eu olhei pro Centro e pensei assim: “ué, centro histórico, um baita de um prédio imenso que passa do horizonte dos morros”, né, aquela coisas do...
	M4	É que na verdade não há planejamento mesmo, o que há são decisões normativas e decisões de encaminhamento ou de questões pontuais da cidade que são encaminhadas a partir dessas influências, mas planejamento urbano de verdade, realmente não há. Cada vez eu tenho mais convicção disso, entendeu? Porque fazer um... fazer um plano diretor não é

		planejamento. Planejamento é essa condução estratégica a partir de... ((inaudível)) Exatamente.
	M4	Quer dizer, o que eu quero pra Blumenau? Qual a direção que eu quero que Blumenau se articule nos próximos 30 anos? Qual é a nossa vocação e... Entendeu? Ninguém sabe isso, cara. Pergunta isso pra alguém lá na prefeitura, ninguém sabe.

Quanto à temática da influência da maçonaria em decisões de agentes públicos, M4 destaca motivação relacionada a sua história pessoal e familiar ao justificar a escolha diante dos demais participantes. Ele admite uma curiosidade intrínseca a sua experiência pessoal (ou falta dela) com o assunto. Logo em seguida M5 reforça que sua motivação, diferente de M4, não é pessoal.

Tempo	Quem	Áudio
	M4	Meu vô, só pra conhecimento, foi grão-mestre 33 graus da maçonaria.
	M1	É a última, né?
	M4	É. Meu Opa. O que me instigou a fazer essa pergunta é porque nenhum dos cinco filhos, uma é mulher, nenhum dos quatro filhos, meu pai, inclusive, netos... Ele nunca conversou com ninguém sobre isso, nunca falou, nunca deixou os filhos serem e nem nada, entendeu? Então eu sempre fiquei curioso de tentar entender por que, né?
1h04'05''	M2	Acho que tu fez muita pergunta: "Por quê?"
	M4	É, pode ser, mas ele nunca falou nada, cara. Uma vez eu perguntei, ele já morreu, mas não falou também, desconversou assim, sabe...
	M5	Mas então, eu tenho em comum contigo essa curiosidade, assim. Eu não tenho nenhuma relação, de família, com nada, mas assim: por que tanto servidores públicos, é o que reza a lenda, né, tão lá, o que tem pra discutir lá numa entidade privada. Se é coisa pública... Mas será que eles discutem coisa pública lá mesmo? Não discutem, não sei.
1h04'34''	M3	Se o tema deles é filantropia, acho que tem que ter coisa pública.
	M5	Sem meias palavras, o que a gente leva a interpretar é o bom e velho tráfico de influências, né, é o que a gente de fora acha que é. Mas é que nem aqueles

		memes da internet: o que acha que é e o que é na verdade, né?
1h04'50''	M3	Eu tinha essa tua... Essa tua... Até um pouco de raiva, né? “Porra, sacanagem, o cara lá não é melhor que eu e tá ganhando porque entrou na loja tal”. E aí eu perguntei pra um maçom e, mas o homem até saiu, um senhor de idade... “Não... é que a gente criou um relacionamento lá dentro e você precisa de um profissional, quando tem um lá dentro você conversa”. Eu me satisfiz com isso...
	M4	Não, não tem problema. O problema é quando o cara fala lá, e fala com o prefeito pra mudar o zoneamento, quando o cara faz uma sacanagem e eles fazem pra proteger e pra acobertar.
	M5	Enquanto tá na empresa do cara lá, essa questão é dele. O que a pergunta do M4 fala e que me gera curiosidade é os assuntos da esfera do poder público, levados pra essa instância, é só essa a minha curiosidade.

Ao concluir a escolha das duas questões, os oito participantes receberam uma nova incumbência: dividir-se em dois grupos de quatro, cada qual responsável por uma das perguntas selecionadas. Finalizada a divisão, o mediador questiona os presentes sobre os critérios que eles utilizaram para compor os grupos.

Tempo	Quem	Áudio
	M4 e F3	Interesse ((os dois falam ao mesmo tempo)).
	P	Pelo interesse de cada um...
	M4	Eu também não queria ficar muito na minha pergunta, queria sair um pouco, mas mais por interesse. Que é a minha área de pesquisa.

Aqui, ocorrem situações interessantes. M4, que propôs a pergunta sobre maçonaria, decidiu compor o grupo responsável pela questão sobre trânsito, sua “área de pesquisa”. M1, que manifestou preocupação com a situação do trânsito de Blumenau, preferiu integrar a outra equipe. Por outro lado, M5 optou pela discussão sobre a influência da maçonaria nas decisões públicas, abordagem normativa semelhante à que ele próprio havia proposto para outro assunto: o planejamento urbano.

### 4.3.3 Processamento/edição

Na terceira fase de produção jornalística analisada, as intervenções de indivíduos carregam tanto os valores de notícia percebidos na observação da realidade quanto as influências relacionadas ao histórico de vivências de cada participante, novamente com destaque àqueles aspectos relativos à vida profissional. Neste estágio, apenas recordando, os oito participantes foram divididos em dois grupos de quatro. Cada um dedicou-se a um tema selecionado na fase anterior: 1) a falta de soluções para o trânsito congestionado de Blumenau, que passamos a chamar de Grupo Trânsito; 2) supostas influências de lojas maçônicas em decisões do poder público municipal, denominado na presente análise de Grupo Maçonaria. Durante a terceira e última fase, os grupos responderam a questões que emulam o planejamento da execução de uma reportagem.

#### 4.3.3.1 Histórico pessoal

Enquanto estavam divididos, porém, em certos momentos integrantes das equipes, acomodados na mesma mesa, manifestavam interesse no tema que era discutido ao lado. Essas ocorrências reforçam a influência das vivências anteriores do indivíduo nas interações com o conteúdo e com os demais participantes. Por exemplo, em dado momento M2 intromete-se na conversa da equipe ao lado porque falavam de tecnologia para o transporte coletivo, sua área de atuação profissional.

Tempo	Quem	Áudio
1'21'12"	F1	Eu acho que ((inaudível))...Que nos terminais ele tem um aplicativo que avisa quando o ônibus vai chegar, se ele tá atrasado, se ele tá em tal ponto.
	M2	É o Moovit.
	M4	O M2 faz isso, a empresa dele faz isso.
	F1	Tu faz isso?
	M4	A empresa dele faz
	F1	Faz isso aí pra gente...
	M2	Faço pro Google e pro Moovit.

A atenção de todos os oito componentes da mesa agora está voltada para o transporte coletivo. Há uma rápida discussão sobre a dificuldade que a empresa de M2 tem para emplacar certo tipo de

tecnologia no transporte coletivo de Blumenau. M3, então, faz questão de trazer para a conversa uma habilidade sua, também advinda da atividade profissional que desenvolve, sobre como conseguir documentos que ajudem a compreender a questão do planejamento e da mobilidade urbana.

Tempo	Quem	Áudio
1h22'37"	M3	A gente não consegue encontrar legislação nas cidades pequenas que ela tá procurando. Ela precisa acessar o plano diretor da prefeitura... Por que tu quer o plano diretor? Não tem, não consegue ((todos falam ao mesmo tempo))
	F3	Mas Blumenau, dificultam pra gente também.
	M3	Você consegue achar nas leis municipais.
	F1	Tem até na internet, mas não é completo. ((inaudível))
	M3	É que assim ó, a transparência da lei de acesso à informação, ela não diz só que você tem que fornecer ((inaudível)) Só que artigos, pô isso é um saco, daí sem isso aqui tu não entender nada, então, ela tem que ser entendível. Ela tem que ser visual e ela tem que ser aplicar inclusive algumas questões de regionalismo, assim.

O cotidiano de cada sujeito convidado a participar do grupo focal influencia o rumo das conversas durante as atividades que emulam o planejamento da produção e edição de reportagens. Quando o assunto é trânsito, questão em que todos se envolvem, seja como motoristas, motociclistas, pedestres ou ciclistas, a todo instante surgem experiências pessoais dos presentes.

Tempo	Quem	Áudio
1h38'26"	M4	Eu se fosse seria o entrevistado, entendeu? Qual seria a minha história... Eu sempre morei, morava antigamente longe do Centro. E há 12 anos eu me mudei pro Centro. O colégio dos meus filhos tá a exatamente um minuto do meu prédio e meu escritório tá a três minutos, caminhando. Pra mim isso foi e é uma revolução, não troco por nada nesse mundo. ((inaudível)) Chego dez minutos antes, deixo ali, volto. Cara, isso é uma qualidade de vida absurda. Quatro pessoas, eu, minha esposa e meus filhos, andamos a pé. 80% das coisas a gente faz a pé. Ir pra



		Furb eu vou de bike, de ônibus, de Uber e de carro né, então... Seria por exemplo, uma história do cara de a pé...
1h39'23''	M3	Cara, eu me adaptei totalmente ao carro. Eu consegui um estacionamento que não preciso pagar uma fortuna a mensalidade...
	M4	Tu já testou alternativas? Ônibus, bike...
	M3	Eu moro na Itoupavazinha e meu escritório é aqui na ((inaudível)). Pra mim de ônibus ia ser...
	M4	É ruim de ônibus?
	F1	Nossa, na Itoupavazinha quase nunca tem ônibus, é muito ruim de horário.

No trecho abaixo, o Grupo Trânsito apresenta seus resultados. É interessante observar que M5, integrante do Grupo Maçonaria, sugere que a inclusão de um urbanista como possível fonte na reportagem tem a influência de M4, que, como se viu anteriormente, em todas as fases de produção advogou por abordagem específica no que se refere à mobilidade. O grupo, compreendendo a referência, ri. Ou seja, mesmo entre os usuários certas influências dos indivíduos em decisões estão perceptíveis.

Tempo	Quem	Áudio
1h42'55''	F1	Ok, a primeira pergunta é: como conseguimos informações para responder a pergunta escolhida. Aí gente respondeu: consultar o gestor oficial, que seria o secretário de planejamento e o órgão responsável pelo planejamento e presidente do Seterb. Aí alguém falou: “mais dois especialistas, um engenheiro de tráfego e um arquiteto e urbanista ou pessoas que entendem de mobilidade urbana”.
1h43'25''	F2	Seria pra contrapor a resposta oficial.
	M5	Quem será que sugeriu esse último?

Várias das situações relatadas acima também podem ser analisadas posicionando os usuários de jornalismo participativo como fontes de informação, e não necessariamente criadores de conteúdo. Nos próximos níveis de análise trataremos dessa questão.

#### **4.3.4 Considerações sobre influências individuais**

Diálogos e escolhas manifestadas por participantes do grupo focal permitiram a identificação de influências advindas da história pessoal, da bagagem cultural e de vivências rotineiras. Assuntos que diziam respeito à carreira profissional dos presentes despertaram postura ativa. Outro componente ostensivo nos dados colhidos são as preocupações cotidianas, aquilo que representa ameaça ou empecilho às vontades e objetivos do sujeito. M2, no convívio com a ameaça incerta representada por capivaras urbanas, e M1 e F1, em sua agonia diária no trânsito, exemplificaram essas influências ao longo das três etapas produtivas.

Decisões tomadas por M1 e M4 merecem atenção à parte. Ambos os participantes sugeriram temas que acabaram eleitos pelos demais, porém, no momento em que tais assuntos tiveram de ser abordados em profundidade, preferiram debater outros assuntos, e não aqueles que trouxeram à mesa. Nas falas de ambos estão implícitas preferências individuais. M4, profissional de arquitetura e urbanismo, assume postura ativa na angulação do debate sobre mobilidade urbana. Ele parece interessado em propor abordagem específica para os problemas da área que é de seu domínio técnico e acadêmico. Assim, a pauta inicialmente proposta por M1, que pretendia abordar soluções para os engarrafamentos cotidianos, transforma-se em debate acerca da prioridade dada ao carro nas políticas públicas de mobilidade.

Confrontado por angulação diferente da imaginada e por argumentos legitimados pelo discurso profissional de M4, M1 ausenta-se da discussão, e escolhe integrar o grupo que trataria das lojas maçônicas locais. Ou seja, influências no nível individual podem estimular a participação, mas quando os interesses individuais são contrariados, o resultado pode ser inverso. De certa maneira, a decisão de M1 denota dificuldade em lidar com o contraditório. Este é um ponto que merece maior atenção, talvez em estudos específicos.

#### **4.4 Influências das rotinas e da organização**

Como estratégia metodológica de pesquisa acadêmica, o grupo focal exige um plano, um roteiro (Apêndice B). Das escolhas feitas pelo pesquisador neste planejamento decorrem certas normatizações que indicam caminhos aos indivíduos convidados. Ou seja, no que se refere a influências ao conteúdo jornalístico, tanto o nível das rotinas quanto o

da organização estão fortemente relacionados, no objeto empírico possível a esta pesquisa, a atitudes do pesquisador antes e durante a realização do grupo focal.

Trata-se, é preciso reconhecer, de uma limitação da estratégia metodológica adotada. Um objeto empírico “natural” (MORGAN, 1997) possibilitaria visão mais ampla dessas classes de influências. Para Shoemaker e Reese (2013), quanto maior e mais complexa uma organização, as influências originadas nela tendem a prevalecer com maior frequência sobre julgamentos dos indivíduos. Nesta pesquisa, ocorre exatamente o inverso. Apesar disso, na simplicidade da organização artificial certas influências das rotinas e organizações tornam-se aparentes, projetando questões para pesquisas futuras neste campo específico.

Devido às características do presente estudo, as influências categorizadas nos níveis das rotinas e da organização, conforme o modelo da hierarquia de influências, serão apresentadas nesta mesma seção. Afinal, os aspectos organizacionais em grande medida determinam as rotinas – e na organização de um grupo focal para fins acadêmicos isso fica bastante evidente, como veremos a seguir.

#### **4.4.1 Organização e rotinas no grupo focal**

Se as regras do grupo focal delimitam rotinas de atuação, elas foram apresentadas pelo pesquisador/mediador – nesse contexto, também o representante da organização pesquisa acadêmica. Coube a ele arbitrar como as atividades deveriam ser desenvolvidas no ambiente artificial elaborado para atingir o objetivo proposto. Quando os oito participantes aceitaram o convite e compareceram ao local no horário e data agendados, foram convidados (orientados) a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), concordando assim com normatizações pré-estabelecidas pelo organizador da reunião.

Tudo isso indica influências externas às vontades das pessoas presentes, que, embora não tenham se expressado claramente em contrário às orientações dadas, não necessariamente seguiriam os mesmos encaminhamentos caso pudessem decidir livremente.

Ao apresentar o exemplo da rádio WBEZ Chicago na fase introdutória da reunião, o pesquisador, atuando como mediador, sugere, mesmo que de forma sucinta e superficial, uma rota de atuação aos usuários de jornalismo participativo. Se não chega a ser um passo a passo detalhado, com orientações precisas e rígidas, é uma indicação que inspira as atividades desenvolvidas, essas também formuladas pelo

pesquisador e às quais os usuários, na maioria das vezes, enquadraram as interações.

Logo no início da apresentação, o mediador reforça aos participantes algumas das orientações contidas no TCLE. Por exemplo, somente assuntos relacionados à cidade de Blumenau seriam discutidos dali em diante. Enquanto fala, os oito participantes permanecem em silêncio e olhando para a direção onde está P. Nas interações que se sucedem, nenhum tema estranho à realidade do município de Blumenau foi proposto, mesmo em conversas paralelas e brincadeiras.

Conforme o modelo de hierarquia das influências, organizações de mídia oferecem possibilidades de análise em categorias como: propriedade, estrutura, hierarquia interna, modelo de negócios, público-alvo, mercado onde a organização está inserida etc. Quatro questões principais nascem desse mosaico: Quais são os objetivos da organização? Como é estruturada? Quais são as políticas internas? Como tais políticas são aplicadas?

No grupo focal, o objetivo é produzir conteúdo suficiente e relevante para análise por parte do pesquisador. Além do próprio, integram a organização oito indivíduos previamente selecionados. Todas as políticas internas, tais como tarefas a serem executadas, tempo de execução, arbitragem em relação a condutas e objetivos comuns etc., são apresentados e supervisionados pelo mediador.

#### 4.4.2 Acesso/observação

Na fase de observação da realidade e de proposição de temas que mereceriam debate, a entrega de uma folha com duas tarefas escritas materializou uma rotina pré-estabelecida. Era preciso formular ao menos uma pergunta. A organização do grupo focal também estabeleceu um tempo, de 15 a 20 minutos, embora com certa flexibilidade, para que os convidados refletissem sobre assuntos que mereceriam reportagens e formulassem questões. M2, por exemplo, em dado momento solta a caneta, suspira e exclama: “Isso é difícil”.

Em 6’, M4 solicita ao mediador quanto tempo terão para refletir e produzir perguntas sobre a realidade de Blumenau. Menos de um minuto depois, M3 pede mais informações. O mediador retoma o exemplo da introdução – que M3 não havia assistido, pois chegara atrasado.

Tempo	Quem	Áudio
6’36’’	M3	Perguntas sobre Blumenau, sobre a gestão de Blumenau, município ou tudo? Geral, cotidiano,

		política economia...
	P	Sobre tudo, tudo... Nesse exemplo de Chicago que eu tava contando pro pessoal, eles perguntam às vezes assim, ó: por que a minha rua se chama XV de Novembro? Ou assim: eu vi uma construção nova na minha rua, o que é aquilo lá?

Em 16'01", M5 questiona, com entonação de brincadeira e olhando para a mesa: "O professor vai recolher pra dar nota"? Sinal de que, desde o princípio, está claro aos participantes quem tem poder para definir rotinas. No grupo focal, o mediador arbitra as interações de maneira análoga à do jornalista que media conversas no jornalismo participativo.

Intervenções do pesquisador para demarcar rotinas planejadas previamente oferecem outras situações que merecem análise. Em 21'07", após longa explanação de F3 sobre tema que, em sua opinião mereceria a produção de uma reportagem, o mediador interrompe a conversa e questiona: "Só uma coisa, só pra eu... Se fosse montar uma pergunta... Qual, como seria a questão?". No que F3 responde: "Como está a gestão das UCs ((unidades de conservação)) públicas municipais?". Aqui, a rotina prevista no roteiro exigia que a realidade acessada pelo participante fosse transmitida por meio de uma indagação, de preferência objetiva. Uma série de nuances manifestadas ao longo da exposição de F3 teve de ser comprimida numa frase concisa seguida de interrogação.

Um pouco adiante, a fase de acesso/observação é intercalada com debates característicos do estágio de seleção, num vaivém que também pode ser observado empiricamente em reuniões de pauta de redações profissionais. Porém, o mediador intervém na conversa para garantir uma separação artificial que, na prática, os usuários suavizam.

Tempo	Quem	Áudio
42'01"	P	O papo tá ótimo, mas assim: em seguida, se assim vocês entenderem, a gente vai poder debater mais esse tema específico. Eu só quero concluir. Falta o M3 ainda, né? Era só essa mesmo, F1?

Logo em seguida, surge também uma limitação estrutural. O cinegrafista sinaliza que é preciso fazer uma rápida interrupção na gravação, uma vez que a câmera grava no máximo 20 minutos ininterruptamente, informação que é compartilhada com os presentes.

Porém, mesmo quando o mediador permite a existência de um vácuo na rotina, e as atividades transcorrem sob menor nível de controle, também há o estabelecimento de mecanismos específicos dentro da rede de atores que acabam por influenciar os caminhos escolhidos pelo grupo. Ainda na fase de observação da realidade, durante o período em que os participantes estão concentrados refletindo sobre as perguntas que apresentarão, a ausência de rotina parece ser formatar certos tipos de rotina.

De 9'15" até mais ou menos 13' de gravação, o grupo interage abordando assuntos aleatórios. Aparecem piadas, ironias, interjeições, pensamentos em voz alta, num labirinto retórico que parece levar a lugar algum. De repente, M4 lembra de um evento sobre arquitetura e urbanismo que ocorreria na semana seguinte, e convida os demais a comparecer. Cabe destacar que no minuto 12' o mediador/pesquisador retirou-se da sala para buscar o lanche encomendado junto a um fornecedor de alimentação, que havia sido entregue na sala errada. A conversa espontânea começa antes e termina depois, mas desenvolve-se durante os dois minutos de ausência.

Tempo	Quem	Áudio
12'40"	M4	O... no ateliê vertical, o Cássio, conhece o Cássio? Ele vai lá dar uma oficina sobre <i>open street maps</i> .
	M2	Sim, ele tá prototipando um produto meu, inclusive.
	M4	Legal, que legal. Vou te convidar. Vai, ele vai dar... vai ser dia 10 de maio, lá no galpão da arquitetura
	M5	Quando vai ser?
	M4	10 de maio
	M5	Eu posso dar as caras lá?
	M4	Claro, é aberto. Todos convidados. A gente vai ter o Ateliê Vertical da Arquitetura...

Essa conversa desvia para um vídeo-documentário que seria apresentado no evento citado por M3, e dali para certas manifestações de preocupação com tópicos como desigualdade social, acesso à cidade e história local. Coincidentemente ou não, como já vimos neste capítulo e veremos novamente mais adiante, alguns desses tópicos reaparecem em diversos momentos durante as duas horas subsequentes.

Tempo	Quem	Áudio
14'56"	F2	Ele fala basicamente ali do Anel Viário Norte, que ele separa a cidade entre a comunidade da Pedro Krauss e o resto da cidade e aquela região é mais

		marginalizada.
	M4	O foco é a desigualdade, né?
	F2	É...
	M4	Exclusão territorial, assim, pelo que eu vi.
	F2	É, é bem legal.
	M1	É, porque chega e fala que mora na República Argentina ((faz cara de assustado)), mora na Pedro Krauss então já passa a mão no corpo pra ver se a carteira...
	M4	É, meus alunos do ateliê tão trabalhando agora com um projeto na Pedro Krauss, no Morro da Pedreira e ((incompreensível)) ali no Ribeirão Fresco

Aos 15'26", M1 cita uma reportagem do Jornal de Santa Catarina publicada uma década antes e a conversa começa a se aprofundar. Porém, após 10 minutos de diálogo livre, o pesquisador pergunta "OK?", sinalizando que o tempo combinado para realização da tarefa havia terminado. Essa sequência de expressões livres parece confirmar o que MIN (2015) defende sobre o aproveitamento de conversas aparentemente impertinentes para o jornalismo. Também reforça o caráter social da produção jornalística, em que grupos de indivíduos constroem socialmente um produto editorial, e mecanismos de *gatekeeping* que operam dentro de redes de indivíduos, conforme discutem Shoemaker e Reese (2013).

Algumas das decisões editoriais no jornalismo participativo têm aportes multidirecionais, que combinam intencionalidades difíceis de acompanhar e mapear em sua totalidade. Neste caso específico, pode-se analisar essas interações a partir de duas constatações: 1) a ausência de regras rígidas e de manuais técnicos para assessorar os *gatekeepers* estimulou a criação baseada em conversas espontâneas, que por si só pode ser considerada uma forma de rotina; 2) a organização, representada pelo aviso de que o tempo estipulado acabara, pôs fim à espontaneidade observada até então, mas encaminhou a discussão para uma próxima etapa do canal produtivo.

#### 4.4.3 Seleção/filtro

No roteiro planejado, a fase de seleção das notícias começaria apenas a partir desta última intervenção do mediador/pesquisador. Como já se demonstrou, porém, a aplicação das normas estabelecidas não impediu que os indivíduos interagissem durante a apresentação das

questões elaboradas, o que mesclou atividades das fases de acesso/observação e seleção/filtro. Ainda assim, nesta fala de P fica nítida a intenção de delimitar as duas fases, estabelecendo novas rotinas a serem seguidas a partir daqui:

Tempo	Quem	Áudio
44'35''	P	O que eu quero que vocês façam agora? Entre vocês, vocês têm que escolher, ((há uma interrupção rápida na gravação)) tendo em mente que os jornalistas da nossa redação imaginária não vão conseguir apurar todas as informações que vocês propuseram aqui, são perguntas demais. Agora vocês tem que selecionar, dentre essas X perguntas que vocês apresentaram, apenas duas. Então nesse momento, vocês é que vão decidir como isso deve ser escolhido, vocês podem continuar debatendo os temas pra decidir qual deles é que deve ser escolhido, então deixo vocês bem à vontade para tomar essa decisão. Vou dar assim, agora são 20h06min, até umas 20h30min pra vocês debaterem, de repente, pra ao final a gente ter essa decisão de vocês.

P revela aos participantes que há perguntas demais, ou seja, não será possível procurar respostas para todas as 15 questões levantadas durante a fase de acesso/observação. Limitação que não é aprofundada pelo mediador, mas ao usar a expressão “redação imaginária” ele ilustra a situação proposta. Cabe aos participantes selecionar apenas duas das perguntas, em sistemática a ser definida por eles próprios – aqui o controle se abre, permitindo que mais sujeitos o exerçam. P estipula um prazo (24 minutos), mas novamente concede certa flexibilidade à regra.

Como primeira reação à tarefa, F3 e M4 procuram oportunidade de consenso na união de perguntas numa só, explorando conexões temáticas apontadas pelos participantes no minuto 34 da gravação (Apêndice C). Isso evitaria conflitos mas também poderia resultar em proposta de reportagem por demais aberta, pouco objetiva, risco que os próprios debatedores demonstram perceber. M2 interrompe e aciona o moderador, seguido de F3. Estabelece-se orientação que desestimula a saída encontrada.

Tempo	Quem	Áudio
46'05''	F3	Acho que na real tem coisas que se convergem e a gente pode montar duas perguntas com aquilo que a



		gente...
	M2	Pode isso?
	F3	Pode? Reformular ou a gente tem que escolher as que estão aqui?
	P	Pode... ((inaudível))
	M3	Porque basicamente a gente tratou disso: planejamento e mobilidade.
46'22''	M5	Ah não, mas eu gostei da pergunta dele da maçonaria.
	M2	Eu também gostei.
	M4	É que ela sai um pouco desse... Dessa...
46'29''	P	Só respondendo a dúvida: sim, vocês podem reformular, apenas vocês tem que escolher temas, né? Vocês precisam fazer escolhas.
46'38''	F3	No alvo, né? No alvo.
	P	Isso, porque, claro, a gente dizer assim, ó, a gente pode dar o seguinte exemplo: eu posso dizer “vamos englobar todas as perguntas aqui feitas” e dizer como é feita a gestão pública municipal. Só que essa pergunta, ela é muito ampla e muito difícil de ser respondida, então tendo isso em mente vocês podem fazer as decisões que julgarem melhores.
47'03''	F3	Papel do moderador de fazer essa...

Autora da sugestão que aparentemente reduziria conflitos e facilitaria a seleção, a própria F3 ajuda a clarear a orientação que, em síntese, pedia objetividade às perguntas a serem formuladas pelo grupo durante a fase de seleção/filtro. Num primeiro momento, a intervenção solicitada ao moderador parece ter desviado o rumo da conversa, mas o assunto planejamento urbano de maneira geral reapareceria mais adiante. M5, F3, M1 e M2 apresentaram questões de alguma forma relacionadas com o tema, enquanto M4 participava intensamente com aportes de sua ocupação profissional, a arquitetura.

Quando o grupo focal se aproximava da primeira hora de duração, o assunto em pauta desviou para conversas paralelas de interesse pessoal entre participantes que se conheciam previamente à reunião. Neste momento, o mediador interveio, usando uma rotina previamente estabelecida (o tempo) para reconduzir o diálogo para a tarefa objetiva.

Tempo	Quem	Áudio
59'33	P	Só pra vocês terem noção: passaram 5 minutos.
	M3	((risos)) Vamos lá, volta pra pergunta.

	F3	Vamos lá, eu acho que a pergunta, então, tá dentro do planejamento...
	M3	Segue a tua ((aponta para F1)) acho que é a tua. É bem objetiva, então acho que segue a tua. Uma, e a outra?
	F3	E a outra...

Na sequência da discussão, os debatedores avaliam a complexidade de um dos temas propostos.

Tempo	Quem	Áudio
52'35''	F3	Eu acho assim: o planejamento passa um pouco... Até por essa questão de...
	M3	Eu acho que vamos pra tua pergunta de planejamento, mas assim, é...
	M5	Só que ela é muito complexa. Como ele falou, muito ampla.

Frente ao impasse, M3 apoia-se na orientação do mediador sobre a objetividade das perguntas para tentar levar adiante tema que ele próprio sugeriu, sem conseguir fazer prevalecer tal sugestão.

Tempo	Quem	Áudio
53'15''	M3	Então, uma delas pode ser a minha pergunta, então, por que a administração pública de Blumenau demora tanto pra lançar os editais de licitação e aí contrata emergencialmente um serviço? Não é genérico, é específico.

Antes mesmo de saberem que teriam de planejar a execução da reportagem a ser selecionada, os participantes do grupo focal discutiram dificuldades que poderiam atrapalhar a produção do conteúdo. Neste momento da discussão, está em análise a proposta de reportagem sobre influências da maçonaria no poder público. Pelas manifestações dos presentes, a ausência de conhecimento técnico e de rotinas de reportagem suscita dúvidas sobre a viabilidade da ideia apresentada. F2 questiona, em 1h00'11'': “Mas assim pensando um pouco, se é um grupo tão fechado, pensando um pouco na matéria em si, a gente conseguiria essas informações? A gente ia conseguir fazer essa matéria”? O diálogo prossegue até o momento em que M4 reassume a postura de audiência, reconhecendo o jornalista profissional como

responsável pelo trabalho de apuração – apesar de que, em nenhum momento durante a dinâmica, foi sugerido que o produto da reunião poderia subsidiar atividades de profissionais.

Tempo	Quem	Áudio
1'01'13	M4	É, eu, eu... Realmente é uma questão que sempre fiquei muito curioso pra saber o grau disso e tentar descobrir isso. O problema de como vai descobrir é do jornalista, não é nosso né, cara?
	M3	Não, é que assim ó...
	P	Vocês não sabem qual é a próxima atividade...

Em sua intervenção, o mediador sugere que as decisões daquela fase poderiam impactar nas tarefas a serem executadas logo adiante.

#### 4.4.4 Processamento/edição

Como previsto em roteiro, a distância entre uma ideia de reportagem e a execução do produto jornalístico em si aparece diante dos participantes do grupo focal na fase de processamento/edição. Sob a pressão do tempo, o Grupo Maçonaria retoma as dúvidas sobre qual seria uma boa estratégia para descobrir informações relativas ao envolvimento de servidores públicos com lojas maçônicas, e um suposto tráfico de influências resultante disso. Como primeira possibilidade, os integrantes de grupo debatem investigação acerca da história política local.

Tempo	Quem	Áudio
1h12'09"	M1	Então assim: um levantamento dos políticos maçons. De quanto tempo? Quantos anos? ((inaudível)) Não, não. Primeiro vamos anotando ((inaudível)), depois a gente passa pra...
	F3	São quinze minutos.
	M1	UI!

A seguir o Grupo Maçonaria discute a dificuldade que as fontes ofereceriam para executar essa pauta, e que técnicas poderiam ser empregadas para driblar eventuais empecilhos. Também leva em conta a necessidade de cruzar diferentes fontes de dados para conseguir descobrir vestígios de influências indevidas nas políticas públicas recentes.

Tempo	Quem	Áudio
1h13'39"	M5	Mas agora vem a parte difícil. Agora, para responder... Assim, tentar esclarecer ((inaudível))... Se atualmente nas políticas públicas, como é que... ((inaudível))
	F3	É, eu acho que talvez assim, ó... É uma coisa interessante, né? Relacionar as últimas decisões, dos dois últimos mandatos, assim, de repente... Decisões, por que que foi tomada essas decisões, e auxiliaram, e levaram num direcionamento para quem... Se é que esse direcionamento tem alguma coisa ligada com alguma... Com algum maçom. ((inaudível))
	M2	((inaudível)) ...Vai ter que achar alguma coisa que você acha que não é certo, né?
1h14'22"	F3	É, entendes, ó, o que eu digo é assim: decisões assim, vamos pensar na questão do planejamento, né?. A Rua Quinze, ela deixou de, ela virou, sei lá, alameda de serviço, não sei, não consigo lembrar agora. Calçada. É... Porque... Isso beneficiou a quem? Beneficiou a "x" empresário, "y" empresário... Esses empresários são ou não são maçons? De repente essas pessoas tiveram uma conversa e influenciaram a política pública, entendes? Então, se a gente conseguir a análise das últimas decisões políticas de mudanças, né, de planejamento... Políticas públicas gerais do município... E se esses beneficiados fazem parte de alguma loja maçônica. De repente essa é uma possibilidade de chegar... ((inaudível))

Um desafio óbvio se interpõe ao Grupo Maçonaria quase 15 minutos depois de iniciado o debate: como, afinal, o repórter poderia descobrir quais servidores públicos são realmente frequentadores de lojas maçônicas?

Tempo	Quem	Áudio
1h15'39"	M5	Mas como é que tu descobre quem faz parte do...
	F3	Não sei... Não sei como é que funciona isso.
	M5	Como é que poderia descobrir isso?
	M2	É fácil, vai numa loja daqui de Blumenau e fica ali esperando ((inaudível))
	M5	Eles têm um endereço fixo?
	M2	Tem!

Em um contexto de acesso mais facilitado aos dados considerados necessários para se produzir a reportagem, o Grupo Trânsito discute estratégias de investigação que levem a dados seguros. Por exemplo, a comparação entre as experiências de usuários do sistema de mobilidade municipal com perfis semelhantes.

Tempo	Quem	Áudio
1h16'01''	F2	((((inaudível))) ... Matéria a gente poderia contar a história de cada um, saiu de casa, quanto tempo leva pra chegar no trabalho por causa do trânsito...
	M3	Tem que achar o cara da mesma região.
	M4	Semelhante, né?

No Grupo Maçonaria, os envolvidos também ensaiam técnicas de entrevista que permitam descobrir informações que as possíveis fontes não estivessem interessadas em revelar facilmente.

Tempo	Quem	Áudio
1h17'51''	F3	Acho que os últimos prefeitos vivos, que... ((((inaudível))) O cara pode ir, costurando, numa entrevista, e a qualquer momento trazer a questão: “Aquele lei que foi aprovada...” ((((inaudível)))
	M1	Os últimos prefeitos em entrevistas anônimas? Talvez, mas sem dizer que ele é maçom?
	F3	((nesta parte pouco audível, F3 explica novamente como seria a técnica para entrevistar os ex-prefeitos, falando em jogo de cintura))

O nível de dificuldade é percebido tanto por quem está absorto no debate sobre o sigilo da maçonaria quanto por M4, do Grupo Trânsito. Ele se impressiona quando M1 apresenta um dos planos traçados para obter dados que indiquem o envolvimento de servidores públicos com a maçonaria.

Tempo	Quem	Áudio
1h48'12''	M1	((((inaudível))) Vamos lá. Como conseguir informações para responder a pergunta escolhida? Levantaremos histórico de políticos maçons nos últimos 30 anos...
	M4	Porra, vontade...

Outro aspecto organizacional com potencial de impacto nas rotinas produtivas do jornalismo é abordado espontaneamente pelos participantes do grupo focal: os custos de produção.

Tempo	Quem	Áudio
1h40'	M3	Dá vontade de perguntar pra ele assim: “qual o custo né... na pergunta 4, quais as mídias, quais materiais a gente vai usar. Depende, quanto você vai me dar para fazer a matéria? Mas hoje, querendo ou não, custa barato, usa computador, usa celular, vídeo...
	M4	<i>Instagram, face...</i>
	F1	Posta no <i>Facebook</i> vira uma matéria
	M4	Pode utilizar todas as mídias gratuitas, né?
	F2	É só ter alguém que saiba mexer bem, pra ficar um material de qualidade.

Finalizadas as dinâmicas previstas, o pesquisador questiona aos oito presentes se eles se sentiam capazes de cumprir o plano proposto e produzir o conteúdo imaginado durante as atividades. Dentre os participantes do Grupo Trânsito, em que os integrantes tinham condições de atuar também como fontes, devido à área de formação de M4, a participação de M3 em comitês de fiscalização do transporte coletivo, e ao fato de F2 ser estudante de jornalismo, houve manifestações de maior confiança. No Grupo Maçonaria, a avaliação foi diferente. Para M5, por exemplo, sem “prática” e “experiência” seria impossível descobrir a dinâmica de relações sigilosas.

Tempo	Quem	Áudio
1h57'27"	P	A pergunta que eu queria fazer pra vocês, pra encerrar, é: vocês poderiam, se sentem capazes de produzir esse conteúdo?
	M3	Sim.
	F3	Esse, não. Eu não tenho muito conhecimento.
	M5	Eu, pessoalmente acho que não porque ele envolve muito uma questão de tu ter que descobrir uma relação de pessoas e tem que ter... Acho que tem que ter prática, tem que ter experiência pra fazer isso, imagino, né?
	M4	Eu me vejo participando aqui né, mas produzindo as coisas, não.

Provocados pelo mediador a continuar refletindo neste sentido, os participantes passam a analisar diferenças entre as duas propostas de reportagem. Há certo consenso em torno da conclusão de que o conteúdo sobre trânsito poderia ser produzido por não profissionais do jornalismo, uma vez que os dados a serem apurados estão ao alcance de qualquer um. O que não seria o caso da questão sobre supostas influências de associações maçônicas em decisões do poder público.

Tempo	Quem	Áudio
1h58'14''	P	Falem mais sobre isso, assim. O que vocês conseguiriam e o que vocês não conseguiriam fazer? Que parte vocês acham possível e que parte, não.
	M4	Eu acho que falando em equipe assim, essa a gente conseguiria, sim.
	F2	Eu acho que essa matéria aqui é superpossível de ser feita. Aquela lá, não...
	M5	Essa aí eu me voluntario a ajudar a fazer.
	F2	É que essa matéria é uma matéria que precisa muito tempo, porque precisa ter toda uma investigação antes de botar a mão na massa.
	M2	Pessoalmente, eu acho que eu conseguiria alguém pra falar sobre isso.
1h58'47''	M3	Eu, por exemplo, consigo visualizar, como a gente apresentou aquelas 10 ideias, as sugestões da mobilidade urbana do transporte público, a gente fez essas pesquisas, nós assistimos cases, entrevistas passadas, jornal e claro, vivência na cidade também, então a gente tem a própria experiência. Da pra fazer a matéria.
	F2	E como já foi falado aqui, isso aqui é um assunto que é recorrente, né, só que nunca é feito da maneira certa digamos assim. É um assunto que vive na mídia, nos jornais, mas nunca é abordado...

Essa reflexão final dos participantes indica que, em certas situações produtivas, o nível de especialização técnica exigido não é impeditivo. Usuários sem formação profissional teriam condições de produzir conteúdo jornalístico desde que dedicassem tempo para tal. Investigações que exijam maior sofisticação técnica, por outro lado, inviabilizariam a produção se um profissional não estivesse disponível para auxiliar os participantes. Retomaremos esse aspecto em maior profundidade no capítulo de considerações finais.

#### 4.4.5 Considerações sobre influências de rotinas e organização

Nos níveis das rotinas e da organização, o estudo apresenta situações que suscitam reflexões sobre mecanismos de controle. Vontades da organização tiveram papel preponderante no grupo focal, desde o roteiro elaborado previamente às orientações dadas durante a sessão. A compreensão dos participantes sobre quem exercia controle, em última instância, pode ser resumida na brincadeira de M5, quando da realização da primeira tarefa: “O professor vai recolher pra dar nota”?

Também pôde-se identificar estratégias dos usuários no sentido de apoiar-se nas regras estabelecidas para fazer valer suas visões. Como quando M3 apega-se a uma orientação do mediador sobre a objetividade das perguntas em benefício do tema que ele próprio sugeriu.

Entretanto, num período de vácuo de poder, quando o pesquisador precisou retirar-se por poucos minutos, os usuários pareceram estabelecer uma rotina própria. Cabe discutir até que ponto os próprios participantes de um ambiente colaborativo ajudam a formar a organização, com regras e normas próprias. Suas influências sobre o conteúdo, neste caso, poderiam também ser enquadradas no nível das organizações.

#### 4.5 Influências das instituições sociais

Ao nível das instituições sociais estão contidos os aportes externos à organização de mídia, influências estranhas às vontades do *gatekeeper*, da organização e às rotinas que permeiam a produção jornalística. Nesta abordagem, Shoemaker e Reese (2013) procuram desvendar relações entre o jornalismo e outras instituições presentes nos sistemas sociais que orbitam as decisões de *gatekeepers*. Grupos de interesse, fontes, as instituições em que estão inseridas essas fontes, outros canais de mídia, anunciantes, governos etc.

Neste nível os autores também posicionam influências advindas da audiência, que tanto pode ser entendida no sentido passivo que caracteriza o ecossistema industrial quanto nas práticas de usuários que interferem direta ou indiretamente no conteúdo jornalístico.

O poder do *gatekeeping* não é domínio único de tomadores de decisão profissionais e nem determinada pelos usuários da audiência, mas resultado da interação entre eles [...]. Valores de notícia agora estão embutidos em redes, e nestas



redes cada um de nós tem uma configuração única de relacionamentos estruturados com fontes de notícia, tanto diretamente quanto através dos nossos contatos sociais (SHOEMAKER e REESE, 2013, p. 96-97, tradução minha<sup>24</sup>).

Nas diferentes formas que o jornalismo se apresenta atualmente, a liberdade de atuação do usuário pode variar desde um extremo ao outro, inclusive fazendo-o trocar de papel nestes percursos. Em dado momento os cidadãos que chamávamos de audiência agem como criadores de conteúdo jornalístico, em outro como fontes. Há oportunidades em que certos usuários assumem postura de audiência passiva.

Ao analisar os dados colhidos durante o grupo focal, em não poucas ocasiões o pesquisador viu-se imerso em dilemas sobre como categorizar determinados tipos de manifestações: que papel estaria o indivíduo exercendo? Como mudam os papéis a depender da situação, a categorização precisou também adotar certa flexibilidade. Sendo assim, para analisar influências ao nível do indivíduo posicionou-se o usuário no papel de criador de mídia. Ao nível das instituições sociais analisa-se também sua capacidade de influenciar os outros atores da rede atuando como fontes de informação. Por isso, no decorrer desta seção, identificaremos expressamente o papel que o usuário está desempenhando em cada comportamento analisado.

#### **4.5.1 Observação**

##### **4.5.1.1 Audiência**

Na condição de criadores de conteúdo, mesmo no ambiente artificial desenvolvido para o presente estudo, usuários de mídia demonstraram ter em mente uma audiência para quem entregariam o conteúdo produzido. Seus comportamentos sofrem influência dessa força imaginária. Em 18'01" de gravação, no momento em que F3

<sup>24</sup> Texto original, em inglês: "Gatekeeping power is neither the sole province of professional decision makers, nor determined by the audience users, but results from the interaction between them [...]. News values are embedded now in networks, and within those networks each of us has a unique configuration of structured relationships with news sources, either directly or through our social contacts".

propõe reportagem sobre áreas de preservação ambiental, a própria questiona, reflexivamente, “Ah, quem tá interessado em unidades de conservação?”, para em seguida justificar como o assunto poderia, sim, vir a interessar a um público numeroso.

Conforme as tarefas se tornam mais complexas, à medida que a dinâmica avança aos próximos estágios produtivos, o tema audiência retorna com mais força, e a atuação de mais forças institucionais pode ser observadas com maior clareza.

## 4.5.2 Seleção/filtro

### 4.5.2.1 Fontes

Conforme já discutido na seção 4.3.1, que trata do nível das influências do indivíduo, desde a fase de acesso/observação o envolvimento anterior do sujeito com um determinado tema influencia sua disposição para debatê-lo e transformá-lo em notícia. Em alguns casos, o mesmo sujeito que acessa a realidade e coleta informações iniciais mais tarde revela-se fonte de informações para reportagem a ser elaborada. No *gatekeeping* em rede proporcionado pelo grupo focal, as decisões são discutidas num ambiente em que os comportamentos denotam trocas de papéis muitas vezes sutis.

No trecho abaixo, os oito participantes conversam sobre a possibilidade de investigar a suposta existência de tráfico de influências entre servidores públicos e integrantes das lojas maçônicas de Blumenau. M2 cita uma experiência profissional anterior relacionada à sociedade secreta. Aqui, seu posicionamento assemelha-se ao de uma fonte de informação.

Tempo	Quem	Áudio
47'25"	M2	A minha empresa a gente fez o portal deles em dois mil e... Como se fosse o <i>Facebook</i> interno, né, troca de mensagens, enfim, em 2013, eu acho, a gente fez o portal em Santa Catarina.
	M3	Aquele de Floripa?
	M2	Da grande loja.
	M3	Do centro de Floripa?
	M2	Não, pro Estado inteiro... A rede fica conectada por esse portal, muito legal.

Minutos mais tarde, F1 relata proximidade anterior com um maçom, e sugere que pode não ser tão difícil conseguir informações sobre o assunto. Ao ouvir o relato, M4 conclui que F1 poderia ser uma “superfonte”.

Tempo	Quem	Áudio
	M3	Ele não vai poder dizer, na verdade. Maçom não admite que é maçom.
	F1	Admite, ((M1 e M2 repetem: “admite!”)) esse tipo de cara admite. Admite e ele ainda fica te instigando a... Te falando coisinhas pra você, jogando coisas no ar, assim, pra tu entender e tirar as tuas conclusões. É isso que eles fazem, eles não te falam absolutamente nada, ele te dá direções e você tira suas conclusões disso. Eles não falam nada mesmo. Eu sei porque eu já... Eu tô falando por experiência própria, então eu...
	M4	Tu já foi na maçonaria?
	F1	Não, já tive um chefe que foi e é maçom e ele me fazia ler os e-mails dele das coisas e eu lia como funcionava as coisas da loja e tudo mais... E ele chegou a comentar algumas coisas comigo, assim, porque eu acabei perguntando...
	M4	Aí já temos uma superfonte, ó! ((risos gerais))

Estes dois trechos são destacados nesta fase da análise porque são menções diretas à possibilidade de participantes se tornarem fontes, e não apenas criadores de conteúdo. Entretanto, passagens mencionadas na seção que analisa o nível do indivíduo também podem ser discutidas sob a ótica da fonte. Aqui repetimos apenas um dos exemplos para ilustrar a dificuldade de se distinguir os diferentes papéis exercidos pelos usuários.

M1 defende a construção de pontes como solução para os problemas do trânsito. M4, arquiteto e urbanista, professor universitário, responde como se estivesse em sala de aula. Sua influência, aqui, pode ser caracterizada também como a ação de uma fonte procurando fazer o seu ponto de vista alcançar maior relevância na construção social da realidade por meio do jornalismo.

Tempo	Quem	Áudio
32'11”	M4	Mas cara, só pra tu.. tu...se tu tá com o colesterol alto, assim, o médico não vai mandar implantar mais veias pra não ter mais colesterol... Então a questão

		chave é essa: enquanto continuar o modelo do carro e todo mundo fizer só o planejamento única e exclusivamente baseado no carro, não tem solução. É só enxugar gelo, não adianta, cara, eu estudo isso há 15 anos. Então assim, não que não tenha que fazer ponte, não tô dizendo isso, mas é que tem que mudar o modelo, senão...
--	--	--

Na situação apresentada, M4 é um usuário em igualdade de condições com os demais debatedores, mas também é fonte. Posiciona-se como um fornecedor de dados técnicos e exerce autoridade de quem estuda “isso há 15 anos”.

#### 4.5.2.2 Pressões institucionais

Certas fontes jornalísticas, em especial aquelas institucionalizadas, têm mais condições de exercer influência do que outras, questão que poderia ser discutida à luz subsistemas sociais (ideológico, econômico e político) ou sob o prisma das relações com as fontes individualmente. Na presente análise, fazemos opção por enquadrar essas pressões sobre os usuários de jornalismo participativo na categoria das instituições.

No exemplo mais enfático de como o poder institucional externo pode afetar avaliações editoriais, os participantes do grupo focal debatem a repercussão de uma possível reportagem que investigasse relações supostamente questionáveis entre servidores públicos e os interesses de associações maçônicas – aqui compreendidas como instituições.

Tempo	Quem	Áudio
47'07"	M5	Arrumar emprego de jornalista já tá difícil, o cara vai fazer uma reportagem pra investigar a maçonomia, ele tá fodido.
	F3	Nunca mais...
	M3	Ou virar assessor de imprensa dos caras, né, paga pra não incomodar...

Na percepção de M5, aceita como verdadeira por todos imediatamente – no que se conclui dos risos imediatos e da recorrência dessa visão em diálogos posteriores –, membros de lojas maçônicas poderiam preparar represálias contra os autores da reportagem, uma vez que esses estariam infiltrados em outras instituições, no poder público e

na iniciativa privada. M4 adiciona mais exemplos de forças que poderiam agir contra conteúdos jornalísticos, e põe em dúvida a credibilidade das empresas de mídia sob essas influências.

Tempo	Quem	Áudio
51'20''	M3	Porque assim... Aqui a gente é livre, correto? Todo mundo consegue se expressar? Tem represália?
	M4	Não, mais ou menos, cara.
	M3	Por mais que haja bate boca e tal...
	M4	Há uma liberdade relativa, porque tem essa questão da maçonaria, inclusive, tem a questão de quanto as mídias formais são manipuladas, ou influenciadas ou não.
	M1	Engessadas.
	M4	É, então assim: e tem grupos que são até privados que nós... Que decidem coisas, nem tô falando mais da maçonaria, tô falando de grupos de empresários, de poder...
51'56''	M3	Mas aqui todo mundo se associa, daqui a pouquinho isso aqui vira uma associação, é fato. Meia hora isso aqui vira associação... Tem associação de tudo aqui em Blumenau.

Diante do leque de influências apresentado por M4, M3 conclui que o associativismo é parte da cultura local, aceitando que a união de indivíduos com interesses semelhantes poderá exercer influência sobre quem se dispuser a investigar assuntos delicados. Na fase de produção/edição, a preocupação com represálias reaparece nas falas dos participantes.

### 4.5.3 Produção/edição

#### 4.5.3.1 Audiência

Na tarefa em que os participantes do grupo focal são provocados a planejar a execução de uma reportagem e enfrentar a sucessão de dilemas que constitui a rotina de uma redação jornalística, a preocupação com a audiência surge de maneira mais demarcada. Na fase de produção/edição das informações jornalísticas que viriam a compor uma reportagem, certos usuários imaginaram um público, não determinado pelo pesquisador/moderador, no instante em que precisaram discutir como deveriam ser narradas as informações. F2

incitou os demais a imaginar de que maneira teriam maior atenção “do leitor”.

Tempo	Quem	Áudio
1h'30”	F2	Eu como jornalista...Começaria por aqui, porque as histórias chamam atenção. Então eu começaria contando a história dessas pessoas e no meio da história delas eu colocaria o problema e depois todos os pontos de vista e, sabe, mas pra gente prender a atenção do leitor.
	M3	Começa pelo que ela disse, mas não a partir de você, a partir dos atingidos pelo problema.
	F1	((inaudível)) Você abordar, ah, vamos abordar a questão do trânsito...
	M3	Mas gente não faz uma coisa fria, vamos usar os atores para explicar o que acontece. O problema pessoal da pessoa.
	F2	Quando tu ler, tu vai se identificar com o cara lá que anda de carro e ficou 30 minutos parado....tu vai querer ler.

No mesmo Grupo Trânsito, M3 procura uma maneira de transmitir emoções positivas ao final da reportagem, denotando intencionalidade com o objetivo de produzir resposta da audiência, mesmo que indefinida.

Tempo	Quem	Áudio
1h36'21”	M3	Pega... O case que deu certo, que é pro cara não ficar triste no final. Odeio notícia ruim no final, assim... Sempre espero... ((inaudível))
	F2	Eu acho que...
	M3	Eu sempre espero uma reviravolta no final

Nestes dois casos, os usuários de jornalismo participativo percebem que o conteúdo a ser produzido, caso tornado público, impactaria outros indivíduos. Imaginando essa possibilidade, os participantes adotam estratégias editoriais para tentar conduzir essa interação e torná-la mais agradável.

#### 4.5.3.2 Fontes

Shoemaker e Reese, em sua análise sobre as diferentes estratégias empregadas por fontes para influenciar o conteúdo jornalístico, afirmam que jornalistas profissionais preferem ouvir fontes oficiais, com destaque para representantes do aparato estatal, “não apenas porque elas estão mais facilmente disponíveis para um entrevista, mas também porque jornalistas e editores acreditam que fontes oficiais têm coisas importantes a dizer” (2013, p. 109, tradução minha<sup>25</sup>). Tal preferência revelou-se perceptível também entre cidadãos sem formação profissional e que não lidam diariamente com a seleção de fontes de informação.

No Grupo Trânsito, três dos quatro participantes defenderam que a reportagem a ser produzida deveria começar por uma fonte oficial, ligada à prefeitura de Blumenau. Na conversa, os indivíduos invocam o oficialismo com o intuito de dar legitimidade ao conteúdo que debateria soluções para o trânsito.

Tempo	Quem	Áudio
1h10'55''	M4	(incompreensível) é que eu acho que de qualquer maneira sempre a fonte oficial é importante.
	M3	Não, mas ela perguntou por que o trânsito tá como tá e por que não se resolve.
	F2	Eu acho que o primeiro passo é procurar a prefeitura.
	M4	É, a oficial, né?
	F2	(incompreensível) A oficial, depois disso ir desgastando as outras possibilidades, que daí a gente pode pegar uma cidade que tenha um trânsito bom, Curitiba, talvez, pegar... Ou outra que tenha um trânsito melhor, pegar o modelo e usar como case.
	M3	O município, órgão de trânsito.

Conforme a discussão se aprofunda, os indivíduos do Grupo Trânsito debatem expressamente quais tipos de fornecedores de informação teriam maior legitimidade para abordar as dificuldades da mobilidade urbana blumenauense. Duas visões antagônicas estão em choque: F2, apoiada por M4, entende que habitantes da cidade – motoristas, motociclistas, pedestres e ciclistas – deveriam ser ouvidos

<sup>25</sup> Texto original, em inglês: “not only because they are more easily available for na interview but also because journalits and their editors believe that oficial sources have importante things to say”.

prioritariamente para diagnosticar o que está havendo com o trânsito; M3 desconfia dessa solução e teme que opiniões de homens e mulheres comuns, sem o certificado de credibilidade proporcionado por uma instituição, não tenham tanta validade.

Tempo	Quem	Áudio
1h15'02''	F2	Eu acho que as primeiras pessoas a serem entrevistadas são quem usa o trânsito e que podem falar... Contar sua história, né?
	M3	Mas aí não é muito a opinião do cara, assim?
	M4	Mas eu acho legal também, nesse caso. ((inaudível)) Usuários.
	M3	Não, o usuário ele é impactado. Mas ele vai conseguir responder por que que tem o problema?
	F1	Não, mas é que ele pode pontuar o que tem de errado. E partir dali, entendeu?
	M4	((inaudível)) o cara que usa bike, o cara que anda a pé, o cara de carro, os caminhões...

Os usuários do trânsito acabam por ter preferência dos debatedores, mas o papel dos representantes do poder público na reportagem aparece mais uma vez envolto em controvérsia. Alguns dos participantes do grupo sugerem posicionar as fontes oficiais num contexto que permitisse a outras fontes contrapor as estratégias da prefeitura para lidar com os congestionamentos nas ruas.

Ou seja, ao mesmo tempo em que a fonte oficial aparece como alguém capaz de fornecer informações críveis, ela também é vista como alvo, consideradas as críticas que os participantes do grupo focal direcionam ao trabalho do município no planejamento urbano. Suas soluções para o trânsito são qualificadas como “padrão”, enquanto outras fontes, especialistas em mobilidade urbana – estas ligados a outras instituições, como universidades – ofereceriam inovações para o setor.

Tempo	Quem	Áudio
1h32'15''	M3	Tem o problema, quem vai contar o problema?, o pessoal que passa pelo problema ((inaudível)) Daí a gente vai apresentar soluções. Soluções padrão e soluções inovadoras.
	M4	((inaudível))
	M3	Possíveis soluções: padrão ou soluções novas.



	F2	Eu acho que aqui, depois que tu ouve as histórias, tu precisa ouvir a fonte oficial pra ela dar uma resposta pra essas pessoas aqui. Depois, é, primeiro a gente tem o problema e as histórias ((inaudível))
	M3	O porquê do problema e a atitude que eles estão tomando. “Não mas em 2018 nós vamos lançar um edital que vai... lançar o edital, o estudo geográfico...”
	F2	Secretário de planejamento, etc. O que falta?
	M4	Tu pode botar um monte de dinheiro, fazer um monte de calculo, fluxo e tudo... implanta, o computador deixa tudo maravilhoso e na prática ((inaudível)) Tem que ter os cálculos também...
	M3	A gente vai responder isso tudo... ((inaudível))
1h34'28”	F2	O que é o oficial, o que está sendo feito, e depois disso acho que vem o nosso técnico, em contraponto a isso aqui.
	M3	É, porque daí vem o problema contado pelas pessoas, vem o poder público dar sua desculpa, apresentar a solução padrão, depois vem o arquiteto urbanista apresentar uma solução fora da caixa...

#### 4.5.3.3 Forças institucionais

Possíveis represálias por parte de forças institucionais são avaliadas novamente quando os integrantes do Grupo Maçonaria apresentam ao grande grupo os resultados da tarefa que simulou o planejamento de uma reportagem. Diante da pergunta sobre riscos e repercussões que o conteúdo a ser produzido poderia gerar, diversos participantes responderam com previsões alarmantes. M1 sugere que o sujeito responsável por investigar o assunto já providencie uma mudança da cidade de Blumenau, pois não conseguiria mais trabalho depois da publicação.

Tempo	Quem	Áudio
	M1	Essa reportagem envolve risco ou dilemas éticos? Prejudica alguém? Pode gerar processo?
	M3	Vocês tão mortos, vocês não têm noção.
	M1	É, teoricamente...
	F3	A gente acha que não...
	M3	((inaudível))
	M1	A resposta oficial é: não, para risco, dilema ético não,

		não prejudica ninguém e a questão jurídica vamos consultar o setor jurídico.
	F3	É, a gente não conseguia responder se isso poderia ter alguma...
	M4	Precisa tomar cuidado com isso aí...
	M1	Agora pra mim a resposta é: cara manda o currículo pra uma empresa de São Paulo e te prepara pra mudança.

M4 questiona o pesquisador/mediador, que exerceu a função de editor-chefe do Jornal de Santa Catarina entre 2012 e 2015, sobre como se dão as pressões de instituições externas numa rotina jornalística profissional. F3 acompanha a curiosidade. Àquela altura, o pesquisador julgou por bem não apresentar informações que pudessem interferir nos julgamentos posteriores dos indivíduos, mas acabou por responder em parte a questão. No contexto da presente análise, porém, o que mais importa é observar a surpresa de M4, para quem a influência direta e agressiva de instituições sobre o conteúdo jornalístico era dada como certa.

Tempo	Quem	Áudio
1h56'30''	M4	Agora vou fazer uma pergunta pra dar um molho pra vocês, tá? F1, alguém da maçonaria já ligou lá no jornal quando tu era editor-chefe e pediu pra não sair uma matéria?
	P	Nunca.
	M4	Nunca? Sério?
	M2	Nunca ou não saiu?
	P	Nunca.
	F3	Mas e algum secretário, sei lá, um secretário de saúde, de educação, de transporte, de algo que...
1h56'53''	P	Dessa forma que ele falou, essa abordagem “não sai essa matéria”, não... é que é um pouco mais sutil, mas terminando aqui a gente pode bater um papo sobre isso. Eu conto algumas coisas.

#### 4.5.4 Considerações sobre influências das instituições sociais

Relações de poder, admitidas suas dinâmicas complexas e cambiantes, podem ser analisadas a partir das influências externas originadas nas instituições e nos sistemas sociais. No presente estudo, questões relacionadas a fontes ganharam proeminência. Em certos

momentos do grupo focal os usuários tomadores de decisão comportaram-se quais fornecedores de informação.

Outro aspecto relevante que emerge das análises no nível das influências externas é a preocupação manifestada por participantes quanto à audiência que teria contato com o conteúdo produzido no grupo focal. Os não profissionais adotam certas estratégias para atrair e manter a atenção dos demais cidadãos que receberiam o conteúdo. Isto sem o pesquisador ter mencionado um público imaginário e com veto expresso à divulgação das discussões no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). Mais uma vez, usuários assumem o papel de produtores de informação, cientes de que o produto social é feito para alguém.

Os participantes também conseguem identificar pressões e riscos por parte de fontes institucionais. Isso fica bastante claro no debate sobre um suposto tráfico de influência no âmbito das lojas maçônicas de Blumenau. Vários dos presentes consideraram a investigação arriscada. Para M1, quem se dispusesse a produzir tal reportagem deveria planejar uma mudança de cidade logo em seguida, sugerindo represálias futuras.

Conclui-se que os participantes agiram sob influências externas típicas de redações profissionais. Fontes e audiência interagem com os jornalistas ao longo de todo o processo produtivo. Da mesma maneira ocorre no jornalismo participativo, mas com uma diferença: em alguns momentos fonte e usuário podem ser a mesma pessoa. Em outras oportunidades, o participante contrai-se, torna-se passivo e delega responsabilidades a um profissional.

A constante troca de papéis que caracteriza o jornalismo participativo é mais um desafio à compreensão acadêmica dos mecanismos que influenciam o produto final.

#### **4.6 Influências dos sistemas sociais**

Sistemas sociais formam o contexto macro em que o jornalismo está inserido. Servem como guia para os processos que ocorrem dentro das demais categorias de influências, conforme o esquema de Shoemaker e Reese, mas não necessariamente os determinam. Segundo os autores, os sistemas sociais são a “estrutura de relações entre as pessoas e as instituições que elas criam” (2013, p. 64, tradução minha<sup>26</sup>),

<sup>26</sup> Texto original, em inglês: “the structure of relationships among people and the institutions they create”.

especialmente as relações de poder. Ideologia, cultura, organização política e econômica, na condição de subsistemas, dão sustentação à ideia de sistema social.

Porém, alertam os autores, sistemas macro não se apresentam facilmente para observação direta do pesquisador, eles precisam ser compreendidos em sua totalidade. No escopo do objeto deste trabalho, o que se espera é encontrar influências de certos subsistemas sociais nos diálogos travados entre os participantes do grupo focal, sem que isso signifique, entretanto, ignorar a teia social mais ampla que, de uma maneira e de outra, está inevitavelmente presente nas interações.

#### 4.6.1 Acesso/observação

Na tarefa individual, em que cada participante do grupo focal foi convidado a propor perguntas sobre a cidade de Blumenau, e os debates entre os participantes ocorriam em comentários e diálogos curtos, poucas manifestações trazem relação direta, observável, com subsistemas sociais. Indiretamente, seria possível refletir sobre como cada problemática apresentada pelos usuários de jornalismo participativo está imersa em cultura, ideologia, relações de poder, paradigmas e influências da esfera político-econômica num contexto macro.

Dentro do que cabe a este trabalho analisar, na fase de observação da realidade ao menos uma participante trouxe aspectos que podem ser facilmente conectados a influências do subsistema cultural. F2 propõe três indagações a serem discutidas, todas cuja reflexão aponta para o jeito de ser do blumenauense, sua história, valores, decisões morais e, de maneira mais ampla, a imagem que o cidadão local vê refletida no espelho.

Tempo	Quem	Áudio
25'14''	F2	Eu fiz uma pergunta que talvez ligue, um pouco, brevemente com a questão no nazismo, mas são perguntas bem simples que foi o que eu consegui pensar agora, que é por que nos orgulhamos tanto da nossa origem alemã, acho que tem alguma relação... E as outras duas são mais bobinhas: por que o blumenauense tem uma cultura de abandonar animais na rua e por que Blumenau tem tantas casas e prédios históricos, com arquitetura diferenciada, abandonados?
25'43''	P	O porquê tua achas que merece reportagem?

25'48''	F2	Eu acho que elas podem ser questões banais, mas podem ter interesse nem que seja por curiosidade, as questões das casas e da origem principalmente, já que aqui a gente é tão apegado a nossa origem alemã. E a questão dos animais de rua eu acho que é utilidade pública e saúde, e tem interesse governamental, né?
---------	----	--

A própria convidada, provocada a refletir sobre suas escolhas, vê banalidade, ou mera curiosidade, na discussão sobre cultura local. M3 e M4 intervêm. Ambos relacionam a pergunta sobre patrimônio histórico a um escopo mais amplo, em que questões econômicas e políticas interligam-se ao abandono de prédios antigos. “Tua pergunta não é nada bobinha, não”, diz M3, que tem o discurso reforçado por M4.

Tempo	Quem	Áudio
27'24''	M4	Bom, essa é a própria reportagem, mas por 'n'... Acho que é de superinteresse, porque tem muito a ver com a questão econômica, com a questão de preservação de uma série de coisas. Dá pra fazer onde todos ganhem: o proprietário, o cara da construtora, a cidade, enfim... Porque há muita inoperância ali, falta de planejamento e a lei é muito...

Quanto aos animais abandonados, a preocupação de F2 é centrada na saúde pública, no que M3 concorda. O debate sobre os comportamentos do cidadão e quanto à autoimagem germânica nutrida por moradores de Blumenau seria retomado mais adiante, quando as interações entre os usuários tornam-se mais frequentes e menos controladas.

#### 4.6.2 Seleção/filtro

Na fase de seleção e filtragem das primeiras informações trazidas à mesa, o subsistema cultural apareceu com grande ênfase nas interações dos participantes do grupo focal. Valores, normas e questões identitárias da cidade de Blumenau aparecem nas falas dos indivíduos durante os debates sobre quais temas mereceriam ser transformados em reportagens. O jornalismo, e as comunicações de maneira geral, têm papel importante na construção social daquilo que uma comunidade compartilha como sendo sua essência, daquilo que a faz reconhecer-se em si mesma. Aqui, a relação dialógica entre o subsistema cultural e a

construção do jornalismo participativo percorre um caminho tortuoso, pouco objetivo, que não necessariamente induz a uma decisão editorial específica, mas que mergulha os tomadores de decisão num seio social comum.

A conversa envolve mais da metade da mesa. Os participantes debatem sobre como a cultura local é representada, valorizada e como isso pode ter influência na formação de grupos de poder locais. Alguns dos indivíduos falam da própria identidade cultural, de grupos étnicos e raça. F1 é negra, mas demonstra admiração pela cultura alemã. M3 é capixaba, e preside uma associação de valorização das tradições locais de ascendência germânica. M4 é descendentes de alemães, mas diz não compartilhar do orgulho germânico comum entre seus conterrâneos. Num dado momento, o diálogo desvia para extremos, como quando F1 diz entender certas motivações do nazismo.

Tempo	Quem	Áudio
48'11''	F1	A maioria de nós falou de planejamento e mobilidade. E ele (M4) e ela (F2) trouxeram essa questão. Ele (M4) trouxe a da maçonaria e ela (F2) o porquê que o blumenauense, tipo, se orgulha tanto da cultura, e isso realmente acontece. Eu não sou blumenauense...
	M2	Eu ia mesmo perguntar.
	F1	E... Eu tive um choque muito grande quando eu cheguei na cidade porque o blumenauense é extremamente orgulhoso da cultura alemã.
	M2	Fechado, né?
	F1	Tanto da alemã quanto da italiana, e assim, você conhece um alemão, você conhece um italiano e parece que eles não se gostam, tipo: é Itoupava Central e Garcia.
48'52''	M2	Não sei, eu não vejo isso. Eu vejo que a nossa origem alemã, a gente é muito fechado.
48'59''	M3	Eu não sou daqui também, vim pra cá há mais de 20 anos, e eu tenho orgulho da cultura alemã... Inclusive eu presido uma associação que se chama Associação das Atrações Germânicas de Blumenau.
49'18''	F1	É uma cultura muito bonita, muito bonita mesmo, e alguém trouxe a questão do nazismo também? ((M4 levanta o dedo)) Foi você? Eu, né, como negra que sou, eu não acho a ideologia do nazismo uma ideologia ruim, eu não acho que foi um propósito, digamos... O cara tinha uma ideia de manter a raça dele e isso eu não acho errado, só que ele chegou num

		ponto em que ele perdeu totalmente o controle do negócio e foi querendo mostrar o poder dele e foi fazendo coisas horríveis...
49'57''	M3	O problema é que tentou segregar uma outra, né?
	F1	Exatamente.
	M4	E quem disse que a raça dele era superior?
50'05''	F1	Não é que é uma raça superior, ele não entendeu o que ele queria fazer. Você manter a tua cultura, manter a tua raça não é errado, você manter o teu orgulho. Aí entra a questão do orgulho de ser alemão, não é uma coisa errada, entendeu? Assim como tem o dia do orgulho negro, como a gente fala. Tem o dia do orgulho negro, tem o dia do índio, por que é que não pode ter uma pessoa que pode se orgulhar da origem dela?
50'32''	M3	E aqui tem dia da imigração alemã, dia 25 de julho.
	M2	Ah, 25 de julho, tá certo.
50'39''	F2	É que eu acho que a gente tem muito orgulho dessa nossa origem alemã, só que a gente já tá muito distante dela e já se perdeu muito do que foi no passado na Alemanha. E a gente mantém isso com uma força, uma vitalidade, sabe, mas não existe mais, as gerações já foram, já passaram, ninguém mais tem sangue de alemão...
51'00''	M3	Então não seria alemã, seria cultura blumenauense. Porque é muito próprio mesmo, o blumenauense é muito...
	M4	Eu ia falar isso, né, porque meu pai fala alemão, eu nasci aqui em Blumenau, meu sobrenome é ((sobrenome)) e eu não tenho orgulho nenhum da cultura alemã.
	F2	Eu também, a mesma coisa mas...
51'16''	M3	Mas da cidade? Do jeito de ser Blumenau?
	M4	Então, da cidade sim, né?

É interessante observar que, quando F1 menciona o nazismo e o debate parece enveredar para um caminho à parte, imprevisível, participantes como M3 e F2 o trazem de volta ao contexto blumenauense atual. A conversa então passa a associar componentes culturais locais com relações de poder exercidas a partir de certos grupos, como associações de empresários e a maçonaria, espaços notadamente ocupados por descendentes de europeus.

Tempo	Quem	Áudio
51'20"	M3	Porque assim... Aqui a gente é livre, correto? Todo mundo consegue se expressar? Tem represália?
	M4	Não, mais ou menos, cara.
	M3	Por mais que haja bate boca e tal...
	M4	Há uma liberdade relativa, porque tem essa questão da maçonaria, inclusive, tem a questão de quanto as mídias formais são manipuladas, ou influenciadas ou não.
	M1	Engessadas.
	M4	É, então assim: e tem grupos que são até privados que nós... Que decidem coisas, nem tô falando mais da maçonaria, tô falando de grupos de empresários, de poder...

No diálogo acima é possível identificar percepções dos usuários de jornalismo participativo em Blumenau acerca de como cultura e ideologia afetam decisões de interesse público, inclusive no que tange à livre circulação de ideias. Ao fim da fase de seleção, duas questões que envolvem relações de poder na sociedade local acabam escolhidas. Não é possível afirmar que a presença de expressões dos subsistemas cultural e ideológico nas conversas tenha sido determinante para essas decisões, mas se entendemos o jornalismo como uma construção social, modelada por relações imprevisíveis entre os participantes, podemos considerar essas conversas ao menos parte integrante do resultado final.

#### 4.6.3 Processamento/edição

O subsistema ideológico reaparece na fase em que os usuários são convidados a refletir sobre como seria executar as reportagens selecionadas. Agora, na constituição de paradigmas que influenciam diálogos. Para Shoemaker e Reese (2013), paradigmas são manifestações ideológicas aceitas por um conjunto de indivíduos num determinado contexto social. No problema em análise, paradigmas deontológicos formadores da cultura e da ideologia do jornalismo surgem nas conversas entre pessoas sem formação jornalística. Autores como Lewis (2012) e Deuze e Witschge (2015) enfatizam como jornalistas apoiam-se na cultura e na ideologia profissionais, inclusive para proteger suas fronteiras. Nas expressões captadas durante o grupo focal, percebem-se influências desses paradigmas também na maneira como usuários do jornalismo enfrentam dilemas.



Na questão sobre cuidados que deveriam ser tomados para garantir qualidade às informações apuradas nas reportagens em elaboração durante a dinâmica da fase de produção/edição, F3 associa o termo “cuidados” à necessidade de se proteger a fonte de informação – neste momento, o grupo em que ela está inserida discute a ideia de se produzir uma reportagem sobre a influência da maçonaria nas decisões do município. M5 inclui outro componente deontológico: o cruzamento de informações para se checar contradições.

Tempo	Quem	Áudio
1h26'46”	M1	Que cuidados devem ser tomados para garantir a qualidade...
	F3	Cuidados... proteção da fonte, né?
	M2	Proteção da fonte
	M5	Proteção da fonte e cruzamento de informações, né. Cruzar, checar as coisas que estão...

Este mesmo Grupo Maçonaria trava longo debate sobre o paradigma da imparcialidade jornalística. Neste trecho da conversa, quatro participantes tratam de como as fontes devem ser abordadas. F3 entende que a reportagem não deve partir do pressuposto de que os maçons estejam praticando tráfico de influência, e que o repórter pode inclusive descobrir fatos positivos para a sociedade em ações desse tipo de associação.

Tempo	Quem	Áudio
1h28'32”	F3	Ou não, mas a gente tá colocando, ó: que a pergunta nossa não é só pro negativo, a gente tá pensando no tráfico de influências... Mas os caras tem esse tráfico de influências... Que é a parte social deles, entendeu?
	M5	Não, mas daí eles fazem com dinheiro deles, não com dinheiro público.
1h28'30”	F3	Não, mas aí que tá, ele tem uma influência na gestão pública porque de repente eles têm um conhecimento que eles estão... Pra melhorar a gestão pública, né?
	M5	Sim, mas aí é aquele negócio: não basta ser honesto, tem que parecer honesto. ((inaudível))
1h29'16”	F3	Mas então, ó: o cara tem que ser imparcial, entendeu? O jornalista tem que ser imparcial. Ele tá indo buscar a influência. Pode ser que ele encontre

		coisas lindas.
	M5	Sim, mas se o nosso foco é na influência no poder público, né, então aqui, ó: “Como deve ser narrada a resposta”. Eu fiz uma exposição de como eu acho que deveria ser. Agora eu acho que cada um teria que fazer... ((inaudível))

O paradigma da imparcialidade retorna à discussão quando o grupo enfrenta a questão sobre como deve ser narrada a resposta à pergunta que origina a proposta de pauta jornalística.

Tempo	Quem	Áudio
1h29'44”	M5	Então aqui, ó: “Como deve ser narrada a resposta?” Que informações devem vir primeiro?”
	F3	Então assim, eu acho que contada de uma forma imparcial. As pessoas que fazem parte de uma organização também fazem parte da decisão de políticas públicas...

Concluída a atividade em grupo, no momento em que as duas equipes são convidadas pelo mediador a dividir com todos os participantes os resultados dos debates, o tema da imparcialidade volta a ser abordado. Ao longo das falas podem ser percebidas diferentes interpretações do conceito de imparcialidade. Para M4, o essencial é ser imparcial “no sentido de não manipular” as informações apuradas.

Tempo	Quem	Áudio
1h49’	F3	Mas daí a gente entrou num questionamento aqui, porque a partir do ponto de vista, a imparcialidade, né, você já não tá direcionando pra achar algum problema? Ou se realmente não existe, eu só quero mostrar a relação que existe do poder público, a maçonaria e as pessoas...
	M4	Eu acho que o foco é o problema, na verdade. Não é uma matéria assim, de, como é que é, de cotidiano, lazer. Eu acho que o foco é o sangue nesse caso, o problema, é a maldade, né? Tem que ser imparcial no sentido de não manipular.
	F3	Isso!

A discussão estende-se e aprofunda-se a ponto de M4 questionar: “Qual é o papel do repórter?” Tentativas de resposta surgem em tom de

incerteza. Ao que parece, embora imparcialidade seja paradigma corrente, acessível mesmo a não profissionais, as implicações dos posicionamentos assumidos exigem maior domínio técnico e conceitual. A conversa revela-se inconclusiva.

Tempo	Quem	Áudio
	F3	Mas aí que tá, como a gente pensou nessa coisa da imparcialidade. A pergunta não ser direcionada achando que a coisa existe.
1h55'29''	M4	Qual é o papel do repórter?
	F3	Buscar alguma coisa eu acho...
	M4	Mas não é fazer essa pergunta já direto, será? Eu vou buscar o que existe.
	F3	Mas acontece que daí tu não vai diretamente perguntar pro cara: e aí, vamos conseguir um contratinho porque você é da maçonaria?

Os paradigmas jornalísticos, aqui, permeiam conversas sobre como um repórter deve abordar questão delicada junto a uma fonte, qual a melhor estratégia de investigação para determinada pauta e que angulação é mais adequada para a narração do conteúdo apurado. Ou seja, mesmo não sendo treinados para exercer a atividade de repórter, como usuários de serviços jornalísticos, os participantes do grupo focal absorvem e manifestam certos aspectos ideológicos e deontológicos da profissão.

Ainda que inconclusivo, o debate deontológico sugere que não profissionais podem apropriar-se de aspectos ideológicos e culturais dos jornalistas na tentativa de resolver certos dilemas. É possível identificar nas falas coletadas influências historicamente construídas dentro de um grupo profissional específico, mas que, ao que se pode deduzir, estão acessíveis para sujeitos sem formação na área. Porém, há nas manifestações dos sujeitos uma carga razoável de superficialidade na abordagem de conceitos complexos.

#### 4.6.4 Considerações sobre influências dos sistemas sociais

No nível dos sistemas sociais, a pesquisa identificou em interações do grupo focal aspectos que podem ser associados aos subsistemas cultural e ideológico, embora pressões de instituições externas, mencionadas na seção anterior, possam também ser analisadas no campo dos subsistemas econômico e político.

Este nível de influências trata de características que abarcam todo o sistema social, como cultura, ideologia, relações de poder nos campos da política e da economia, ideias macro compartilhadas de modo abrangente entre os indivíduos. Assim, pode-se deduzir que aquilo a influenciar profissionais também esteja presente quando os tomadores de decisão são amadores.

Traços de paradigmas da profissão jornalística em debates e decisões dos participantes merecem atenção especial. A pesquisa propôs que indivíduos sem formação planejassem a execução de pautas. Dessas ações surgem influências advindas da cultura e da ideologia profissional dos jornalistas, sinal de que sua presença na sociedade contemporânea tem demarcações fortes. No grupo focal, uma bióloga e um analista de sistemas discutem a “imparcialidade” do repórter e sigilo da fonte. Técnicas de entrevista e de verificação são outros exemplos de práticas cotidianas profissionais invocadas pelos participantes.

Vocalizados há décadas pelos meios de comunicação de massa, paradigmas profissionais estão entranhados na cultura ocidental e compõem o ecossistema onde se insere o jornalismo participativo. Ainda que não demonstrem domínio dos conceitos abordados, sujeitos sem formação técnica apropriam-se deles em condições específicas. No grupo focal, F3 entende que imparcialidade é não pré-julgar, enquanto para M4 ela deve ser entendida no sentido de não manipular as informações obtidas.

O estudo não produziu dados suficientes para que se pudesse delimitar intencionalidades dessa apropriação paradigmática, mas podemos inferir algumas. Conceitos deontológicos deram verniz de autoridade a certas opiniões e ajudaram a validá-las perante as demais. O carimbo da imparcialidade, por exemplo, distingue todos os demais caminhos propostos como “parciais”, em conotação negativa. Paradigmas também serviram em apoio técnico aos não jornalistas no enfrentamento de dilemas que não fazem parte do cotidiano.

#### **4.7 Visão geral dos resultados**

Processos de tomada de decisão constituem objeto de estudos amplo e longo no campo jornalístico, interesse acadêmico que se justifica pela natureza da atividade, demarcada por sucessivas escolhas manifestadas por indivíduos, sob influências não lineares, embaraçadas, de difícil compreensão. Quem decide quais e como devem ser as notícias? Um labirinto interpõe-se entre o pesquisador e respostas precisas para questão tão complexa, sobremaneira quando, no

jornalismo participativo, mais indivíduos decidem e, por consequência, adicionam um maior número de influências no produto social resultante: o conteúdo.

Esta é a primeira conclusão da presente dissertação: se mapear influências ao jornalismo industrial já era tarefa intrincada, quando mais indivíduos assumem a condição de atores e têm poder de fazer opções sobre o conteúdo amplia-se também a rede de interações que merecem atenção do pesquisador. É como se, de repente, observássemos o jornalismo com uma lente grande angular, visualizando a distância elementos até aqui imperceptíveis. Porém, ao afastarmos-nos do objeto, a imagem revelada torna-se mais complexa, menos definível, pomenorizada e, às vezes, distorcida ou desfocada.

No grupo focal realizado, oito sujeitos apresentaram 15 sugestões de pauta individuais, que em seguida foram postas lado a lado e comparadas. Passaram pelo canal informativo apenas duas, e esta escolha foi feita por meio de interações simultâneas. O resultado final é produto dessas interações, bastante complicadas de se mapear e compreender.

Apesar das naturais limitações do grupo focal como ferramenta metodológica, foi possível identificar nas falas e comportamentos dos sujeitos indícios da presença das mesmas cinco categorias de influências propostas por Shoemaker e Reese (2013) para estudos sobre o jornalismo profissional. O modelo teórico-metodológico proposto, que cruza as categorias com os estágios de produção (DOMINGO et al, 2008), sinaliza oportunidades de se investigar detalhadamente cada um dos níveis. Por exemplo, no nível do indivíduo, vestígios de influências do campo profissional e da vida cotidiana encontrados neste estudo podem ser aprofundados a partir de aportes da psicologia e da sociologia: aceitação social, pertencimento, distinção e formação de identidades, entre outros aspectos.

Conversas alimentam o jornalismo participativo. Imprevisíveis, por vezes desconexas, não raro aparentemente irrelevantes em si mesmas. Diálogos sem paralelo com o tema em pauta num instante podem ser convertidos em debates de interesse público. Trocas de informação que um jornalista profissional consideraria inúteis, de relevância duvidosa, de repente enveredam para argumentações consistentes do ponto de vista técnico e deontológico. Há paralelismos nas interações, diferentes visões de mundo convivem e produzem retórica não linear, caótica até.

Min (2015) parece ter razão ao lançar luz sobre a conversa, elemento considerado definidor do jornalismo. A questão é como

explorar microuniversos tão ricos, acompanhar interações labirínticas e organizar dados desconexos sem que se prejudique a espontaneidade das trocas. Tanto do ponto de vista da pesquisa acadêmica quanto da produção jornalística, o *gatekeeping* em rede que se apresenta neste cenário desafia as ferramentas técnicas e metodológicas que dispomos.

Quando abrem-se aos usuários os estágios produtivos iniciais, em que as decisões tomadas impactam as fases seguintes e, em última instância, o produto jornalístico, surgem espécies de redes decisórias. Interações em sequência que conduzem a um determinado resultado. Onde posicionar essas redes de interações no esquema de hierarquia das influências é uma questão em aberto. Como vimos, os participantes transitam entre diferentes papéis. Quando agrupados, porém, parecem dar corpo a um tipo de organização específica. Talvez, num ambiente participativo real, as interações e influências advindas dessas redes de participantes apresentem-se mais claramente como parte de novas organizações de mídia.

Os mecanismos sociais e as relações de poder que conduzem às decisões nas redes de *gatekeeping* estariam interligados às demais categorias de influências. Portanto, apesar de deter o olhar sobre as conversas, não se pode perder de vista o contexto em que elas ocorrem. Parece claro que para ampliar a compreensão do jornalismo participativo será necessário dedicar atenção a essas interações em rede e ao papel que desempenham.

Todas as considerações acima dizem respeito ao objetivo geral desta pesquisa: compreender o que influencia as decisões dos usuários de jornalismo participativo. Dentro desse contexto, valores de notícia representam componentes mais específicos que atraíram a curiosidade do pesquisador. Por isso, merecem aqui discussão destacada.

Como primeira constatação, foi possível observar categorias de valores de notícia presentes na teoria biocultural (SHOEMAER e COHEN, 2006) em discursos e decisões dos participantes não profissionais. No contexto do grupo focal essas formações cognitivas não se distinguiram como técnica ou manual para tomada de decisão. Ao contrário, construíram-se simultaneamente às conversas, uns compartilhando valores com os outros.

Porém, categoria de grande relevância para o jornalismo profissional, como o desvio estatístico, apareceu com menor frequência entre os usuários. Houve notável preferência por questões enquadradas no desvio normativo, na significância política e do bem estar público. Neste grupo focal, os debates privilegiaram preocupações sobre como leis são elaboradas e quem influencia as decisões de agentes públicos.

Não se pode descartar a hipótese, porém, de que a natureza do grupo focal – oito sujeitos dentro de uma sala fechada, desconectados do mundo exterior – tenha inclinado os usuários a refletir sobre questões menos factuais e imediatas.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tratamos de jornalismo participativo não falamos de fenômeno efêmero, de mais um modismo dentre tantos orbitando a barulhenta metamorfose que é a revolução digital. Práticas participativas acompanham a história do campo jornalístico antes, durante e depois de sua fase predominantemente industrial. Nos últimos 30 anos aumentaram a velocidade e a profundidade de transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que impulsionam modalidades participativas de comunicação, por vezes recebidas como tábua de salvação para um jornalismo em crise, e em outras como aspiração inexequível.

No vaivém entre a imagem utópica de um jornalismo absolutamente horizontal, praticado por todos e para todos, e estratégias oportunistas de uso do conteúdo gerado pelo usuário que visam a apenas reduzir custos das empresas, alguns conceitos estabilizam-se, certas práticas e tecnologias demonstram ser mais efetivas do que outras. Num panorama de incerteza econômica, política e social, especialmente no Brasil atual, cabe ao pesquisador procurar traços de permanência, padrões que permitam algum grau de compreensão dos fenômenos. Miramos o jornalismo participativo com essa intenção.

Uma primeira preocupação desta dissertação foi organizar a revisão de literatura de maneira a clarear a história recente desse campo acadêmico. Mercado e pesquisadores adotam muitas denominações para se referir a fenômenos participativos que apresentam leves variações entre si. Em muitos casos, experiências expostas como grande novidade são remediações de situações já observadas e analisadas antes. Para que se avance na compreensão do jornalismo participativo é importante conectar e contextualizar fenômenos aparentemente dispersos, sem desprezar suas peculiaridades.

Por outro lado, desde o conceito de jornalismo público, que marcou o início da década de 1990, passando pelo movimento *open source*, cuja raiz tecnológica influenciaria estudos 10 anos depois, até o encontro conceitual que delineia consensos em torno do jornalismo participativo, intervenções dos usuários no conteúdo ocorrem através de processos produtivos que podem ser mais ou menos horizontais, em formatos variados, em iniciativas 100% dedicadas à internet, assim como organizações industriais com atuação digital. Não existe estratégia correta, ou única, para a participação. Da mesma maneira que o ecossistema industrial permite a existência de “jornalisms”, presenciamos abundantes “participações”.

Convém não descartar possibilidades a essa altura, nem esperar do jornalismo participativo soluções generalizantes para todos – e não são poucos, muito menos simples – os problemas da atividade. Tratamos aqui de uma alternativa de explorar características da cultura digital e do ecossistema pós-industrial para estruturar inovações no campo jornalístico.

Optou-se neste trabalho por aprofundar análises sobre comportamentos de pessoas que participam do jornalismo, à procura de dados que ajudem a compreender interações jornalista-usuário e usuário-usuário. Por meio de um grupo focal formado por indivíduos com histórico de envolvimento com jornalismo participativo, observamos e analisamos interações relacionadas a decisões editoriais que começam a ser abertas à atuação externa.

Como estratégia metodológica, o grupo focal revelou-se oportuno para se evidenciar o emaranhado de influências sobre o jornalismo participativo, apesar das limitações que impõe à compreensão de alguns grupos de influenciadores. Análises sobre rotinas, organizações e instituições ocorrem num contexto não natural, que emula situações reais. São válidas para se pensar de maneira comparada, permitem discutir como se aplicariam em outros contextos, mas não devem basear afirmações definitivas.

Informações coletadas no nível do indivíduo, e do grupo de indivíduos envolvidos nas discussões, por resultarem de situações muito parecidas com as observadas em plataformas de jornalismo participativo existentes, podem ensejar mais facilmente reflexões que superem os quadrantes da experiência científica. Dinâmicas propostas pelo pesquisador oferecem pontos de discussão que podem ajudar a amadurecer o campo do jornalismo participativo no que se refere a comportamentos do usuário. Grupos focais podem ser adotados, por exemplo, para se analisar mais detidamente certas categorias de influências, ou mesmo um dos estágios de produção.

Um dos resultados mais aparentes desta pesquisa identifica certos mecanismos que influenciam o indivíduo a participar enfaticamente do jornalismo, entre eles situações relacionadas à vida profissional e problemas que se interpõem à rotina diária. Este aspecto em particular merece ser levado em conta no desenvolvimento de ambientes participativos. Quando não restrita a *playgrounds* jornalísticos, a interação de usuários com o conteúdo costuma ser episódica, com predominância em situações caracterizadas pelo desvio de mudança social, conforme a teoria biocultural (SHOEMAKER et al, 2010). Ou seja, eventos de grande impacto, como desastres naturais, revoluções e

guerras. Basta pensar em exemplos famosos de coberturas jornalísticas participativas: Furacão Katrina, Primavera Árabe, protestos de junho de 2013 no Brasil ou as enchentes e deslizamentos de terra infelizmente comuns no Estado de Santa Catarina. Para além de ocasiões extremas, convocar participantes pode ser tarefa inglória, conforme demonstrado em Assis (2016).

O desafio, ao que parece, é conseguir despertar da inércia as pessoas certas na hora certa. Quando o assunto em que o sujeito estiver interessado surgir na pauta, ele precisa ser estimulado a participar. Assim como deve ter condições de provocar os jornalistas a prestar atenção a algo quando entender que isto é necessário. Além disso, deve-se pensar em métodos e tecnologias que permitam organizar os conhecimentos das pessoas enfaticamente dispostas a discutir os temas. Este parece ser um caminho promissor para o desenvolvimento do jornalismo participativo, empiricamente falando. Fontes interessadas ou indivíduos curiosos, usuários têm condições de contribuir com pontos de vista, relatos e dados. Entretanto, há muito a se pensar no que se refere a processos para se conectar tantas visões de mundo e extrair delas produto social relevante.

Esta questão tem relação direta com outra, apresentada propositalmente ao final das dinâmicas do grupo focal: afinal, participantes são repórteres? Cidadãos podem desempenhar o papel dos jornalistas em sua totalidade? Os sujeitos do grupo focal diferenciaram informações ao alcance de qualquer pessoa daquelas que só jornalistas experientes e com dedicação profissional poderiam apurar. Reconheceram que nem todo mundo tem tempo e habilidade para ser repórter ou editor. Estes usuários podem ser aliados importantes do fazer jornalístico, mas não parecem dispostos a assumir todas as responsabilidades inerentes.

Isso apareceu quando M4 exclamou espontaneamente, diante de um dilema operacional: “O problema de como vai descobrir é do jornalista, não é nosso, né, cara?”. Ou quando M5 citou “prática” e “experiência” como requisitos essenciais a quem fosse investigar uma pauta mais sensível a pressões. Além do interesse do cidadão no assunto em questão, deve-se considerar os recursos cognitivos, técnicos e o tempo disponível para a colaboração. A probabilidade de que participe do jornalismo depende fortemente dessas variáveis.

Neste trabalho preferimos tratar os indivíduos que intervêm no jornalismo como “participantes”, cidadãos presentes em situações episódicas, circundando os papéis de jornalista, fonte e audiência. Evitamos alusões a “repórter-cidadão” ou “repórter-amador” por

entender que a relação desses indivíduos com o jornalismo é espaçada e descontínua. Os comportamentos observados não sugerem que os participantes estejam dispostos a reivindicar a condição (e a identidade) de jornalistas. Embora possam, sim, contribuir significativamente para um jornalismo de maior qualidade.

Diferenciamos os participantes de coletivos de não-jornalistas, grupos engajados na produção de informações sobre causas específicas em práticas que se estendem ao longo do tempo. Parecem, em nossa análise, fenômenos de características bastante distintas. Não quer dizer que práticas participativas estejam atreladas necessariamente à presença de jornalistas, mas quando a relação do indivíduo com a atividade é continuada e intensa, assimilando em maior profundidade aspectos culturais e deontológicos de um grupo profissional, tratamos de uma categoria mais específica, que demanda reflexões próprias.

Indo um pouco além: talvez seja oportuno pensar o jornalismo participativo não como uma modalidade nova do jornalismo, mas como potencialização da atividade no sentido de maior pluralização, fortalecimento das relações sociais e da democracia. Em outras palavras, falarmos em “participação no jornalismo”, conversas multidirecionais (profissionais-amadores, profissionais-profissionais, amadores-amadores) que resgatam e reforçam característica presente na história da profissão e do campo acadêmico (MIN, 2015; DOMINGO et al, 2008).

Os resultados apresentados aqui são fruto de esforço acadêmico despertado pelo Coletivo Blumenau, experiência empírica que inspirou e moveu o pesquisador ao longo dos últimos 16 meses de investigação. Da trajetória de idas e vindas entre uma montanha de trabalhos acadêmicos, autores, exploração de plataformas participativas inovadoras e práticas dentro do ambiente de uma incubadora de *startups*, frequentada pelo autor ao longo de 2016, há um ponto de retorno: a necessidade de se aprimorar as interações entre jornalistas e usuários pelo bem do produto social que daí resulta: o conteúdo jornalístico.

Tecnologias, práticas e estratégias precisam ser renovadas para dar conta da teia de conversas que pode auxiliar o jornalismo, principalmente nos meios digitais, mas esses artefatos devem vir acompanhados de disposição, por parte dos profissionais, para participar de diálogos verdadeiramente abertos, para além de *playgrounds* editoriais protegidos por cercas. No jornalismo participativo, por mais óbvio que possa parecer, jornalistas devem ser participantes.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. W. Between creative and quantified audiences: Web metrics and changing patterns of newswork in local US newsrooms. **Journalism**, v. 12, n. 5, p.550-566, 1 jul. 2011.
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. O jornalismo pós-industrial: Adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo Espm**, São Paulo, p.30-89, abr. 2013. Disponível em: <[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista\\_de\\_Jornalismo\\_ESPM\\_5/files/assets/common/downloads/REVISTA\\_5.pdf](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2016.
- ALACOVSKA, A. The history of participatory practices: rethinking media genres in the history of user-generated content in 19th-century travel guidebooks. **Media, Culture & Society**, p.1-19, 8 ago. 2016.
- ASSIS, Evandro de. Seleção de conteúdos no jornalismo participativo: desafios e potencialidades na experiência do Coletivo Blumenau. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., 2016, Palhoça. **Caderno de resumos**. 2016. p. 1 - 17. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/37/119>>. Acesso em: 1 jun. 2017.
- BELL, Emily. **Facebook is eating the world**. 2016. Disponível em: <[http://www.cjr.org/analysis/facebook\\_and\\_media.php](http://www.cjr.org/analysis/facebook_and_media.php)>. Acesso em: 19 set. 2016.
- BILTON, Ricardo. **How one Washington Post reporter uses pen and paper to make his tracking of Trump get noticed**. Nieman Lab. Disponível em: <<http://www.niemanlab.org/2016/09/how-one-washington-post-reporter-uses-pen-and-paper-to-make-his-tracking-of-trump-get-noticed/?relatedstory>>. Acesso em: 9 set. 2016.
- BLOOR, Michael et al **Focus groups in social research**. Londres: Sage Publications, 2001.
- BOLTER, Jay; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding new Media**. Cambridge: The MIT press, 2000.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. **We media**: How audiences are shaping the future of news and information. Arlington: The Media Center At The American Press Institute, 2003. Disponível em: <[www.hypergene.net/wemedia/download/we\\_media.pdf](http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2016.

BRAMBILLA, Ana Maria. A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, n. 13, p.87-94, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/867/654>>. Acesso em: 18 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do OhmyNews International. 2006. 248 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BREED, Warren. Controle social da redação: uma análise funcional. In TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias, histórias. Lisboa: Vega, 1993 p. 152-166

BRUNS, Axel. Gatewatching, not gatekeeping: Collaborative online news. **Media International Australia Incorporating Culture And Policy: quarterly journal of media research and resources**, v. 107, p.31-44, 9 jul. 2004. Disponível em: <<https://eprints.qut.edu.au/189>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. The Active Audience: Transforming Journalism from Gatekeeping to Gatewatching. In: PATERSON, Chris; DOMINGO, David. **Making Online News: The Ethnography of New Media Production**. Nova York: Peter Lang, 2008. p. 171-184.

\_\_\_\_\_. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: Novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 7, n. 11, p.119-140, 2011. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 3. ed. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

CASTILHO, Carlos Albano Volkmer de. O processo colaborativo na produção de informações: Gênese, sistemas e possíveis aplicações no jornalismo comunitário: 2009. 68 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/06/Carlos-Albano-V.-Castilho.pdf>> Acesso em: 5 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **O papel da curadoria na promoção do fluxo de notícias em espaços informativos voltados para a produção de conhecimento.** 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. **Comunicação e Sociedade**, v. 25, p.267-277, 30 jun. 2014. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade Minho.

COLEMAN, R. The Intellectual Antecedents of Public Journalism. **Journal Of Communication Inquiry**, v. 21, n. 1, p.60-76, 1 abr. 1997.

COSTA, Maria Eugênia Belcazk. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2ª. ed. 2ª. reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

DEUZE, Mark. Participation, Remediation, Bricolage: Considering Principal Components of a Digital Culture. **The Information Society**, v. 2, n. 22, p.63-75, 19 ago. 2006.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do Jornalismo.** Ano 2, Vol. 2, N. 4. Jul./Dez., 2015.

DOMINGO, David et al. Participatory journalism practices in the media and beyond. **Journalism Practice**, v. 2, n. 3, p.326-342, out. 2008.

EKDALE, Brian et al. Making Change: Diffusion of Technological, Relational, and Cultural Innovation in the Newsroom. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 92, n. 4, p.938-958, 24 jul. 2015.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005. 269 p.

GLASSER, Theodore J. Objectivity precludes responsibility. **The Quill**, p.13-16, fev. 1984. Disponível em: <<http://www.columbia.edu/itc/journalism/j6075/edit/readings/glasser.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

HARRISON, Jackie. User-generated content and gatekeeping at the BBC. **Journalism Studies**, v. 11, n. 2, p.243-256, abr. 2010.

HERMIDA, Alfred. Twittering the news: The emergence of ambient journalism. **Journalism Practice**, v. 4, n. 3, p.297-308, ago. 2010.

HIMANEN, Pekka. **Ética dos hackers e o espírito da informação**: A diferença entre o bom e o mau hacker. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HOLANDA, André et al. Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. **Brazilian Journalism Research: versão em português**, Brasília, v. 1, n. 1, p.57-76, 2008. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/164>>. Acesso em: 18 set. 2016.

ISAACSON, Walter. **Os inovadores**: Uma biografia da revolução digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KARLSSON, Michael; CLERWALL, Christer; NORD, Lars. The public doesn't miss the public. Views from the people: Why news by the people? **Journalism**, v. 1, n. 18, p. 1-18, 1 fev. 2017.

KEEN, Andrew. **The cult of the amateur**: How today's internet is killing our culture. Nova York: Random House, 2007. 228 p.

LEE, Angela M.; LEWIS, Seth C.; POWERS, Matthew. Audience Clicks and News Placement: A Study of Time-Lagged Influence in Online Journalism. **Communication Research**, v. 41, n. 4, p.505-530, 20 nov. 2012.



LEE, Jayeon. Opportunity or risk?: How news organizations frame social media in their guidelines for journalists. **The Communication Review**, v. 19, n. 2, p.106-127, 2 abr. 2016.

LEWIS, Seth C. The tension between professional control and open participation. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 6, p.836-866, ago. 2012.

MACGREGOR, Phil. Tracking the online audience. **Journalism Studies**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.280-298, abr. 2007.

MARCHIONNI, Doreen. Conversational journalism in practice. **Digital journalism**, v. 2, n. 1, p. 252-269, 3 jan. 2013.

MICÓ, Josep Lluís; MASIP, Pere; DOMINGO, David. To wish impossible things: Convergence as a process of diffusion of innovations in an actor-network. **International Communication Gazette**, v. 75, n. 1, p.118-137, 23 jan. 2013.

MIN, Seong-jae. Conversation through journalism: Searching for organizing principles of public and citizen journalism. **Journalism**, v. 17, n. 5, p.567-582, 2 mar. 2015.

MORGAN, David L.; Krueger, Richard A. When to use focus groups and why. (In) MORGAN, David L. **Successful Focus Groups: advancing the State of the Art**. Newbury Park: Sage Publications, 1993.

MORGAN, David L. **Focus groups as qualitative research**. California: Sage Publications, 1997.

MOURA, Catarina. **Jornalismo na era Slashdot**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-jornalismo-slashdot.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2016.

NOGUEIRA, Luís Carlos. **Slashdot: comunidade de palavra**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=nogueira-luis-slashdot\\_texto.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=nogueira-luis-slashdot_texto.html)>. Acesso em 6 set. 2016.

PELLEGRINI-RIPAMONTI, Silvia. Análisis conceptual del Periodismo Ciudadano y propuesta metodológica para analizar su contribución informativa. **Palabra Clave**, Bogotá, v. 13, n. 2, p.271-290, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/pacla/v13n2/v13n2a04.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2016.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, p.13-30, 2004.

PEW RESEARCH CENTER (Estados Unidos). **The State of the News Media 2008**: An annual report on american journalism. 2008. Disponível em: <<http://www.stateofthedia.org/2008/>>. Acesso em: 29 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **The State of the News Media 2014**. 2014. Disponível em: <<http://www.journalism.org/packages/state-of-the-news-media-2014/>>. Acesso em: 29 set. 2016.

PRIEST, Susana Hornig. **Pesquisa de mídia**: introdução. Porto Alegre: Penso ArtMed, 2011.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. *Contracampo (UFF)*, v. 14, p. 37-56, 2006.

RAYMOND, Eric Steven. **A catedral e o bazar**. Tradução de Erik Kohler. 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/tl000001.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2016.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM (Reino Unido). **Reuters Institute Digital News Report 2016**. Disponível em: <<http://www.digitalnewsreport.org>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

ROSEN, Jay. Making Things More Public: On the Political Responsibility of the Media Intellectual. **Critical Studies In Mass Communication**, Santa Barbara, v. 4, n. 11, p.363-388, 1994.

\_\_\_\_\_. **The people formerly known as the audience**. 2006. Disponível em:

[http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2006/06/27/ppl\\_fmrm.html](http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2006/06/27/ppl_fmrm.html). Acesso em: 18 jul. 2016.

ROSENSTIEL, Tim. **News as collaborative intelligence**: Correcting the myths about news in the digital age. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/rosenstiel.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

RYFE, David M. Broader and deeper: A study of newsroom culture in a time of change. **Journalism**, v. 10, n. 2, p.197-216, 1 abr. 2009.

SANTOS, Marielle S. **A arte narrativa na rede das redes**: Quando o jornalismo digital se aproxima do novo jornalismo. 2007. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti, Curitiba, 2007.

SHOEMAKER, Pamela J., COHEN, Akiba A. **News around the World**: Content, Practitioners, and the Public. Nova York: Routledge, 2006.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. Media gatekeeping. In: SALWEN, Michael B.; STACKS, Don W.. **An integrated approach to communication theory and research**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2008. Cap. 6. p. 75-87.

SHOEMAKER, Pamela J. et al Os leitores como gatekeepers das notícias on-line: Brasil, China e Estados Unidos. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, p.58-83, 2010.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping**: Seleção e construção da notícia. Porto Alegre. Penso, 2011.

SHOEMAKER, Pamela J.; REESE, Stephen D. **Mediating the message in the 21st century**: A media sociology perspective. 3. ed. Nova York: Routledge, 2013.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.2, n.1, p.95-107, jan./jun. 2005.

SINGER, Jane B. et al **Participatory Journalism**: Guarding open gates at online newspapers. Chichester: Wiley-blackwell, 2011. 227 p.

SINGER, Jane B. User-generated visibility: Secondary gatekeeping in a shared media space. **New Media & Society**, v. 16, n. 1, p.55-73, fev. 2014.

STENCEL, Mark; ADAIR, Bill; KAMALAKANTHAN, Prashanth. **The goat must be fed: why digital tools are missing in most newsrooms.** 2014. Disponível em: <[www.thegoatmustbefed.com](http://www.thegoatmustbefed.com)>. Acesso em: 18 jul. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Por que as notícias são como são.** 3. ed. v. 1. Florianópolis: Insular, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo cívico. 20 Anos de Jornalismo Contra A Indiferença,** p.293-306, 2015. Imprensa da Universidade de Coimbra. [http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0873-0\\_19](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0873-0_19).

TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo participativo online: intervenção do público no Wikinews e no Kuro5hin. **Brazilian Journalism Research.** Brasília, v. 1, n.1, p. 77-96, 2008. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/165/164>>. Acesso em: 31/8/2016.

VU, Hong Tien. The online audience as gatekeeper: The influence of reader metrics on news editorial selection. **Journalism**,[s.l.], v. 15, n. 8, p.1094-1110, 28 out. 2013.

WELBERS, Kasper et al News selection criteria in the digital age: Professional norms versus online audience metrics.**Journalism**, v. 17, n. 8, p.1037-1053, 28 jul. 2015.

WHITE, David. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias, estórias.** Lisboa: Vega, 1993 p. 142-151

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 5. ed. Lisboa: Presença, 1999. 271 p.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as folhas e assine ao final deste documento, com as folhas rubricadas pelo pesquisador, e assinadas pelo mesmo, na última página. Este documento está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

A presente pesquisa tem o objetivo de compreender aspectos da dinâmica do chamado jornalismo participativo, quando cidadãos interagem com os profissionais do jornalismo e têm a oportunidade de interferir no conteúdo produzido. Ela é parte da dissertação a ser apresentada pelo pesquisador como pré-requisito à conclusão do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Entre os procedimentos a serem adotados pelo pesquisador estão a realização de um grupo focal, em que você interagirá com o pesquisador e outros convidados durante aproximadamente duas horas. A entrevista individual será agendada em data posterior ao grupo focal, e terá duração entre 45 e 90 minutos.

Na atividade em grupo o pesquisador vai propor atividades a serem desenvolvidas no interior de uma sala ou auditório, em local privado. Todas as atividades têm relação com rotinas do jornalismo participativo. Tanto a reunião do grupo quanto as entrevistas serão registradas em vídeo e áudio, com o único objetivo de permitir a análise posterior de seu conteúdo por parte do pesquisador. Elas não serão exibidas a terceiros ou tornadas públicas em nenhuma hipótese.

As atividades a serem propostas envolvem discussões e debates com outros participantes, a exposição de opiniões sobre temas de interesse público da cidade de Blumenau e a tomada de decisões sobre conteúdos jornalísticos. Os riscos aos quais você estará exposto são reduzidos, mas existem. Você pode se sentir desconfortável caso algum tema que lhe seja sensível venha a ser debatido. Também pode ter suas opiniões confrontadas ou sentir-se ofendido pela opinião de terceiros. Embora o pesquisador possa eventualmente atuar como mediador nos casos que extrapolem a boa convivência e os objetivos da pesquisa, ele não terá controle sobre todas as interações entre as pessoas convidadas.

Você terá a oportunidade de conhecer outras pessoas, aprender sobre rotinas jornalísticas, sobre o papel social do jornalismo e discutir temas de interesse social para a cidade de Blumenau. Será servido um lanche durante as atividades, custeado pelo pesquisador. A participação na pesquisa não dá direito a qualquer tipo de remuneração ou benefício. Eventuais custos com estacionamento para acesso ao local em que se realizará a pesquisa serão ressarcidos pelo pesquisador, em espécie, ao final da reunião presencial. O pesquisador também se compromete a indenizar eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão inteiramente compartilhados com você, em formato .PDF, tão logo a dissertação seja apresentada à banca examinadora e a versão final entregue à universidade. Os dados colhidos pelo pesquisador serão arquivados digitalmente por um período de cinco anos após o término da pesquisa.

Antes, durante e após a realização da pesquisa você pode entrar em contato com o pesquisador pelo e-mail e pelo telefone informados abaixo. Da mesma forma, a qualquer momento você pode retirar seu consentimento sem que isso acarrete prejuízo ou pena. Caso você considere algum procedimento da pesquisa irregular ou ilegal, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) possui um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), que pode ser contatado pelo telefone (48) 3721-6094 e pelo email [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br).

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_ abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como participante. Fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ Participante: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Telefone para contato: \_\_\_\_\_

Pesquisador responsável: Evandro de Assis

Telefone para contato: (47) 98408-2008

E-mail para contato: [evandrodeassis@hotmail.com](mailto:evandrodeassis@hotmail.com)

Orientador responsável: Prof. Dr. Rogério Christofolletti

E-mail para contato: [rogerio.christofolletti@ufsc.br](mailto:rogerio.christofolletti@ufsc.br)





## APÊNDICE B – ROTEIRO DE GRUPO FOCAL

**Local:** sala de aula anexa ao coworking Fábrica de Negócios, em Blumenau. Espaço tem mesas e cadeiras, além de equipamento audiovisual e quadro. O ambiente é climatizado e fica em área central, de fácil acesso.

**Número de participantes:** oito

**Tempo previsto:** duas horas

### **Chegada**

- Participantes assinam termo de consentimento.
- Lanche será servido já na chegada, para proporcionar um momento de descontração entre os convidados. Os participantes também poderão se servir ao longo da dinâmica.

### **Introdução (5 minutos)**

- Agradecimentos
- Apresentação nominal dos presentes
- Explanação sobre os objetivos da reunião

### **Aquecimento (15 minutos)**

- Pesquisador apresenta perguntas simples resgatando a experiência dos participantes com redes sociais e com o Coletivo Blumenau. O objetivo é construir entendimento entre os participantes e aproximá-los do tema que será discutido.
- A) Como você faz para obter notícias e informações sobre Blumenau?
- B) Ainda pensando em Blumenau, nas redes sociais, como você diferencia uma fonte

qualificada de uma fonte pouco qualificada?

- C) Como você avalia a experiência do Coletivo Blumenau?

### **Dinâmica**

O pesquisador apresenta a atividade 1. Cada participante receberá uma questão impressa em uma folha de papel. Deve respondê-la de maneira livre, mas objetiva.

1. O que você gostaria de saber sobre Blumenau? (10 minutos)

Para facilitar a compreensão, o pesquisador apresenta brevemente o site norte-americano WBEZ Curious City, de Chicago, em que a população apresenta questões que viram pautas jornalísticas. O pesquisador não deve demonstrar detalhes sobre a dinâmica do site, mas apenas ilustrar como é possível criar uma reportagem a partir de uma pergunta simples. Cada participante deve escrever no papel no mínimo uma pergunta.

2. Resposta oral. Por que essa pergunta merece ser respondida numa reportagem jornalística? **(15 minutos)**. Cada convidado deve defender suas perguntas e também pode comentar as dos demais.

3. Agora, coletivamente vocês precisam debater quais destas perguntas devem ser respondidas, e escolher apenas duas delas. Vocês devem chegar a um consenso. Só se não for possível faremos uma votação para escolher as questões. **(10 minutos)**

4. Agora dividiremos os convidados em duas equipes de igual número. Cada equipe será responsável por uma das perguntas eleitas. Os próprios convidados devem organizar os grupos. O pesquisador acompanha a discussão em um grupo e um observador auxiliar acompanhará o segundo.

5. Cada grupo recebe uma folha de papel com instruções. Dentro do grupo, respondam às seguintes questões **(20 minutos)**:

- A. Como ter acesso às informações necessárias para se responder essa pergunta?
- B. Quais pessoas devem ser entrevistadas e por quê?
- C. Quais documentos podem ser consultados?
- D. Que cuidados devem ser tomados para garantir que as informações colhidas sejam de qualidade?
- E. Acrescente qualquer outra observação que julgue importante para o desenvolvimento desta reportagem.

6. Cada grupo recebe uma nova folha de papel com instruções. Ainda dentro do grupo, respondam **(15 minutos)**:

- A. Como deve ser narrada a reportagem? Quais informações deveriam vir primeiro? Se possível, imagine como seria o título.
- B. Quais recursos de mídia você usaria nesta reportagem? Texto? Fotos? Áudios? Vídeos? Ilustrações? Gráficos? Mapas? Tabelas? Outro?

C. Esta reportagem envolve algum dilema/risco ético, jurídico ou questão que demande cuidado adicional? Qual?

7. Esta questão só deve ser apresentada se não surgir espontaneamente. Vocês conseguiriam desenvolver esta reportagem ou precisariam da ajuda de um jornalista? Se precisassem de ajuda, qual seria? Resposta oral. **(5 minutos)**

8. Conclusão **(10 minutos)**

- Fechamento da dinâmica.
- Espaço para dúvidas.
- Agradecimentos.



## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL

Em observância ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os participantes têm as identidades preservadas na transcrição que segue. Eles são identificados conforme o esquema abaixo. As letras F e M identificam sujeitos dos sexos masculino e feminino como estratégia para distinguir os indivíduos durante a leitura e facilitar a compreensão dos diálogos.

### Participantes:

P: Pesquisador, aqui atuando como moderador do grupo focal.

F1: 19 anos, professora de inglês.

F2: 25 anos, estudante de jornalismo.

F3: 36 anos, bióloga e empresária.

M1: 23 anos, técnico de informática e estudante de administração.

M2: 47 anos, dono de uma microempresa na área de informática e transporte coletivo.

M3: 36 anos, advogado trabalhista.

M4: 42 anos, arquiteto.

M5: 46 anos, analista de sistemas.

**Tempo de gravação:** 2:05'46''

### Legenda:

- |               |                          |  |
|---------------|--------------------------|--|
| ...           | <input type="checkbox"/> | micropausa ou interrupção ou alongamento vocálico. |
| ((inaudível)) | <input type="checkbox"/> | palavra ou trecho que não foi possível entender.   |
| ((palavra))   | <input type="checkbox"/> | comentários da transcrição.                        |

**Transcrição:**

((início))

Tempo	Quem	Áudio	Imagem
1:03	P	Muito bem. Bom, pessoal, essa reunião, ela vai ocorrer no formato de grupo focal, que é um método em que basicamente é como se eu fizesse uma entrevista com todo mundo ao mesmo tempo. Eu vou propor para vocês algumas questões e algumas dinâmicas, algumas tarefas assim. Importante dizer é que não tem certo e errado, né?. A gente vai conversar sobre assuntos de Blumenau, da cidade... Um momento assim bastante livre para vocês opinarem, dizerem o que pensam. Ninguém aqui é profissional do Jornalismo. A F2 é estudante de Jornalismo, mas ainda tá no seu período de formação. Então, o meu objetivo aqui é propor algumas situações, que vocês vão desenvolverem... vocês vão desenvolver algumas tarefas. Eu vou observar isso depois no momento de análise dos dados pra minha pesquisa, tá? Depois, ao terminar minha pesquisa, posso explicar um pouco melhor para vocês qual o objetivo de tudo isso... Não ofereço mais informações agora para não induzir vocês nos comportamentos, nas conversas de vocês ao longo desse período, dessa conversa, tá?	Todos ouvem olhando para P, que está em pé na ponta da mesa, próximo à câmera. M4 desenha algo no papel. Depois solta a caneta e acomoda-se relaxadamente.
2:20	M3	Boa tarde!	M3 bate à porta e entra na sala.
2:21	P	Boa noite! Por favor...	P aponta para a cadeira em que ele deve se sentar.
2:26	M3	Olá, é (M3). Oi! Tudo bem?	M3 e F3 cumprimentam-se.

	F3	Tudo bem, e com você?	
	M3	Aqui que eu sento?	
	P	Isso, fique à vontade. Aproveita e já te apresenta.	M3 puxa a cadeira e se acomoda.
	M3	É? Assim, já?	
	P	Sim, todos já se apresentaram.	
	M3	((M3 apresenta-se ao grupo))	
	P	Obrigado, M3. Obrigado por ter vindo. Eu fiz uma breve apresentação para o pessoal. É... é.... Agradeço muito a presença de todos, no que eu agradeço também a tua presença. Pessoal, ficou alguma dúvida? Alguém quer esclarecer alguma coisa? Algo tá estranho? Tudo tranquilo? Então, tá.	
3:35	P	Tem folhas aqui pra vocês, tá? Se vocês querem rabiscar, vejo que algumas pessoas já estão rabiscando, fiquem à vontade. Eu vou entregar para vocês agora, paulatinamente, algumas outras folhas com perguntas, com tarefas escritas. Inicialmente vocês vão responder algumas coisas individualmente, tá? Então, assim: eu mostrei para vocês aqui o exemplo de Chicago... M3, eu mostrei para as pessoas um exemplo de uma rádio de Chicago que movimenta as suas reportagens, o seu jornalismo, a partir de perguntas que os cidadãos apresentam. Né? Então um exemplo que eles viram é o seguinte: o cara perguntou assim: por que os caminhões de incêndio do Corpo de Bombeiros vão atender acidentes de trânsito? E aí eles fizeram uma reportagem e acabaram descobrindo que o bombeiro de Chicago tinha muito mais viatura de combate a incêndio do que ambulância. Enquanto 90% das ocorrências eram de acidentes ou emergências médicas, e não incêndios. Isso gerou uma	F1 pega uma caneta no meio da mesa e começa a rabiscar o papel.  M4 continua desenhando algo no papel.

		discussão na cidade sobre, enfim, qual era a prioridade do Corpo de Bombeiros naquele momento, e foi superútil para a cidade.	
4:55	P	Então, da mesma maneira, eu vou pedir para vocês agora, cada um individualmente, que responda a essa pergunta no alto dessa folha. Que é, basicamente: o que você quer saber sobre Blumenau? Todos aqui moram em Blumenau, certo? O que eu quero que vocês pensem, assim ó: o que tem sobre a cidade que vocês gostariam de saber?	P circula em torno da mesa entregando folhas de papel a todos os participantes. M3 se levanta para alcançar uma folha em branco e caneta.
5:20	M2	Assunto... atual.	Gesticula, une as mãos sob o queijo.
5'20''	P	Qualquer assunto, não tem nenhum limite.	P entrega folhas
5'24''	M2	Quem é o Zangado...	M2 e outros participantes riem.
5'26''	M3	Manquinho...	
5'30''	P	E em segundo lugar, ao pensar sobre essa pergunta - já te entreguei lá? Alguém ficou sem, não? E além de responder, então quando vocês forem pensar nessa pergunta, pensem também assim ó: por que essa pergunta merece virar uma reportagem, por que ela devia sair num jornal, num site, numa TV, num...né. Por que um jornalista deveria ajudar a responder essa pergunta.	P segue entregando folhas, circulando em torno da mesa perto da câmera. Para entre M4 e M5.
6'00''	M4	Quanto tempo tem?	
	P	Não temos limite de tempo, mas uns 10/ 15 minutos... E também podem pensar em mais de uma pergunta se assim desejarem, tá?	Todos concentrados em suas folhas. Silêncio.
6'35''	M2	É difícil!	Põe
6'36''	M3	Perguntas sobre Blumenau, sobre a gestão de Blumenau, município ou	



		tudo? Geral, cotidiano, política economia...	
	P	Sobre tudo, tudo... Nesse exemplo de Chicago que eu tava contando pro pessoal, eles perguntam às vezes assim, ó: por que a minha rua se chama XV de Novembro? Ou assim: eu vi uma construção nova na minha rua, o que é aquilo lá?	
6'57''		((Silêncio))	P passa em frente à câmera. O cinegrafista para de filmar por alguns segundos.
9'15''	F1	Eu aceito uma Coca	Um pouco antes do corte do vídeo, P pergunta se alguém quer beber algo.
9'18''	P	Maracujá ou uva?	M2 levanta-se da mesa para pegar bebida, logo depois M3, M4, M2 e F1 levantam também. P passa um copo de Cola-cola para F1.
9'43''	M2	Quem quer uva? Quem falou uva?	F1 volta à mesa.
	M5	Não, eu não falei uva...	M4 volta à mesa
9'52''	F2	Pode deixar comigo, se ninguém quiser...	
	M2	M5 tá pensando o que vai perguntar pro Carlos Tonet?	
	M5	Ô, M2, podia me dar um copo d'água, né?!	M1 volta à mesa
	M1	Vou fazer uma pergunta pro M5, como faz pro wi-fi da Furb	

		funcionar?	
	M5	Quem trabalha com infraestrutura é tu, não eu.	M1 e M5 riem.
	M5	O serviço funciona a partir do momento que o computador tá ligado e funcionando. Daí eu assumo.	M3 volta à mesa.
10'18''	F3	Tu vais ficar com os papéis depois? Vai entender a letra?	
	P	Não... vou ficar mais por curiosidade, mas vocês já vão verbalizar isso, então...	
	F3	Ah, tá... obrigada.	
	M2	M1 sempre polêmico...	Douglas ri
	M1	Mais polêmico que Carlos Tonet.	
10'37''		((Silêncio))	M2 é o único que ainda não voltou para a mesa.
10'46''	M2	Sabe que eu perdi a habilidade de escrita...	
	M3	Eu nunca tive isso.	
	F3	Dá pra ver.	
	M2	Eu me forço, eu chego a, a... me concentrar pra escrever.	M2 volta à mesa.
	M3	Eu também. Comecei com um garrancho aqui e terminei com ele também.	
	F3	Eu até que escrevo bastante, eu tenho sempre com papel ((inaudível))	
11'17''	M1	Nada substitui o bom e velho telefone.	
11'22''		((Silêncio))	Por volta de 11'45'' M3 mexe no celular
12'10''	P	Pessoal, vou pedir dois minutinhos enquanto vocês terminam de escrever, vou ver se eu encontro nosso café que eu acho que levaram no evento errado aqui em cima.	Todos riem
	M4	Se ele comeram traz alguma coisa do deles.	
	M2	Ó, o hábito de olhar o celular, mesmo desligado.	M2 tira o celular do

			bolso, e logo devolve
	M1	Desapega, M2.	
12'40''	M4	O... no ateliê vertical, o Cassio, conhece o Cássio? Ele vai lá dar uma oficina sobre <i>open street maps</i> .	M4 aponta para M2. M4 já terminou a tarefa.
	M2	Sim, ele tá prototipando um produto meu, inclusive.	
	M4	Legal, que legal. Vou te convidar. Vai, ele vai dar... vai ser dia 10 de maio, lá no galpão da arquitetura	
	M5	Quando vai ser?	
	M4	10 de maio	
	M5	Eu posso dar as caras lá?	
	M4	Claro, é aberto. Todos convidados. A gente vai ter o Ateliê Vertical da Arquitetura...	
	M5	Tu vai mandar mala direta, aí?, Porque eu vou esquecer...	
	M2	Mala direta!	
	M4	É, tá bem no <i>Facebook</i> e eu vou mandar mais pros professores da Furb assim... seguidores.	F1 entra com a comida e todos se movimentam.
13'37''	M4	Vai ser de 9 a 12 de maio e no dia 9 a gente vai ter o festival de música lá à noite, no galpão, com quatro bandas... quarta-feira vai ter oficinas, uma delas essa de <i>open street maps</i> , na quinta-feira a gente vai ter a projeção do filme "A Ponte" e debate com os produtores e diretores...	Enquanto a conversa se desenrola, alguns escrevem, outros olham para o papel.
	M2	Dia 10 à noite?	M4 concorda com a cabeça.
	M1	Essa do <i>open street maps</i> , que horas que ela vai ser?	
	M4	Às 19... horas.	
	M1	Não dá, tem prova.	
	M5	Que dia da semana é?	
	M4	É... quarta, dia 10.	
	F3	Dia 10?	
14'06''	M4	Dia 10. Dia 9 é o festival de música, também tá aberto, se vocês quiserem	

		ir... Dia 10 daí oficina e dia 11 o vídeo “A ponte”...	
	M3	Onde vai ser?	
	M4	No galpão da arquitetura, cara.	
	M3	Ah, sei.	
	M4	Sabe, né? Do outro lado da rua da... da, na São Paulo	
	M2	O <i>open street maps</i> é colaborativo	
	M4	É e ele vai falar bem básico pros alunos o que é e... É legal se tu ir falar um pouco também da ((menciona o nome da empresa de M2)).	
	M3	Esse vídeo da ponte aí tá passando, circulando bastante, né?	
	M4	É, ele lançou agora né, cara... lançou acho que em vários lugares.	P abre as embalagens do lanche, fazendo barulho de papel amassando.
	M5	Mas hoje tá passando aqui na Furb.	
	M4	Tô curioso pra ver também.	
	F2	Eu já assisti, é bem legal.	
	M4	É legal?	
	F2	Bem legal.	
	M2	O que trata?	
	M3	Porque dizem que vai ter, mas não tem um resumo.	
14'56”	F2	Ele fala basicamente ali do Anel Viário Norte, que ele separa a cidade entre a comunidade da Pedro Krauss e o resto da cidade e aquela região é mais marginalizada.	
	M4	O foco é a desigualdade, né?	
	F2	É...	
	M4	Exclusão territorial, assim, pelo que eu vi.	
	F2	É, é bem legal.	
	M1	É, porque chega e fala que mora na República Argentina ((faz cara de assustado)), mora na Pedro Krauss então já passa a mão no corpo pra ver se a carteira...	Apenas M5 segue escrevendo. Os demais prestam atenção à

			conversa.
	M4	É, meus alunos do ateliê tão trabalhando agora com um projeto na Pedro Krauss, no Morro da Pedreira e ((incompreensível)) ali no Ribeirão Fresco	
15'26''	M1	E pior que assim, essa região não é que ela foi marginalizada por bem, porque se tu pegar o contexto histórico, isso até foi uma reportagem no Santa há um tempo atrás...	M5 conclui e espreguiça-se. F1 mexe no próprio cabelo continuamente. Ela repetirá esse movimento durante quase toda a reunião.
	M4	Da Magali Moser, né?	
	F2	Ela é entrevistada no documentário e ela fala dessa reportagem.	
	M1	Pessoal que é daquela, da favela ali da Farroupilha, que ficava atrás... que foi deslocado ou pra rua Araranguá, ou pro morro da Figueira ou pra Pedro Krauss.	
15'49''	M5	Tais falando daquela favela que ficava aqui em baixo da estação de tratamento de água da ETA?	M4 e M1 concordam
15'53''	P	OK?	M4 e M5 ajeitam-se nas cadeiras.
	M1	Eu acho que eu tenho essa reportagem até digitalizada	
	M4	É? Porque foi muito boa né?! Acho que foi a Magali que fez, né?	
	F2	Foi, em 2007.	
16'01''	M5	O professor vai recolher pra da nota?	M5 sorri.
16'04''	P	Não. Agora então que queria ouvir, né, as ideias de vocês, as questões que vocês pensaram e também queria que vocês dissessem por que, né, respondendo à segunda pergunta, por que que ela merece se tornar uma reportagem. Quem é voluntário de começar?	P está em pé, entre M5 e M4.

16'23''	M3 e M5	Posso começar, então.	P acena positivamente com a cabeça olhando para M5.
	M5	Teve mais gente que largou junto? Perdeu, então. Assim ó, uma coisa que me veio à cabeça, que é um tema recorrente, ao menos pra mim, né, que me interessa... Como se dá o processo de planejamento urbano dentro do poder público municipal de Blumenau?	
	M4	Isso é fácil, não se dá... É muito fácil.	Todos riem, menos M5.
	M5	Se dá, dá... Pode não ser um planejamento no sentido estrito da palavra, mas que há um jogo de poder e interesse, então...	
	M2	Então, já respondeu: um jogo de poder e interesse.	
	M4	Mas é uma boa pergunta, investigar de verdade isso.	
17'03''	M5	Como é que acontece? Qual a estrutura que tem lá dentro, como são demandadas as mudanças de plano diretor... Quando tu vê no jornal eles anunciando: agora terreno tal vai mudar o zoneamento, não sei o quê... Qual a estrutura da secretaria, corpo técnico, né... e esse tipo de... assim, as entranhas dessa caixa preta que a gente não conhece. De vez em quando eles inventam uma audiência pública pra dar uma máscara de transparência lá pro negócio.	
	M2	M4, o teu tá...	
	M4	Pior que não, cara, fiz bem diferente. O meu é bem diferente.	M2 e M4 riem.
17'33''	M5	Então é isso. O porquê... o porquê... nessa reportagem acho que em poder despertar o interesse em mais pessoas, assim como eu, se interessar e tentar influenciar, abrir um pouco a	

		caixa preta que é todo esse processo aí, que tá na mão de meia dúzia, três ou quatro que decidem as coisas.	
17'54''	F3	Eu posso fazer a minha pergunta, que ela completamente um pouco a sua? Parte do ponto de vista de um planejamento territorial também...	Dirigindo-se a M2. P concorda com a cabeça.
17'59''	M5	Sim... Claro.	
18'01''	F3	Então, é... a minha pergunta é dentro da área que eu trabalho e incrivelmente trabalho mais fora do que aqui, com planejamento de áreas protegidas. Então, as unidades de conservação são as áreas instituídas por uma lei, que é o sistema nacional de unidades de conservação e, Blumenau, a gente tem 11 unidades de conservação distribuídas pelo município e ninguém sabe como está a gestão dessas unidades, né? São 11 unidades de conservação, dessas muitas foram criadas sem limite correto, então quando você diz lá no "ISLU" o que é uma área territorialmente delimitada, então... teoricamente ela não existe, quando você não coloca no decreto de criação dessa unidade de conservação. Quando tô falando municipal, não tô falando do parque nacional, não, tô falando... tô falando das municipais mesmo, parque Blomberg, parque São Francisco, APA São Francisco... tem uma APA ao redor do parque São Francisco... Então, minha pergunta é como elas estão? Entra na mesma, no mesmo direcionamento de um planejamento urbano, né? A gente sabe que tem duas unidades de conservação em elaboração dos seus planos de manejo, como estão esses planos de manejo? E o porquê merece uma reportagem? Ah, quem tá interessando em unidades de conservação? Partindo do ponto de	

		vista que muitas vezes essas unidades são ilhas de biodiversidade...	
19'23''	M4	Contando com um contexto de desastre ambiental em Blumenau, elas são ilhas de proteção e segurança.	
19'29''	M3	Elas vêm justamente em primeiro lugar que a tua, primeiro você mapeia isso e regulariza isso, aí você parte pro planejamento municipal.	M3 aponta para M5
19'35''	F3	É, e aí a gente tem outras perguntas, né, essa questão de segurança, né, coloquei assim: como ilhas de biodiversidade são áreas de permeabilidade hídrica, né, então elas auxiliam nas enxurradas, regulam a temperatura e outras questões de saúde pública. Tô trabalhando numa área que foi o epicentro da febre amarela e nos últimos 15 anos, ninguém fala isso, mas Ladainha ((Minas Gerais)) destruiu quase 50% das florestas e a culpa é do macaco, entendeu?	
20'02''	M4	Foi no desastre da Samarco? Foi culpa disso?	
20'06''	F3	Não só, gente, tô falando de um desastre do uso do solo nos últimos 20 anos. Assim, não que o da Samarco tenha dado problema ali, a gente ... Ladainha tá a 200 quilômetros em linha reta da... do, do... lá de... do rio, né? Bem, então, por que mereceria? Por causa dessa questão, assim, do quanto essas unidades de conservação, eu falo das unidades de conservação, mas falando do ponto de vista de planejamento, a gente tem outras áreas, que são áreas verdes e merecem nossa atenção e que estão perdendo áreas para a impermeabilização desse solo, né? Que você tira daqui um problema, mas tá jogando pra onde o problema?	



		E daí entra também porque hoje Blumenau não tem um plano de conservação e restauração de Mata Atlântica, até mesmo para auferir recursos do governo federal... Então entra em planejamento.	
20'55''	M4	Agora eu queria engatar a minha na tua e na dele.	
20'59''	P	Só uma coisa, só pra eu... Se fosse montar uma pergunta... Qual, como seria a questão?	
21'07''	F3	Como está a gestão das UCs ((unidades de conservação)) públicas municipais? Públicas, né, porque a gente tem as privadas, as RPPNs, não interessa, agora, nesse momento...	
	P	Tá bem, entendi.	
21'18''	M4	Eu posso, posso... Eu fiz duas, acho que têm relação. Vamos lá: minha primeira pergunta é qual o grau de influência real e poder de manipulação da maçonaria em Blumenau e por que não aceita mulheres? Por que essa pergunta merece uma reportagem: para que fique claro o grau de influência de uma entidade privada, exclusiva e secreta na condução dos interesses públicos e nas decisões de políticas públicas da prefeitura e outras instituições públicas locais, incluindo planejamento e questão ambiental. Então essa é a primeira pergunta, eu acho que tem a ver com, tem desdobramentos e tem conflitos aí que precisariam ser esclarecidos. E a segunda pergunta, fiz duas, né: quanto influente e abrangente foi o nazismo em Blumenau, na década de 1930 e quais seus principais atores, ações e princípios, na época, né? E o porquê: para compreensão histórica e quanto aqueles momentos influenciaram na formação dos grupos de poder dos dias atuais.	F1 segue mexendo no cabelo enquanto ouve os demais.

22'25''	P	Ok...	
22'30''		((Ouvem-se palmas de uma sala próxima. Todos riem))	
22'33''	M3	Só uma observação quanto a esse teu segundo ponto, é... Eu trabalho muito na região de Pomerode, lá é um pessoal bem tradicional, assim, e teve um senhor que tentou me explicar o porquê a cultura e o porquê o nazismo em si ele era benéfico. E ele foi desdobrando... de certo ponto, bem convincente. Lógico, ele trouxe a experiência dele, né, família dele não precisou fugir, etc e tal, vieram naturalmente pro Brasil, enfim, mas e aí, talvez...	
23'07''	M4	Daria uma boa pesquisa, uma boa reportagem...	
	M3	Sim, sim, são pessoas extremamente corretas, uma família de gente que trabalha muito, são muito daquela... Você tem, mas você precisa merecer por ter, não discrimina ninguém por raça ou cor, mas defende aquele ponto, né...	
23'26''	M5	Disso que o M4 falou aí, se fosse uma eleição eu escolherei essa da maçonaria, que eu não me... não tive o <i>insight</i> , mas é uma coisa que sempre me...	
23'36''	M4	Tem muito boato, né, tem muita...	
23'38''	M5	Qual é que... O pessoal fala que os juízes tão lá, mas por que que funcionário público tem que tá envolvido nisso, né?	
23'45''	M3	A maçonaria, ela tem trabalho até bem relevante, até concordo contigo (aponta para M4) que ela poderia ser um pouco aberta e eles têm tentado isso, a gente começa a ver no <i>Facebook</i> , por exemplo, gente que tá sempre participando. O próprio observatório social nacional ele foi criado a partir de Maringá, por uma	M4 coça a cabeça. Depois sorri.

		loja maçônica e nessa parte de filantropia ele se espalha nacionalmente e forçando a criação de observatórios sociais, não é fechado pra maçônico, eu não sou maçônico, né... E trazem voluntários, mas sempre tem uma entidade maçônica nesses observatórios cujo intuito é fiscalizar a gestão do dinheiro público, né, tem seu lado bom.	
24'27''	M4	É, eu nem entrei em juízo de valor, meu objetivo mais é no sentido de ver quanto essa entidade privada... Dizem que todos os prefeitos nos últimos sete anos, sete mandatos, eram maçons em Blumenau. É boato? É verdade? E quanto que esse grupo secreto influencia nessas decisões políticas, estratégicas, de forma secreta também, aí entra o conflito de interesse, entendeu? Nada contra a maçonaria...	
24'55''	M5	À mulher de César não basta ser honesta, tem que parecer honesta.	
	M4	Exatamente, então, quanto essas influencias é pra beneficiar grupos exclusivos ou toda uma sociedade que é (incompreensível) nessa direção seria a pergunta, né? Enfim...	M4 ajeita-se na cadeira.
	P	Ok, quem quer trazer as suas perguntas?	M5 passa a mão sobre o rosto.
25'14''	F2	Eu fiz uma pergunta que talvez ligue, um pouco, brevemente com a questão no nazismo, mas são perguntas bem simples que foi o que eu consegui pensar agora, que é por que nos orgulhamos tanto da nossa origem alemã, acho que tem alguma relação... E as outras duas são mais bobinhas: por que o blumenauense tem uma cultura de abandonar animais na rua e por que Blumenau tem tantas casas e prédios históricos,	M3 levanta da mesa e anda em direção ao local onde estão posicionadas bebidas.

		com arquitetura diferenciada, abandonados?	
25'43''	P	O porquê tua achas que merece reportagem?	
25'48''	F2	Eu acho que elas podem ser questões banais, mas podem ter interesse nem que seja por curiosidade, as questões das casas e da origem principalmente, já que aqui a gente é tão apegado a nossa origem alemã. E a questão dos animais de rua eu acho que é utilidade pública e saúde, e tem interesse governamental, né?	M3 volta pra mesa
26'07''	M3	Tua pergunta não é nada bobinha, não. A questão dos prédios abandonados... Me ajuda ((aponta para M4)), existe uma legislação municipal em que permita, por exemplo, que o proprietário do imóvel tombado pelo patrimônio, ele possa se beneficiar com a direito de construir e ceder esse direito pra terceiros, não existia até quando eu tinha pesquisado...	
	M4	É, acho que é dois anos essa lei, um ano e meio... Mas é confusa... Existe, mas ela é relativamente confusa.	
26'37''	M3	Eu fiz a pesquisa em 2010, justamente porque tinha um cliente nesse sentido, tava gastando muito com o imóvel e aí veio a construtora interessada nisso, porque pra ela, ela poderia construir mais dois ou três andares e daí foi feito o trabalho no escritório, até na tentativa de promover essa legislação, fizemos uma pesquisa com outros municípios que tinha... Blumenau tem uma série de imóveis tombados pelo patrimônio e hoje, até então, a única situação era a isenção do IPTU, mas o intuito era o seguinte, a construtora pagaria por esse direito, você tem a contrapartida de ter que reformar o imóvel e, claro, dinheiro da construtora, né, e a cada	M4 concorda com a cabeça. M1 e M2 ficam um longo tempo em posição igual, com os cotovelos sobre a mesa e as mãos unidas próximas do queixo.

		10 anos você pode se aproveitar disso novamente... mas que bom, que bom que tem, então.	
27'18''	M4	Tem, mas o impacto está sendo pequeno, por...	
	M3	Não há interesse em divulgação também, né...	
27'24''	M4	Bom, essa é a própria reportagem, mas por 'n'... Acho que é de superinteresse, porque tem muito a ver com a questão econômica, com a questão de preservação de uma série de coisas. Dá pra fazer onde todos ganhem: o proprietário, o cara da construtora, a cidade, enfim... Porque há muita inoperância ali, falta de planejamento e a lei é muito...	
27'46''	M5	Ó, contempla uma parte do que eu falei aqui também, quais são as demandas de mudança, quem demanda no plano diretor... Vocês já trouxeram até uma questão que...	
27'54''	M3	E a questão dos animais, meu deus, não precisa nem amar os animais, só por uma questão de saúde pública...	F2 concorda com a cabeça.
28'05''	M2	Eu vou emendar a tua agora. As capivaras, né? Se existe controle ambiental desses bichos, porque... Não sei, eu acho que isso talvez traga doença, porque não tem predador, e se alastra...	F3 acena negativamente com a cabeça
	M4	Nós temos uma bióloga aqui.	M4 aponta para F3. M2 e F3 sorriem.
28'17''	M2	Pois é, até queria fazer uma pergunta pra ela, porque isso acaba se proliferando de uma forma desordenada... Não? Vai tomar banho na nossa piscina, lá... o bichinho.	M2 fala olhando para F3, que responde negativamente com a cabeça. M2 faz gesto imitando um mergulho na piscina.

28'30''	F3	Faz uma cerca, ela não vem.	F3 ri.
	M2	Não sei, é uma preocupação, porque onde eu trabalho agora vem muita capivara, então tem fezes, tem aquela coisa toda, assim... É... Eu sempre ouvi falar que a capivara traz carrapato, que mata o sapo, que daí gera um ciclo, né... Essa cultura, né? Enfim, é uma dúvida que eu sempre tive, né?	
28'50''	F3	Boa pergunta, boa pergunta pra ser respondida...	F3 fala rindo.
28'54''	M2	No caso da ponte, né, como saber se o local da tal ponte, essa ponte ela tá em local correto né...	
29'01''		(incompreensível)	Todos riem e falam juntos. Há maior movimentação corporal. Ajeitam-se nas cadeiras, levantam os braços por trás da cabeça.
29'11''	M4	Basta seguir a legislação, fazer estudo de impacto de vizinhança, impacto ambiental, estudos necessários que eles mesmos fizeram a despeito disso tudo, que é um absurdo, um crime...	
29'21''	F3	Já foi feito licitação, já foi pago 90 mil reais de estudo de impacto vizinhança e tudo mais.	
29'24''	M4	De qual ponte?	
29'26''	F3	Da ponte do Centro...	
	M4	Mas qual das duas?	
	F3	Ah, bem... É uma dessas aí.	Todos falam ao mesmo tempo
29'33''	M4	Essa é a questão chave, foi feito todo um estudo, então...	
	F3	Foi, foi feito.	
29'37''	M1	Inclusive, chama Acácio Bernardes, a primeira já tem nome né... Sim, sim, na época do Décio eles já deram	

		nome pra ponte.	
29'47''	F3	Mas por que daí vão mudar ela de lugar agora, se já tem nome?	F3 gesticula com as duas mãos.
	M4	Porque o Napoleão prometeu na campanha, óbvio, é isso. Esse é o único motivo, ele só se elegeu prefeito a primeira vez porque prometeu, um dos motivos, porque prometeu a mudança da ponte de lugar, não lembra?	M4 eleva o tom de voz e gesticula com a mão esquerda.
30'02''	F3	Ah, pode ser, não recordo... Mas você gasta 90... Eu lembro da licitação, eu analisei...	
30'09''	M4	E aí ele precisa fazer ali, porque prometeu...	
30'11''	M1	Agora já emendo até na pergunta do M2. Quanto tempo leva pra construir uma ponte no Centro? Porque... vamos lá, hoje os problemas de mobilidade que a gente tá tendo na cidade, tá uma coisa terrível, então...Principalmente, eu agora tô trabalhando no Bom Retiro, é... Pra sair da Fortaleza, pra ir pro Bom Retiro ali, tu tem que atravessar a cidade toda. Tem que atravessar o Centro, levar, passar na ponte, ali na Adolfo Konder, levar uma boa sorte pra alguém te dar um espacinho pra conseguir cruzar ali na 15 pra entrar pra 7, senão tu tem que dar a volta lá na prefeitura. Hoje se tivesse uma ponte ida e volta ali em cima pela, é... No trajeto proposto pelo Napoleão, deixando bem claro que pelo menos esse parece um trajeto viável, não que a outra não seja, já ajudaria.	F3 ri
31'01''	M3	Da rua São Francisco?	
	M1	A ponte lá pela curva do rio.	
31'09''	M4	Cara, é um equívoco em todos os sentidos essa ponte.	M4 rabisca no papel enquanto fala.
	M1	Pois é, ou fazer uma ponte um	Há conversas

		pouquinho mais pro lado, porque assim, hoje pra tu vir da Fortaleza pro Bom Retiro, por exemplo, é um parto e assim, determinado horário por ali, 7 horas da manhã, 7 e 20, eu chego a levar 35 minutos só pra fazer um trajeto curto que eu levo em 5/7...	paralelas.
31'29''	M4	Vai de bike, cara.	
	M2	É, vai de bike.	
	M1	Ah tá, com o meu peso...	
	M3	Vai perder peso.	
	F3	É, vai perder peso.	F3 levanta da mesa
31'41''	M1	Um segundo problema seria em relação ao corredor Norte, por que é que o corredor Norte não tá saindo do papel? Tem outro plano de mobilidade lá pra região da Itoupava Central...	
	M3	Tá pra sair...	Várias pessoas falam ao mesmo tempo.
31'57''	M1	Por que assim, não só pelo corredor, mas assim, porque hoje pra ir pro, são dois lugares que hoje tu não vai, Itoupava Central e Garcia... Isso até era uma pergunta bastante interessante também: por que é que não tem outra ponte no Garcia, mas aí não vem ao caso agora. É um outro...	Bióloga volta pra mesa
	F3	Aonde ponte no Garcia?	
32'11''	M4	Mas cara, só pra tu.. tu...se tu tá com o colesterol alto, assim, o médico não vai mandar implantar mais veias pra não ter mais colesterol... Então a questão chave é essa: enquanto continuar o modelo do carro e todo mundo fizer só o planejamento única e exclusivamente baseado no carro, não tem solução. É só enxugar gelo, não adianta, cara, eu estudo isso há 15 anos. Então assim, não que não tenha que fazer ponte, não tô dizendo isso, mas é que tem que mudar o	



		modelo, senão...	
	F3	Mas acho que eles não entendem o modelo.	
	M4	Não entendem, não entendem. A população não entende também, a população nasce e 30 anos vivendo só carro, tu conta pra ela que ela pode ir diferente, ela te acha um louco, né, ela nunca viu isso, conhece só aquele modelo.	
	M2	Brasília é uma cidade feita pra carro quase não tem calçada no centro, pra atravessar aquela...	
33'07''	M4	Então essa questão da ponte, essa discussão qual é o futuro nos próximos 30 anos em Blumenau, é fazer ponte baseado sempre baseado no carro ou é começar a discutir um novo modelo, então isso também daria uma super-reportagem, assim né... Entrevistando os especialistas, todos os lados, enfim...	
33'29''	M1	É, hoje uma outra questão que eu levantei aqui, como diz o outro, a cabeça começa a pensar e vêm algumas perguntinhas. Hoje, por exemplo, Blumenau se detém refém de uma estação de tratamento onde atende 70% da cidade. Estação de tratamento de água, tá? A ETA 2, O que é que falta talvez pra cidade começar a pensar, entra em planejamento também, pra construir uma nova estação ou melhorar essa captação, que daí entra também no que o M4 falou, hoje eu só vou botando veia, vou implantando nova tubulação, só que falta água.	Neste momento todos acompanham atentamente e há várias pequenas interrupções inaudíveis. Só F1 parece menos interessada, afastada da mesa.
34'09''	M3	Daí entra na questão dela.	Aponta para F3
	M1	É, entra na questão dela. Por que falta água?	
	M3	Daí entra na questão dela.	
	F3	E daí eu digo que falta um plano de conservação e restauração de Mata	

		Atlântica e o pagamento dos serviços ambientais. Começa a ter...	
	M3	A cidade é toda irrigada por água suja.	
	M1	Pois é, então isso daí daria uma boa questão pra se avaliar também, por que hoje, por exemplo... Depende tudo da ETA 2, faltar água na ETA 2 metade da cidade tá parada.	
34'24''	M1	Pois é, então isso daí daria uma boa questão pra se avaliar também, por que hoje, por exemplo... Depende tudo da ETA 2, faltar água na ETA 2 metade da cidade tá parada.	
34'41''	M4	É a mesma coisa do modelo do carro, a tendência em planejamento urbano é sem falar em planejamento urbano e ambiental e regional, que dizer, qualquer coisa que vai no sentido de falar só no urbano agora já é ... Morto, se tu não falar em ambiental, mas não só como eles fazem fetiche, falar desde a concepção... E eles continuam fazendo isso, cara, o pouco que fazem, né?	F3 e M3 conversam paralelamente.
35'00''	M5	Já que tu trouxesse o assunto, eu lembro de uma reportagem que saiu... Deve ter sido no Santa, eu acho... Não sei se foi na TV, que... Ocupa menos espaço e aumenta a produtividade em função da área física ali disponível, né? Aí eles acharam que isso seria mais econômico e tal pra eles fazerem o tratamento de água e tal, eu lembro disso. Tava solto na minha memória e como puxasse o assunto lembrei dessa situação aí	
35'28''	P	F1, queres falar tuas perguntas?	
35'30''	F1	Ok, a minha pergunta meio que mais ou menos vem de lá pra cá ((aponta da direção de M1 e M2)) é... quão difícil é organizar o trânsito e por que isso nunca se resolve?	F1 continua recostada na cadeira, distante da mesa em relação aos

			demais.
35'41''	M4	Porque sempre eles pensam baseado a partir do carro, essa é grande questão, entendeu? Eles nunca imaginam possibilidades diferentes, a métrica é o carro, só.	
35'52''	F1	Mas isso também, é que isso não vem só na gestão, deveria vir do cidadão também. Eu tenho os meus veículos opcionais, eu tenho uma bicicleta, eu tenho um carro, de vez em quando eu ando de ônibus, mas eu tenho que me programar geralmente, pelo menos uma hora e meia antes do meu compromisso. Tipo, é terrível. É horrível.	
36'19''	M1	Aí uma outra pergunta, que eu tava comentando com o Evandro: o que aconteceu que o transporte coletivo perdeu de 120 mil passageiros para 80 mil passageiros?	
	M4	Em seis anos, a Piracicabana, tá... O sistema vai falir aqui em Blumenau, se deixar do jeito que tá, em seis anos vai falir. A licitação e a Piracicabana.	
	F1	É, porque é um serviço horrível.	
	M4	Não tem dúvida aí, não tem dúvida, com ônibus novo e tudo. Por isso, pela queda no número de usuário, mas é por isso, cara, queda no número de usuários...	
	M1	Pois é, por exemplo, aí voltamos há uns anos atrás, até diretamente naquela época acompanhei bastante a questão das estações de pré-embarque... Até uso o meu exemplo, larguei o ônibus, basicamente, porque eu não consigo ficar imaginando parado 15 minutos na Beira-Rio, esperando dois ônibus embarcar pra ficar mais cinco minutos embarcando.	
	M4	Mas tá incluindo na licitação, até onde eu sei, tá.	
	M1	Sim, na verdade foi um grande golpe,	

		porque tava no projeto inicial mandando pro TCE e na república tiraram.	
37'19''	M3	Mas elas vão ser necessárias a partir do momento que a tecnologia permitir que você mesmo passe seu cartão?	
37'25''	M4	Talvez daqui três, quatro anos quando acontecer isso... ((M3 fala junto, fica inaudível))	
	M3	A partir do momento que eles vão parando...	
	M2	Tecnologia de cartão em pontos que não têm muita entrada de passageiros. Todo passageiro que entra com o cartão, ele tem que passar pela catraca de novo, dá fila, nas estações de pré-embarque você faz embarque e desembarque muito mais simples.	
37'44''	M4	Muito simples e inteligente.	Vários participantes falam ao mesmo tempo.
37'48''	M1	Hoje tu leva 5 minutos pra embarcar 60 pessoas no 10 ((M3 fala ao mesmo tempo, dificultando a audição)) Não, hoje tu leva 5 minutos pra embarcar 60 pessoas numa linha troncal 10, antes tu levava 32 segundos, eu tenho vídeo cronometrado.	M4 agita-se, por vezes interrompe.
38'04''	M4	É demente os caras não fazerem a nova licitação com piso rebaixado e com pré-estação de embarque.	
	M3	Piso rebaixado foi uma questão nossa, que nós levamos pra... ((Cristian e Thiago falam juntos))	
	M4	Mas votaram pra tirar ou botar?	
	M3	Colocar, óbvio.	
	M4	Ah, não, perfeito... Parabéns, então, cara. Porque o negócio deles era custo, né?	M4 faz a pergunta para M5, que está tentando falar.
	M3	Não, não, mas não era essa a situação. A OAB, através da comissão da	

		moralidade pública, eu e mais seis loucos lá, a gente resolveu analisar a situação Brasil afora, mais de seis mil laudos de edital por aí, e daí nós identificamos 10 pontos, 10 questões que achamos importantes levar para eles. Das 10 sete foram levadas, né, que a gente comemora bastante a questão da reversibilidade da tecnologia pra, por exemplo, não acontecer o que aconteceu: sair o Siga e eles levaram a tecnologia do cartão embora, enfim...	
38'59''	M2	Não, não levaram, não.	
	M3	Não... Mas não liberaram de imediato, tiveram que <i>hackear</i> o troço, enfim, deu o maior imbróglio no começo, mas daí tá constando agora nesse edital. Uma que não foi, por exemplo, essa questão da participação das pequenas empresas. Nós entendemos ali que em regiões muito pequenas os ônibus poderiam circular nessas regiõezinhas e alimentar talvez uma estação de pré-embarque menor e daí pro terminal. Mas eles entenderam que não, que não caberia e que se quisesse, que a empresa concessionária que vier a assumir, que ela que possa fazer isso.	
39'33''	M5	Mais simples de gerenciar, né, dá menos trabalho, ((vários falam ao mesmo tempo)) Essas coisas dá mais trabalho, precisa botar o pessoal pra trabalhar, né, o poder público tem que tá presente, né...	
39'46''	M3	Leva em consideração a tarifa, o poder público tá aumentando o valor da tarifa, em Itajaí tá falindo por isso...	
	M4	Por vários motivos, né, mas um deles é esse...	
40'00''	M3	Mas é o político também.	
	M4	Eu, cara...	

	M3	(incompreensível) ela terminar, também. Conseguiu? Por que a gente foi falando...	Aponta para Juliana
	M4	Isso pra mim, cara... é... acho essa pergunta muito legal, porque pra mim é assustador ver o que vai acontecer com o sistema daqui a alguns anos. É assustador ver que esses caras que tão lá olham só uma planilha no Excel, de custo, entendeu? Os caras não são capazes de perceber que se a prefeitura de Blumenau pagasse dois milhões por ano de subsídio pro sistema, em médio prazo ele ia receber três milhões de volta com a repercussão em rede que teria, ou seja, por vários motivos, né? É, por quê? Obviamente a gente precisa pensar o sistema, né, de efetividade e eficiência. Mas é... A coisa de não ter piso rebaixado, as estações de pré-embarque e pensar um modelo realmente inovador, que teve essa oportunidade, né, por tudo que aconteceu.	Pega uma folha e segura na frente do rosto.
	M3	É que tiraram, eles deixaram pra empresa dizer se quer colocar ou não ônibus, se ela quiser colocar um de piso rebaixado... Mas ela não vai querer.	
	M1	É a mesma coisa que articulado, né, deixaram na mão da empresa, ou tu escolhe articulado ou escolhe...	
41'08''	M4	Por isso eu digo: é a mesma coisa que não ter, né, e pra mim, assim, já é mais assustador quando tu teve decisão de incompetência do prefeito Napoleão, que esperou lá no finalzinho pra tomar decisão de fiscalização e questão de construir a crise. A crise já vinha de três anos, né... E o cara decidiu... Por que ele não foi acompanhando e construindo junto, mesmo que rompesse, mas rompesse dentro de um ou rompesse	

		antes...	
	M1	Em várias cidades do Brasil aconteceu isso, aconteceu em São Paulo...	
	M4	Qual é a cidade do Brasil que tu tem três empresas centenárias, tem um sistema operando bem, até, até antes da crise.	M4 fala gesticulando muito em direção à mesa.
41'42''	M3	Duas, operando bem, duas.	
	M4	É, tudo bem, mas eu digo muitos anos antes, sabe? Tinham <i>know-how</i> , tinham tudo... Qual a primeira coisa? Vamos sentar com fiscalização, vamos intervir, era muito mais fácil ter feito intervenção no sistema antes, do que ter rompido contrato e...	
42'01''	P	O papo tá ótimo, mas assim: em seguida, se assim vocês entenderem, a gente vai poder debater mais esse tema específico. Eu só quero concluir. Falta o M3 ainda, né? Era só essa mesmo, F1?	P aponta para M3 e depois dirige-se a F1.
42'14''	M3	Pergunta: por que a administração pública de Blumenau demora tanto para lançar editais de licitação e fica contratando serviço de maneira emergencial, com serviço precário. E aí... É que isso tá na minha cabeça, enfim, tá na cabeça do cara, trabalhando em cima disso, então... E aí por que o lixo de Blumenau é levado para fora da cidade, sendo que há tecnologia de seleção, aproveitamento e geração de energia até a partir do lixo, inclusive a gente tem um depósito de matéria prima, de captação de energia... E aí, por que é interessante a reportagem? Por que é de interesse público, né, e o segundo ponto é a questão ambiental, inovação, tecnologia e economia, né... É isso.	M2 olha para o teto. M1 dá um soco no ar, como se comemorando a pergunta. F3 ri gesticula.
43'05''	P	Muito legal, muito bom. Queres fazer um intervalinho, não? Ele só vai ter que dar uma paradinha na câmera pra	Aponta para o cinegrafista. A gravação é

		não interromper a conversa, a gravação enquanto vocês tão conversando... enquanto isso... ((corte no vídeo))	interrompida por alguns segundos.
43'18''	M3	Eu não lembro com precisão, inclusive fui eu que julguei as duas autuações que determinavam a troca de veículos com mais de 10 anos, isso aí já deu um prejuízo de mais de 55 milhões, eu tive que julgar e isso foi um arcabouço que ajudou a fundamentar a própria decisão do prefeito. Tinha a questão trabalhista, do não pagamento do ativo, né, que foi a declaração de pré-falência da própria empresa, a questão da intervenção em razão... Eu acredito que eles fizeram da forma errada, a forma como você entra numa intervenção e você pode gerir aquilo ali. Você tem um sentido, você entra pra auditar como se fosse a CIA entrando em uma sala e dizendo “todo mundo tira a mão do computador”. A gente analisa, pega as provas, sai, e vocês continuam trabalhando.	Todas as comidas estão na mesa, todos comem. M1 passa refrigerante para P. Ele serve-se e devolve a garrafa à mesa. Há barulho de embrulhos.
44'16''	M2	Isso, acabaram fazendo um empréstimo em cima do...	
	M3	Pagaram funcionário...	
	M1	Fizeram empréstimo e ainda negociaram... ahhh... O dissídio coletivo.	
	M3	Você faz, analisa, cai fora e aí você decide se você quebra ou não o contrato. E aí tem uma série de fatores que acabou gerando esse...	
44'35''	P	Senhoras e senhores, vocês podem continuar comendo normalmente e conversando... Queria agora passar uma tarefa adicional a vocês. Nós temos aqui no total, são oito pessoas, mas acho que quem apresentou mais de uma pergunta? ((alguns levantam a mão)) M4, quantas tu apresentou?	M5 pede para



		Três? Duas? M3, duas também. A F2, três... então a gente tem aqui, sei lá, chutando, umas 15 perguntas, mais ou menos. O que eu quero que vocês façam agora? Entre vocês, vocês têm que escolher, ((há uma interrupção rápida na gravação)) tendo em mente que os jornalistas da nossa redação imaginária não vão conseguir apurar todas as informações que vocês propuseram aqui, são perguntas demais. Agora vocês tem que selecionar, dentre essas X perguntas que vocês apresentaram, apenas duas. Então nesse momento, vocês é que vão decidir como isso deve ser escolhido, vocês podem continuar debatendo os temas pra decidir qual deles é que deve ser escolhido, então deixo vocês bem à vontade para tomar essa decisão. Vou dar assim, agora são 20h06min, até umas 20h30min pra vocês debaterem, de repente, pra ao final a gente ter essa decisão de vocês.	que M1 e F2 passem a maionese. M1 passa.
46'05''	F3	Acho que na real tem coisas que se convergem e a gente pode montar duas perguntas com aquilo que a gente...	Gesticula bastante.
	M2	Pode isso?	
	F3	Pode? Reformular ou a gente tem que escolher as que estão aqui?	
	P	Pode... ((inaudível))	M3 e F3 falam junto ao mesmo tempo que P
	M3	Porque basicamente a gente tratou disso: planejamento e mobilidade.	
46'22''	M5	Ah não, mas eu gostei da pergunta dele da maçonaria.	Todos riem.
	M2	Eu também gostei.	Aponta para M5
	M4	É que ela sai um pouco desse... Dessa...	

46'29''	P	Só respondendo a dúvida: sim, vocês podem reformular, apenas vocês tem que escolher temas, né? Vocês precisam fazer escolhas.	
46'38''	F3	No alvo né? No alvo.	
	P	Isso, porque, claro, a gente dizer assim, ó, a gente pode dar o seguinte exemplo: eu posso dizer “vamos englobar todas as perguntas aqui feitas” e dizer como é feita a gestão pública municipal. Só que essa pergunta, ela é muito ampla e muito difícil de ser respondida, então tendo isso em mente vocês podem fazer as decisões que julgarem melhores.	
47'03''	F3	Papel do moderador de fazer essa...	
47'07''	M5	Arrumar emprego de jornalista já tá difícil, o cara vai fazer uma reportagem pra investigar a maçonaria, ele tá fodido.	Todos riem
	F3	Nunca mais...	
	M3	Ou virar assessor de imprensa dos caras, né, paga pra não incomodar...	M3 levanta para alcançar comida.
47'25''	M2	A minha empresa a gente fez o portal deles em dois mil e... Como se fosse o <i>Facebook</i> interno, né, troca de mensagens, enfim, em 2013, eu acho, a gente fez o portal em Santa Catarina.	
	M3	Aquele de Floripa?	
	M2	Da grande loja.	
	M3	Do centro de Floripa?	
	M2	Não, pro Estado inteiro... A rede fica conectada por esse portal, muito legal.	F2 levanta para alcançar comida.
47'59''	F3	Então, essa é uma pergunta, acho que já foi escolhida a pergunta da maçonaria.	M3 levanta-se.
	M1	É uma pergunta difícil de ser respondida.	
48'11''	F1	A maioria de nós falou de planejamento e mobilidade. E ele (M4) e ela (F2) trouxeram essa	F1 desencosta da cadeira e aproxima-se da

		questão. Ele (M4) trouxe a da maçonaria e ela (F2) o porquê que o blumenauense, tipo, se orgulha tanto da cultura, e isso realmente acontece. Eu não sou blumenauense...	mesa. Aponta os participantes que menciona.
	M2	Eu ia mesmo perguntar.	M3 volta pra mesa.
	F1	E... Eu tive um choque muito grande quando eu cheguei na cidade porque o blumenauense é extremamente orgulhoso da cultura alemã.	
	M2	Fechado, né?	
	F1	Tanto da alemã quanto da italiana, e assim, você conhece um alemão, você conhece um italiano e parece que eles não se gostam, tipo: é Itoupava Central e Garcia.	
48'52''	M2	Não sei, eu não vejo isso. Eu vejo que a nossa origem alemã, a gente é muito fechado.	
48'59''	M3	Eu não sou daqui também, vim pra cá há mais de 20 anos, e eu tenho orgulho da cultura alemã... Inclusive eu presido uma associação que se chama Associação das Atrações Germânicas de Blumenau.	
49'18''	F1	É uma cultura muito bonita, muito bonita mesmo, e alguém trouxe a questão do nazismo também? ((M4 levanta o dedo)) Foi você? Eu, né, como negra que sou, eu não acho a ideologia do nazismo uma ideologia ruim, eu não acho que foi um propósito, digamos... O cara tinha uma ideia de manter a raça dele e isso eu não acho errado, só que ele chegou num ponto em que ele perdeu totalmente o controle do negócio e foi querendo mostrar o poder dele e foi fazendo coisas horríveis...	M5 passa as mãos sobre a cabeça e joga os braços para trás.
49'57''	M3	O problema é que tentou segregar uma outra, né?	
	F1	Exatamente.	
	M4	E quem disse que a raça dele era	

		superior?	
50'05''	F1	Não é que é uma raça superior, ele não entendeu o que ele queria fazer. Você manter a tua cultura, manter a tua raça não é errado, você manter o teu orgulho. Aí entra a questão do orgulho de ser alemão, não é uma coisa errada, entendeu? Assim como tem o dia do orgulho negro, como a gente fala. Tem o dia do orgulho negro, tem o dia do índio, por que é que não pode ter uma pessoa que pode se orgulhar da origem dela?	
50'32''	M3	E aqui tem dia da imigração alemã, dia 25 de julho	
	M2	Ah, 25 de julho, tá certo.	
50'39''	F2	É que eu acho que a gente tem muito orgulho dessa nossa origem alemã, só que a gente já tá muito distante dela e já se perdeu muito do que foi no passado na Alemanha. E a gente mantém isso com uma força, uma vitalidade, sabe, mas não existe mais, as gerações já foram, já passaram, ninguém mais tem sangue de alemão...	P aproxima-se da mesa e pega comida.
51'00''	M3	Então não seria alemã, seria cultura blumenauense. Porque é muito próprio mesmo, o blumenauense é muito...	
	M4	Eu ia falar isso, né, porque meu pai fala alemão, eu nasci aqui em Blumenau, meu sobrenome é ((sobrenome)) e eu não tenho orgulho nenhum da cultura alemã.	
	F2	Eu também, a mesma coisa mas...	
51'16''	M3	Mas da cidade? Do jeito de ser Blumenau?	
	M4	Então, da cidade sim, né?	
51'20''	M3	Porque assim... Aqui a gente é livre, correto? Todo mundo consegue se expressar? Tem represália?	
	M4	Não, mais ou menos, cara.	
	M3	Por mais que haja bate boca e tal...	

	M4	Há uma liberdade relativa, porque tem essa questão da maçonaria, inclusive, tem a questão de quanto as mídias formais são manipuladas, ou influenciadas ou não.	
	M1	Engessadas.	
	M4	É, então assim: e tem grupos que são até privados que nós... Que decidem coisas, nem tô falando mais da maçonaria, tô falando de grupos de empresários, de poder...	
51'56''	M3	Mas aqui todo mundo se associa, daqui a pouquinho isso aqui vira uma associação, é fato. Meia hora isso aqui vira associação... Tem associação de tudo aqui em Blumenau.	
	M4	Disso eu tenho orgulho, isso eu acho positivo, isso eu acho interessante, tá, isso eu acho uma coisa muito legal.	
	M3	Pode procurar aí: deve ter um grupo do pão com bolinho. Não, sério, a gente tem mania, é bom...	
52'20''	F3	Stammtisch do pão com bolinho, Stammtisch...	Todos falam ao mesmo tempo.
	M3	Festival do pão com bolinho.	
	M1	Pois é, o festival do pão com bolinho já existe. Do sindicato do...	
	M3	Não é do sindicato. Ele é o idealizador.	
52'35''	F3	Eu acho assim: o planejamento passa um pouco... Até por essa questão de...	
	M3	Eu acho que vamos pra tua pergunta de planejamento, mas assim, é...	
	M5	Só que ela é muito complexa. Como ele falou, muito ampla.	Várias pessoas falam ao mesmo tempo.
	M3	Mas assim, não há planejamento urbano em Blumenau, correto?	
	M5	Não sei.	
	F3	Há um planejamento urbano incorreto.	
	M2	Tendencioso.	
	F3	Tendencioso.	

	M4	Esse debate é bem complexo, é a mistura das três coisas. Um pouco não há. Um pouco, realmente não há, um pouco é tendencioso, entendeu? E um pouco há. É meio...	
53'15''	M3	Então, uma delas pode ser a minha pergunta, então, por que a administração pública de Blumenau demora tanto pra lançar os editais de licitação e aí contrata emergencialmente um serviço? Não é genérico, é específico.	M3, que estava recostado na cadeira, aproxima-se da mesa e gesticula.
53'27''	M4	É, mas daí eu gosto mais da pergunta dela, que é a coisa que tem a ver com a questão ((inaudível)) que é essa questão do modelo. Que é a questão do trânsito e da modalidade, né?	
53'35''	F3	Eu gostaria... só faz a tua pergunta de novo. O que há de errado, como é que é?	Dirige-se a F1
	F1	Quão difícil é organizar o trânsito e por que isso nunca se resolve?	
53'47''	F3	Eu acho que o que há de errado no planejamento urbano de Blumenau que prejudica a mobilidade, a conservação de áreas verdes, mas tem que anotar porque são muitas perguntas.	Pega papel e caneta e faz menção de escrever.
54'00''	M3	A pergunta dela gera uma resposta... Ah, nós temos que ter um planejamento urbano melhor e aí começa...	Gesticulando.
54'07''	M4	O que tem que tomar cuidado, porque o Santa de vez em quando faz matéria sobre trânsito, sobre coisa, mas é sempre a mesmice, sempre a ponte do Centro, não sei o quê... ((inaudível))	
	M3	Mas melhorou, há uns três anos atrás era pior, o editor-chefe era...	Faz o sinal de mais ou menos com a mão direita. M3 fala olhando para P, em tom de brincadeira.

	M4	Não, mas é verdade, mas como formular uma pergunta de uma forma que provoca essa discussão desse novo modelo?	
54'27''	F3	É. A pergunta tem que ser boa pra direcionar a resposta, a pergunta tem que ser certa.	
	M3	Repete tua pergunta, vai lá.	Dirige-se a F1.
54'36''	F1	Eu escrevi um minitextinho ali, fazendo as minhas considerações do porquê que eu ia perguntar isso. E o que eu escrevi foi: quando eu parei pra pensar no que eu gostaria de saber, primeiramente eu pensei em um problema da cidade, em algo que deveria ser resolvido com muita urgência e o que me veio à causa foi o trânsito, porque hoje eu acabei me atrasando, até mandei mensagem pra ele ((P)), eu estava no trânsito e para chegar aqui eu levei, tipo, 25 minutos.	
55'03''	M3	Não, mas aí você faz a tua pergunta...	
	F1	Dáí eu falei assim: então, a minha pergunta principal é: se a gente tem... Aí já vai a questão também de ser uma cidade tradicional, o dia a dia do cidadão, a loucura da cidade... Quão difícil é organizar o trânsito, esse trânsito, e por que isso nunca se resolve? Por que esse problema não se resolve?	
	M3	Porque talvez falte um plano, um planejamento urbano decente.	M3 fala apontando a caneta para M5.
	M4	Há futuro para a cidade mantendo o atual modelo do carro?	
	M3	Mas aí, aí... Olha só... O que seria... Aí, vem a tua pergunta: o que seria o planejamento perfeito?	Ainda apontando para M5. Enquanto isso, F3 ajuda F1 a recolher pratos de papel

			e embalagens vazias.
	F3	Não.	
	M3	Não, vamos tentar construir.	
55'43"	M5	A minha pergunta é mais no sentido do jo... De quem influencia, como as coisas acontecem lá dentro desse jogo de poder aí do planejamento urbano. As entranhas lá ((inaudível)).	P tira bandejas de comida vazias da mesa.
56'01"	M5	O que o sindicato dos construtores faz, o que o ((inaudível)) faz...	M5 gesticula bastante, fala em voz mais alta porque M3 e M4 falam ao mesmo tempo.
	M3	Faz com que interesses individuais acabem justamente impactando no coletivo.	
	M5	É, a gente não tem uma resposta, isso é uma coisa complicada, né?	
	M3	Sim, mas a pergunta dela, como resposta, talvez, seria justamente responder a tua pergunta.	Aponta para F1
	M5	É que todas essas perguntas elas tão relacionadas, elas são a sequencia desse processo, né, influencia diretamente. Nas áreas de conservação, no planejamento do... Do tráfego, né, zoneamento da construção, essas coisas aí.	
	F3	Na arquitetura histórica, né, então hoje a gente... Ontem o moço falou que foi ver o pôr do sol lá no Museu da Água e ele falou assim: "ah, no centro histórico...". Na hora, assim, eu tava lá e eu olhei pro Centro e pensei assim: "ué, centro histórico, um baita de um prédio imenso que passa do horizonte dos morros", né, aquela coisas do...	Aponta para F2. Depois gesticula com as mãos olhando para M4.
	M4	É que na verdade não há planejamento mesmo, o que há são decisões normativas e decisões de	F3 passa doces



		encaminhamento ou de questões pontuais da cidade que são encaminhadas a partir dessas influências, mas planejamento urbano de verdade, realmente não há. Cada vez eu tenho mais convicção disso, entendeu? Porque fazer um... fazer um plano diretor não é planejamento. Planejamento é essa condução estratégica a partir de... ((inaudível)) Exatamente.	para M3 e F2.
	M4	Quer dizer, o que eu quero pra Blumenau? Qual a direção que eu quero que Blumenau se articule nos próximos 30 anos? Qual é a nossa vocação e... Entendeu? Ninguém sabe isso, cara. Pergunta isso pra alguém lá na prefeitura, ninguém sabe.	Ao fazer a primeira pergunta, M3 se ajeita na cadeira, fica ereto e os demais prestam atenção.
57'45''	M1	Vão dizer que Blumenau é a capital da cerveja, pronto.	
	M4	É, exato. É o máximo que... Blumenau vai pro Norte e é a capital da cerveja.	Nessa parte da conversa, M4 e M1 gesticulam olhando um para o outro.
	M1	Eu ia falar justamente. Depois de 2008, Blumenau vai pro Norte, Blumenau vai por Norte...	
	M5	Não vai, né?	
	M1	Mas assim... ((falam juntos))	
	M4	Não é necessário ir pro Norte, não é necessário ir pro Norte.	
	M1	Eles falam: “Blumenau vai pro Norte”, mas não há nem planejamento pra região Norte!	Passa as mãos sobre a cabeça.
	M5	Não dá nem pra chegar lá...	M5 ri e passa a mão no nariz.
	M4	E não é necessário, nós temos espaço sobrando aqui, na cidade já consolidada. Quando mais compacta a cidade, mais eficiente ela é, mais inteligente ela é, mais agradável ela fica... Quanto mais compacta. Então	M4 gesticula e passa a mão na cabeça enquanto fala. M5 apoia a cabeça nas

		já tem pesquisas de que tem espaço sobrando aqui. Blumenau jamais vai passar de 500 mil habitantes, jamais. Vai talvez chegar perto de 500 mil habitantes, entendeu? Pra 700 mil habitantes eu tenho espaço sobrando aqui na região central, dez, doze bairros.	mãos e olha para baixo.
58°36''	F3	Tu já visse, uma coisa... O que tu tais colocando, eu vi o aproveitamento, agora o pessoal tá dando redirecionamento naquela antiga rodoviária de Blumenau.	
	M3	Não tinha nem o habite-se ainda.	
	F3	Ele conseguiu o habite-se agora.	
	M4	Ali na estação de bike, né?	
	F3	É, é lá. O cara tá... Mas é interessante, é interessante. É interessante. Por que que não faz? O pessoal mesmo da arquitetura, começa a trabalhar...	Gesticula em direção a M3.
	M4	Começa a ver o quanto tem de espaço ocioso, espaço vazio, espaço subutilizado.	
	M3	Mas quem é que dá o habite-se no município? O município. Por que o município não consegue seu próprio habite-se? Porque atravessa a rua e vai falar com a Faema e não dá certo.	
	F3	É, cara...	
	M3	Tá entendendo? A gente já enfrentou isso.	
	F3	Sim, já enfrentou.	
	M3	Que o cara levantou da mesa e foi embora.	
	F3	Sim, já sentei, eu, já sentei, eu licenciada, não faço mais licenciamento porque isso é pesado já aqui em Blumenau...	
59°33'	P	Só pra vocês terem noção: passaram 5 minutos.	P continua em pé ao lado da mesa.
	M3	((risos)) Vamos lá, volta pra pergunta.	
	F3	Vamos lá, eu acho que a pergunta,	

		então, tá dentro do planejamento...	
	M3	Segue a tua ((aponta para F1)) acho que é a tua. É bem objetiva, então acho que segue a tua. Uma, e a outra?	
	F3	E a outra...	
	M5	Eu já declarei meu voto. Essa é uma coisa que sempre me...	
	M1	É, da maçonaria.	
	F3	É a da maçonaria.	
	M5	Que sempre me... Qual é a relação, quão verdadeiro é esse boato... Os caras vão lá conspirar pra decidir coisas do âmbito público lá dentro da reunião secreta. Isso é verdade, não é...	
1h00'11''	F2	Mas assim pensando um pouco, se é um grupo tão fechado, pensando um pouco na matéria em si, a gente conseguiria essas informações? A gente ia conseguir fazer essa matéria?	
	M5	O ex-jornalista... O futuro ex-jornalista.	
	M3	Mas porque as respostas vão ser mandadas corretamente.	
	M4	É, mas tu tem... Quando tu pergunta se o cara é assassino, não é o caso, né, mas é um repórter investigativo, quase, né?	
	M3	Só se já tiver prescrito, daí ele diz: "não, matei mesmo".	
1h0'40''	M4	É, pode ser... Mas... Mas... é claro, não é uma reportagem simples, né? Três quatro caras da maçonaria... Vai ter que criar uma estratégia, né?	M5 levanta os braços sobre a cabeça novamente.
	M3	O cara vai dizer que não fez: "eu não roubei dinheiro público". Depois ele diz assim, ó: "eu roubei dinheiro público pra dar pro povo", porque o crime já tá prescrito, entendeu? Mas enfim, tá, a outra pergunta? Tem uma, são duas.	M3 projeta o corpo sobre a mesa.  Há um momento de silêncio. M1 passa refrigerante

			para F1. F2 fecha uma garrafa de água. F3 gesticula.
1h01'10 ”	F3	Então, a da maçonaria.	
	M3	Vai ser a da maçonaria?	
1'01'13	M4	É, eu, eu... Realmente é uma questão que sempre fiquei muito curioso pra saber o grau disso e tentar descobrir isso. O problema de como vai descobrir é do jornalista, não é nosso né, cara?	M4 ri, ajeita-se na cadeira e olha para M1, que também ri.
	M3	Não, é que assim ó...	
	P	Vocês não sabem qual é a próxima atividade...	Todos riem.
1h01'33 ”	F1	Tu vai descobrir se tu pegar um cara que é bem tipo... “Eu sou da maçonaria”.	F1 movimentando os braços e sacode o tronco imitando uma pessoa vaidosa.
	M4	Um delator?	M4 aponta para F1
	M3	Ele não vai poder dizer, na verdade. Maçom não admite que é maçom.	Recostado na cadeira, com as mãos abaixadas.
	F1	Admite, ((M1 e M2 repetem: “admite!”))) esse tipo de cara admite. Admite e ele ainda fica te instigando a... Te falando coisinhas pra você, jogando coisas no ar, assim, pra tu entender e tirar as tuas conclusões. É isso que eles fazem, eles não te falam absolutamente nada, ele te dá direções e você tira suas conclusões disso. Eles não falam nada mesmo. Eu sei porque eu já... Eu tô falando por experiência própria, então eu...	
	M4	Tu já foi na maçonaria?	Com a cabeça apoiada sobre a mão direita.
	F1	Não, já tive um chefe que foi e é	Os demais

		maçom e ele me fazia ler os e-mails dele das coisas e eu lia como funcionava as coisas da loja e tudo mais... E ele chegou a comentar algumas coisas comigo, assim, porque eu acabei perguntando...	ouvem em silêncio. F3 mexe em folhas. M2 escreve algo no papel.
	M4	Aí já temos uma superfonte, ó! ((risos gerais))	Aponta para F1
	M3	Aí já é diferente.	Segue recostado na cadeira.
	F1	Exatamente, eu era assistente pessoal dele e eu acabava sabendo dessas coisas. Aí ele me fez assinar um termo, um contrato de sigilo e tudo mais, né, das informações que eu recebia.	
01h03'01''	F3	Não vai conseguir nada... ((inaudível))	
	M3	Então acho que são essas duas: trânsito e maçonaria.	Outros concordam.
	M4	É o trânsito ligado ao planejamento, né?	
	M1	É capaz de achar a resposta do trânsito na maçonaria.	M1 ri e levanta o braço direito sobre a cabeça.
	M3	Não, porque daí se houvesse uma unicidade - vou viajar - entre a ordem maçônica de Blumenau, haveria uma solução pro trânsito.	Fala gesticulando com a caneta na mão esquerda.
	M4	É, até porque são sete lojas diferentes e algumas competem entre si.	
	F3	Tan-tan-tan-tan!!!!	Ergue os braços em frente ao rosto, brincando com uma trilha de suspense.
	M4	Meu vô, só pra conhecimento, foi grão-mestre 33 graus da maçonaria.	
	M1	É a última, né?	
	M4	É. Meu opa. O que me instigou a fazer essa pergunta é porque nenhum	Gesticula e passa a mão

		dois cinco filhos, uma é mulher, nenhum dos quatro filhos, meu pai, inclusive, netos... Ele nunca conversou com ninguém sobre isso, nunca falou, nunca deixou os filhos serem e nem nada, entendeu? Então eu sempre fiquei curioso de tentar entender por que, né?	esquerda na nuca.
1h04'05''	M2	Acho que tu fez muita pergunta: "Por quê?"	
	M4	É, pode ser, mas ele nunca falou nada, cara. Uma vez eu perguntei, ele já morreu, mas não falou também, desconversou assim, sabe...	
	M5	Mas então, eu tenho em comum contigo essa curiosidade, assim. Eu não tenho nenhuma relação, de família, com nada, mas assim: por que tanto servidores públicos, é o que reza a lenda, né, tão lá, o que tem pra discutir lá numa entidade privada. Se é coisa pública... Mas será que eles discutem coisa pública lá mesmo? Não discutem, não sei.	
1h04'34''	M3	Se o tema deles é filantropia, acho que tem que ter coisa pública.	
	M5	Sem meias palavras, o que a gente leva a interpretar é o bom e velho tráfico de influencias, né, é o que a gente de fora acha que é. Mas é que nem aqueles memes da internet: o que acha que é e o que é na verdade, né?	Gesticula bastante com as mãos e sorri ao final.
1h04'50''	M3	Eu tinha essa tua... Essa tua... Até um pouco de raiva, né? "Porra, sacanagem, o cara lá não é melhor que eu e tá ganhando porque entrou na loja tal". E aí eu perguntei pra um maçom e, mas o homem até saiu, um senhor de idade... "Não... é que a gente criou um relacionamento lá dentro e você precisa de um profissional, quando tem um lá dentro você conversa". Eu me satisfiz com isso...	Gesticula o tempo todo enquanto fala. Passa a mão esquerda na orelha.
	M4	Não, não tem problema. O problema	

		é quando o cara fala lá, e fala com o prefeito pra mudar o zoneamento, quando o cara faz uma sacanagem e eles fazem pra proteger e pra acobertar.	
	M5	Enquanto tá na empresa do cara lá, essa questão é dele. O que a pergunta do M4 fala e que me gera curiosidade é os assuntos da esfera do poder público, levados pra essa instância, é só essa a minha curiosidade.	
	M4	A minha também.	Aqui M3, F3, F1 e M1 estão recostados às cadeiras pensativos. M4 está relaxado na cadeira, com o braço esquerdo sobre a mesa. Os demais estão com os cotovelos sobre a mesa, em silêncio.
	F3	É isso?	Vira para trás à procura de P.
	M3	São essas duas.	
1h05'51 ”	P	Aí eu que pergunto: tem um consenso aí?	
	F3	Sim, sim.	
	P	Todo mundo confortável com as decisões? Então vocês poderiam redigi-las? Tipo, não sei se já tem uma redação com que vocês estão contentes...	M5 levanta da mesa, passa por trás de M4, pega a garrafa de água e volta para o lugar.
	M3	Ah, a pergunta dela e a dele.	
	P	Podem ler em voz alta?	
1h06'05 ”	M4	Vou ler que fica mais fácil. Qual o grau de influencia real e poder de manipulação da maçonaria em Blumenau? E tinha umas	

		complementares, né, faz parte... Coloquei aqui: por que não aceita mulheres, né? E o porquê da pergunta... Para que fique claro qual o poder de influência de uma entidade privada exclusiva e secreta na condução de interesses públicos e nas decisões de políticas públicas da prefeitura e outras instituições públicas locais. A questão pública mesmo...	Dirige-se a M5.
	M5	Sim, o meu interesse tá ali... Nem tenho... Associação dos caras, eles fazem o que quiser lá, não me interessa, mas agora o que isso influencia no poder público... Eu acho que daria uma boa...	M5 levanta-se, devolve a água ao centro da mesa. Ao terminar de falar, bebe um gole.
	M3	E aí a tua.	Para F1.
1h06'53''	F1	Quão difícil é organizar o trânsito e por que isso nunca se resolve?	
	M4	Acho que é boa, porque quando ela fala "por que nunca se resolve", ele remete a muita coisa. Por quê? Porque só pensa no carro e nunca vai resolver, não adianta. Então nesse sentido acho que instiga também essa, essa provocação.	
	F3	Mas o Santa ia perguntar isso pra pessoa errada e eles iam responder errado e a matéria seria toda errada.	Fala olhando para M4.
	M4	A tendência a acontecer é essa.	
	F3	E a universidade não entende de nada, entendeu?	
	M4	A tendência é essa. É verdade.	
1h07'28''	P	Bom, encerrada essa parte, agora vocês vão dividir-se em dois grupos. Nós estamos em oito, né? Dois, quatro, seis, oito. Então são quatro para cada grupo e cada grupo vai ficar com uma dessas duas perguntas. A divisão vocês é que vão decidir como deve ser feita.	Neste momento P está em pé, entre M4 e M5. Ao saberem que terão de dividir os grupos, M4, M1, M2, M3 e F3 riem.



1h07'55 ”		Dividir em grupos agora, vocês vão responder a outras questões, agora pensando no assunto que vocês estão trabalhando. Antes disso eu queria que vocês comentassem rapidinho como é que vocês organizaram a divisão, com que critérios vocês usaram...	Há um corte no vídeo. Quando a gravação retorna as pessoas já mudaram de lugar. A sequência, em sentido horário, passa a ser: F3 (sentada no lugar que antes era de F1), M5, M2, M4, M3, F2, F1 e M1. Porém, neste momento do vídeo M3 está em pé, fora do alcance da câmera. P fala em pé, em frente à câmera.
	M4 e F3	Interesse ((falamos ao mesmo tempo)).	M1 levanta da mesa e sai de cena.
	P	Pelo interesse de cada um...	
	M4	Eu também não queria ficar muito na minha pergunta, queria sair um pouco, mas mais por interesse. Que é a minha área de pesquisa.	
	P	Então tá. Só pra eu entender qual grupo está com qual pergunta?	P volta à posição entre M4 e M5.
1h08'24 ”	M5	Nós quatro aqui maçonaria.	M5 aponta para F3, M1 e M2.
	M2	Os Iluminatti.	Risos
	P	E lá, sobre trânsito. O M3 tá no trânsito, é isso? Tá. Agora, se vocês quiserem me dar essas folhinhas. Ou querem ficar com elas pra consulta?	
	F3	A gente vai ficar com a pergunta aqui pra consulta.	

	P	Tá, deixa eu limpar a mesa.	
	M2	Como é o nome do nosso quarto colega aqui?	Faz menção a M1.
	P	((informa o nome))	M3 volta pra mesa. P entrega folha para F3.
1h08'49''	P	Então, agora, vocês vão ter que responder em grupo a essas questões, tá? Amm, vocês podem escrever embaixo delas, mas também podem pegar outras folhas pra fazer anotações. Eu gostaria de ficar com as anotações depois. Não precisa entregar uma resposta prontinha, um texto respondendo, mas as anotações de vocês me interessam. E aí em seguida vocês vão contar aqui pra todo mundo as respostas de vocês pra essas perguntas. Nós já estamos com a hora um pouquinho avançada, são 20h32min, então acho que uns 15 minutos, 20 minutos pra tratar dessas perguntas.	P entrega uma folha pra M3.
	M3	Em grupo respondam as seguintes perguntas...	M3 entrega folha para F1.
1h09'35''	P	Se quiserem ler... Vamos ler em voz alta pra todo mundo... Se tiver alguma dúvida? A pergunta A: Como conseguir informações para responder essa pergunta escolhida? Quais pessoas podem ser entrevistas ou devem ser entrevistas e por quê? Que tipos de documentos, quais documentos devem ser consultados? Que cuidados devem ser tomados para garantir qualidade a essas informações que vão ser buscadas? E podem acrescentar outras observações que vocês julgam importantes, julgarem importantes. Então assim: as anotações de vocês guardem, depois eu gostaria de ficar com elas, mas daqui a pouco a gente vai compartilhar em voz alta o que cada grupo decidiu e discutiu.	

1h10'24 ”	F3	M5, tens uma letra melhor? ((M5 ri))	Todos ficam inquietos, olham para as folhas e começam a falar coisas inaudíveis.
	M3	A primeira aqui ((os dois grupos falam ao mesmo tempo)) responder a pergunta escolhida. Acho que buscar cases, né ((barulho de cadeiras e várias pessoas falando)) buscar cases, casos concretos.	M1 volta para a mesa. P pega uma garrafa de água que está na mesa.
1h10'55 ”	M4	(incompreensível) é que eu acho que de qualquer maneira sempre a fonte oficial é importante.	Neste momento os grupos passam a trabalhar em separado. O grupo que trata de trânsito está mais próximo à câmera. P fica próximo ao grupo que trata de maçonaria e faz anotações.
		((A partir deste instante transcrevemos os diálogos dos dois grupos que se formaram. Para facilitar a leitura, os diálogos do grupo que trata de maçonaria estão em negrito, diferenciando-os dos diálogos do grupo que trata de trânsito. Como há muito barulho no recinto, o pesquisador acompanhou de perto as discussões do grupo que estava mais distante da câmera: maçonaria. As anotações feitas ajudaram a identificar as falas na audição))	
	M3	Não, mas ela perguntou por que o trânsito tá como tá e por que não se resolve.	
	F2	Eu acho que o primeiro passo é procurar a prefeitura.	

	M4	É, a oficial, né?	
	F2	(incompreensível) A oficial, depois disso ir desgastando as outras possibilidades, que daí a gente pode pegar uma cidade que tenha um trânsito bom, Curitiba, talvez, pegar... Ou outra que tenha um trânsito melhor, pegar o modelo e usar como case.	
	F3	<b>Então vamos lá, primeira pergunta: ((inaudível)). ((suspira)) Ahm, é, eu acho que principalmente bibliotecas, né? Será que existe alguma específica, em lojas, talvez? Trabalhasse, né, com o pessoal do...</b>	<b>Pergunta olhando para M2.</b>
	M2	((inaudível))	<b>Mãos sobre a mesa, mas movimentada-se pouco. Parece não dar esperança de que existam as bibliotecas mencionadas.</b>
	F3	<b>Mas de repente então bibliotecas... ((inaudível)). Uma coisa especializada, assim, né? ((inaudível)) Histórico...</b>	<b>Olha para M1, que está limpando a mesa.</b>
	M3	O município, órgão de trânsito.	
	F1	Que Blumenau teve que...	
	M4	((inaudível)) Tem várias pessoas já desconstruindo o modelo, mito Curitiba, né, tem muitas coisas boas, mas tem bastante ((inaudível)) e político ((inaudível))... Colocar a fonte oficial, local.	
1h11'42"	M5	<b>É, poderia talvez, uma coisa: fazer um levantamento histórico de políticos, da esfera pública, que... ((inaudível)) Não, que sejam participantes da... Fazer uma... Uma levantamen...</b>	<b>Gesticula bastante, olha para M2.</b>
	M2	<b>É focado na questão de política, né,</b>	

		<b>então quais são...</b>	
	<b>F3</b>	<b>É, claro, pois é, a nossa pergunta é a influência...</b>	
	<b>M5</b>	<b>É como essa sociedade influencia...</b>	
<b>1h12'09"</b>	<b>M1</b>	<b>Então assim: um levantamento dos políticos maçons. De quanto tempo? Quantos anos? ((inaudível)) Não, não. Primeiro vamos anotando ((inaudível)), depois a gente passa pra...</b>	<b>M1 passa a secretariar o grupo, tentando organizar o debate e anotando o que os demais falam.</b>
	<b>F3</b>	<b>São quinze minutos.</b>	
	<b>M1</b>	<b>UI!</b>	<b>Coça a cabeça e volta a escrever.</b>
		<b>((Há um período de falas curtas e inaudíveis nesse grupo. Os participantes voltam a olhar para a pergunta e parecem discutir o que ela realmente quer descobrir. Depois discutem a questão do tempo novamente, mas não é possível ouvir em detalhes o que dizem))</b>	
	<b>F1</b>	<b>Tá, consultar então a fonte oficial?</b>	
	<b>M4</b>	<b>O gestor oficial...</b>	
	<b>F2</b>	<b>Um secretário de planejamento.</b>	
		<b>((várias pessoas falando ao mesmo tempo))</b>	
	<b>M4</b>	<b>Acho que o secretário de planejamento e o presidente do Seterb.</b>	
	<b>F1</b>	<b>Gestor oficial, OK?</b>	
	<b>M4</b>	<b>Se quiser colocar entre aspas secretário de planejamento e o Seterb.</b>	
	<b>M3</b>	<b>Órgão de transito responsável, isso.</b>	
<b>1h12'33"</b>	<b>M4</b>	<b>E uma coisa que eu acho interessante também é ouvir especialistas divergentes locais.</b>	
	<b>M3</b>	<b>Mas aí pra eles dizerem o problema? Pra eles apontarem o problema?</b>	
	<b>M4</b>	<b>Isso, aham.</b>	

	F2	Reafirmando que realmente tem um problema, né?	
	M4	É, duas opiniões divergentes.	
	M3	Mas não só dizer é um caos, é caos por quê?	
	M4	É, mas especialistas, né? ((inaudível))	
	F1	Presidente do Seterb?	
	F3	<b>O Arquivo Histórico de Blumenau pode ser consultado.</b>	
	M5	<b>Mas duvido que vai ter informação lá. É, eles prezam por não deixar nada registrado, né?</b>	
	F3	<b>É? ((inaudível)) Ah, mas acho isso. Acho que consultar o Arquivo Histórico é uma coisa interessante... ((inaudível))</b>	
	M4	((inaudível)) O tráfego não é o tráfego, entendeu? É a cidade. Mas então a gente pode ouvir um especialista em tráfego. Um arquiteto urbanista especialista em mobilidade. E esses dois pensem... Pensem ((inaudível)), mas que não coadunam com a política oficial, né, pra dar o contraponto. Então, um especialista...	
1h13'33"	M3	O município vai apontar os seus pontos deficitários, eles vão colocar os deles, os pontos deficitários do município, provavelmente (incompreensível)	
1h13'34"	M5	<b>Tá, mas beleza. Isso daí é para conseguir um... Digamos assim: um contexto, né?</b>	
	F3	<b>Isso, um contexto, é.</b>	
1h13'39"	M5	<b>Mas agora vem a parte difícil. Agora, para responder... Assim, tentar esclarecer ((inaudível))... Se atualmente nas políticas públicas, como é que... ((inaudível))</b>	
	F3	<b>É, eu acho que talvez assim, ó... É uma coisa interessante, né? Relacionar as últimas decisões, dos dois últimos mandatos, assim, de repente... Decisões, por que que foi</b>	<b>F3 gesticula com as mãos erguendo os</b>

		<b>tomada essas decisões, e auxiliaram, e levaram num direcionamento para quem... Se é que esse direcionamento tem alguma coisa ligada com alguma... Com algum maçom, entendes?</b>	<b>braços acima da cabeça.</b>
	M4	((inaudível)) Pra isso temos a prefeitura, né? ((inaudível))	
	M3	Aí talvez coloque entre parênteses “mobilidade urbana”.	M4 e M3 sugerem frases para F1 escrever no papel.
	M4	((inaudível))	
	F1	Um engenheiro de tráfego...	
	M4	Um arquiteto e urbanista.	
1h14'20”	M3	Pessoas que entendam de mobilidade urbana.	P pega papel e caneta que estão sobre a mesa para fazer anotações.
	M2	((inaudível)) ...Vai ter que achar alguma coisa que você acha que não é certo, né?	<b>M5 assente com a cabeça.</b>
1h14'22”	F3	<b>É, entendes, ó, o que eu digo é assim: decisões assim, vamos pensar na questão do planejamento, né?. A Rua Quinze, ela deixou de, ela virou, sei lá, alameda de serviço, não sei, não consigo lembrar agora. Calçada. É... Porque... Isso beneficiou a quem? Beneficiou a “x” empresário, “y” empresário... Esses empresários são ou não são maçons? De repente essas pessoas tiveram uma conversa e influenciaram a política pública, entendes? Então, se a gente conseguir a análise das últimas decisões políticas de mudanças, né, de planejamento... Políticas públicas gerais do município... E se esses beneficiados fazem parte de</b>	<b>Fala olhando e mexendo no papel. Quando fala em planejamento olha para M5.</b>

		<b>alguma loja maçônica. De repente essa é uma possibilidade de chegar... ((inaudível))</b>	
1h14min 15s		((M3 e M4 falam baixinho))	Evandro pega uma caneta e uma folha da mesa
	M3	Toda a parte legal da coisa, né. A gente pega muito política nacional tal...	
	F1	Quais pessoas devem ser entrevistadas e por quê? OK, eu respondi aqui.	Lendo a folha entregue por P, com caneta na mão.
	M4	Só tem uma aqui, na segunda, que não sei se entra aqui ou se entra na outra, que é questão dos cases, realmente. Eu acho que interessante botar ao menos dois cases de cidades de porte médio e que funciona bem. Não sei se é nessa primeira ou...	
1h14m52s	F1	((inaudível))	
	M3	Aqui ó, quais pessoas seriam entrevistadas e por quê.	
1h15'02''	F2	Eu acho que as primeiras pessoas a serem entrevistadas são quem usa o trânsito e que podem falar... Contar sua história, né?	
	M3	Mas aí não é muito a opinião do cara, assim?	
	M4	Mas eu acho legal também, nesse caso. ((inaudível)) Usuários.	
	M3	Não, o usuário ele é impactado. Mas ele vai conseguir responder por que que tem o problema?	
	F1	Não, mas é que ele pode pontuar o que tem de errado. E partir dali, entendeu?	
	M4	((inaudível)) o cara que usa bike, o cara que anda a pé, o cara de carro, os caminhões...	
	M3	O cara da moto	
1h15m5		((inaudível))	O grupo que



4s			trata de maçonaria começa a falar mais alto e dispersa os integrantes do outro grupo.
1h15'39"	M5	Mas como é que tu descobre quem faz parte do...	
	F3	Não sei... Não sei como é que funciona isso.	
	M5	Como é que poderia descobrir isso?	De braços cruzados, levanta os ombros em posição de quem manifesta dúvida.
	M2	É fácil, vai numa loja daqui de Blumenau e fica ali esperando ((inaudível))	
	M5	Eles têm um endereço fixo?	
	M2	Tem!	
	M1	Ali do lado da Rádio Clube. Ali do lado da Nereu tem uma loja maçônica. Inclusive com as pilastras... ((M2 fala ao mesmo tempo, fica inaudível)) E a outra tem ali em cima na... Perto da Câmara de Vereadores.	
	F3	Tem mais do que uma, é?	
	M1	Tem sete. Sete! A Verde Vale, a Grande Loja do Oriente, e assim vai... ((F3 diz algo inaudível)). Ah tá! Não brigo com eles mas nem a pau!	M5 faz uma piada inaudível dirigida a F1 e P.
	F3	Então, eu acho que assim relacionamento, assim. Decisões de políticas públicas e quais pessoas beneficiadas fazem parte de alguma loja maçônica. Pra mim cada município tinha uma, e não sete. Não sei como fazer isso. Eu	

		<b>achei que tinha uma lista de pessoas que...</b>	
	M2	<b>Pô, mas são sete?</b>	
	M2	<b>São sete! ((começam a falar em voz baixa, inaudível))</b>	
	M4	Exatamente	
1h16'01 ”	F2	((inaudível)) ... Matéria a gente poderia contar a história de cada um, saiu de casa, quanto tempo leva pra chegar no trabalho por causa do trânsito ...	
	M3	Tem que achar o cara da mesma região.	
	M4	Semelhante, né?	
	F1	Os primeiros entrevistados seriam os usuários?	
1h16'29 ”	M4	De qualquer maneira na primeira a gente já respondeu os outros entrevistados.	
	M4	Além dos de cima, usuários.	F1 escreve enquanto os demais permanecem em silêncio.
1h16'47 ”	F1	Ok. Quais documentos devem ser consultados?	
	M4	Nesse caso o plano municipal de mobilidade, né.	
	M3	De 2007 foi plano de mobilidade, né?	
	M4	Não lembro, cara.	
	M3	Lá tá discutindo... População, usuários, tempo, região... Plano de mobilidade de 2007.	
	M4	É, porque uma coisa é isso também, né, eu fui no Coplan essa semana que teve apresentação do plano de mobilidade, um diagnóstico. Cara, e lá esses apresentaram, por exemplo, do ônibus, eles apresentaram o número de usuários hoje, mas daí eu perguntei pra ela, e a evolução? Eles não tinham, por exemplo.	
1h17mi n51s	M3	Eu achei que teve evolução. Por exemplo, eu era usuário numa época	

		que não tinha terminal de ônibus. Eu pegava o Velha, descia ali onde era o antigo Camorra, pra quem não sabe, atrás da Vila Germânica, ia a pé até a Etevi.	
	M4	Mas a melhor época do transporte coletivo foi durante o governo Décio.	
	M3	Foi, foi depois do terminal.	
	F3	<b>((depois de várias falas inaudíveis, entremeadas por risadas, F3 volta ao roteiro)) Quais pessoas devem ser entrevistadas? O M3...</b>	<b>F3, M1 e M5 riem. M3 nega com a cabeça.</b>
1h17'51"	F3	<b>Acho que os últimos prefeitos vivos, que... ((inaudível)) O cara pode ir, costurando, numa entrevista, e a qualquer momento trazer a questão: “Aquela lei que foi aprovada...” ((inaudível))</b>	<b>F3 balança o corpo encenando “jogo de cintura”.</b>
	M1	<b>Os últimos prefeitos em entrevistas anônimas? Talvez, mas sem dizer que ele é maçom?</b>	
	F3	<b>((nesta parte pouco audível, F3 explica novamente como seria a técnica para entrevistar os ex-prefeitos, falando em jogo de cintura))</b>	
1h18min11s	M3	Ah, quem poderia ser de interesse... É, mas daí é muito do transporte público, né? ((essa pergunta é reflexiva)) É... O dono da Glória foi no Observatório Social explicar o que aconteceu, ouvir a versão dele. É muito interessante, porque o cara tem dados históricos, uma linha do tempo do transporte público de Blumenau desde 1950 e ele explicando, que eles bancavam, por exemplo, o Décio queria por ônibus em tal lugar, eles bancavam o asfalto, entendesse? O cara não tinha condição, ele bancava... Tendencioso, porque ele é o único inocente da situação.	
	M4	E o que eu acho também que pode ser interessante porque a gente tem um	

		momento traumático, que é o rompimento do consórcio e mal ou bem, eu acho que o principal meio de mobilidade da cidade deve sempre ser o transporte coletivo. ((inaudível)) políticos, né, hoje não é, não é, hoje ((inaudível)) principal. E o planejamento da cidade não tá no sentido de fazer ele ser.	
1h18'51”	F3	<b>((inaudível)) Vereadores, secretários... Acho que pode botar, secretários, né?</b>	<b>F3 e M5 conversam sobre quais fontes deveriam ser consultadas, mas a maior parte do diálogo é inaudível. M2 participa menos, enquanto M1 anota.</b>
1h19'24”	M3	Você acha que eu de terno e gravata, um monte de processo embaixo do braço, andei de transporte público?	
	F1	Não.	
	M3	Eu usava, usava, por opção, eu tinha um Celtinha lá e tal, mas eu usava o vermelhinho, porque eu saía na rua XV, me deixava no Fórum, eu sabia mais ou menos quando ele voltava.	
		<b>((inaudível))</b>	<b>M5 fala, mas é encoberto por outros do mesmo grupo que falam ao mesmo tempo.</b>
	M4	<b>((inaudível))</b> Não tem problema, quem não tem opção. Só que esse cara que só usa carro, já tá legal pra ele.	
	M3	E outra coisa também, o transporte coletivo devia ser integrado, não devia...	

	M4	Confortável, preço justo...	
	M3	Devia ser integrado assim ó: que você possa, por exemplo, na metade do seu trajeto pegar uma bicicleta, deixar sua bicicleta lá e ir de ônibus.	
1h19'55"	M5	<b>((Nesse momento o grupo está discutindo como saber se alguém que foi uma vez a uma loja maçônica é realmente maçom, mas há várias pessoas falando ao mesmo tempo)) Não sei, não sei, não sei. Eu não imagino como seja o trabalho de um repórter. ((inaudível))</b>	<b>Depois do desabafo do M5, ele e M2 entram numa conversa paralela, enquanto F3 e M1 trabalham na redação da resposta.</b>
1h20'18"	M4	Cara, já tem tecnologia pra isso, eu só tiro foto daqui até aqui. O sistema tem que me dizer quais são as modulações possíveis a cada momento ((inaudível)). Então ali ele vai me dizer: “desce do ônibus, caminha 50 metros, agora pega uma bike na rodoviária, agora pega um carro, agora de Uber” ((inaudível)) E tu vê todos os modais que tu escolheu reais ali. Então tu chega no ônibus 30 segundos antes dele chegar. ((inaudível)) A tecnologia tem gratuita inclusive, né?	
1h20'35"	M5	<b>É um trabalho que dá pra fazer assim, ó, que nem o M2 falou:</b>	
	M2	<b>Achar uma pessoa que tenha um conhecido ali que tenha abertura pra falar...</b>	
	M5	<b>Não necessariamente com foco em alguma coisa errada, mas para entender a dinâmica, né? ... Claro, se tu for lá bater na porta para dizer que estás procurando alguma coisa errada, eles vão correr contigo, né?</b>	<b>Ao fazer a pausa, encosta na cadeira e levanta os braços. Quando volta a falar, aproxima o</b>

			<b>tronco da mesa novamente.</b>
1'21'12 ”	F1	Eu acho que ((inaudível)) ...Que nos terminais ele tem um aplicativo que avisa quando o ônibus vai chegar, se ele tá atrasado, se ele tá em tal ponto.	
	M2	É o Moovit.	M2 ouve a conversa ao lado e se intromete. Neste momento o grupo Maçonaria para de conversar e acompanha a conversa ao lado. Apenas M1 segue olhando para a folha de papel
	M4	O M2 faz isso, a empresa dele faz isso.	
	F1	Tu faz isso?	
	M4	A empresa dele faz	
	F1	Faz isso aí pra gente...	
	M2	Faço pro Google e pro Moovit.	
	F1	Controla o 10 ali...	
	M2	Nossa, pro Brasil todo, menos pra Blumenau.	
	M3	Mas por quê? ((inaudível))	
	M4	Compreensão, né?	
	M3	Por exemplo, ele teria que entrar num edital, a empresa adquirir e fazer a reversão da tecnologia.	
	M2	Como saiu edital agora, aí a gente tá prospectando né, que a Piracicabana já é cliente minha em Brasília e Uberaba, então, tecnicamente com o tempo a gente vai...	
1h21m5 9s	P	Só uma coisa, vocês até podem elencar o M2 como fonte, mas ele tem que pertencer a esse grupo aqui.	Todos riem
	F3	A gente pegou o M3 como fonte	

		também.	
	M3	Por isso que eu fico... Eu admiro tanto a cidade de Blumenau. A gente tá falando de um negócio que é usado no mundo todo e tem aqui na porta de casa... Blumenau é cheio de coisa assim.	
	M4	É, só que cara, tem que usar mais.	
	F3	Eu tô com três contratos com o governo de Minas...	
1h22'25 ”	M3	Eu sei, eu sou teu advogado.	
	F3	Eu sei, e o que eu tô perguntado? Por que não funcionam as coisas aqui. Eu tô com um calote tu Rio, que tu sabe muito bem qual que é, porque... Com o governo do Rio....	
1h22'37 ”	M3	A gente não consegue encontrar legislação nas cidades pequenas que ela tá procurando. Ela precisa acessar o plano diretor da prefeitura... Por que tu quer o plano diretor? Não tem, não consegue ((todos falam ao mesmo tempo))	
	F3	Mas Blumenau, dificultam pra gente também.	
	M3	Você consegue achar nas leis municipais.	
	F1	Tem até na internet, mas não é completo. ((inaudível))	
	M3	É que assim ó, a transparência da lei de acesso à informação, ela não diz só que você tem que fornecer ((inaudível)) Só que artigos, pô isso é um saco, daí sem isso aqui tu não entender nada, então, ela tem que ser entendível. Ela tem que ser visual e ela tem que ser aplicar inclusive algumas questões de regionalismo, assim. A gente tem o grupo, até em maio, convido a todos, vai ser, a gente vai fazer uma capacitação popular, vai ser a terceira, pra tratar do portal da transparência da Câmara	No grupo de maçonaria, enquanto isso, os integrantes leem o que já está no papel e aparentemente discutem detalhes da redação, mas as frases não são totalmente audíveis.

		Municipal de Blumenau. A gente quer que a população olhe a Câmara Municipal, olhe o portal da transparência dela e diga assim: “Não, aqui tá faltando tal coisa que eu consiga entender”. E aí, esse é o terceiro, a gente fez um ((inaudível)). A gente fez um pra imprensa e agora... E aí a gente viu que em Blumenau tem regionalismos. Por exemplo, você sabe o que é macadame?	
	F1	É um negócio de comer, né?	
	M4	Macadame.	
	M3	O que é macadame?	
	M4	Macadame é o que tu bota em cima das ruas pra... Pedra, cascalho.	Cinegrafista passa na frente da câmera.
	F2	É um fruto também, não é?	
	M4	Macadâmia. Macadame, não. Mas aí é só pedra e coisa... Uma rua que não é asfaltada, é só barro. Daí pra tirar a lama eles botam macadame.	
	M3	Passam a patrola em cima.	
	F1	Ah, é isso!	
	M3	Aí o cara que mora naquela rua, o cara humilde, porque geralmente quem mora numa rua de barro ou é ((inaudível)) ou mais humilde, não generalizando, mas... E aí se o cara for olhar no portal da transparência pra saber quando é que a rua dele vai ser asfaltada, ele não vai digitar pedra tal, ele vai digitar macadame. E daí o sistema vai dar que não encontrou o resultado... Mas a informação tem que tá lá e de fácil acesso. ((o outro grupo fala alto, fica inaudível)) Ele te leva pra cá, volta, dá zoom e daí precisa ser por esse caminho...	
1h25'19''	P	Faltam 5 minutos.	Todos falam ao mesmo tempo.
	M4	... Estatísticas oficiais é importante.	
	M3	Dados históricos.	



	M4	É, estatísticas oficiais, barra, dados históricos.	
1h25'28"	F3	<b>O M3 falou uma coisa interessante. ((inaudível)) Por que o que existe de influência em contrato sem licitação é uma coisa muito interessante. Você, né?</b>	
	M2	<b>((inaudível)) que deu certo em Blumenau? Eles criam um problema para te vender uma vantagem.</b>	
	F3	<b>Então, é isso aí, ó.</b>	
	M1	<b>Editais emergenciais.</b>	
	F3	<b>Isso, isso, acho uma coisa importante, interessante. Porque, vai tá... Dando...</b>	
	M5	<b>É... Assim, ó: às vezes a gente vai com muita sede ao pote. Eu não ficaria procurando coisas pontuais, eu trabalharia pela rede de relações ((inaudível))</b>	
	M3	Documentos oficiais também, né? Pesquisas já feitas... Pesquisas científicas nesses casos.	
	M4	Eu acho que nesse caso o plano nacional de mobilidade.	
	F1	Eu coloquei o municipal...	
		((Falam juntos))	
	M5	<b>Porque tu não vai sair lá pra descobrir coisa que leva a uma CPI ou um inquérito, tu vai sair de lá com um... Eu imaginaria né, um desenho, um plano de como funciona a dinâmica dessas coisas aí, não necessariamente vai sair de lá com um inquérito pra entregar no ministério público no dia seguinte, né. Eu acho né, na minha visão participando dessa...</b>	<b>M4 levanta da mesa e vai ao fundo da sala onde o celular dele está carregando. Evandro entrega outra folha com perguntas.</b>
	F3	<b>Não, acho que é um start né... Um start de repente isso aí</b>	
1h26'36"	P	Deixei mais uma folhinha com mais .... Pra responder em mais 15 minutos.	

	<b>M1</b>	<b>Que cuidados devem ser tomados para garantir a qualidade...</b>	
1h26'46''	<b>F3</b>	<b>Cuidados... proteção da fonte né?</b>	
	<b>M2</b>	<b>Proteção da fonte</b>	
	<b>M5</b>	<b>Proteção da fonte e cruzamento de informações né. Cruzar, checar as coisas que estão...</b>	
	<b>F3</b>	<b>Isso, acho que checagem né do cruzamento de tráfico de influência.</b>	
	<b>M3</b>	Consultar opiniões diversas? Como que a gente pode colocar isso? Um painel assim... ((três falam ao mesmo tempo, não dá para compreender)) Como é que a gente fala quando vocês consultam o cara que disse diz sim e o cara que diz não, o contraponto, chegar na matéria.	Direciona para P.
1h27'54''	<b>P</b>	Formula de novo a pergunta que eu não entendi.	
	<b>M3</b>	Quais cuidados devem ser... Para garantir a qualidade das informações. Então a gente vai consultar os dois lados...	P gesticula que “é isso” com as mãos.
	<b>F3</b>	<b>Se possível, imagine como seria o título...</b>	
	<b>F1</b>	<b>Consultar os dois lados?</b>	
		((Todos falam ao mesmo tempo))	
	<b>F1</b>	<b>Opiniões diversas</b>	
	<b>M5</b>	<b>Na minha visão, seria assim, como é que eu enxergaria uma resposta, né? Fabiana já foi por um caminho, já queria achar uma coisa mais concreta...</b>	
	<b>F1</b>	... que julguem importantes.	
	<b>M5</b>	<b>Eu já acho que é uma cilada isso aí, Bino, porque não vai conseguir, o cara, ele vai ser barrado. Acho que vai ser difícil, entendesse?</b>	
	<b>F2</b>	Analisar cases de sucesso.	
	<b>M3</b>	Consultar a população	
	<b>M5</b>	<b>Seria mais um entendimento de como funcionam essas relações lá</b>	No grupo de trânsito, F1

		<b>dentro. Diagnóstico, raio x, assim, um de pano de fundo de como funcionam essas relações ((inaudível))</b>	escreve enquanto M3 e F2 observam.
	F1	Desculpa, como?	
	M3	((inaudível))	
<b>1h28'32"</b>	<b>F3</b>	<b>Ou não, mas a gente tá colocando, ó: que a pergunta nossa não é só pro negativo, a gente tá pensando no tráfico de influências... Mas os caras tem esse tráfico de influências... Que é a parte social deles, entendeu?</b>	
	<b>M5</b>	<b>Não, mas daí eles fazem com dinheiro deles, não com dinheiro público.</b>	
<b>1h28'30"</b>	<b>F3</b>	<b>Não, mas aí que tá, ele tem uma influência na gestão pública porque de repente eles têm um conhecimento que eles estão... Pra melhorar a gestão pública, né?</b>	
	<b>M5</b>	<b>Sim, mas aí é aquele negócio: não basta ser honesto, tem que parecer honesto. ((inaudível))</b>	
	M3	Cases ali a gente chama de modais, né...	
	F1	Ok, acho que é isso.	
	M3	Como deve ser narrada a resposta...	
<b>1h29'16"</b>	<b>F3</b>	<b>Mas então, ó: o cara tem que ser imparcial, entendeu? O jornalista tem que ser imparcial. Ele tá indo buscar a influência. Pode ser que ele encontre coisas lindas.</b>	
	<b>M5</b>	<b>Sim, mas se o nosso foco é na influência no poder público, né, então aqui, ó: “Como deve ser narrada a resposta”. Eu fiz uma exposição de como eu acho que deveria ser. Agora eu acho que cada um teria que fazer... ((inaudível))</b>	
	F2	Que informações deve... Ô, Evandro, aqui: como deve ser narrada a resposta é como deve ser a matéria?	

	P	Como vocês contariam o que vocês...	P caminha até perto do grupo de trânsito.
	F2	Como a gente contaria essa história?	
	P	É...	
	F2	Que é a resposta, no caso.	Evandro assente positivamente
1h29'44"	M5	<b>Então aqui, ó: “Como deve ser narrada a resposta?” Que informações devem vir primeiro?”</b>	
	F3	<b>Então assim, eu acho que contada de uma forma imparcial. As pessoas que fazem parte de uma organização também fazem parte da decisão de políticas públicas...</b>	
1h29'49"	F1	Eu acho que fazer uma breve apresentação do problema e aí encaminhando ((inaudível)) por que isso acontece e como seria resolvido.	
	F2	Como tu falou?	M4 para de mexer no celular e volta à mesa.
	F1	A exposição do problema... uma breve apresentação do problema ((inaudível)) o porquê daquilo, porque tais dizendo aquilo, e depois no caminho meio que pra resolução, daí vai expor uma solução...	
	F3	<b>((inaudível)) Pode ser que não tenha influência, pode ser que a influência seja positiva e como pode ser negativa.</b>	<b>Enquanto o grupo debate, M1 faz anotações na folha.</b>
	F3	<b>Imparcial, de repente, eu acho, né? Uma forma narrativa, algo...</b>	<b>F3 gesticula bastante ao falar de imparcialidad e.</b>
	M5	<b>Sim... Descrever como funcionam essas relações, né? ((inaudível)) Como gestores públicos, o que que eles fazem ((inaudível))</b>	

		<b>((A partir deste instante os diálogos do grupo maçônica ficam quase todos inaudíveis. É possível identificar apenas M1 e F3 lendo as perguntas que estão na folha em voz alta)).</b>	
	F2	Eu acho assim, como...	
	M3	O resumo das sugestões e daí descrever...	
1h'30"	F2	Eu como jornalista...Começaria por aqui, porque as histórias chamam atenção. Então eu começaria contando a história dessas pessoas e no meio da história delas eu colocaria o problema e depois todos os pontos de vista e, sabe, mas pra gente prender a atenção do leitor.	
	M3	Começa pelo que ela disse, mas não a partir de você, a partir dos atingidos pelo problema.	
	F1	((inaudível)) Você abordar, ah, vamos abordar a questão do trânsito...	
	M3	Mas gente não faz uma coisa fria, vamos usar os atores para explicar o que acontece. O problema pessoal da pessoa.	
	F2	Quando tu ler, tu vai se identificar com o cara lá que anda de carro e ficou 30 minutos parado....tu vai querer ler.	
1h31'20"	M4	Eu acho que na sequencia dessa ((inaudível)) O repórter já estimular que as pessoas pensem fora da caixa, né? Como conseguir que as pessoas pensem fora da caixa, que no geral é... ((inaudível)) A gente tá acostumado sempre a ver, a fazer a falar, que é natural, então, como estimular a reportagem pode estimular as pessoas a pensar outro lado, o lado dele da história, porque a gente sempre pensa, ah, o normal. Fazer mais pontos, fazer mais ruas...	M3 levanta da mesa.
	M4	((inaudível)) fazer esse exercício,	A gravação

		entendeu? A partir do que tu falou, personagens com histórias, que eu acho legal.	para por alguns segundos. Quando retoma, M4 continua falando e M3 voltou à mesa.
1h32'15''	M3	Tem o problema, quem vai contar o problema?, o pessoal que passa pelo problema ((inaudível)) Dá a gente vai apresentar soluções. Soluções padrão e soluções inovadoras.	
	M4	((inaudível))	M4 está desenhando e falando palavras soltas.
	M3	Possíveis soluções: padrão ou soluções novas.	
	F2	Eu acho que aqui, depois que tu ouve as histórias, tu precisa ouvir a fonte oficial pra ela dar uma resposta pra essas pessoas aqui. Depois, é, primeiro a gente tem o problema e as histórias ((inaudível))	
	M3	O porquê do problema e a atitude que eles estão tomando. “Não mas em 2018 nós vamos lançar um edital que vai... lançar o edital, o estudo geográfico...”	M3 gesticula e enfatiza as palavras “lançar o edital”.
	F2	Secretário de planejamento, etc. O que falta?	M3 mexe no celular.
	M4	Tu pode botar um monte de dinheiro, fazer um monte de calculo, fluxo e tudo... implanta, o computador deixa tudo maravilhoso e na prática ((inaudível)) Tem que ter os cálculos também...	
	M3	A gente vai responder isso tudo... ((inaudível))	
1h34'28''	F2	O que é o oficial, o que está sendo feito, e depois disso acho que vem o nosso técnico, em contraponto a isso aqui.	

	M3	É, porque daí vem o problema contado pelas pessoas, vem o poder público dar sua desculpa, apresentar a solução padrão, depois vem o arquiteto urbanista apresentar uma solução fora da caixa...	
	F2	E pra dar aquilo que ele falou, de pensar fora da caixa, contraponto, uma resposta diferente, a gente coloca o case de sucesso vendo como ele pode ser adaptado na cidade. A gente pode ter um segundo arquiteto urbanista dizendo: “Olha, isso aqui a gente consegue adaptar em Blumenau de tal e tal forma, precisa fazer isso, isso e aquilo”.	
1h35'20 ”	M3	E seguindo a linha do... Da cidade, não de Curitiba, mas de Maringá resolveram o problema de tal forma, ponto.	M3 se encosta na cadeira, de pernas cruzadas, e gesticula bastante.
	M4	Vê se vocês concordam, eu botei aqui ó, fora da caixa igual problema, pra justamente no cases de soluções que pensaram fora do trilho.	M4 desenha numa folha.
	M3	((inaudível)) não deu certo...	
1h35'56 ”	F1	Ok, diz aí pra mim.	
	F2	Acho que pode...	
	F1	Usar isso daqui? Tá vou escrever então folha separada.	
	M4	Apresenta, por exemplo, dois cases...	
	F1	Pode, pode fazer um case de sucesso e um que não deu certo.	
1h36'21 ”	M3	Pega... O case que deu certo, que é pro cara não ficar triste no final. Odeio notícia ruim no final, assim... Sempre espero... ((inaudível))	
	F2	Eu acho que...	
	M3	Eu sempre espero uma reviravolta no final	
	F1	Quais as possíveis mídias vocês usariam? Texto, foto, áudio,	Segura a folha com as duas

		ilustrações, gráficos, mapas... ((inaudível))	mãos.
	F2	Tudo né. Dá de fazer uma matéria multimídia e usar todos os recursos possíveis.	
	M3	A gente vai começar com entrevistas.	
1h36'54 ”	F2	Mas por exemplo, se for impresso, mas se for numa mídia digital, por exemplo, a gente pode colocar entrevistas em vídeo, pode fazer um infográfico da cidade, ir montando...	F1 olha fixamente para a folha e faz anotações
	M4	Um <i>hotsite</i> . Isso que eu acho interessante, sabe uma coisa... geralmente o cara um faz um matéria e fica lá arquivado, mas por exemplo, uma matéria dessa que tem potencial pra criar um <i>hotsite</i> simples que pode ir agregando e mantendo o debate...	
	M3	O Coletivo é assim.	Refere-se ao Coletivo Blumenau.
	M4	É, exatamente, é um pouco essa ideia né, não ter um debate só de... Ainda mais no <i>Face</i> .	
	M3	Só que você vê que engraçado... Toda hora alguém tem que botar uma lenha nova... Porque senão a coisa morre.	
	M4	É um pouco... Ainda mais que é no <i>Face</i> , também, né? O <i>Face</i> é muito assim.	
	M3	As pessoas esperam opiniões pra começar a trabalhar em cima. Elas não se manifestam.	
	M4	((inaudível)) eu concordo, acho que tem esse fenômeno, sim.	
	F2	Eu acho que tabelas, não, acho que seria isso.	F1 e F2 dialogam sozinhas sobre a folha que está com F1. M4 escreve e M3 fica à parte, com as mãos sobre as pernas



			cruzadas.
	F1	Talvez ilustração não, né? ((M3 e M4 falam ao mesmo tempo, incompreensível))	
	M3	Igual ele botou aqui, ó. A gente tá entrevistando a bicicleta, a moto, o carro e o pedestre...	M3 aponta para o desenho de M4.
	F1	A gente vai fazer uma simulação através de uma ilustração.	
	M3	Tu pode, por exemplo... Isso aqui poderia ser o nosso, o nosso modelo ((inaudível)) Começar com isso aqui, aí a gente entra dentro do problema ((inaudível)) como o <i>Prezi</i> mesmo...Mas isso aqui seria ((inaudível))	Neste momento todos conversam olhando para o desenho que M4 fez na folha de papel. Ele continua com a caneta na mão fazendo anotações.
1h38'26''	M4	Eu se fosse seria o entrevistado, entendeu? Qual seria a minha história... Eu sempre morei, morava antigamente longe do Centro. E há 12 anos eu me mudei pro Centro. O colégio dos meus filhos tá a exatamente um minuto do meu prédio e meu escrito tá a três minutos, caminhando. Pra mim isso foi e é uma revolução, não troco por nada nesse mundo. ((inaudível)) Chego dez minutos antes, deixo ali, volto. Cara, isso é uma qualidade de vida absurda. Quatro pessoas, eu, minha esposa e meus filhos, andamos a pé. 80% das coisas a gente faz a pé. Ir pra Furb eu vou de bike, de ônibus, de Uber e de carro né, então... Seria por exemplo, uma história do cara de a pé...	M3 concorda com a cabeça.
1h39'23''	M3	Cara, eu me adaptei totalmente ao carro. Eu consegui um estacionamento que não preciso pagar uma fortuna a mensalidade...	
	M4	Tu já testou alternativas? Ônibus,	

		bike...	
	M3	Eu moro na Itoupavazinha e meu escritório é aqui na ((inaudível)). Pra mim de ônibus ia ser...	
	M4	É ruim de ônibus?	
	F1	Nossa, na Itoupavazinha quase nunca tem ônibus, é muito ruim de horário.	
	M4	É, então, mas se tu tivesse...	
	M3	Eu já andei (inaudível.)	
1h39'54 ,,	P	Mais cinco minutinhos?	
	M3	E a última? Responderam já?	Pergunta para F1 e F2
	F1	Aham. Se for impresso o que a gente pode botar?	
	F2	Texto, foto, gráfico, infográfico...ilustração também. Só não pode usar vídeo e áudio.	
1h40'	M3	Dá vontade de perguntar pra ele assim: "qual o custo né... na pergunta 4, quais as mídias, quais materiais a gente vai usar. Depende, quanto você vai me dar para fazer a matéria? Mas hoje, querendo ou não, custa barato, usa computador, usa celular, vídeo...	
	M4	<i>Instagram, face...</i>	
	F1	Posta no <i>Facebook</i> vira uma matéria	
	M4	Pode utilizar todas as mídias gratuitas, né?	
	F2	É só ter alguém que saiba mexer bem, pra ficar um material de qualidade.	
	F1	Ok, essa reportagem envolve risco, dilema ético ((inaudível)).	
	M3	Ético, não.	
	F1	Ético, não, né? ((faz uma pausa, escreve)) Prejudica alguém?	
	M3	Acho que não, né? Ah, a gente tá partindo da... a gente tá partindo para responder isso aí do que a gente falou aqui em cima, né? Imparcialidade, etcetera e tal. ((inaudível))	Cinegrafista passa na frente da câmera. M3 volta a apontar para a folha.
	F1	Então não há risco de processos fazendo a coisa certa... ((todos falam juntos))	

	M3	Não, porque assim, ó... Ela bateu a foto eu vou lá e jogo .... e não dou os créditos pra ela.	
	F2	Não, to dizendo que isso não pode acontecer.	
	F1	Vou colocar assim, então: não há risco de processo se as devidas pessoas forem creditadas.	
	F2	Tem uma aqui que a gente não respondeu, sugerir título.	
	M4	Aí me veio uma outra pergunta que meio veio à cabeça agora, que lá no começo, que é assim, qual é a verdade sobre a vinda da Piracicabana ((inaudível)) para Blumenau?	
	F2	Minha pergunta na verdade ficaria um baque assim. Quão difícil é organizar o trânsito...	
	M3	Só a segunda parte...	
	F1	Só a segunda? Por que isso nunca se resolve?	
	M3	Trânsito em Blumenau: por que isso nunca se resolve?	
	M4	Sim... só precisa ver se é transito ou mobilidade.	
	F2	Eu acho que mobilidade, porque envolve... ((inaudível))	Neste momento o vídeo é cortado. Quando retorna, P já encerrou a fase de discussão dentro dos grupos e pediu para que o grupo de trânsito contasse como respondeu às questões.
1h42'55''	F1	Ok, a primeira pergunta é: como conseguimos informações para responder a pergunta escolhida. Aí	F1 lê a folha e de vez em quando olha

		gente respondeu: consultar o gestor oficial, que seria o secretário de planejamento e o órgão responsável pelo planejamento e presidente do Seterb. Aí alguém falou: “mais dois especialistas, um engenheiro de tráfego e um arquiteto e urbanista ou pessoas que entendem de mobilidade urbana”.	para P. M1 mexe nas folhas em que estão as anotações do grupo que falará a seguir. M4 segue desenhando. M1 e M2 se olham e riem.
1h43'25 ”	F2	Seria pra contrapor a resposta oficial.	
	M5	Quem será que sugeriu esse último?	Todos riem, entendendo que M2 está falando de M4.
	F1	A ‘b’ era quais pessoas devem ser entrevistadas e por quê. A gente não respondeu por quê. As primeiras pessoas a serem entrevistadas seriam os usuários, além das pessoas da resposta 1.	
	M4	E é importante que usuário a gente colocou assim: o cara de bike, e focando nas histórias deles, né. O cara de bike, o cara que se locomove a pé, que usa ônibus e de carro. Esses quatro modais.	
	M3	E que sejam todos da mesma região assim...	
	M4	É, que tem desafios parecidos, de mobilidade e deslocamento.	
	F2	E o porquê, que a gente não respondeu, é que primeiro que são os primeiros impactados pelo trânsito e segundo é que a gente tem uma resposta oficial, do secretário de planejamento, do Seterb e dois especialistas que vão contrapor essa resposta pra gente gerar uma discussão, né.	
	M3	A luz no fim do túnel. Pra gerar a luz no fim do túnel.	

	M4	Sabe uma coisa que a gente esqueceu, que pode ser que seja interessante um quinto, que é o transporte de carga. As pessoas responsáveis por deslocar as cargas, que é muita coisa e geralmente a gente esquece, várias distribuições que existem. Claro que só isso daria uma matéria específica, mas acho que valeria a pena constar, né?	
	F2	É verdade.	
1h44'45''	F1	Ok. Quais documentos devem ser consultados. A gente colocou plano municipal de mobilidade, plano nacional de mobilidade também, estatísticas oficiais, documentos oficiais e pesquisas científicas já realizadas. E... que cuidados devem ser tomados para garantir qualidade das informações: imparcialidade, o máximo possível, checagem de informações de fontes e ouvir opiniões diversas. E a última era “quaisquer informações que julguem importantes”. Ai a gente colocou: “analisar os casos de sucesso... políticas públicas de mobilidade”.	
	P	Pode seguir pra próxima página.	
	F1	Ok. “Como deve ser narrada a resposta, que informações deve conter e sugira um possível título”. Aí a folha separada, vide gráfico... ele fez o gráfico todo desenhado. O título ficou “Mobilidade urbana de Blumenau: por que isso nunca se resolve?”	M4 mostra a folha para todos. Em seguida, por solicitação de P, mostra para a câmera. Depois sacode a folha. Todos riem.
	P	Quero ficar com esse gráfico, tá, M4, depois...	M4 faz OK com a mão direita.
	M3	Não rabisca, depois assina...	M3 faz movimento com a mão

			direita como se estivesse assinando um papel
	F1	O título ficou “Mobilidade Urbana em Blumenau”...	
	M4	Eu não sei, queres explicar? ((indicando a folha)). Problema, depois a ideia dela de trabalhar as histórias, né? Aí as visões técnicas do lado oficial e do lado contraponto, academia, enfim, externa e de preferência contrário à prefeitura, né?! E depois o cases. Tem um positivo e um negativo, um exemplo de fora, mas que a escolha desses cases tenha a ver com o pensar fora da caixa e com novos modelos de solução do problema, né? Coloquei assim, um positivo e um negativo, a principio. Depois enfim, uma imagem bonita...	Cinegrafista dá <i>zoom in</i> tentando registrar o desenho na folha.
1h46'49''	M3	A ideia é assim: que como cada um vai apresentar uma solução, tem que buscar cases, situações que já aconteceram com base nessa solução apresentada. E daí pra poder justificar que a solução apresentada deu certo ou que a solução apresentada deu errado. É isso e é claro, ficar com a certa no final.	Cinegrafista dá <i>zoom out</i>
1h47'09''	F1	Os recursos utilizados, se for através de mídia, isso foi ela que falou, poderia ser usado textos, infográficos, fotos, áudios e vídeos. Se for impresso texto, fotos, ilustrações e infográficos. E a última que é sobre o dilema ético, não há dilema ético, não prejudica ninguém e não há risco de processo se as devidas fontes e pessoas forem creditadas.	Aponta para F2.
	M4	Nós tivemos também uma assessoria jurídica, né.	M3, que é advogado, concorda com a cabeça.

	M3	Amém. É, isso tá implícito. Deu.	
1h47'45''	P	Ok. Alguém quer comentar algo mais, do grupo, ou até do grupo de cá... Alguém quer fazer alguma observação, alguma pergunta? Ok?	
	M5	Aprovada a matéria.	
	P	Vamos para o grupo de cá, lembrando lá é o grupo de trânsito... E o grupo de cá é o grupo maçonaria.	Cinegrafista mexe na câmera.
1h48'12''	M1	((inaudível)) Vamos lá. Como conseguir informações para responder a pergunta escolhida? Levantaremos histórico de políticos maçons nos últimos 30 anos...	M3 sai da mesa.
	M4	Porra, vontade...	M4 ri
	F3	Não são muitos...	
	M1	Não são tantos, se tu levar a história da cidade...	
	M4	Mas é legal, legal.	
	M1	O que sobrou dessa gente aí é pouca gente, começa do Victor Sasse pra frente se bobear. Buscar no arquivo histórico alguma referência da maçonaria na história da cidade, análise das últimas decisões políticas e se elas influenciam e quem foi influenciado por elas e se esses influenciados tem relação com a maçonaria.	
1h48'51''	M4	Isso é uma boa né, é só pegar a Piracicabana, a Odebrecht, enfim, ponte... Pegar assim uma mão, cinco, tu já consegue...	
1h49'	F3	Mas daí a gente entrou num questionamento aqui, porque a partir do ponto de vista, a imparcialidade, né, você já não tá direcionando pra achar algum problema? Ou se realmente não existe, eu só quero mostrar a relação que existe do poder público, a maçonaria e as pessoas...	
	M4	Eu acho que o foco é o problema, na verdade. Não é uma matéria assim, de, como é que é, de cotidiano, lazer.	M4 fala olhando para F3. Enquanto

		Eu acho que o foco é o sangue nesse caso, o problema, é a maldade, né? Tem que ser imparcial no sentido de não manipular.	isso, M3 volta pra mesa.
	F3	Isso!	
	M3	(( M3 e M5 estão numa conversa paralela inaudível)). Deixa eles aí continuar...	
1h49'46''	M1	A maçonaria, ela passa por cima de leis municipais, principalmente no caso Piracicabana.	
	M5	Mas assim, quem fez essa fala até fui eu, no sentido assim ó: é que é difícil também tu ir lá achando que tu vai... tá aqui ó, tá tudo aqui, mas tu construir um contexto, um pano de fundo. Qual é a dinâmica desses cara aí, como é a coisa... nesse sentido, entendeu? Não só focar numa coisa pontual.	
	M3	Posso dar um... como você pode conseguir informações sem precisar consultá-los? Você pega o prefeito, descobre qual loja ele tá. Tenta conhecer os outros membros, tenta ver o que o prefeito fez na cidade, tenta ver se esses membros não se beneficiaram com isso.	
	M2	A gente falou isso.	
	F3	Mas essa é a relação.	
	M3	Se ninguém se beneficiou não tem problema nenhum.	
	F3	Se das leis que foram aprovadas no período em que essa pessoa esteve... E aí verificar quais são foram pessoas beneficiadas e se elas também fazem parte. Nisso entra a segunda pergunta, daí. Quais pessoas devem ser entrevistadas e por quê. Aí de repente você não sabe qual pessoa você deve entrevistar, mas se você fizer uma tocaiazinha, descobrir quem esta participando de uma loja e tal.	Quando F3 fala em tocaiazinha todos começam a rir e falar ao mesmo tempo.
1h51'07	F1	Sabe o que tu faz? Tu vai na Alameda	



”		e passa um dia inteiro na Alameda, tu vai ver o prefeito, tu vai ver Fábio Fiedler, tu vai ver Fulano...	
	M1	Tá, mas assim, ó: não precisa ir lá, vai no dia da reunião da associação da Planetapédia e depois vai um dia ali na loja maçônica da Ponta Aguda... cruza.	M1 está com as mãos postadas atrás da cabeça, encostado na cadeira. Baixa as mãos e gesticula enquanto fala.
	M4	No fundo tu tem que botar aquele monte de ((inaudível)), puxar aquelas linhas né, que nem faz nos filmes e coisa. Com foto, com coisa.	M4 levanta e gesticula para ilustrar o que está dizendo.
	F3	Isso podia ter lá nas nossas ((todos falam e riem)) isso, nisso podia entrar aquela entrevista no escurinho entendeu, a pessoa com a voz alterada, ia ser muito legal.	As pessoas se movimentam bastante, parecem agitadas.
	M1	Geralmente pessoas com voz de pato são maçônicas, acontece alguma coisa que...	
1h52'17”	M4	((conta uma história aleatória, que gera risos mas não tem importância no contexto da conversa))	
	M1	Tá, vamos lá. Partindo pra questão dois ali, quais são as pessoas que devem ser entrevistadas e por quê. Basicamente os últimos prefeitos, vereadores, secretários e outros membros, como...	
	M4	Começa assim: você é maçom?	
	M1	Traria informações para a teia de relação de influência que buscamos. Precisa investigar quem são os maçons e qual o grau de abertura para conversa, porque tu não vai chegar pro cara assim: “o M5, tu é maçom, né? Vamos conversar um pouquinho”. Não, M5 não vai conversar, maçom morre dizendo que não é maçom e não conversa, alguns... Quais são os documentos os	P passa em frente a câmera.

		<p>documentos que devem ser consultados? Editais de licitação, leis aprovadas, últimas mudanças no plano diretor, editais emergências de licitação, basicamente tudo o que teve alguma influência nesse período, tudo meio estranho, convenhamos. Que cuidados devem ser tomados para garantir a qualidade das informações? Basicamente proteção da fonte e checagem da informação. E acrescente quaisquer informações que julgue importante, não temos nada para acrescentar nesse ponto. Como deve ser narrada a história? Ah, a resposta? Que informações devem vir primeiro? Se possível, imagine como seria o título. A resposta deve ser narrada de forma imparcial, descrevendo as relações entre a maçonaria e o poder público. Primeiro o contexto histórico e depois relacionar os fatos. E um possível título “As relações do poder público com a sociedade secreta”. Quais os recursos... Daria capa do Santa, ia ser bem legal... Quais os recursos de mídia que vocês usariam? Texto, foto, áudio, vídeo... Infográfico principalmente, porque é uma ferramenta bem legal, depoimento em áudio e imagens de simbologia, pro pessoal também conhecer um pouquinho.</p>	
1h54'32 ”	M3	Chama atenção, né.	
	M1	Chama atenção.	
	F3	E agora a gente podia crescer aqui o quadro com as relações.	
	M1	Essa reportagem envolve risco ou dilemas éticos? Prejudica alguém? Pode gerar processo?	
	M3	Vocês tão mortos, vocês não têm noção.	M4 ri.
	M1	É, teoricamente...	

	F3	A gente acha que não...	
	M3	((inaudível))	Aparentemente M3 faz uma piada. Ele e F3 riem.
	M1	A resposta oficial é: não para risco, dilema ético não, não prejudica ninguém e a questão jurídica vamos consultar o setor jurídico.	
	F3	É, a gente não conseguia responder se isso poderia ter alguma...	
	M4	Precisa tomar cuidado com isso aí...	
	M1	Agora pra mim a resposta é: cara manda o currículo pra uma empresa de São Paulo e te prepara pra mudança.	
	F3	Mas aí que tá, como a gente pensou nessa coisa da imparcialidade. A pergunta não ser direcionada achando que a coisa existe.	
1h55'29''	M4	Qual é o papel do repórter?	
	F3	Buscar alguma coisa eu acho...	
	M4	Mas não é fazer essa pergunta já direto, será? Eu vou buscar o que existe.	
	F3	Mas acontece que dai tu não vai diretamente perguntar pro cara e aí, vamos conseguir um contratinho porque você é da maçonaria?	
	M3	Olha só, quer ver, ó, por exemplo, a nossa situação aqui. A gente quer apresentar um modelo que seja viável, eficiente, etc e tal. E apresentando esse, dando uma pressão que isso é aplicável, a gente vai prejudicar quem já tá se beneficiando do modelo anterior, entende? Apresenta risco? Pode ser que sim. Entendeu?	
	F3	Tá, ok. Entendi. Desse ponto de vista...	
	M3	Porque a gente vai mexer com o <i>status quo</i> , né?	

1h56'12 ”	F3	De repente, se o cara tem uma influencia, a pessoa nem vai sair porque... As pessoas agora vão querer mudar de bairro, vão querer sabe... eu vou perder meu contrato lá com...	
1h56'30 ”	M4	Agora vou fazer uma pergunta pra dar um molho pra vocês, tá? F1, alguém da maçonaria já ligou lá no jornal quando tu era editor-chefe e pediu pra não sair uma matéria?	
	P	Nunca.	
	M4	Nunca? Sério?	
	M2	Nunca ou não saiu?	
	P	Nunca.	
	F3	Mas e algum secretário, sei lá, um secretário de saúde, de educação, de transporte, de algo que...	
1h56'53 ”	P	Dessa forma que ele falou, essa abordagem não sai essa matéria, não... é que é um pouco mais sutil, mas terminando aqui a gente pode bater um papo sobre isso. Eu conto algumas coisas.	
	M2	Quem sabe você não faz de tal forma. Quem sabe você não muda o texto pra assim... Aqui tá o release pronto, vamos dar uma estudada aqui...	
	M5	É isso aí, acabamos?	
	M1	Acabamos.	
	P	Certo? Alguém quer comentar algo? Vocês estão satisfeitos aí com as reportagens que tão nascendo aí?	
	M3	Sim, senhor.	
1h57'27 ”	P	A pergunta que eu queria fazer pra vocês, pra encerrar, é: vocês poderiam, se sentem capazes de produzir esse conteúdo?	
	M3	Sim.	
	F3	Esse não. Eu não tenho muito conhecimento.	
	M5	Eu pessoalmente acho que não porque ele envolve muito uma questão de tu ter que descobrir uma relação de pessoas e tem que ter...	

		Acho que tem que ter prática, tem que ter experiência pra fazer isso, imagino, né?	
	M4	Eu me vejo participando aqui né, mas produzindo as coisas, não.	
	M3	A gente tem uma acadêmica da área, né? Tu é jornalista também? ((pergunta para Juliana, que nega com a cabeça)) Mas tu é?	
	F2	Eu sou.	
	M3	Então já teria as ferramentas...	
	M4	Não, claro, nesse sentido sim.	
	M3	Dáí a gente arregaça a manga e dá-lhe.	
1h58'14''	P	Falem mais sobre isso, assim. O que vocês conseguiriam e o que vocês não conseguiriam fazer? Que parte vocês acham possível e que parte, não.	
	M4	Eu acho que falando em equipe assim, essa a gente conseguiria, sim.	
	F2	Eu acho que essa matéria aqui é superpossível de ser feita. Aquela lá, não...	
	M5	Essa aí eu me voluntario a ajudar a fazer.	Falam da reportagem sobre trânsito.
	F2	É que essa matéria é uma matéria que precisa muito tempo, porque precisa ter toda uma investigação antes de botar a mão na massa.	
	M2	Pessoalmente, eu acho que eu conseguiria alguém pra falar sobre isso.	
1h58'47''	M3	Eu, por exemplo, consigo visualizar, como a gente apresentou aquelas 10 ideias, as sugestões da mobilidade urbana do transporte público, a gente fez essas pesquisas, nós assistimos cases, entrevistas passadas, jornal e claro, vivência na cidade também, então a gente tem a própria experiência. Da pra fazer a matéria.	
	F2	E como já foi falado aqui, isso aqui é um assunto que é recorrente, né, só	

		que nunca é feito da maneira certa digamos assim. É um assunto que vive na mídia, nos jornais, mas nunca é abordado...	
	M3	De uma forma profunda.	
	M2	E qual seria a forma certa?	
	F2 e M3	A gente sugere essa aqui.	
	M4	É, um dos né...	
	M5	Tem certo e errado, mas é um modelo... É uma visão mais abrangente, mais ampla do que só soluções pontuais. Buscar pontuar soluções para o mês que vem ou ano que vem.	
	M3	Até porque, por exemplo, a questão da mobilidade urbana, o que me chamou atenção lá naquela audiência pública... E aí resgata a situação da importância do usuário, principalmente do ônibus ali. Uma senhora disse o seguinte: “não se esqueçam de botar aquele corrimãozinho pra eu subir no ônibus”.	
	M4	Se fosse piso rebaixado não precisaria.	M4 levanta da mesa.
	M3	Não precisaria, mas enfim, como não é... eu fiquei pensando assim tem gente pensando em ar condicionado e ela só queria uma coisa que ela pudesse apoiar.	
2h00'05''	M4	A minha vó caiu duas vezes do ônibus quando era viva ainda, caiu duas vezes. Ela tava com 70 anos, mas caiu duas vezes. ((continuam conversando informalmente até que o vídeo encerra))	M4 volta pra mesa